UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DAVID ALEJANDRO RAMÍREZ PALACIOS

A Nueva Geografía de Colombia de
Francisco Javier Vergara y Velasco (1901) [1902]

v. 1

Versão Corrigida

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

***A Nueva Geografía de Colombia de
Francisco Javier Vergara y Velasco (1901) [1902]***

David Alejandro Ramírez Palacios

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Robert Moraes

v. 1

Versão Corrigida

São Paulo
2015

Resumo:

A presente pesquisa dedica-se ao estudo da história da formação territorial da Colômbia tendo como ponto de partida a obra do historiador, geógrafo e cartógrafo Francisco Javier Vergara y Velasco (1860-1914). Foca-se na análise da sua obra principal, a *Nueva Geografía de Colombia*, publicada sua versão definitiva em 1902. Esta pesquisa não apenas revela a Vergara como um autor erudito e crítico, mas demonstra que o seu pensamento geográfico não encaixava dentro dos parâmetros das ideologias geográficas dominantes no país no período. Também, esta pesquisa faz um trabalho de exploração conceitual, consagrado à construção de categorias que permitam uma compreensão cada vez melhor das complexas relações entre as ciências geográficas, as instituições estatais e os processos de formação territorial.

Abstract:

This research is about the history of the territorial conformation of Colombia using as a departure point the work of the historian, geographer and cartographer Francisco Javier Vergara y Velasco (1860-1914). It is dedicated to the analysis of his main work, the *Nueva Geografía de Colombia*, published in its definitive version in 1902. This research not only reveals Vergara as an erudite and critical author, but it demonstrates that his geographical thought didn't fit into the patterns of the geographical ideologies dominating at that period. Also, this research makes a conceptual exploration work, consecrated to the development of categories that allows an even-better comprehension of the complex relationships between geographic sciences, institutions from the State and territorial conformation.

Resumen:

Esta investigación es acerca de la historia de la formación territorial de Colombia teniendo como punto de partida la obra del historiador, geógrafo y cartógrafo Francisco Javier Vergara y Velasco (1860-1914). Está dedicada al análisis de su obra principal, la *Nueva Geografía de Colombia*, publicada en su versión definitiva en 1902. Esta investigación revela no solamente a Vergara como un autor erudito y crítico, sino que demuestra cómo su pensamiento geográfico no encajaban dentro de los parámetros de las ideologías geográficas dominantes del periodo en el país. También, esta investigación hace un trabajo de exploración conceptual, consagrado a la construcción de categorías que permitan una mejor comprensión de las complejas relaciones entre las ciencias geográficas, las instituciones estatales y los procesos de formación territorial.

Arquivos consultados

NA CIDADE DE BOGOTÁ:

Archivo General de la Nación
Biblioteca Nacional de Colombia
Biblioteca Tomás Rueda Vargas
Sala de libros raros y manuscritos — Biblioteca Luis Ángel Arango
Sociedad Colombiana de Ingenieros
Sociedad Geográfica de Colombia

ON-LINE:

Colômbia:

Bibliotecas:

Biblioteca Digital — Biblioteca Nacional de Colombia
<http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/biblioteca-digital>

Biblioteca Virtual — Biblioteca Luis Ángel Arango
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual>

Mapotecas:

Cartografía Histórica — Biblioteca Luis Ángel Arango
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/galeria/mapas.html> <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/cartografia>
Mapas de Colombia — Instituto Geográfico Agustín Codazzi
<http://www.igac.gov.co>

Mundo

Biblioteca Digital Hispánica — Biblioteca Nacional de España
<http://bdh-rd.bne.es>

A Cartografia do Brasil (1700-1822) nas Coleções da Biblioteca Nacional. Biblioteca Nacional de Portugal
<http://purl.pt/103/1/index.html>

American Geographical Society Library Digital Map Collection. University of Wisconsin-Milwaukee Libraries
<http://collections.lib.uwm.edu/cdm/landingpage/collection/agdm>

Bayerische Staats Bibliothek — Münchener Digitalisierungs Zentrum Digitale Bibliothek
<http://www.digitale-sammlungen.de>

Bijzondere Collecties — Universiteitsbibliotheek Utrecht

<http://bc.library.uu.nl>

Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico

<http://bvpb.mcu.es>

Cartoteca — Società Geografica Italiana

<http://www.societageografica.it/opac>

David Rumsey Map Collection

<http://www.davidrumsey.com>

Digitale Sammlungen — Sächsische Landesbibliothek – Staats- und Universitätsbibliothek
Dresden (SLUB)

<http://digital.slub-dresden.de>

Digitalen Sammlungen — Ibero-Amerikanisches Institut

<http://digital.iai.spk-berlin.de>

Expeditions & Discoveries — Sponsored Exploration and Scientific Discovery in the Modern Age —
Harvard University Library Open Collections Program

<http://ocp.hul.harvard.edu/expeditions/index.html>

Gallica : Bibliothèque numérique — Bibliothèque nationale de France

<http://gallica.bnf.fr>

Harvard Map Collection Digital Maps

<http://hcl.harvard.edu/libraries/maps/digitalmaps>

Manioc : bibliothèque numérique Caraïbe, Amazonie, plateau des Guyanes

<http://www.manioc.org>

Map Collections — Library of Congress

<http://memory.loc.gov/ammem/gmdhtml/gmdhome.html>

<http://www.loc.gov/maps/collections>

The Humboldt Digital Library

<http://www.avhumboldt.net>

The Internet Archive

<https://archive.org>

Virtuelle Ausstellung: 625 Jahre Forschung und Lehre. Universitäts-Bibliothek —
Universität Heidelberg

[http://www.ub.uniheidelberg.de/allg/benutzung/bereiche/handschriften/
625jahre2011/Welcome.html](http://www.ub.uniheidelberg.de/allg/benutzung/bereiche/handschriften/625jahre2011/Welcome.html)

TABELA DE CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS.....	10
INTRODUÇÃO.....	21
A COLÔMBIA, UM PAÍS APESAR DE TUDO.....	39
País fragmentado, sociedade dividida.....	40
Um olhar cartageno.....	41
Uma imagem excludente da nação.....	43
O anverso da nação.....	44
O nacionalismo (sem território).....	46
O poder da gramática.....	53
Formação territorial (do Brasil).....	55
TERRITORIO-REDE: ENSAMBLANDO A NAÇÃO.....	60
A espacialidade das redes: móveis imutáveis e centros de cálculo.....	63
O território como rede.....	66
Estado, território e nação.....	70
Ensamblando a nação.....	71
ANATOMIA DA NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA.....	76
O território.....	87
A exploração do país e as fontes de Vergara.....	88
O «canhamaço» do geógrafo.....	92
A imigração.....	92
Altimetría.....	94
Quilometragem.....	96
O litoral.....	97
Fronteiras.....	97
Relevo.....	98
Regiões.....	100
Colômbia afundada.....	101
Ilhas de civilização.....	102
Os Andes.....	103
As llanuras.....	104
Cortes e perfis.....	105
Comarca de transição.....	106
Geologia.....	106
Rios.....	109
Clima.....	111

Flora.....	112
Fauna.....	113
O aspecto físico do país.....	113
Capacidade produtora do solo.....	114
Geopolítica.....	117
Clima e migração.....	119
O regime de propriedade.....	120
Desenvolvimento econômico.....	122
Caminhos.....	123
Demografia.....	125
AS LÂMINAS DA NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA.....	127
Introdução.....	127
Xilogravura e patriotismo.....	128
Algumas observações de conjunto.....	134
Região da Orinoquia.....	136
Jules Crevaux.....	137
Édouard André.....	141
Aquarelas da Comissão Corográfica.....	143
Lâminas da região Caribe.....	147
Os volcancitos de Humboldt, granito e trilobite.....	147
A Serra Nevada de Reclus.....	155
Uma de André.....	156
Fritz Regel.....	157
Outras imagens da região Caribe.....	159
Lâminas de Panamá.....	159
Bonaparte Wyse.....	160
Saffray.....	161
Três fotografias de Panamá.....	162
Lâminas da região amazônica.....	162
O Caquetá da Comissão Corográfica.....	162
Mais uma de Reclus.....	163
Ferdinand Denis.....	163
Charles Wiener.....	163
Mas duas de Crevaux.....	164
Lâminas da região do Pacífico.....	165
Lâminas da região andina.....	166
Lâminas de rios, pontes e «tarabitas».....	166
Paisagens da zona intermédia dos Andes.....	168
Acidentes geográficos.....	168
Arredores de Bogotá.....	169
Caminhos da região andina.....	170
Vistas de alta montanha.....	170
MAPAS, DIAGRAMAS E PERFÍS DA NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA.....	174
A cartografia segundo J. B. Harley.....	174

Contextos políticos dos mapas.....	176
O conteúdo dos mapas e o exercício do poder.....	176
A simbologia cartográfica do poder.....	177
Antecedentes.....	177
Os mapas da Nova Geografia da Colômbia.....	179
Uma «cartografia pueril».....	179
Dar relevo aos fenômenos.....	180
Mapas «históricos».....	181
Geologia.....	183
Amazonas «colombiano».....	184
O oriente.....	184
Jorge Brisson.....	185
Limites.....	185
«Compare-se com o mapa oficial».....	186
Simons.....	188
Hettner.....	189
Outros.....	190
CONCLUSÃO.....	194
BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO CITADAS.....	200

Dedicada com profundo afeto e admiração,
ao Professor Antonio Carlos Robert Moraes,
para sempre Tonico,
Professor com P maiúsculo, que dava a aula com deleite,
cujas classes emocionavam, lotavam de gente
e atraíam pessoas de todas partes —inclusive de outros países.
Ministrava aula um semestre sim, e o outro também, na graduação e na pós-graduação,
e nos últimos tempos também aquela introdução à geografia para os historiadores, a primeira que eu
assisti.
Ao contrário de muitos, renovava sempre os temas e a bibliografia dos seus cursos.
O dia que ele marcava plantão para devolver aos alunos as provas corrigidas,
havia que ver as filas na porta da sua sala,
aguardando para receber um comentário
que ele sempre oferecia, certo, atencioso e imaginativo,
ou para fazer uma pergunta, que ele sempre respondia,
o melhor que podia, e com a maior humildade, sem nunca menosprezar ninguém,
ou deixar se exasperar,
quando por acaso chegava a ter na aula um aluno insistente ou impertinente.
Orientador sincero, sagaz, disposto, erudito, bem-humorado, orientador mesmo,
com as vagas sempre lotadas, até com aluno em iniciação científica e de barriga de aluguel.
Sugeriu-me mudar de tema de pesquisa,
eu queria continuar Reclus, e ele achava que era melhor já encarar o Vergara,
e estava certo.
Intellectual de visão ampla, alheio a todo tipo de doutrinanismos,
não dominava um tema só, mas muitos temas,
e não tinha familiaridade com uma teoria só, mas com muitas teorias.
E sabia tudo do Brasil, história, geografia e política.
Pesquisador é aquele que publica, e Tonico publicava, e publicou até o fim.
A sua influência era tão grande, que todos seus livros se tornavam imediatamente em
clássicos da geografia brasileira,
desde a sua Pequena história crítica, texto de boas-vindas para várias gerações de geógrafos brasileiros,
como irá se tornar em clássico o último ou penúltimo que publicou,
acerca do conceito de território no pensamento do outro grande, Milton Santos.
Mas não se conformava Tonico com ser um clássico em vida, um professor empolgado, um pesquisador
ativo e um orientador carinhoso, mas era também um *ativista* envolvido nas políticas educativa e
científica,
a favor sempre da educação pública e do apoio à pesquisa e ao avanço do conhecimento.
Le gustaban los estudiantes, e acreditava neles, como deixou claro num dos seus últimos escritos,
que circulou pela internet, erguendo a voz bem alto
contra o que sabemos que está acontecendo na nossa querida USP.
E finalmente amigo, muito querido por seus amigos, camarada.
Professor, orientador, intelectual, pesquisador, ativista da ciência, amigo, guerreiro Tonico.
Único, Tonico.
Hasta siempre Tonico!

AGRADECIMENTOS

Faz tanto tempo que comecei esta pesquisa, ainda incompleta, que escrever estes agradecimentos se torna, tal vez mas que nunca, um exercício necessário de recapitulação de etapas, afetos e reconhecimentos, susceptível de incorrer em vazios involuntários, pelos quais peço perdão de antemão.

Lá na graduação, no meu país, do qual sai faz anos, como tantos outros colombianos, houve muita gente que me estimulou e que me honrou com a sua amizade e a sua atenção. Algumas dessas relações têm-se desvanecido, como é às vezes natural com a distância, mas outras continuam próximas apesar dela, e mais outras aguardam a oportunidade de um reimpulso. Daqueles começos, é necessário relembrar, em primeiro lugar, a minha orientadora, a professora Diana Obregón Torres, cujo trabalho liderando as linhas de história e de sociologia das ciências durante anos na Universidade Nacional da Colômbia me deu a possibilidade de participar num ambiente em que, com sentido latino-americano, participava-se desde fazia tempo na discussão mundial desta linha de pesquisa. Foi dela que escutei pela primeira vez o nome de Bruno Latour, e foi ela que colocou na minha mão, também pela primeira vez, textos em português, entre eles os de seu amigo, o professor Antonio Carlos Robert Moraes e a revista *Terra Brasilis*. Foi também a professora Diana quem assinou a carta na que eu solicitava recursos à universidade para viajar para São Paulo a participar no EGAL de 2005 com um trabalho sobre as sociedades geográficas da América Latina, evento no qual iria conhecer ao professor Tónico e a muitos dos que hoje em dia são meus colegas e amigos: Perla Zusman, João Carlos Garcia, Manoel Fernandes, Héctor Mendoza... com todos eles posteriormente tenho trabalhado ou sonhado projetos em conjunto.

Agradeço ao professor Fabio Zambrano por vários dos seus pontos de vista acerca da história territorial da Colômbia, que se mantêm ainda comigo, e também por ter me indicado a rota Santa Cruz de la Sierra-Corumbá-São Paulo para poder chegar nesse EGAL, depois de ter perdido à última hora a reservação do voo porque a universidade se demorava em liberar os recursos —a professora Diana acabou resolvendo do seu bolso, e o cheque chegou só depois. Em tudo caso eu acabei errando a rota e passando alguns dias no Chaco, onde conheci por primeira vez o problema da emigração ilegal e da exploração dos bolivianos

em São Paulo.

Até última hora fiquei enviando mails para Flávia Grimm, organizadora do encontro, que sim vou, que não, ela só respondia com paciência. Em algum momento, já no evento, tal vez numa festa, alguém estava perguntando para mim se eu tinha e-mail, justo quando a Flávia estava passando pelo lado, e é claro que foi ela que rapidamente respondeu por mim: tem! Algum tempo depois iríamos ser companheiros de aula e agora somos amigos. Agradeço a ela por ter me mantido na programação do evento!

Foi Diego Fernando Ortiz Vallejo, meu companheiro e amigo desde o primeiro dia de faculdade, quem me avisou, pois como monitor/mensageiro às vezes perambulava pelos escondidos corredores do departamento de Geografia da Universidade Nacional (a gente era da História), da chamada de trabalhos para aquele EGAL, e agradeço a ele por isso. Foi ele também que falou para mim pela primeira vez da tal da plataforma Wordpress, na qual acabei construindo, entre outros, o site do Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico de 2009, o do Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia de 2010, o do evento sobre Reclus de 2011, o da RedeBrasilis, o meu sobre Reclus e um outro sobre Vergara —que suspendi, mas que espero retomar. E também, foi o Diego que falou para mim do tal do programa Zotero, para administração de referências e citações, que comecei usando aos poucos, e que hoje constitui uma das minhas principais ferramentas de trabalho, se não a principal. «O método histórico é o Zotero», a gente já chegou a brincar em conversa de amigos.

Continuando com meus professores da graduação, devo lembrar também de Paolo Vignolo, cuja disciplina «Geografias do além», sobre lugares e seres maravilhosos na idade média, é para mim inesquecível, e constituiu aliás meu primeiro contato com a história da cartografia. Agradeço à professora Stefania Gallini, da linha de trabalho em história ambiental, cuja disciplina foi também determinante para mim, e cuja rigorosa avaliação da minha pequena monografia de graduação me deixou lições também inesquecíveis. Ao professor Mauricio Nieto, da Universidade dos Andes, que amavelmente aceitou que eu participasse como ouvinte em duas das suas disciplinas, nas quais tive a oportunidade de entrar em contato com discussões de importância fundamental para mim, acerca de Bruno Latour, dos mapas de Francisco José de Caldas, e da história da compreensão do Novo Mundo. Agradeço também ao professor David Valencia, por mostrar me novos mundos, literários, filosóficos e musicais —entre outros. Agradeço também ao professor José

David Cortés —que nem deve lembrar de mim nem daquele momento— por ter mencionado numa aula um tal de geógrafo anarquista francês que tinha morado na Serra Nevada de Santa Marta. Agradeço também ao professor Bernardo Tovar, que como responsável das disciplinas dedicadas à elaboração do projeto de pesquisa e aos primeiros avanços da monografia de graduação foi uma das pessoas que acompanhou mais de perto e que orientou de forma mais constante os primórdios da minha investigação: foi com ele que surgiu o assunto Reclus-Vergara, que tem me mantido ocupado durante estes anos. Finalmente, agradeço ao professor César Ayala, da linha de história política, cujas aulas de história da Colômbia e da América Latina foram também definitivas para mim por toda a cultura política que elas me transmitiram, assim como também agradeço a ele pela visita com que me honrou na parte final da minha fase de isolamento e redação deste trabalho no litoral paulista, assim como por seu interesse na minha pesquisa sobre o presidente Reyes, que apoiou gentilmente me oferecendo o espaço da sua aula para conversar sobre ela com seus alunos através do Skype. Estes professores se tornaram também os meus amigos, e com quase todos eles tenho mantido contato, alguns já vieram em São Paulo, e com alguns deles temos ideias de projetos.

Entre os meus companheiros daquela época, além do citado Diego, gostaria de agradecer a Carlos Suarez e a Juan Felipe Calderón, companheiros de inúmeras aventuras, que vieram para São Paulo alguns anos depois de mim e que têm sido fonte de apoio, carinho e amizade através dos tempos, desde o começo até o fim desta pesquisa.

Finalmente, entre os colombianos, agradeço de maneira especial ao professor Sebastián Díaz Ángel, um dos especialistas em história da cartografia mais importantes do mundo, pela sua amizade e seu apoio. Ele terminava a graduação na História quando eu apenas a começava. A professora Gallini, que conhecia seu trabalho com mapas, nos pôs em contato, surgindo dali RazónCartográfica, a rede colombiana de história da geografia e a cartografia, que Sebastián vem coordenando e animando desde então, conseguindo impulsionar com grande sucesso os estudos históricos de mapas no país e os projetos de digitalização de documentos em diferentes instituições no país. Com Sebastián temos muitos, centenares de projetos atrasados, e espero que podamos realizá-los todos.

Na reunião fundacional de RazónCartográfica, que ocorreu no mesmo dia da minha primeira viagem ao Brasil já como aluno da USP, estiveram também presentes os pesquisadores Nara Fuentes e Leonardo Moreno, e a eles agradeço também à sua amizade

e companheirismo. Nara, que acaba de publicar um importante livro e finaliza os preparativos de um segundo, me levou no final da graduação a conhecer ao professor José Agustín Blanco Barros —uma das poucas pessoas que tem estudado detidamente a Vergara y Velasco. Graças a Nara também, este encontro foi publicado em forma de entrevista, na que seria a minha primeira publicação.

Já no Brasil, agradeço a Tomás Cortés Wissembach e à sua família por ter me recebido com excessiva hospitalidade na sua casa, recém-chegado em procura de uma vaga na USP, e agradeço também à professora Perla Zusman, além do seu carinho, por ter me indicado com Tomás. Agradeço também à Flora Lahuerta, pela sua cordialidade, simpatia e amizade, e por ter me levado ao Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica, da professora Iris Kantor, que foi meu lar durante o mestrado. Agradeço à professora Iris à sua acolhida, o seu apoio e a sua amizade. Graças às gestões da professora Iris tive a oportunidade de conhecer de perto o trabalho de uma longa lista de especialistas em história da cartografia, do Brasil e do mundo, que por ali passaram, alguns dos quais também tornaram-se meus amigos. Também agradeço a gentileza e a amizade de todos os meus companheiros no LECH: Newton, Iuri, Isa, Maga, Roger, Julia, Rafa, Victor... com todos eles tenho passado momentos especiais e de todos eles tenho aprendido muitas coisas.

Agradeço afetuosamente ao professor André Roberto Martin, que foi o meu primeiro orientador e a pessoa que de fato abriu para mim as portas da USP, da Geografia e do Brasil. Alguns meses depois, por motivos de força maior, foi necessário que eu mudasse de orientador, e a pessoa que teve a gentileza de acolher-me foi o professor Manoel Fernandes de Sousa Neto. No entanto, sempre que fui na sala do professor André na procura de ajuda ou de conselho, ou apenas para conversar, ele esteve aí para receber-me com amabilidade e gentileza.

Agradeço ao professor Manoel Fernandes por muitas coisas. Desde o primeiro momento honrou-me com a sua confiança e acreditou na minha capacidade para assumir responsabilidades além da minha pesquisa, que acabaram se tornando projetos de grande significação para mim, como são a RedeBrasilis e a revista Terra Brasilis. Foi o professor Manoel que me convidou a formar parte da comissão organizadora do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e do 3º Simposio Ibero-americano de História da Cartografia, ambos organizados pelo Laboratório de Geografia Política, meu outro lar na USP. A participação nestas comissões foram para mim momentos de grande desenvolvimento

pessoal, durante os quais conheci muitos colegas e amigos, e me deram impulso para organizar o evento sobre Élisée Reclus. Foram tantas pessoas envolvidas na realização do Encontro Nacional que não me atrevo a tentar uma lista, mas relembro especialmente as produtivas discussões mantidas com o professor Paulo Bomfim, a quem agradeço a sua amizade, a sua cordialidade, o convite à sua universidade para falar da minha pesquisa no começo do doutorado, e pela sua participação e comentário rigoroso na minha banca de defesa. Durante a organização do Siahc tive a chance de compartilhar com os professores Fernanda Padovesi, Reinaldo Pérez e Beatriz Bueno, da comissão organizadora, a quem também agradeço pela sua amabilidade.

O Colóquio Internacional Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo, realizado em dezembro de 2011, foi ideia do meu amigo o pesquisador Adriano Skoda, naquele então estudante da graduação e responsável de uma das bibliotecas especializadas em anarquismo mais importantes do mundo. Com ele, com seu camarada Rodrigo, com o professor Hervé Théry e com a geógrafa responsável do Laboratório, Clenes Louzeiro, trabalhamos duramente durante um ano para este colóquio dar certo, e agradeço a eles todos seus esforços, como também a Marcinha, a Gabi e a todas as pessoas que acabaram se envolvendo com entusiasmo e fizeram o evento realidade. Também agradeço a todas as pessoas que vieram de todas partes e participaram ativamente nas atividades dessa semana frenética e inesquecível.

Em todos estes eventos conheci ou me reencontrei com pessoas importantes para mim, mas quero lembrar especialmente da professora Carla Lois, uma das especialistas mais importantes do mundo em história da cartografia, pela sua participação na minha banca de mestrado, por honrar me com a sua amizade, e por ter sido todo este tempo uma pessoa com quem tenho podido contar em momentos de dúvida. Durante o 3º Siach tive então a oportunidade de conhecer colegas ou de me reencontrar com amigos como Malena Mazzitelli Masticchio, Daniela Marzola Fialho, José Omar Moncada Maya, Junia Ferreira, Neil Safier e Ricardo Padron, pessoas com as que tenho tido contato posteriormente e discutido também projetos, e às quais agradeço a sua amizade.

Já no evento sobre Reclus, durante o qual eu só corria de lá para cá, tive oportunidade de ter maior contato, dado o meu papel de anfitrião, com os convidados internacionais: Federico Ferretti, Marcella Schmidt, Béatrice Giblin, Kent Mathewson, Philippe Pelletier e Ronald Creagh, a quem agradeço pela sua amizade e tenrura. Quando descobri um dos

primeiros livros do Federico escrevi à editora italiana para encarregá-lo. Respondeu-me ele diretamente, enviou o livro como presente e comentou que já conhecia o meu blog e que gostava muito das cartas de Reclus a Vergara. Federico é a pessoa do mundo que mais conhece a obra de Élisée Reclus, e tem percorrido o mundo descobrindo o seu legado. Pouco depois do colóquio, na sua segunda viagem ao Brasil ele já era amigo de todo mundo e falava português perfeitamente. Agradeço a ele especialmente pela sua amabilidade e companheirismo.

Clenes Louzeiro tem dado mil batalhas pelo Laboratório de Geografia Política, e algumas delas temos dado juntos. Ela é provavelmente a pessoa que tem testemunhado o maior número de eventos importantes para mim durante a minha trajetória destes anos no Departamento. Foi uma das pessoas que me viu chegar, ela me ajudou a encontrar onde morar, providenciou para mim uma das cobiçadas chaves do laboratório, cujos computadores tanto usei, e, em fim, explicou para mim o ABC de muitos aspectos do meu novo ambiente. Agradeço a ela de maneira muito especial o seu apoio e a sua amizade.

Conheci e compartilhei com muitas pessoas no Laboratório, co-orientandos e orientandos de outros professores, muitas delas se tornaram meus amigos, e gostaria de lembrar e agradecer a amabilidade de Clarisse Coutinho, Rosemberg, Edgar Talledos, Beatriz Pichardo, Circe, Danilo, Rildo, Erivaldo, Marcelo Miyahiro, Ramez, Luciene Pereira, Júlia de Andrade, Miguel, João Paulo, Cristiane...

Fui também cruspiano durante vários anos, e desejo agradecer a todos os meus companheiros de apartamento e amigos cruspianos pela sua amizade e por tantos momentos especiais. O primeiro deles foi o José, que tinha inventado uma antena que conseguia multiplicar o poder do sinal de internet —pois os cruspianos nunca têm tido direito a uma internet de verdade, o que logicamente vai em desmedro da pesquisa e das possibilidades de organização da comunidade—, e reiniciava o computador dele todos os dias para poder compartilhar a sua conexão comigo por um cabo de uma janela à outra. Depois veio a Gina com a sua máquina de lavar roupa, e depois outras meninas costarriquenhas, primeiro a Laura e depois a Elvira, e depois amigas delas como a Suzana e Jane. Durante um tempo, por causa duma greve do bandeijão, a gente montou um esquema de rodízio de cozinha que chegou até a dar certo. Depois vieram o Mateus e o Pedro, os meus últimos companheiros no Crusp, cuja amizade também agradeço.

A Paul Sutermaister, colega e também cruspiano, devo muitas gentilezas. Só pelo prazer

de colaborar, nos reunimos os domingos pela tarde durante semanas, até a gente transcrever completamente as cartas de Reclus a Vergara e toda a correspondência dirigida em francês a este último. Em outra ocasião, xerocou e enviou para mim inteirinhos, desde a Europa, os números da revista *Hérodote* dedicados a Élisée Reclus, que não se conseguiam facilmente nem na Colômbia nem no Brasil. Paul aliás toca bem o blues no violão. Também lembrar de Eduardo Geleia e seus companheiros de apartamento, que me receberam com amizade e hospitalidade na sua sala enquanto eu conseguia minha vaga. Agradeço a Gina e a Mariano Levy, cuja filha faz aniversário no mesmo dia do que a minha, pela sua amizade, por tantos convites, pela visita que nos fizeram na praia, por emprestar-nos a sua casa de São Paulo enquanto eles viajavam pelo mundo, lugar em que escrevi dois capítulos, que acabaram não entrando na minha tese, um por sugestão da banca e o outro por decisão minha, mas que estão ali aguardando uma melhor oportunidade. A Carlos Pachón Pinzón, mais um colombiano, também do Crusp, agradeço a sua amizade e a sua colaboração com a localização de documentos em Bogotá.

Graças ao convite do professor Kent Mathewson, da Universidade Estadual a Louisiana (LSU) e ao apoio da Pro-reitoria de pos-graduação, tive a chance de apresentar os resultados da minha pesquisa de mestrado nessa acolhedora universidade. Agradeço ao professor Mathewson a sua amizade e os excelentes momentos que passamos viajando pela Louisiana e, um ano depois, também em São Paulo. Em Baton Rouge, por mediação de Kent, tive a sorte de ser recebido em casa de Case Watkins e Kristin Wylie, brasilianistas brilhantes, extremamente amáveis, a quem agradeço a sua hospitalidade e com quem apesar das tentativas, não temos ainda conseguido nos encontrar novamente. Case me presenteou nessa ocasião com o livro de Sarah Whatmore, *Hybrid Geographies*, tão valioso para ele como chegou a se tornar para mim, e agradeço-lhe também por isto. O prof. Mathewson, nesta mesma viagem, conseguiu para mim um espaço para expor a minha pesquisa na Universidade de Nova Orleans, organizado pela professora Juana Ibanez, a quem agradeço muito a sua gentileza e hospitalidade, com apoio da Gamma Theta Upsilon National Geographical Honor Society. Na minha apresentação contei com a sorte de ter a presença no público do pesquisador John Clark, especialista destacado no pensamento de Élisée Reclus, a quem agradeço pela sua hospitalidade e pelas muito interessantes conversas que mantivemos no seu belíssimo estúdio. Agradeço também ao ativista e pesquisador Brad Ott, por ter me acolhido amavelmente na sua casa e ter me mostrado e narrado, compartilhando

comigo o seu profundo conhecimento dela, esta cidade especial e única que é Nova Orleans. A partir daquela viagem a música dessa cidade tornou-se para mim a que mais escuto, e agradeço a Case pelas coleções com que me presenteou. Na muito interessante biblioteca da LSU, finalmente, encontrei documentos importantes que ainda não publiquei.

Agradeço à American Friends of The J. B. Harley Research Fellowships, e em particular a seu presidente o pesquisador Matthew Edney por ter me favorecido em duas oportunidades com o travel grant oferecido pela sua associação para facilitar a participação de estudantes e pesquisadores de diferentes partes do mundo na International Conference on the History of Cartography, em cujas edições 24 e 25, nas cidades de Moscou e Helsinque, tive a oportunidade de participar. A minha participação neste evento, que é o mais tradicional do mundo nesta área, foi definitiva não apenas em termos desta pesquisa em particular, mas, em geral, na minha formação como pesquisador em história da cartografia e história territorial. Nestes eventos tenho conhecido novos amigos e reencontrado-me também com outros como Sebastián, Carla, Andrea Doré, Daniela, Quentin, João Carlos, Junia, Christina, Catherine, Henrik, Andrey, Nikita, Madalina, Joaquim, Martijn, Stig, Markus... com todos eles tenho compartilhado momentos e lugares incríveis e agradeço a eles pela sua simpatia e amizade. No entanto, devo agradecer especialmente ao pesquisador Chet van Duzer, um dos especialistas mais destacados do mundo em mapas-múndi medievais e do Renascimento, que tem me horado com a sua amizade e com a sua generosidade sem limite. Em mais de uma oportunidade recebeu na sua casa na Califórnia os livros que eu comprava nesse país pela internet — muitos deles títulos que ele mesmo me recomendava, e que se contam entre meus livros mais valiosos—, juntou e enviou para mim até o Brasil pelo correio, ou levou pessoalmente até a Colômbia. Como se fosse pouco, uma e outra vez conseguiu para mim documentos importantes nas admiráveis bibliotecas dos Estados Unidos. Espero no futuro poder corresponder a tantas considerações.

A Rede Brasileira de História de Geografia e Geografia Histórica e a sua revista associada, a *Terra Brasilis*, tem sido para mim de uma importância fundamental. Agradeço ao professor Manoel Fernandes por ter me convidado a participar deste projetos, à professora Rita de Cássia, cujo importante Colóquio sobre história do pensamento geográfico na Universidade Federal de Uberlândia tem sido palco de muitos destes projetos, aos colegas de Belo Horizonte, professores Rogata Soares Del Gaudio, Doralice Barros e Eliano Freitas, assim como aos colegas do Rio de Janeiro, professores Sergio Nunes, Mariana Lamego e André

Reyes Novaes, pela sua amizade, cordialidade e entusiasmo, e agradeço também a todas as outras pessoas que tem contribuído de tantas maneiras com estes projetos, pessoas como Breno Viotto Pedrosa e Larissa Lira, que transformaram em texto digital todos os números da primeira fase da revista (cujos exemplares em papel constituem raridades, em especial os primeiros), e que também editaram o número 2 da nova série, já em formato digital, alojada na plataforma Revues. Desejo agradecer ao professor Marcelo Werner, de Campos de Goytacazes, que colaborou comigo na edição do número 1 de dita nova série, assim como ao citado professor Novaes, em cuja casa desenvolvemos o número 4. Tanto a rede como a revista tem passado por etapas diferentes, e até por momentos difíceis, mas estou convencido de que ambos os projetos já atingiram a sua velocidade inicial mínima necessária para chegar até o espaço e orbitar o planeta por muito tempo. Desejo agradecer também especialmente à Marie Pellen, representante da plataforma Revues para a revista *Terra Brasilis*, pela sua gentileza e pela sua enorme colaboração nos momentos em que foi preciso.

Voltando à USP, agradeço ao professor Wanderley Messias da Costa, cuja disciplina acerca de geografia política foi definitiva na configuração da minha forma de entender certas importantes questões, e também, finalmente ao professor Stélio Marras, do Instituto de Estudos Brasileiros, por mostrar-me na sua disciplina facetas para mim desconhecidas da Actor-Network Theory, como a chamada cartografia de controvérsias.

Agradeço de maneira especial aos membros da minha banca de defesa, os citados professores Iris Kantor e Paulo Bomfim, que também participaram no meu exame de qualificação, e que em ambos momentos estimularam meu trabalho com comentários interessantes e perguntas instigantes, assim como as professoras Maria Odila Leite da Silva Dias do Departamento de História da USP e Silvia Figueirôa da UNICAMP, pela sua atenciosa leitura e pelas suas valiosas observações, explicações e sugestões, que na medida do possível procurei incorporar.

Agradeço à CNPq, logicamente, pelo apoio financeiro emprestado a esta pesquisa na forma de bolsa de doutorado. Agradeço ao Departamento de Geografia e à Universidade de São Paulo por ter sido à minha casa durante estes oito anos. Agradeço ao Brasil, este grande país, que tem tanto para ensinar aos outros, e que tenho certeza não vai deixar que predomine nele o ponto de vista da sua minoria antidemocrática.

Finalmente, desejo agradecer amorosamente às minhas mulheres: minha mãe, que conseguiu vir para o Brasil nos momentos mais necessários e darmos uma força sem a qual

a consecução deste trabalho teria sido impossível, obrigado mãe. À Diana, minha companheira, desejo exprimir um agradecimento gigante, pois sem seu apoio firme e constante nada de esto teria sido possível; e, finalmente, o meu mais especial agradecimento vai dirigido para a minha pequena Emília, pela sua paciência, a sua compreensão, o seu companheirismo, a sua tenrura... por ser como é... a luz do caminho... o motivo de tudo... a alegria do mundo...

Apesar de toda esta ajuda, acredito que há ainda muito que descobrir e elaborar acerca destes assuntos, e todos os erros e vazios que, com certeza, há neste trabalho, são da minha exclusiva responsabilidade.

Tres cordilleras la atraviezan,
frio, calor, efervescencia,
terrenos fértiles, todos los climas,
Te vas, te vas, y no la olvidas
«Colombia Conexión», música do grupo de rock Aterciopelados

Todas las provincias y tierras de este distrito son muy parecidas y semejantes en el temperamento de la tierra, que comunmente es húmedo y caliente, y frió en las partes altas y levantadas, según la posición de las tierras, que todas casi son llenas de montañas y quebradas, y también çabana, y en partes fértiles, y estériles á pedazos; y en las más dellas muchas muestras de oro, y otros metales; Por ser tan mediterráneo todo este Reino, no hay en todo él, ni sus confines, otra mar ni costa más de la que tienen en la mar del Norte las provincias de Santa Marta y Cartagena, de la cual , en sus descripciones particulares , se hará particular mención, y así , solo en lo general de esta provincia hay que describir el río grande de la Magdalena, por el cual se entra y camina á todas las provincias de este Reino en canoas, en que se llevan todas las mercaderías y otras cosas que se contratan, como particularmente se dirá en su lugar.

Los caminos de este Reino, por la mayor parte, son muy malos de cuestas y ríos, y malos pasos de quebradas y pantanos y así por muchos dellos no pueden andar recuas, aunque por los caminos reales, de unos pueblos á otros comunmente andan; pero de los repartimientos á los pueblos por la mayor parte cargan los indios, por no haber caminos abiertos para harrias, lo cual se podría remediar con mandarlos abrir.
Juan López de Velasco, c. 1574

Go on with description...
Bruno Latour

É que quando eu cheguei por aqui...
Caetano Veloso

El camino es difícil, máxime para quien no se precia de ser geógrafo, y nada importa si no acierta del todo con la buena senda...
Vergara y Velasco, *NGC*, 1888

INTRODUÇÃO

A historiografia colombiana dedicada à questão nacional tem postulado como características primordiais da formação do país a sua fragmentação política e cultural assim como a fraqueza histórica do Estado central. A chamada violência, por exemplo, que sempre sofreu e ainda sofre o país, tem sido atribuída por alguns historiadores à ausência de instituições fortes e à precariedade da sua unidade nacional. E, não raro, os pesquisadores tem aludido na explicação destes fenômenos a determinadas características da configuração física do país —principalmente as relativas às dificuldades das comunicações—, assim como, por outra parte, ao profundo desconhecimento de grandes partes do território durante boa parte da história da formação nacional. Não é estranho para dita historiografia então o uso de termos como «fragmentação», «divisão» e inclusive «fracasso» nas suas descrições, como também não são raras as narrativas em que a configuração física deste país —desde certo ponto de vista também «fragmentada»—, explica em grande parte os seus fortes regionalismos, a debilidade do poder central e seu conhecido historial de violência. Historiadores e historiadoras tem mostrado a formação e o estabelecimento na Colômbia de uma ideologia geográfica nacional excludente, baseada numa espécie de «topografia moral» que reserva para os planaltos andinos de «clima temperado» («como o europeu») as possibilidades de civilização, e subordina às terras baixas e cálidas —que constituem com muito a maior parte da sua superfície— ao status de negativo ou «anverso» da nação. Conhecidas pesquisas tem mostrado o impulso dado durante o período conhecido como Regeneração —durante o qual foi elaborada grande parte da obra aqui estudada—, e a notória projeção para o século XX desta narrativa nacional andinocêntrica que nega ou menospreça a maior parte do país e de seus habitantes, assim como a maneira em que das sua lideranças mais representativas e ideólogos mais importantes eram mais dados às discussões filosóficas e gramaticais do que à gestão territorial, isto apesar de existir no país uma certa tradição e uma considerável produção de conhecimentos geográficos.

Após de separadas da Espanha, as elites *criollas* americanas assumiram a tarefa histórica de consolidar o aparelho estatal herdado em parte da ordem colonial e de construir a partir deste

unidades políticas coerentes. Este processo, foi e permanece cheio de conflitos. Na região norte da América do Sul, por exemplo, a instâncias principalmente de Simón Bolívar, uma parte destas elites tentou, num primeiro momento, constituir um único Estado-nação a partir dos coloniais *Virreinato* da Nova Granada, *Capitanía* da Venezuela e *Audiencia* de Quito. Depois da dissolução desta Colômbia em 1830, cada uma destas seções deu início a um projeto nacional separado.

A Nova Granada então, talvez mais do que as suas vizinhas, iniciou assim uma longa história de guerra civil e compulsiva produção constitucional. À sua fragmentação já existente em grandes regiões notavelmente autônomas e fisiograficamente distintas, não tardou em agregar-se um outro tipo de divisão de natureza partidista: *Liberales* e *Conservadores*, identificáveis como partidos de forma mais definida desde a metade do século, levaram com excessiva frequência ao campo de batalha os seus pontos de vista, sendo os primeiros descritos normalmente como federalistas, livre-cambistas e associados ao comércio exterior, e os segundos como centralistas, protecionistas, clericais e latifundiários.

Essa descrição das características distintivas desses partidos, e bom já dizer, tem uma utilidade apenas provisional e pedagógica, pois, na realidade, tanto a sua complexa sociologia interna, a diversidade das suas dinâmicas regionais, assim como as voltas e reviravoltas dadas por uns e outros nos cenários de extrema agitação política em que viveram e que propiciaram, encerram não poucas contradições, ambiguidades, surpresas, ironias e detalhes significativos, e tornam aquela descrição um pouco convencional. De repente, o partido centralista pode apoiar reformas federalistas por motivos regionalistas; antigos «conservadores» podem tornar-se liberais radicais (como Tomás Cipriano de Mosquera, geógrafo e cartógrafo); liberais de outrora virar conservadores (como Rafael Núñez, que, junto com Miguel Antonio Caro, são os personagens distintivos da Regeneração); antigos partidários do federalismo e da manutenção da denominação e da integridade territorial dos antigos «Estados» (como Vergara y Velasco ou Rafael Reyes), tornar-se «centralistas» e passar a favorecer a transformação destes em «Departamentos» e a sua subdivisão em unidades menores; ou, o que é também muito importante, uma *facção* de um dos partidos —pois cada um dividia-se em duas (às vezes mais) facções, uma mais moderada e outra mais extremista— pode terminar aliando-se com outra facção do partido contrário, em determinada conjuntura. Por exemplo foi a aliança entre os Conservadores «Históricos» ou «Democráticos» —entre os quais Vergara y Velasco—, que não viam contradição entre o progresso, o capitalismo e os ensinamentos da Igreja, mas também não acreditavam no *laïzess-faire* dos liberais radicais, por um lado, e os setores moderados do partido Liberal, pelo outro, que exerceu a oposição à tendência clericalista, ultramontana, anticapitalista (e, «andinocêntrica») do conservadorismo, distintiva da Regeneração.

Em outras palavras, estes partidos, governos e regímenes, e também estes homens, não eram entidades homogêneas, mas sim híbridas, impuras, e muito sensíveis às conjunturas (de maneira muito notável àquelas derivadas do mercado agroexportador, cuja cronologia de auges e quedas de preços, seja do tabaco, da quina ou do café, como já foi aparente para alguns observadores da época, encaixa-se significativamente com a das guerras civis).

Não é possível aqui tentar reconstruir os detalhes daquela complexa sociologia, nem as dinâmicas regionais da questão partidista, nem recapitular detidamente os inumeráveis episódios que poderiam considerar-se importantes para dar uma ideia do ambiente que se respirava em um o outro momento e lugar —como por exemplo as guerras civis—, nem fazer um reconhecimento da trajetória das figuras chaves da história política da última parte do século XIX e da primeira do século XX colombiano. No entanto, pode dizer-se que foi nos momentos em que a confluência de circunstâncias ou a configuração de conjunturas foi favorável, particularmente após o golpe de Estado que no ano de 1900 coloca momentaneamente à sua facção no poder, que Vergara vai conseguir publicar a sua *Nova Geografia da Colômbia*.

Sem contar as guerras de Independência, nem as ocorridas até a dissolução da chamada Grande Colômbia, nem as constantes revoltas locais de todo o século, o país viveu uma frenética série de guerras civis de escala nacional (não há total acordo nas cronologias): de 1839 a 1842; em 1851; em 1854; de 1860 a 1862; de 1876 a 1877; em 1885; em 1895; e de 1899-1902, a chamada Guerras dos Mil Dias, que fecha este ciclo terrível, e deixa preparado o país para a perda de Panamá. Da mesma forma, a estas confrontações seguiram novas Constituições: particularmente em 1843, 1853, 1856, 1863 e 1886 —sendo esta última a que, com importantes reformas, iria vigorar até a atual de 1991. Estas constituições não poucas vezes incluíram mudar o nome do país, e, supostamente, os seus fundamentos. A Constituição de 1863 trocou o nome de Confederação Granadina, antiga Nova Granada, pelo de Estados Unidos de Colômbia, que por sua vez foi substituído pelo de República de Colômbia na Carta de 1886 —nome que se mantém até a atualidade—, e que transformou os antigos nove Estados em Departamentos (Antioquia, Bolívar, Boyacá, Cauca, Cundinamarca, Magdalena, Panamá, Santander e Tolima). Em contraste com as duas anteriores —liberais e federalistas—, a Constituição de 1886, redigida principalmente pelo hispanista e literato conservador Miguel Antonio Caro, é normalmente descrita como autoritária, clerical e centralista. (Mas uma coisa é declarar o centralismo no papel...)

Figura 1: Carta de la Republica de Colombia (Antigua Nueva Granada) - Dividida en Departamentos - 1886

Agustin Codazzi e Manuel María Paz - *Atlas geográfico e histórico de la República de Colombia* – 1889 - <http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/e88ycx>

Tampouco há consenso acerca da exata periodização da Regeneração. No entanto, é possível apoiar-se neste sentido no importante livro do pesquisador Charles Berquist *Café e conflito na Colômbia, 1887-1910*,¹ que examina o impacto das flutuações nos preços mundiais do café na história política do país neste período. Em geral, para Berquist, a natureza instável e pendular da história política colombiana não apenas reflete uma luta pelo controle da burocracia e dos lucrativos postos públicos em um país pobre, como sustentado tradicionalmente por uma parte importante da historiografia, mas que exprime profundas diferenças de interesses e de ideologia com relação à economia agroexportadora. Segundo Berquist —se bem que com muitos mais matizes—, os altos preços do tabaco e,

¹ Charles W. Bergquist, *Coffee and Conflict in Colombia, 1886-1910* (Durham, N.C: Duke University Press, 1978).

embora em menor medida, também da corteza de quina, nos mercados mundiais favoreceram ao mesmo tempo as tendências ideológicas liberais radicais e os grupos sociais mais diretamente vinculados à economia agroexportadora e importadora de manufaturas, explicando em grande medida a hegemonia mantida por este partido desde mediados do século até o ano 1875. A partir deste ano a agricultura de exportação entra em declínio, e com este começa também a entrar em crise a visão liberal. Em 1880 assume a presidência o poeta e político de Cartagena Rafael Núñez —autor do atual hino nacional—, quem vinha liderando a facção «Independente» do partido Liberal, inclinada na direção de uma maior participação e controle da economia por parte do Estado. Imediatamente Núñez inicia uma série de reformas econômicas e fiscais protecionistas, para o qual procura aproximar-se do partido Conservador, que vai apoiar a sua candidatura em 1884 e vão resgatar o seu governo da revolta radical de 1885. Como resultado desta vitória a aliança entre Núñez e os conservadores conforma o partido Nacional, cuja hegemonia, que irá prolongar-se, impulsada pelos altos preços do café, e que pode contar-se desde a Constituição de 1886 até o ano de 1896, quando uma queda nos preços mundiais desse produto irá a levar à crise do regime, é o que com mais propriedade pode chamar-se de Regeneração. A bonança cafeeira desses anos, segundo Berquist, fortalece de novo as tendências liberais, provocando uma aproximação progressiva entre estes últimos e a tendência moderada do partido Conservador, o que irá, depois de três anos de crise, em 1899, a levar a uma nova insurreição armada, que não irá terminar, de exaustão, senão até 1902. No meio da guerra, no 31 de julho de 1900, através de um golpe de Estado que coloca na presidência a José Manuel Marroquín, os conservadores «históricos» derrubam aos nacionalistas. É no período que vai entre este golpe de Estado o final da guerra dos Mil Dias que Vergara y Velasco vai publicar a primeira edição ilustrada e a que irá ficar como definitiva da *Nueva Geografía de Colombia*.

(Valha aqui já mencionar um elemento que tem chamado a atenção de múltiplos historiadores: ao contrário de personagens como Núñez ou como Rafael Reyes, nem o citado Caro, como tampouco Marroquín, assim como mais adiante no século Marco Fidel Suárez, saíram nunca dos planaltos que rodeiam a capital, não conheceram o mar e até ufanavam-se disto.)

Um ano depois de finalizada a Guerra dos Mil Dias, e com o país mais destruído e desmoralizado que nunca, em novembro de 1903, Panamá, com o apoio dos Estados Unidos, declara a sua independência.

Posteriormente, entre 1904 e 1909, tem lugar o «Quinquênio» presidencial de uma figura muito importante para a história territorial do país, o general Rafael Reyes (1850-1921): antigo explorador do sul do país e exportador de quina para a Europa e os Estados Unidos pelos rios Putumayo e Amazonas —cujo primeiro descenso, de canoa, no ano de 1874, chega a perturbar os acordos limítrofes as-

sinados entre o império do Brasil e a república do Peru nesta região, sacudindo os serviços diplomáticos destes países e inclusive chegando a ser recebido, aparentemente em mais de uma ocasião, pelo imperador Pedro II, quem se vê obrigado a idear ajustes e estratégias para reagir ao súbito aparecimento deste colombiano na sua corte—; que depois de entrar na política nacional pela porta das guerras civis chega ao cargo de Presidente, desde o qual promove —não sem resistência— uma radical reforma territorial do país chegando a subdividir os departamentos de 1886 em dezenas de departamentos menores, e que procura fechar as controvérsias limítrofes que a Colômbia mantinha abertas com todos os seus vizinhos —inclusive Panamá, com cujo reconhecimento diplomático procurava fechar o capítulo e ajudar a sanar a ferida da separação—; que renuncia ao governo no meio das tensões motivadas pela sua ação territorial —só para ver como seus opositores imediatamente procuraram apagar a sua obra; e cuja concepção do território nacional, principalmente em termos do futuro do país, aproxima-se em muitos aspectos à de nosso autor —que durante o governo de Reyes irá publicar as suas principais obras cartográficas. Durante este período Vergara y Velasco vai publicar seus trabalhos cartográficos mais importantes: a *Nueva Carta Geográfica de Colombia* (publicada entre 1906 e 1908) e um *Atlas completo de geografía colombiana* (publicado em fascículos desde 1906 até 1910).

O geógrafo, cartógrafo, historiador e militar colombiano Francisco Javier Vergara y Velasco (1860-1914) é o autor de uma obra ampla e original, pouco explorada e quase desconhecida. Foi ele sem dúvida um dos geógrafos, cartógrafos e historiadores mais ativos e prolíficos da sua geração. Seus trabalhos contam-se por dezenas, somam milhares de páginas e centenares de mapas —quase todos eles gravados em madeira. Foi, ailás, provavelmente um dos poucos cientistas do período em tentar uma síntese dos conhecimentos geográficos disponíveis acerca do país e em procurar uma «nova» geografia e uma «nova» cartografia nacional.

Até agora, sabe-se pouco acerca da vida e da obra deste autor, a respeito do qual existem apenas alguns trabalhos clássicos de estilo biobibliográfico, uma série de homenagens escritas por pessoas próximas e alguns excepcionais comentários modernos.² A maioria destes textos enunciam as virtudes de dedicação e laboriosidade de Vergara, admiram a amplitude, a diversidade e a complexidade da sua produção, apontam as inumeráveis polêmicas em que participou e ressaltam os conhecimentos obtidos por ele de parte de importantes instituições científicas europeias, em contraste com a indiferença e inclusive a desconsideração com que em seu meio local o autor e a sua obra foram muitas vezes tratados, tanto em vida quanto de maneira póstuma. Vários destes autores atribu-

² Tenho comentado o principal desta bibliografía em: “Historia de La Historiografía Sobre Francisco Vergara Y Velasco,” *Memoria Y Sociedad. Revista Del Departamento de Historia Y Geografía - Universidad Javeriana*, no. Separata (November 2006): 16–19; Texto derivado da minha monografia de graduação: “Las Geografías de Reclus Y Vergara: Itinerario de Una Red” (Monografía para optar al título de Historiador, Universidad Nacional de Colombia, 2006).

em esta espécie de marginalização às invejas e às intrigas, que consideram próprias do carácter nacional, e das que supostamente Vergara foi objeto. Ou, também, a seu carácter polemista. No entanto, em geral, os trabalhos disponíveis não se baseiam em pesquisa de arquivo, nem incluem nas suas considerações a análise do pensamento geográfico de Vergara y Velasco, isto é, da sua concepção da relação entre território e nação em perspectiva histórica. Neste trabalho acredito ter revelado os elementos centrais do pensamento geográfico de Vergara y Velasco —o que não quer dizer, em forma alguma, que tenha conseguido ainda nem chegar perto de uma apropriação plena da sua complexidade, densidade e amplitude.

Desde o ponto de vista das suas relações com outros cientistas e políticos a nível local, o que na tradição sociológica da história da geografia se conhece com o interessante conceito de «círculo de afinidades», do pesquisador Vincent Berdulay, há também, no caso de Vergara, ainda muito que progredir: ainda está por fazer-se um mapa geral das estruturas partidistas, burocráticas e científicas, e até militares, e examinar as suas dinâmicas e seus entrecruzamentos. A minha pesquisa por enquanto não se centra neste aspecto, e é mais uma análise contextualizada do pensamento geográfico plasmado numa obra particular. No entanto, gostaria de chamar a atenção dos historiadores e geógrafos para a existência de certas redes científico-políticas *conservadoras* —talvez menos conhecidas do que as liberais— cujos participantes, entre eles Vergara, tendem a agrupar-se nas tendências moderadas, «democrática» ou «histórica» desse partido, católica, sim, mas também científica e capitalista —entre eles, por exemplo, Antonio B. Cuervo ou Carlos Martinez Silva.

A organização fundamental dos fatos biográficos de Vergara y Velasco foi estabelecida por seu filho Júlio C. Vergara, na interessantíssima história da sua família publicada em 1952.³ O capítulo dedicado a seu pai teve como base, além obviamente da sua experiência pessoal, o fundo documental de Vergara y Velasco, conservado agora no Arquivo Geral da Nação, na cidade de Bogotá.⁴ A sua tese central —que eu compartilho— é que o trabalho de Vergara não recebeu na Colômbia o apoio e o reconhecimento que merecia.

O geógrafo e pesquisador José Agustín Blanco Barros, que depois de Júlio C. Vergara e antes do Arquivo Geral foi durante décadas o depositário do arquivo de Francisco Javier Vergara y Velasco, é o autor do outro trabalho de pesquisa acerca deste cartógrafo.⁵ O professor Blanco destaca alguns eventos que Vergara filho talvez preferiu deixar de lado e, logicamente, empresta mais atenção aos conceitos geográficos envolvidos. No entanto, mais do que qualquer coisa, tomamos dele, com todo

³ Vergara y Vergara, Júlio César, *Don Antonio De Vergara Azcárate Y Sus Descendientes*, vol. II, 2 vols. (Madrid: Imprenta J. Pueyo, 1952).

⁴ AGN – Seção Coleções – Fundo Francisco Javier Vergara y Velasco, 3 vols.

⁵ José Agustín Blanco Barros, *El General Francisco Javier Vergara Y Velasco Y Sus Obras* (Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 2006).

respeito, a expressão com a que define a Vergara y Velasco, que no meu conceito consegue captar toda a ambiguidade do assunto: um «instituto geográfico particular». Há uma aparente contradição entre o reconhecimento tácito e prático que Vergara possuía no país como autoridade geográfica, e o fato de que, apesar de seus esforços neste sentido e de certas declarações oficiais, a sua *Geografia* e sua cartografia nunca foram realmente apoiadas como a geografia e a cartografia nacionais. Esta condição sua, de uma maneira bem menos poética do que o professor Blanco, mas acredito que mais ou menos com o mesmo sentido, pode descrever-se como de «*insider/outsider*» ou de «geógrafo não-oficial». A presente pesquisa considera que a chave da contradição encontra-se no pensamento geográfico de Vergara y Velasco, que como veremos vai ser oposto às ideologias geográficas dominantes da Regeneração.

Não se trata este de um trabalho biográfico. A cronologia que apresento a continuação, elaborada com base nos citados trabalhos de Júlio Vergara e Agustín Blanco, tem o objetivo de contextualizar melhor o leitor, de enfatizar a multiplicidade de atividades, de lugares e de instituições em que é possível seguir este autor ao longo da sua trajetória.

Vergara y Velasco nasceu na cidade de Popayán, capital do então Estado do Cauca, o 15 de junho de 1860. Devido a agitações políticas, trasladou-se com seus pais com três anos de idade para a cidade de Bogotá. Desde criança destacou-se pelo seu interesse pelo o estudo e os livros, como demonstram diferentes episódios e anedotas dispersas na bibliografia de reminiscências. Com dez anos de idade iniciou estudos formas em distinguidas escolas conservadoras da cidade, principalmente no colégio Pio IX, onde permaneceu desde 1871 até finalizar o seu «*bachillerato*» em 1875. Os diplomas e certificados obtidos por Vergara neste instituto constam no seus documentos, e indicam certa familiaridade com conteúdos de matemáticas, álgebra, contabilidade, geometria, misturados na massa de *castellano*, ortografia, religião e francês.

Em 1876 teve a sua primeira prova de fogo durante a guerra civil desse ano, havendo chegado inclusive a participar na batalha de Garrapata, até então a maior da história do país —que não carece delas—, só indo a ser superada pela de Palonegro algumas guerras depois.

Inclina-se pelo estudo das matemáticas e das ciências naturais, o que em 1880 significa para ele o convite para ser secretário do Instituto Nacional de Agricultura, onde se ocupa durante alguns meses com desempenho destacado e até publica textos sobre agronomia nas páginas do órgão deste instituto. Na sua certificação laboral, seu chefe, doutor Juan de Dios Carrasquilla, um dos cientistas mais importantes do século, expressou-se acerca dele nos melhores términos. (O mesmo Carrasquilla irá nomeá-lo oito anos mais tarde vice-reitor desse instituto). Passou a trabalhar nesse mesmo ano na Secretaria de Fomento, na comissão dedicada às obras públicas e à limpeza e canalização do rio

Magdalena. Em 1881 junto com seu primo José Vergara publica um *Almanaque y guia ilustrada de Bogotá*.

A carreira das armas, num país como Colômbia, era a primeira opção para muitos jovens. Desde o primeiro momento promulgou pela educação e profissionalização do exército, dedicou grandes esforços desde cedo para procurar-se os conhecimentos técnicos da milícia moderna e começou a construir a que chegaria a ser uma muito respeitável biblioteca militar —e geográfica. Matérias como matemáticas, geografia, geologia, história, estratégia, fortificação e balística contavam-se dentro do seu currículo.

Antes de fazer 22 anos foi reconhecido como professor de ciências militares em concurso do Ministério de Guerra e do Colégio Militar. Neste exame destacou-se com o qualificativo de «Sobresaliente» nas 22 matérias avaliadas. Não muito depois foi nomeado professor militar do exército. Funda então *El Ejército* (8 números, 1882), primeiro periódico militar do país, escrito quase inteiramente por ele: tática, infantaria, artilheria, história militar, armamento, traduções... Nestes textos Vergara não apenas se interessava por difundir a virtude e a moral nas tropas, mas insistia na necessidade dos soldados aprenderem e trabalhassem na construção de pontes e caminhos, sugeria a construção de fortificações e calculava a sua artilheria, pedia o melhoramento dos mapas segundo as necessidades militares, e propugnava pela modernização dos regulamentos de tática e estratégia. Durante este ano, por disposição do governador de Cundinamarca, ministrou um ciclo de conferências dirigidas a soldados e elaborou um estudo estratégico do território deste Estado. Publicou em setembro seu livro *Historia militar de Colombia*. Foi ascendido a sargento maior e teve também tempo para contrair núpcias, com a sua parente María Vergara.

O ano seguinte ascende a capitão, desempenha diversas labores, entre as quais comandar uma companhia encarregada de trabalhos de construção de um trecho de ferrovia perto de Bogotá até abril de 1884. Seus chefes elogiaram efusivamente seu comportamento e seus conhecimentos em engenharia. Publica vários artigos sobre geografia militar em *El Ingeniero*, órgão da Escola de Engenharia Civil. Nestes textos cita dois autores austríacos, três italianos, nove alemães e vinte-e-dois franceses, todos da época. É nomeado professor de matemáticas e artilheria nesse mesmo ano. No final deste ano iniciou-se uma revolta do partido liberal que duro até o final de 1885 com a vitória governista, e na qual Vergara teve uma destacada participação como colaborador do ministro de Guerra. É ascendido a sargento maior em dezembro desse ano e em maio de 1886, com vinte seis anos, a tenente coronel.

Apoiado na sua vitória, o Presidente Núñez promove uma assembleia constituinte que iria a mudar a carta federalista e laica de 1863 por uma mais centralista e clerical. Núñez pretendeu até re-

formar a estrutura administrativa dividindo alguns antigos Estados, agora Departamentos, em unidades menores. Mas teve a resistência do gigante Cauca, representado por Rafael Reyes, que se estendia por mais da metade do país, e era a principal força conservadora do país neste sentido. Em 1887 Vergara fez parte do grupo fundador da importante Sociedade Colombiana de Engenheiros, cuja revista, os *Anales de Ingeniería*, foram dirigidos por ele desde 1907 até 1911.

Em 1888 viaja a Tumaco, no Pacífico colombiano, em comissão oficial. Este mesmo ano, enquanto dirigia o Instituto Nacional de Agricultura e trabalhava no Ministério de Guerra, publica os primeiros fascículos da sua *Nueva Geografía de Colombia*, dedicada a Élisée Reclus. A partir desta publicação Vergara inicia uma interessante relação epistolar com o geógrafo francês.

A finais desse ano Vergara viaja por Tolima, Cauca e Caldas, levantando dados geográficos, como se deduz do seu relatório, que consta no arquivo. Publicou em 1889 *Reglamento de Instrucción para el Combate*, que chamou a atenção do general Antonio B. Cuervo, que daí em diante vai ser um dos seus principais aliados.

Em 1891 rejeita uma proposição para se transladar para a cidade de Ibagué como professor e encarregado da imprensa de um colégio dessa cidade. Entre 1890 e 1892 Vergara continua a publicação da sua *Geografía* graças ao impulso dado pelo citado general Cuervo, agora Ministro de Guerra. Em 1893 publica a sua tradução anotada dos capítulos dedicados por Reclus a Colômbia e Panamá na sua *Nova Geografía Universal*, tradução que, como comentei no mestrado, não deixou de gerar polémica por causa das críticas do autor ao sistema político da Regeneração. No apêndice anexado por Vergara a esta tradução aparecem as suas formulações acerca da regionalização do país, assim como os primeiros mapas que dele se conhecem.

Em abril de 1893 Vergara renuncia a seu cargo no Ministério de Guerra e passa a ser chefe de estatística de Cundinamarca, onde permanece por um ano. Neste trabalho procurou levantar um censo de Bogotá, para o qual preparou formulários técnicos, mas foi inibido de continuar pelo Ministério de Fomento, sob escusa de que este encontrava-se preparando um «censo nacional». Neste ano Vergara revisou e dirigiu a impressão da coleção de documentos inéditos que tinha levantado o citado General Cuervo nos arquivos da Espanha, obra que contém tesouros cartográficos a crédito que até agora não comentados.

Esta técnica de enviar formulários a lugares afastados já tinha sido usada por Vergara com anterioridade, em 1885, desde o Ministério de Guerra, inspirado nos questionários desenvolvidos pelos espanhóis para averiguar acerca de seus territórios coloniais, interrogando desta forma a diferentes autoridades municipais como prefeitos, padres e diretores de escola. Em 1895 organiza estes dados e publica *Geografía seccional de Colombia*.

Dedicava tempo a escrever —e polemizar— na imprensa da cidade, principalmente no *Correo Nacional*, sob o conhecido pseudônimo de *Franjaver*.

Durante a nova revolta liberal de 1895 Vergara foi chefe de Estado Maior do exército.

Foi parlamentar por Cundinamarca entre 1896 e 1898, conseguindo a expedição duma lei sobre instrução militar obrigatória. Junto com José Vicente Concha funda em 1897 o jornal *El Día*, bastião dos conservadores «históricos» (fação oposta à dos conservadores «nacionalistas») na campanha contra a reeleição do presidente Miguel Antonio Caro.

Esse mesmo ano, entre outras obras de história militar, Vergara publica *1818*, polêmico livro em que coloca em dúvida as habilidades estratégicas do Libertador Bolívar, o qual não foi bem recebido pela Academia da História.

A finais de 1898 foi designado secretário de Instrução Pública de Cundinamarca. No ano seguinte, e até 1907, assumiu a direção do *Boletín Militar*.

Já desde 1882, manteve alguma relação com a Escola Militar, mesmo que esta funcionasse apenas intermitentemente. Em 1891 dava aula de geografia militar. Em 1897, com a reforma francesa do exército colombiano, ensinava castelhano, historia e geografia militar, história pátria, tática e estratégia, inclusive a oficiais. Apoiou todas as missões militares estrangeiras que durante esses anos passaram por Colômbia como parte de certas tentativas de modernização do exército.

Em 1899 trabalha como engenheiro para o Ministério da Fazenda levantando o plano das futuras Bodegas de armazenagem de mercadorias no porto de Honda no rio Magdalena. Nesse mesmo ano levantou mapas das minas de esmeraldas de Muzo e Coscuéz. Em 1899 foi designado para a comissão demarcadora de limites com a Venezuela, mas renunciou ao cargo. Esse mesmo ano rejeitou a nomeação como diretor dum dos principais colégios de Cartagena, com bom salário, provavelmente pensando no traslado da sua biblioteca e mapoteca, da exposição dos seus materiais ao clima úmido, e talvez de se expor a febres.

Em outubro de 1899, ao começar a Guerra dos Mil Dias, Vergara desempenhava-se como chefe da seção de estatística do Estado maior. Em fevereiro de 1900 foi ascendido a general de brigada, e em março a general de divisão. Foi designado comandante de Bogotá e inspetor de armamentos. Segundo Júlio Vergara, Francisco Javier «adere» ao golpe de Estado de 31 de julho desse ano, que coloca aos conservadores históricos no poder. O seu papel exato neste episódio, e em geral, durante esta guerra, não tem chamado a atenção dos especialistas. Durante a confrontação, além de comandar toda uma divisão, Vergara prestou valiosos serviços ao governo garantindo a logística de fornecimento não apenas de armamento, munição, alimentação e vestido a tropas que lutavam em outros departamentos, mas também como instrutor de topografia e como cartógrafo, entre outras

iniciativas e intervenções. Em agosto recebeu o título de General de Engenheiros. Publicou um manual de tiro de canhão, adaptado para a atmosfera andina. E, como se fosse pouco, publica, como dissemos, iniciando a impressão em março de 1901 e finalizando-a em julho de 1902, antes inclusive da guerra terminar, a primeira edição com lâminas e mapas, gravados em madeira, da *Nueva Geografía de Colombia*. Em termos de erudição e alcances, acredito que não há obra comparável no país neste período. Não há uma obra que procure como a de Vergara abranger com originalidade o máximo possível dos melhores e mais recentes conhecimentos geográficos sobre o país. Entre as novidades mais importantes da obra, está a de trabalhar o país por regiões, e não exclusivamente por departamentos.

A *Nueva Geografía* foi complementada com uma *Nueva Carta Geográfica de Colombia* e um *Atlas completo de geografía colombiana*, obras que foram acompanhadas de uma *Memória* sobre a sua construção publicada em 1906. A primeira edição do mapa foi publicada nesse mesmo ano⁶ e a segunda em 1908 —existem também algumas edições «intermédias»—, procurando registrar às modificações que efetuava o governo de Rafael Reyes nas estrutura territorial do país. O *Atlas*⁷ publicou-se desde 1906 até 1910, e está composto por um centenar de mapas. A Sociedade de Geografia de Paris concedeu a Vergara como reconhecimento por estas obras a medalha Charles Manoir em 1908. Nesta altura, Vergara mantinha correspondência com cientistas de diferentes partes da América Latina e Europa. Na Colômbia, no entanto, Vergara não conseguiu o reconhecimento que desejava. Principalmente, seus mapas, a pesar dele pretendê-lo, nunca chegaram a tornar-se a imagem oficial do país.

Foi designado brevemente diretor da Biblioteca Nacional em 1903. Em 1904 é designado diretor da *Revista de Instrucción Pública*, na qual publica artículos, documentos inéditos e traduções. Durante estes anos se desempenha como professor de história pátria e de geografia da Colômbia em diferentes instituições como a Universidade do Rosário, a Escola de Comercio, a Escola militar, a Escola Normal de Institutrices, na Universidade Republicana, no Colégio de la Merced e no Colégio María. Para facilitar a sua labor pedagógica Vergara preparou entre 1904 e 1910 uma série de textos escolares. Entre 1905 até 1913 publica as quatro séries de *Capítulos* de uma história civil e militar de Colômbia, obra que é resultado das suas pesquisas nos arquivos nacionais.

Em 1905 publicou *História Geral da guerra Russo-Japonesa*, que vinha acompanhando «ao vivo», predizendo desde o começo a vitória do país nipônico. Em 1907 publicou as suas obras *O Ja-*

⁶ Disponível na Gallica da Biblioteca Nacional da França em duas versões: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8444191k>> e <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84441905>>.

⁷ Disponível na Mapoteca Digital da Biblioteca Nacional da Colômbia <<http://www.bibliotecanacional.gov.co/content/mapoteca>>: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user/dewey/912.86_v37v35a.pdf>.

ção, notícia histórica e geográfica e Metodologia e crítica histórica, que é uma espécie de «colombianização» do famoso manual dos historiadores franceses Langlois e Seignobos. Redigia ao mesmo tempo o *Boletín Militar*, os *Anales de Ingeniería* e a *Revista de Instrucción Pública*, dava aula e era chefe da seção de cartografia do Ministério de Guerra.

Entre dezembro de 1907 e janeiro de 1908 viaja para Cartagena com a missão de revisar o estado do parque militar nessa cidade. Participou ativamente nas atividades das duas missões militares chilenas trazidas pelo governo Reyes, em 1907 e 1909. Na segunda delas, ao mesmo tempo que ditava aula, renunciou a seu título de general para dar exemplo aos oficiais que se negavam a assistir aos cursos dos chilenos em condição de subalternos. No curso de estado maior, no ano seguinte, Vergara foi o primeiro entre 22 alunos recuperando seu grau de general de divisão. Os oficiais chilenos pronunciaram-se elogiosamente a propósito dele. Em 1913 publica então *Archivos nacionales. Índice analítico, metódico y descriptivo*. Desta obra publicou-se apenas o primeiro volume, pois os outros, manuscritos, foram subtraídos ao autor. O 31 de dezembro desse ano parte de novo para a costa Caribe em nova missão militar. Contrai febres no caminho, e falece em Barranquilla o 21 de janeiro de 1914.

*

Durante os cursos finais da graduação, interessado pela história do anarquismo, entrei em contato com a *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta* do geógrafo francês Élisée Reclus, reconhecido militante dessa corrente política, que é o relato da sua tentativa juvenil de se estabelecer naquelas montanhas como colono independente. Este mesmo Reclus aparecia também como o autor de um texto intitulado *Colombia* (1893), traduzido e anotado, «com autorização do autor», por certo Francisco Javier Vergara y Velasco, também geógrafo, que aparentemente tinha tido algum tipo de contato com o francês, e que correspondia aos capítulos «Panamá» (1891) e «Colômbia» (1893) da famosa *Nouvelle Géographie Universelle*. Meu trabalho de graduação, intitulado «Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red» (2006), dirigido pela professora Diana Obregón, da linha de pesquisa em história das ciências, apresenta um primeiro reconhecimento do tema, examinando o arquivo e a pouca bibliografia existente sobre Vergara, à procura principalmente de dados e comentários acerca da sua relação com Reclus, numa tentativa de entender a conformação e o funcionamento de redes de troca científica e questões relacionadas ao eurocentrismo e ao papel do reconhecimento europeu na história das ciências.

Posteriormente, como estudante de Mestrado em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto, tive a oportunidade de aprofundar na pesquisa, focando principalmente na figura de Élisée Reclus e os seus entrecruzamen-

tos com a Colômbia, abordando para isto bibliografia e documentação em francês que, pela falta desta língua, não tinha conseguido levar em conta durante a graduação. O resultado desta pesquisa é a minha dissertação intitulada «Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção» (2010),⁸ que aborda diferentes momentos da produção deste geógrafo relacionados com esse país, em especial os citados capítulos da sua *Geografia Universal*. Aquela pesquisa tenta reconstruir a bibliografia desses capítulos, que passa dos noventa autores —numero considerável, muito mais se se leva em conta que Reclus mobilizava uma erudição semelhante para cada um dos países tratados na sua monumental obra, e, também, se se comparado com outras «geografias universais»—, entre os quais destaca, é claro, Vergara y Velasco. Examino a correspondência escrita por Reclus a Vergara, de novo com perguntas acerca das trocas científicas, do sentido e o funcionamento do eurocentrismo e das dinâmicas do reconhecimento europeu nos processos de validação das ciências. Contrasto as cartas de Reclus com outras dirigidas ao mesmo Vergara pelo geógrafo francês Pierre Denis, encarregado por Vidal de la Blache da elaboração dos capítulos sobre a América do Sul para a sua própria *Geografia Universal*. O primeiro, apesar de todas as assimetrias existentes, reconhece a Vergara como «mestre», que «sabe mais do que ele», solicita a sua colaboração invocando o nome da ciência, a causa comum da humanidade e o conhecimento do país, cita amplamente a sua obra *Nueva Geografía de Colombia* no mencionado capítulo «Colômbia» da *Nova Geografia Universal*, dedica-lhe algumas linhas nos agradecimentos do volume e, posteriormente, convida-o a participar na elaboração da parte colombiana de seu truncado projeto de um grande globo para a Exposição Universal de Paris de 1900. Denis, por outro lado, depois de declarar a sua intenção de «substituir a geografia de Reclus», solicita a Vergara a bibliografia local de interesse que pudesse existir (não menciona os trabalhos de Vergara, nem chega a comentar nada sobre mapas), pergunta se na «Bolívia» existem fotografias que ele possa comprar e, finalmente, ressalta as dificuldades de deslocar-se até este país para procurar a documentação ele mesmo. No seu capítulo dedicado à Colômbia, publicado finalmente em 1927 —isto é, dezessete anos depois da carta citada e trinta e quatro depois do capítulo correspondente de Reclus—, Denis não chega a citar a Vergara na sua exígua bibliografia e, apesar de ter chamado de «desatualizada» à *Nova Geografia Universal* na sua carta ao colombiano, baseia seu capítulo final em trabalhos anteriores e de muitas formas já obsoletos, inclusive na época do capítulo correspondente do anarquista. Examinamos aspetos do processo de tradução e crítica dos capítulos «Panamá» e «Colômbia» da *Nova Geografia Universal* de Reclus por parte de Vergara, e as contradições, e também críticas, que para ele implicavam o reconhecimento e a sua proximidade com uma

⁸ David Alejandro Ramírez Palacios, «Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção.» (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2010), <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06102010-093308/pt-br.php>.

autoridade europeia, sim, mas de perigosa tendencia política, num período de muito nervosismo social e de receio oficial com respeito à imigração europeia e às ideias radicais que pudessem chegar a vir com ela como o da Regeneração.

Minha dissertação de mestrado, finalmente, caracteriza o citado capítulo «Colômbia» como dirigido a estimular a emigração europeia para este país, principalmente para as suas regiões montanhosas de clima temperado. Vergara, como revela esta pesquisa, está também interessado em estimular a emigração estrangeira para a Colômbia, mas, ao contrário de Reclus, não para as partes altas, mas para as partes baixas e cálidas.

A presente pesquisa, dando continuidade aos citados trabalhos, descobre que o pensamento geográfico de Vergara era incompatível com as ideologias geográficas andinocêntricas que se projetaram como nacionais durante a época em que foi produzida a sua obra e, com bastantes dificuldades e sempre de forma incompleta, publicada —em diferentes edições, primeiro em 1888 (com dedicatória a Reclus), posteriormente em 1890 e 1892 e, na versão que iria ficar como definitiva, finalmente ilustrada com centenaes de mapas e lâminas de paisagens gravados em madeira, como dissemos, entre 1901 e 1902 (dois volumes mais que estavam prontos ficaram como manuscritos e acabaram se perdendo).

A minha tese mostra que as ideologias geográficas de ampla difusão durante a chamada Hegemonia Conservadora (período que cobriria a Regeneração e os governos conservadores que irão dominar o país até 1930, mas que examinado de perto não parece tão homogêneo, e esta periodização deve revisar-se), consagram os planaltos andinos de clima temperado como «ilhas de civilização» em um mar de barbárie cálida ou tórrida, condenando à «*tierra caliente*» e aos «*calentanos*» mestiços à inferioridade ou a uma condição semisselvagem; rejeitam a imigração estrangeira pretendendo proteger à nacionalidade das perigosas influências que esta poderia atrair em termos da manutenção da ordem social, pretende conservar a pureza da raça branca dos *criollos* descendentes dos espanhóis que habitam estes planaltos e considera aos mestiços como degenerados, e preferem as especulações teóricas, jurídicas ou gramaticais antes do que a construção de caminhos ou a criação de empresas agrícolas, industriais ou mercantis.

Vergara —também conservador, mas da tendencia «democrática» do partido— postulava ao contrário na sua *Nova Geografia* as terras baixas e cálidas do país (isto é, as regiões amazônicas e orientais, os litorais e os vales inter-andinos), que constituem a maior parte da superfície do país, como os lugares em que devia construir-se o futuro da nacionalidade, justamente com base na emigração estrangeira (não apenas europeia, mas também indiana e japonesa) para estas partes do país, na miscigenação e na produção e exportação de produtos agrícolas tropicais. Para Vergara, era uma fa-

talidade o ter estabelecido a capital administrativa (Bogotá, reificada durante a Regeneração com o pomposo apelido de «Atenas Sul-Americana») longe do mar, nos altiplanos do centro do país, lugar desde o qual ia ser muito difícil emprestar atenção suficiente às três «frentes» geográficas do país: a Caribe, a Sul-Pacífica e a Oriental-Amazônica, e propunha nesse sentido o seu deslocamento e o desenvolvimento do «Maciço Colombiano», região montanhosa nos Andes do sul, onde as cordilheiras dividem-se e nascem os rios principais do país, que desde ali se dirigem tanto para o mar do Caribe, quanto para o mar Pacífico e o rio Amazonas.

A minha pesquisa revela um marcado contraste entre o pensamento geográfico de Vergara e as ideias que sobre o país e seus habitantes tinha a corrente de pensamento que mais sucesso teve em promover seus pontos de vista, e considera que é devido a estas contradições entre o pensamento geográfico de Vergara e as ideologias geográficas dominantes no seu entorno que a sua obra muito dificilmente podia ser verdadeiramente apoiada pela Regeneração, nem converter-se em geografia oficial, nem sus mapas tornar-se a imagem do país, nem ele o seu geógrafo nacional.

No primeiro capítulo procuro, através de bibliografia, estabelecer as características e as lógicas das ideologias geográficas dominantes durante o período em questão. Comento a historiografia recente acerca da formação nacional da Colômbia, especialmente os pontos relativos às questões regionais, climáticas e raciais. A continuação estabeleço um contraste entre a experiência colombiana e o processo de formação territorial brasileiro, caracterizado pela iniciativa territorial estatal, pela instauração de pactos entre elites regionais para a conquista e a gestão do território, pela mobilização popular por parte dessas elites com finalidades territoriais, por uma diplomacia profissional, bem documentada e estável além as mudanças de régimen, e, por fim, por uma marcada identificação do avanço para o interior com a formação da nacionalidade.

O segundo capítulo é uma procura de conceitos que possam ajudar a pensar e a descrever as «anomalias» do processo de formação territorial da Colômbia. Tentei avançar na ideia de unificar o conceito de território da tradição da geografia política com certo tipo de conceito de rede. A intuição básica é que é possível entender o território como um *tipo* de rede, conservando o foco na espacialidade do Estado, mas sem considerar este como uma entidade pura e de ação espacial homogênea, mas, ao contrário, como uma entidade heterogênea, que age através de intermediários, construindo redes de diferente qualidade e extensão, e em relação, antagônica ou não, com outras formas de espacialidade. Boa parte da minha inspiração provém da chamada *Actor-Network Theory* (ANT) de Bruno Latour e companhia, que basicamente tenta definir o «social» em termos de «associações», em lugar de defini-lo como uma dimensão, âmbito, camada o fatia da realidade, procurando ao mesmo tempo abrir espaço para a consideração do papel jogado na história dessas redes, ou *networks*, pela

grande heterogeneidade de entidades não-humanas que compõem o mundo junto conosco. Atualmente a versão mais prática e pedagógica desta linha de pesquisa é conhecida como «Cartografia de controvérsias». O nome já é bastante indicativo: trata-se de escolher uma controvérsia e explicá-la da melhor forma possível, «mapeá-la», no sentido metafórico, mas também inclusive visualmente, com a ideia de dar o máximo de voz possível ao máximo de entidades interessadas possível.

No terceiro capítulo elaboramos uma «anatomia» da *Nova Geografia da Colômbia*, procurando entender a sua lógica interna e notar os elementos constitutivos do pensamento geográfico ali exposto, entendendo por este a complexa relação entre os conceitos de clima, raça, nação, progresso, natureza, região, emigração, território, civilização, Estado, futuro, povo, trabalho e higiene, entre outras variáveis.

No quarto e quinto capítulo tento um exercício de análise da coleção de lâminas e mapas que acompanha a *Nueva Geografía*, desde o ponto de vista do seu conteúdo e da sua trajetória como «referências circulantes» (mais um conceito «laturiano», parecido ao de «intertextualidade», mas com um pouco mais de materialidade). Abordo a citada coleção procurando estabelecer possíveis aspectos do processo de circulação e transformação de referências de que estas imagens são resultado, assim como, tanto para o conjunto como em diferentes casos particulares, o sentido da sua inclusão. Assistimos a Vergara e à sua equipe de gravuristas tomar um considerável número de lâminas de paisagens dispersas em revistas e livros europeus de geografia como resultado das numerosas viagens de exploração que marcaram a época, agrupar, reordenar e modificar estas imagens e as suas legendas com o fim de incluí-las dentro da ordem que o autor entendia como nacional e à cujo estabelecimento desejava contribuir e, por outro lado, mostrar a potenciais migrantes tanto as virtudes quanto as dificuldades do país. Quanto aos mapas que acompanham a obra, encontramos um Vergara original, erudito, crítico y recursivo, que se interessa tanto pelas pesquisas de arquivo quanto pelos detalhes técnicos e a identificação e o aproveitamento dos dados mais fidedignos possíveis, já sejam levantados por exploradores nacionais ou por estrangeiros, e que neste sentido chega a questionar a qualidade dos mapas oficiais do país, derivados dos trabalhos de Agustín Codazzi, malogrados segundo o nosso autor pelos encarregados da sua publicação depois do falecimento do explorador italiano, através do recurso de convidar constantemente a comparar aqueles com os seus próprios.

Durante o trajeto desta pesquisa tenho vindo acumulando um considerável volume de materiais e documentos, uma parte deles estando composta de fotografias tomadas em diferentes arquivos e bibliotecas de Bogotá, e a outra por uma coleção de livros e mapas de época obtidos ao longo do caminho no universo em expansão das bibliotecas e arquivos digitais, e que já alcança os milhares de itens e ocupa uma centena de gigabytes.

Estes materiais, aparte da bibliografia, incluem, entre os principais: o arquivo pessoal de Vergara y Velasco, que inclui a sua correspondência, uma seleção de artigos da sua autoria e um volume de documentos diversos, militares e pessoais; boa parte das suas obras, impressas, digitalizadas por mim ou por diferentes arquivos e bibliotecas, incluindo diferentes edições da *Nova Geografia da Colômbia*, assim como uma boa parte dos numerosos artigos publicados por Vergara em revistas locais; uma coleção das menciones feitas a Vergara e resenhas das suas obras encontradas nas revistas francesas de geografia; os livros dos quais Vergara tomou as centenas de imagens que acompanham a *Nova Geografia*, assim como boa parte dos mapas usados por ele como fonte para a cartografia dessa obra; jornais de época; uma coleção dos mapas e atlas nacionais anteriores a Vergara; obras de diversos geógrafos e cartógrafos da época. Esta documentação, como mencionado, já alcança um volume considerável, e, como acontece com muitas pesquisas de este tipo, ficou ainda muito por processar, entender e descobrir.

A COLÔMBIA, UM PAÍS APESAR DE TUDO

Colombia: una nación a pesar de sí misma;⁹ *Colombia, país fragmentado, sociedad dividida*;¹⁰ e *El fracaso de la nación*,¹¹ são os títulos de trabalhos bem conhecidos sobre a história deste país.

Do primeiro deles desejamos ressaltar apenas à sua conclusão otimista: a Colômbia, apesar de tudo, é de fato uma *nação*. Eu, pessoalmente, não o considero assim. Penso que somos algo um pouco mais... básico, um *país*. *Há algo ali, sim*, apesar de muitas coisas. (O que é? Por que está ali?) Mas uma *nação*, *ainda* não. Ainda não porque, apesar de notórias mudanças recentes —uma aparência mais moderna, por exemplo, a superação do sesquicentenário bipartidismo com o surgimento de terceiros partidos na última década e meia (junto com os dois tradicionais, Liberal e Conservador, agora existe partido de esquerda, partido de extrema direita e partido verde), um certo aumento da classe média, assim como uma intensificação das relações do país com o «mundo», favorecidas pela Internet e a grande emigração de pessoas—, e apesar também do notável aumento do sentimento nacional (as três torcidas que decidiram continuar a cantar *a capella* o hino nacional na Copa do Brasil depois da música apagar foram a local, a do Chile e a da Colômbia), ou nacionalista —desafortunadamente de corte militarista— ainda predomina no país uma ideologia rigidamente classista, racista e excludente —apropriada inclusive de diversas maneiras pelas classes meias e populares emergentes. *Povo* (a diferencia do Brasil —que deve recorrer ao de *povão* para conseguir o efeito— e dos Estados Unidos, por exemplo) segue sendo um termo pejorativo, com quem ninguém deseja se identificar. *Povo*, desde as nossas origens míticas, é o contrário, a antítese da *nação*. E, se não nos identificamos como povo, como podemos ser uma verdadeira *nação*? Apesar também da maior interconectividade atual, os regionalismos, no mau sentido da palavra, mantêm muita da sua antiga força. E que dizer da guerra (que nos fez encarar o território com medo: «*lá é perigoso*»), que parece que nunca acaba —mas que tomara que acabe rápido? Como podemos

⁹ David Bushnell, *Una Nación a Pesar de Sí Mismo Bogotá* (Bogotá: Ed. Planeta, 1996).

¹⁰ Frank Safford and Marco Palacios, *Colombia: Fragmented Land, Divided Society*, Latin American Histories (New York: Oxford University Press, 2002).

¹¹ Alfonso Múnera, *El Fracaso de La Nación. Región Y Clase Y Raza En El Caribe Colombiano (1717-1810)* (Bogotá: Banco de la República - El Áncora Editores, 1998).

ser uma nação se ainda estamos em guerra? Ainda, aliás, falta muito o que fazer em termos de memória histórica no país pois, apesar de que estas últimas (oxalá) décadas de guerra encontram-se extensa e detalhadamente documentadas e narradas em diversos volumes produzidos por diferentes comissões oficiais de memória histórica,¹² a consciência nacional do que essa guerra *foi* (desejamos), é ainda precária —e desta forma não pode haver nação.

Mas *somos*, estamos ali, os colombianos, apesar de tudo, mesmo que «fragmentados e divididos». Nos identificamos. Negativamente, talvez: mais um elemento que superar para poder chegar a ser uma nação (não vale a pena?), mas temos uma certa identidade sim. Tal vez o elemento de continuidade na nossa história territorial seja a guerra, que, como afirma Múnera no citado *O fracasso da nação*, com a mobilização de tropas pelo território faz com que os habitantes de uma região conheçam as outras: o que seria uma verdade triste, mas que teríamos de reconhecer para mudar de enfoque e avançar historicamente.

A fisiografia do país tem sido geralmente consideradas entre os obstáculos, dificuldades ou causas que explicam as nossas carências institucionais e em geral toda as nossas anomalias: «um país de regiões», escassamente interconectadas, rivais, localistas, *autárquicas*... A diversidade geográfica é a riqueza do país e ao mesmo tempo a sua condena. O resultado é um Estado central fraco, que no final das contas nunca tem conseguido administrar o país com uma visão de conjunto, e que nas últimas décadas têm enfatizado a definição de «presencia nas regiões» como presença militar.

País fragmentado, sociedade dividida

Um dos autores que mais consistentemente tem utilizado o motivo da geografia como obstáculo é o citado Frank Safford, coautor (junto com Marco Palacios) do citado livro *Colombia, país fragmentado, sociedad dividida*, para quem a fragmentação regional do país— causada pela sua «topografia adversa», que produziu pequenos mundos fechados (os *Macondos*)—, atrasou o seu desenvolvimento tecnológico e explica a relativa debilidade do Estado e da autoridade estatal, assim como, no final das contas, a frequência das guerras civis.¹³

Este autor, já desde seus primeiros textos sobre a Colômbia considerava que a pobreza do país podia explicar-se em grande parte como uma consequência da sua «situação geográfica»: calor, febres, três grandes cadeias de montanhas dividindo-o fortemente, cada uma delas já por si muito

¹² Cf. <<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/>>

¹³ Safford and Palacios, *Colombia*, ix.

quebrada, chuvas tropicais que destroem os poucos caminhos, tudo fazendo o transporte muito caro e inibindo logicamente o mercado nacional, províncias isoladas do mundo e sem comunicação entre elas ...¹⁴

Alguns autores tem considerado esta percepção, que parece condenar o país à fragmentação e à divisão por causa da sua complexa configuração geográfica, como *pessimista*.¹⁵

Um olhar cartagenero

Para o citado historiador Alfonso Múnera, de Cartagena, «a nação fracassou porque a Nova Granada como unidade política não existiu nunca». Segundo ele, a Independência não foi o movimento de uma elite *criolla* com um projeto nacional, mas um conjunto de movimentos regionais, com projetos diferentes —e não apenas das elites.¹⁶

Múnera postula estas teses em oposição aos que ele considera como os principais supostos historiográficos do país, verdadeira «mitologia nacional» de extraordinária permanência —pois formulados por primeira vez pelo historiador e cartógrafo José Manuel Restrepo em 1827 na sua clássica *Historia de la revolución de la República de Colombia*,¹⁷ e reforçados depois pela *História de Colômbia* de Henao y Arrubla e inclusive por conhecidos *colombianistas* estrangeiros—, supostos segundo os quais ao início dos movimentos de Independência na América espanhola a Nova Granada era uma unidade política, governada desde Santa Fé, e cujas elites *criollos* se levantaram contra a Espanha o 20 de julho de 1810, com a ideia de formar uma nação independente. Múnera considera estes mitos elitistas e centralistas, pois desconhecem a ativa participação de pessoas e grupos de todo tipo diferentes aos *criollos* nos movimentos independentistas —muitas vezes com agendas próprias—, reservando toda a iniciativa e as ações decisivas aos *criollos*, e ocultando também as grandes rivalidades existentes entre diferentes províncias do país, particularmente entre as suas duas cidades principais, Santa Fé (Bogotá) e Cartagena.

Para Múnera, o vice-reino da Nova Granada «constituiu um caso extremo de debilidade de uma autoridade central, de ausência de coesão interna e de fragmentação regional ao longo do período

¹⁴ Frank Safford, “Foreign and National Enterprise in Nineteenth-Century Colombia,” *The Business History Review* 39, no. 4 (December 1, 1965): 506–507, doi:10.2307/3112601.

¹⁵ Germán Palacio, ed., *Naturaleza En Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia. 1850-1995* (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia - Icanh, 2001), 20.

¹⁶ Múnera, *El Fracaso de La Nación. Región Y Clase Y Raza En El Caribe Colombiano (1717-1810)*, 18.

¹⁷ José Manuel Restrepo, *Historia de La Revolución de La República de Colombia*, 11 vols. (Paris: Librería Americana, 1827), <http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=398170>.

colonial».¹⁸ Para este autor, as condições geográficas do país, junto com outros aspectos, jogaram um «papel essencial», influenciando poderosamente e condicionando fortemente a localização dos núcleos populacionais iniciais, assim como o desenvolvimento de diferentes «tipos» de sociedades em diferentes regiões. No seu conceito, «as abruptas separações criadas pela divisão dos Andes em três cordilheiras determinou de modo natural o estabelecimento de regiões relativamente autossuficientes».¹⁹ O autor apresenta por sinal um rasgo particular da sua região, o Caribe, que contrasta com o resto do país: «uma acentuada vocação a cultivar a relação com o exterior e uma visão mais cosmopolita».²⁰

Com relação às vias de comunicação, para Múnera, nada reforçou tanto os sentimentos de autonomia regional nem dificultou tanto o exercício da autoridade central no vice-reino do que «tragédia» que significava comunicar-se com a capital desde qualquer outro ponto importante das outras regiões do país. Em algumas páginas, Múnera faz a sua própria contribuição a um dos gêneros literários mais antigos e profícuos da literatura geográfica nacional: o relato da tortuosa viagem desde o caribe até Bogotá pelo rio Magdalena até o porto de Honda e ascendendo desde aqui até o altiplano: as grandes dificuldades para entrar no rio principal, as vicissitudes e incertezas derivadas das secas e das enchentes e do estado de ânimo dos bogas (os famosos remeiros do rio), os mosquitos... Depois a subida «quase vertical» até os Andes, apenas sessenta quilômetros mas que demandavam com sorte seis dias «nos quais o terror podia chegar a extremos não imaginados, a lombo de mula, bordeando precipícios sem fim».²¹ Para ir de outras capitais provinciais como Popayán o desde as cidades *antioqueñas*, tinham que atravessar-se as cordilheiras por abruptas «passagens», como a de Guanacos ou a de Quindío —célebre esta última principalmente por causa das descrições e lâminas de Humboldt. À fragmentação natural do país, não ajudava a situação dos caminhos. Isto explica para Múnera a falta total de recursos fiscais —causada pelo contrabando, principalmente de ouro (que fazia com que a coroa fecha-se caminhos) e uma estrutura latifundista improdutiva—, a miséria da economia do vice-reino —que vai se trasladar para a República, fazendo da pobreza da Colômbia em termos de produção, exportações e comércio interior, uma constante histórica, também proverbial na historiografia. O labor do Estado colonial, observa o autor, esteve necessariamente ao nível de seus ingressos.

No momento da Independência, ou melhor, ao início dos movimentos independentistas, e apesar dos esforços centralizadores efetuados nas anteriores décadas por parte do Estado Bourbon, segundo Múnera, «a fragmentação regional da Nova Granada [...] continuava sendo por obra da

¹⁸ Múnera, *El Fracaso de La Nación. Región Y Clase Y Raza En El Caribe Colombiano (1717-1810)*, 29.

¹⁹ Ibid., 34.

²⁰ Ibid., 39.

²¹ Ibid., 44.

natureza e da sua história a característica central da sua organização social e o fator determinante da sua cultura».²² A nação surgida da Independência, então, explica-se pela guerra, não apenas como o resultado da imposição andina —região que contava com os exércitos— mas também porque a guerra serviu para que tanto as massas de camponeses de «terra fria», quando as de *costeños* mobilizados como tropas «começaram a sentir como próprio aquele outro lado da pátria»: «Inventar a nação colombiana custou muitas guerras».²³

Uma imagem excludente da nação

Por outro lado, para o pesquisador Alexander Betancourt, na sua análise do tema nacional na historiografia colombiana, esta última, ao consagrar certos períodos, autores, personagens (e também lugares) como símbolos da unidade nacional e fundamento das suas instituições, «construiu um passado nacional incapaz de constituir uma imagem inclusiva da nação».²⁴ Segundo ele, a predominância real do sentimento regional por cima de uma pretendida coletividade nacional, mostra que os processos reais de reconhecimento da nacionalidade colombiana por parte de seus cidadãos e do sentimento de pertença a ela, tem tomado caminhos diferentes aos da memória histórica elaborada pelos historiadores.

Segundo Betancourt, o Estado Republicano tentou já dar forma à nação através da geografia por meio da Comissão Corográfica (1850-1859), dirigida pelo coronel italiano Agustín Codazzi, infelizmente falecido durante às suas explorações das províncias do norte do país —as últimas que faltavam-lhe por percorrer. Por esta mesma causa, o projeto nacional associado a ela ficou truncado, o qual, perante esta a «impossibilidade da geografia», levou o Estado, principalmente a partir do período da Regeneração —durante o qual Vergara y Velasco escreve a sua *Nova Geografia da Colômbia*— a adotar na religião a «fonte e a garantia» da ordem social.²⁵

Segundo ainda a Betancourt, durante a Regeneração a construção da nação foi assumida como o estabelecimento de fronteiras internas e externas: para fora com uma espécie de «cosmopolitismo patriótico» —remitindo aqui ao autor Frédéric Martínez, que examinaremos à continuação; e, internamente, através de uma certa «topologia moral» que divide o país entre «gente de montanha», para a qual ficavam reservadas as possibilidades de civilização, e as gentes das terras

²² Ibid., 52.

²³ Ibid., 222.

²⁴ Alexander Betancourt Mendieta, *Historia Y Nación. Tentativas de La Escritura de La Historia En Colombia* (Medellín: La Carreta Editores E.U. - Universidad Autónoma San Luis Potosí, 2007), 22.

²⁵ Ibid., 224.

baixas e quentes —isto é, com muito, a maior parte do país—, consideradas selvagens ou «mediadoras com a natureza».²⁶

(Essa «topologia moral», seja bom já registrar, tem profundas raízes, retraçáveis inclusive até as teorias de zonas climáticas dos antigos. Na nossa época de estudo apresentam-se na sua forma iluminista, batizada por Bourdieu, como lembrado pela pesquisadora Margarita Serje, de «efeito *Montesquieu*».²⁷ O motivo homem do clima temperado/homem do clima cálido vai chegar a Vergara principalmente através de Reclus).

Aquelas caracterizações, como observado também por Betancourt, vão ter uma notável permanência durante o século XX. Vejamos uma das suas conclusões mais gerais:

Os discursos históricos e as ações políticas que foram concomitantes à composição e caracterização essencial da sociedade colombiana desconhecera a complexa realidade das zonas marginais e de fronteira interior, os seus alcances circunscreveram-se à imagem pacata e recatada do altiplano central colombiano, imposta como «imaginário nacional». Esta imagem da coletividade nacional não tinha aplicação alguma como critério de unificação, tal como demonstraram os preconceitos que exprimiam os grupos letrados andinos acerca das chamadas «terras quentes» e a permanência dos regionalismos durante o século XX no âmbito de todas as relações entre o Estado e a sociedade colombiana.²⁸

O anverso da nação

Note-se, por outra parte, como a pesquisadora Margarita Serje decide abrir seu interessante já citado livro:

Efetivamente, «a Colômbia parece um grande quebra-cabeças com extensas áreas claramente definidas de influência de narcotraficantes ou grupos armados e zonas ainda em disputa» como afirma uma crônica da imprensa. Uma série de exércitos privados, de guerrilhas e de grupos paramilitares disputam ao Estado o controle territorial. Esta situação não é, no entanto, novidade: o Estado colonial não conseguiu nunca impor seu domínio na totalidade do território do que hoje constitui a Colômbia. Durante os três séculos de ocupação colonial, consolidaram-se uma série de

²⁶ Ibid., 226 O conceito de «topologia moral» é tomado por Betancourt do pesquisador Roberto Pineda Camacho, «La Constitución de 1991 y la perspectiva del multiculturalismo en Colombia». *Memórias del IX Congreso de la Asociación de Colombianistas*, Bogotá, Imprenta Patriótica, 1997, p. 97-139.

²⁷ Margarita Serje, *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie* (Bogotá: Ediciones Uniandes, 2005), 20.

²⁸ «Los discursos históricos y las acciones políticas que le fueron concomitantes a la composición y caracterización esencial de la sociedad colombiana desconocieron la compleja realidad de las zonas marginales y de frontera interior. Sus alcances se circunscribieron a la imagen pacata y recatada del altiplano central colombiano, impuesta como «imaginario nacional». Esta imagen de la colectividad nacional no tenía aplicación alguna como criterio de unificación, tal como lo demostraron los prejuicios que expresaban los grupos letrados andinos por las llamadas «tierras calientes» y la permanencia de los regionalismos durante el siglo XX en el ámbito de todas las relaciones entre el Estado y la sociedad colombiana». Betancourt Mendieta, *Historia Y Nación. Tentativas de La Escritura de La Historia En Colombia*, 261-262.

espaços articulados ao projeto de urbanização, à produção e ao comércio metropolitanos que ocuparam *grosso modo* o eixo norte-sul das três cordilheiras e a costa Caribe entre os rios Sinú e Magdalena. Paralelamente, houve um outro conjunto de zonas que se marginaram deste ordenamento devido a razões múltiplas, que apresentaram-se muitas vezes de maneira simultânea: frentes de resistência indígena ou *cimarrona* [quilombola], uma extrema dificuldade de acesso que as definiu em termos de isolamento, as suas características climáticas e naturais e/ou a carência de recursos identificados como interessantes ou exploráveis que as faziam pouco atraentes para o povoamento colonial. Entre estas regiões podem contar-se a Alta Guajira, a Serra Nevada de Santa Marta, a Serranía do Perijá, o Catatumbo, e o vale médio do rio Magdalena, a Serranía de San Lucas, o Alto Sinú y San Jorge, o Darién, o litoral Pacífico, o piedemonte oriental e a maior parte da Amazônia e da Orinoquia. Mais da metade do território nacional.²⁹

Estas terras, segundo Serje, tornaram-se refugio para as populações marginais, para escravos fugidos e contrabandistas, mas também para sociedades de resistência como as *rochelas* de «*libres de todos los colores*»³⁰ —segundo a expressão fiscal colonial— e os *palenques* —mais uma expressão para quilombo—, foram depois colonizadas pelos «*desplazados por la violencia*» —que é o nome eufemístico dado no país às grandes massas (milhões) de camponeses despossuídos pelo avanço violento do latifúndio—, e são hoje «zonas vermelhas» (ou seja, zonas guerrilheiras), isto é, constituem os «baixos fundos do espaço nacional, seu anverso, seu negativo».³¹

Para esta autora, os «políticos geógrafos» do século XIX (que não houve poucos), dando continuidade o «olhar imperial» de Humboldt —que esvazia os espaços americanos para apresentá-los como disponíveis para a ação imperial e que com sua geografia das plantas iria legitimar uma divisão horizontal da Colômbia (o país andino oposto à terra quente)—, naturalizaram esta concepção e implementaram aquele modelo excludente como paradigma para conceber o território colombiano, a sua população e a sua natureza, ao ponto de torná-la um dos relatos fundamentais da nação, todo um mito fundacional —ao que poderia sobrepor-se o outro mito, «o país de regiões», sem afetar o anterior—, tão eficaz que apesar de toda a sua violência manteve uma longa continuidade histórica:

²⁹ «Efectivamente, “Colombia luce como un gran rompecabezas con extensas áreas claramente definidas de influencia de narcotraficantes o grupos armados y zonas aún en disputa”, como lo afirma una crónica de la prensa. Una serie de ejércitos privados, de guerrillas y de grupos paramilitares le disputan al Estado el control territorial. Estas situación no es, sin embargo, novedosa: el Estado colonial no logró nunca imponer su dominio en la totalidad del territorio de lo que hoy constituye Colombia. Durante los tres siglos de ocupación colonial se consolidaron una serie de espacios articulados al proyecto de urbanización, a la producción y al comercio metropolitanos que ocuparon grosso modo el eje norte sur de las tres cordilleras y la costa Caribe entre los ríos Sinú y Magdalena. Paralelamente, hubo otro conjunto de zonas que se marginaron de este ordenamiento debido a razones múltiples, las que se presentaron muchas veces de manera simultánea: frentes de resistencia indígena o cimarrona, una extrema dificultad de acceso que las definió en términos de aislamiento, sus características climáticas y naturales y/o la carencia de recursos identificados como interesantes o explotables que las hacían poco atractivas para el poblamiento colonial. Entre estas regiones se pueden contar La Alta Guajira, la Sierra Nevada de Santa Marta, la Serranía del Perijá, el Catatumbo y el valle medio del río Magdalena, la Serranía de San Lucas, el Alto Sinú y San Jorge, el Darién, el litoral Pacífico, el piedemonte oriental y la mayor parte de la Amazonia y la Orinoquia. Más de la mitad del territorio nacional». Serje, *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie*, 3–4.

³⁰ Cf. Marta Herrera Ángel, *Ordenar para controlar: ordenamiento espacial y control político en las llanuras del Caribe y en los Andes Centrales Neogranadinos, siglo XVIII* (Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia : Academia Colombiana de la Historia, 2002).

³¹ Serje, *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie*, 4.5.

A portentosa geografia [da Colômbia] aparece cruzada e dividida por insuperáveis obstáculos que separam as terras altas, que como a Europa temperada são o hábitat natural da civilização, do progresso e o desenvolvimento; e as terras baixas, povoadas por selvagens, e por negros e zambos *calentanos*, sumidos no atraso e na preguiça.³²

O nacionalismo (sem território)

É importante neste reconto o trabalho do pesquisador Frédéric Martinez acerca da «referência à Europa» no processo de construção nacional da Colômbia na segunda metade do século XIX —ambígua, pode ser, mas também onipresente: «é frente a Europa, é contra Europa, como se constituem as novas nações hispano-americanas».³³

A descrição que faz do país este autor consoa com as outras que vimos registrando:

No século XIX, a Colômbia é um país pobre, ao margem das grandes trocas transatlânticas, sejam humanas ou econômicas. É um país que conta com poucos residentes europeus, já que não oferece maior interesse econômico para as potências e que também não recebe emigração europeia. As dificuldades climáticas e topográficas dos Andes equatoriais, a falta de fontes de riqueza estáveis e facilmente exploráveis e um incessante entorno de guerras civis são dissuasivos para a chegada de capitais ou de população. Pese ao interesse que desperta nas potências a abertura do canal de Panamá a finais do século —uma região, aliás, bastante afastada da vida política nacional— a Colômbia é durante todo o século XIX um dos países latino-americanos menos integrados à economia mundial.³⁴

Em termos de imigração, a Colômbia de fato caracterizava-se para autor por uma «baixa competitividade objetiva» com relação a outros países, devida à insuficiência e ao custo das conexões transatlânticas para o país, às dificuldades de acesso às suas regiões interiores, à obrigação de atravessar as terras baixas insalubres, à ocupação anterior das terras boas nas regiões altas, às dificuldades para o desmonte das florestas equatoriais, à falta de experiências de imigração exitosas que pudessem servir de modelo, à insuficiência de ajudas governamentais e à frequência das guerras civis.

³² «Su portentosa geografía aparece cruzada y dividida por insalvables obstáculos que separan las tierras altas, que como la Europa temperada son el hábitat natural de la civilización, del progreso y el desarrollo; y las tierras bajas, pobladas por salvajes y por negros y zambos calentanos, sumidos en el atraso y la pereza». Ibid., 242.

³³ Frédéric Martínez, *El Nacionalismo Cosmopolita. La Referencia Europea En La Construcción Nacional En Colombia, 1845-1900* (Bogotá: Banco de la República - Instituto Francés de Estudios Andinos, 2001), 40.

³⁴ «En el siglo XIX, Colombia es un país pobre, al margen de los grandes intercambios transatlánticos, sean humanos o económicos. Es un país que cuenta con muy pocos residentes europeos, ya que no ofrece mayor interés económico para las potencias y que tampoco recibe inmigración europea. Las dificultades climáticas y topográficas de los Andes ecuatoriales, la falta de fuentes de riqueza estables y fácilmente explotables y un incesante entorno de guerras civiles son disuasivos para la llegada de capitales o de población. Pese al interés que despierta en las potencias la apertura del canal de Panamá a finales del siglo —una región, por lo demás, algo apartada de la vida política nacional— Colombia es durante todo el siglo XIX uno de los países latinoamericanos menos integrados a la economía mundial». Ibid., 43.

A debilidade do Estado, herdada da dificuldade colonial para coletar os impostos e da desconfiança popular com o poder, é também registrada pelo autor.

No entanto, segundo Martínez, o discurso isolacionista dos governos conservadores que controlaram o Estado de 1880 a 1930, e o mito do isolamento que surgiu como resultado, deve revisar-se, pois, apesar da geografia, não deixaram de circular pelo país pessoas, livros, periódicos e imaginários, de fato, como afirma o autor, o país foi cenário duma considerável circulação de imaginação política —e científica podemos acrescentar.

Para Martínez, chama a atenção a precocidade do radicalismo liberal do país, que segundo ele dominou no segundo tercio do século, da mesma forma em que ressalta o fato de que a esta hegemonia seguisse uma onda de «neotradicionalismo político» que iria dominar a cena nas últimas duas décadas do século e que é conhecida como Regeneração —datada para este autor a partir da primeira presidência do poeta e político *cartagenero* Rafael Núñez (1880) e até o início da Guerra dos Mil Dias (1899), tendo seu clímax em 1886 com a promulgação de uma Constituição.

Como mencionado na introdução, aparte de Núñez, a figura mais emblemática da Regeneração é o político e literato Miguel Antonio Caro, principal autor da Carta de 1886 e várias vezes presidente ou chefe de fato do executivo. Entanto que Núñez representa uma visão um pouco mais moderna e cosmopolita do país, Caro, que praticamente nunca chegou a sair do altiplano bogotano,³⁵ representa a tendência mais dogmática, autoritária e extremista da Regeneração.

(Este período, estendido até 1930, é conhecido na historiografia colombiana como o da «Hegemonia conservadora». Esta classificação guarda um enorme silêncio: o período presidencial de Rafael Reyes [1904-1909] e o subsequente governo do efêmero partido União Republicana [1910-1914], que são normalmente pulados na bibliografia e que carecem totalmente de trabalhos modernos de fôlego. Reyes —ao igual do que Vergara—, apesar de compartilhar muitos elementos do núcleo regenerador [em particular o hispanismo e o catolicismo], definitivamente não se encaixa ao modelo de pensamento dos «presidentes gramáticos» que nunca saíram de Bogotá. Se um dos vazios quase absolutos da historiografia especializada em geografia corresponde a Vergara y Velasco, o outro vazio enorme da historiografia do período corresponde a Reyes [tal vez por causas similares?]. Na minha opinião, Reyes é um dos homens mais importantes do período ocorrido entre 1875 e 1909 desde o ponto de vista da história territorial da Colômbia. As relações entre Reyes e Vergara serão ambíguas.)

³⁵ Caro vangloriava-se de não precisar de um conhecimento direto do território para governá-lo. Fernando Cubides, “Representaciones Del Territorio, de La Nación Y de La Sociedad En El Pensamiento Colombiano Del Siglo XIX: Cartografía E Geografía,” in *Miguel Antonio Caro Y La Cultura de Su época*, ed. Rubén Sierra Mejía (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Sede Bogotá, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Filosofía, 2002), 335. Bruno Latour diria que ele está correto em princípio: todo governo executa-se à distância; por isto podemos já dizer que observamos ter o Estado forma de rede). Mas apenas em princípio, pois, desde meu ponto de vista, Caro supervalorizava a sua capacidade real, material e circunstancial para fazê-lo.

Para afirmar os seus princípios de ordem, voltando a Martínez, a Regeneração outorga prioridade a duas questões: a instauração do centralismo político, em primeiro lugar —pois a instabilidade do sistema ultra-federativo era já então palpável—, e, em segundo, a reabilitação da Igreja como ator nacional central. Ao vencer na guerra civil ocorrida durante seu segundo mandato, Núñez adquire a força necessária para convocar um Conselho de Delegatários para redigir uma nova constituição, promulgada no ano seguinte, e que se conhece como a Constituição de 1886 —com mudanças importantes, vigente até um ano tão recente como o de 1991. Como podemos ver, em todos os aspectos a Regeneração deixou marcas de longa duração.

Esta nova constituição converte o país em «república unitária» —pelo menos no papel—, conformada por Departamentos em lugar de Estados, restringe os direitos de sufrágio e certas liberdades públicas —particularmente a imprensa. Um ano depois firma-se uma Concordata com o Vaticano que completa a obra, devolvendo à Igreja as propriedades confiscadas durante os períodos radicais (com indenização), confiando a ela o registro do estado civil e, sobre tudo, a educação...

...e também o território, pois, como lembra a citada pesquisadora Serje, aquelas áreas que ela chama o «anverso da nação», os chamados até então Territórios Nacionais («os menos nacionais dos territórios», como bem observa a autora), são, neste acordo, declarados Territórios de Missões e, na prática, entregues à Igreja para a sua direta administração. O mapa que acompanha a afirmação da autora é impactante:³⁶

³⁶ «Territórios selvagens da Administração Missionar». Tomado pela autora de Víctor Manuel Bonilla, 1969. Serje, *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie*, 7.

Figura 2: «Territórios selvagens da a Administração Missionar»

Mas, voltando de novo a Frédéric Martínez, este autor já tinha mostrado em outro texto³⁷ a maneira em que depois de um processo de experimentação institucional (em boa parte jurídica) veio a partir do fim da década dos anos sessenta deste século XIX uma nova dinâmica alimentada do propósito de construir uma autoridade estatal.

O Estado central tinha-se reduzido em proveito dos poderes locais e regionais; a abolição dos monopólios ou *estancos* que eram a sua única fonte certa de ingressos, somada à arrematação dos bens da Igreja, tinha transladado para as mãos de particulares as poucas riquezas públicas. As tendências disgregadoras eram já evidentes e os dirigentes de ambos partidos acabaram por convencer-se da necessidade de construir um Estado nacional, sendo a dinâmica neste sentido a política central dos últimos três decênios do século.

Segundo Martínez, os dois grandes projetos deste período, o Estado Radical e depois a Regeneração, a pesar das suas notórias diferenças, compartilham um certo entusiasmo nacionalista e centralista e tem em comum a preocupação pela instauração de uma ordem estatal através de ferramentas ou modelos institucionais importados. Na expressão de Martínez, «se a procura da liberdade política ti-

³⁷ Frédéric Martínez, "En Busca Del Estado Importado: De Los Radicales a La Regeneración," *Anuario Colombiano de Historia Social Y de La Cultura*, no. 23 (1996): 115–42.

na sido por essência *americana*, a construção daquela ordem ia ser *européia* nos seus modelos de inspiração»,³⁸ isto dado que os federais Estados Unidos entravam então em guerra civil e a experiência do também liberal México tinha demonstrado os perigos da divisão interna, entanto que na Europa avançavam projetos unitaristas na Alemanha, na Itália, na França e na Espanha: o Estado centralizado recuperava prestígio, e os «estragos» do federalismo eram também por demais óbvios e os dirigentes sentiam a ameaça da dissolução total e da desestabilização permanente.

Assim, segundo ainda a Martínez, «sob a dupla influência da evolução política interna e da transformação da referência a Europa, vai-se delineando o projeto radical desses anos: trabalhar pela homogeneização nacional com ajuda de instrumentos importados da Europa».³⁹

O ano de 1867 é indicado por Martínez como um «ponto de inflexão essencial» na procura do Estado, pois marca a culminação do processo de federalização que tinha iniciado com a constituição de 1853 —que reconhecia às províncias o direito de adotar constituições próprias, o que de fato fizeram—, e que tinha se cristalizado na Constituição de 1863 com a criação de nove Estados Soberanos.

No período compreendido entre esses anos os adversários que em ambos partidos possuía o presidente e geógrafo Tomás Cipriano de Mosquera (que foi um dos principais protagonistas das principais agitações da época) procuraram ao máximo desde o congresso enfraquecer o poder central com o fim de neutralizar as tendências autoritárias do chamado *Gran General*, mas, depois da sua saída definitiva do governo, o país irá passar a um curto período de ambiente conciliador que irá constituir a «idade de ouro» do radicalismo colombiano até a sua seguinte divisão, em 1875, a partir do surgimento duma facção liderada por Núñez, e a interrupção definitiva desse projeto pela guerra de 1876-1877.

Para Martínez, esta guerra foi motivada pela resistência conservadora de alguns Estados, como a católica Antioquia, ao que era (junto com a produção de códigos jurídicos inspirados nos europeus) um dos principais recursos homogeneizadores dos radicais: a instrução pública, que, segundo eles insistiam enfaticamente, devia de ser laica —sendo esse um dos pontos de mais acirrada divergência histórica entre os dois partidos.

Para Martínez, em todo caso, há mais continuidade do que comumente se pensa entre os radicais e a Regeneração. Esta última, com diferencias, continuará a buscar uma ordem estatal importada, dando continuidade, se bem que de maneira distinta, à vontade centralista, unitarista e nacionalista do período radical.

³⁸ Ibid., 116.

³⁹ «Así, bajo la doble influencia de la evolución política interna y de la transformación de la referencia a Europa, se va delineando el proyecto radical de esos años: trabajar en la homogeneización nacional con la ayuda de instrumentos importados de Europa». Ibid., 120.

As duas diferenças fundamentais entre os dois projetos, no entanto, para Martínez, são, em primeiro lugar, que os promotores da Regeneração não procuravam, como os liberais, a modernização da sociedade através da educação, mas apenas a sua *contenção*, isto é, neutralizar os riscos aparentes de explosão social; e, em segundo lugar, o papel outorgado à Igreja por parte da Regeneração como centro da ordem social. Para Martínez, o projeto regenerador reconhece que o Estado não tinha a força suficiente para implementar a autoridade sem ajuda da Igreja, dando-se assim o caso de um projeto político que procura a construção da autoridade estatal através desta instituição religiosa, outorgando a ela como dizemos um papel destacado tanto na educação como na gestão territorial. Segundo *Nacionalismo cosmopolita* de Martínez, é o temor à conflagração social que leva à Regeneração a uma crítica, também não isenta de ambiguidades, da Europa subversiva, principalmente materializada na França pela imagem da Comuna de Paris, e reforçada localmente por diferentes sinais de alerta que tinha dado o povo com as revoltas do meio século, as revoltas do pão em 1875 e o «pequeno *Bogotazo*» de 1893.⁴⁰

Este medo à «contaminação» europeia se reflete também em um discurso oposto à migração, quebrando um antigo consenso no país. O que antes tinha sido visto como um fracasso, é agora apresentado como uma benção. O Brasil e a Argentina eram mencionados como prova dos riscos de subversão social introduzidos pelos imigrantes com ideias socialistas e anarquistas. A migração colocava em perigo, para eles, «a unidade, o espírito nacional e a língua».

Nesse sentido a Regeneração vai virar os olhos para Inglaterra e Espanha. O primeiro país é caracterizado como medida justa entre ordem e liberdade, o «liberalismo conservador». E, com respeito a Espanha, logo de décadas de indiferença ou desprezo, este país começa a receber viajantes colombianos e apologias ao seu legado, entre as mais notáveis as de José María Vergara y Vergara (tio de Vergara y Velasco), que tinha escrito anos antes uma *Historia de la literatura en Nueva Granada* para mostrar a existência duma cultura literária durante a colônia.

A República Espanhola de 1873, como descobre Martínez, revive a curiosidade colombiana pela Espanha, que aspira também a alcançar a ordem depois de anos de convulsão interna. Martínez encontra um paralelo evidente entre as fórmulas retóricas dos espanhóis e as usadas pelos regeneradores: o termo «república autoritária», usado por Caro, a citada fórmula do «liberalismo conservador», a restrição da imprensa, a consolidação administrativa, a modernização do exército, a restrição do sufrágio, todos são elementos da regeneração que se podem retrair até lá.

O «apogeu» da hispanidade institucional neste período dá-se através da criação de uma Academia da Língua, liderada pelo citado Vergara y Vergara e reconhecida pela sua correspondente espanhola, as-

⁴⁰ Cf. David Sowell, "The 1893 Bogotazo: Artisans and Public Violence in Late Nineteenth-Century Bogota," *Journal of Latin American Studies* 21, no. 2 (May 1, 1989): 267–82, <http://www.jstor.org/stable/156994>.

sim como através das comemorações do quarto centenário do Descobrimento de América, durante as quais, por exemplo, denunciavam-se como falsas as «fábulas» acerca da destruição dos indígenas por parte dos espanhóis.

Depois da promulgação da Constituição de 1886 e da Concordata de 1887, Núñez retira-se da cena ficando como encarregados do projeto Carlos Holguín e o citado Miguel Antonio Caro. Completada desta forma a base jurídica, inicia-se então uma outra fase da Regeneração, caracterizada pela importação dos instrumentos da ordem: congregações religiosas, exército, polícia, direito civil e contabilidade pública. A imigração —que em tudo caso nunca chega— volta a ganhar espaço no discurso, mas esta deve ser hispânica e católica, e, se de outras partes, selecionada com prudência.

Para o autor, esta importação de modelos não se fez sem dificuldades ou ambiguidades,⁴¹ e, no final das contas, os dois projetos, radical e regenerador, dada a sua inadequação ao contexto nacional, não vão conseguir os efeitos desejados e conhecerão a desilusão (na forma de guerras civis).

Esta ordem regeneradora, baseada no autoritarismo e a repressão, que dentro do seu mito do isolamento rejeita a modernidade material exaltando uma suposta «felicidade» rural, e que, ao igual do que a ordem radical via o povo apenas desde um ponto de vista instrumental, acabou desprestigiando-se, a rejeição popular pelas medidas de ordem se revelando nas revoltas de janeiro de 1893, e seu fracasso final evidenciado na explosão da guerra dos Mil Dias, promovida segundo Martínez pelo partido Liberal ao encontrar fechados para ele todos os canais institucionais de interlocução. Aparte do catolicismo, o povo não tinha aceito as instituições implantadas.

E a geografia, e a «ordem» territorial, não ocupou ao Estado Regenerador? Por que esta gritante ausência? Porque, por exemplo, não promoveu a formação de sociedades geográficas, nesse exercício importador de instituições? Frédéric Martínez praticamente não toca o tema do território —o que de fato é significativo—, mas uma das suas conclusões permite-nos compreender porque o território e a ordem territorial não estão dentro das prioridades da Regeneração, e o fundamento da ideologia geográfica andinocêntrica e excludente que se implementou nesta época como ideologia nacional e que vimos registrando nestas páginas:

O estudo do discurso nacionalista forjado pelos dirigentes da Regeneração, conduz a entrever o predomínio da definição negativa, a definição pelo inimigo. A Colômbia não era industrial e devia deixar de querer sê-lo; não estava submetida à influência subversiva europeia e era o melhor que lhe podia acontecer. Com exceção do catolicismo, que constitui sem dúvida a única definição afirmativa, positiva, os outros elementos de definição são negativos e aparecem deduzindo o que a Colômbia não é. A empresa, muito hábil, dos ideólogos da Regeneração consiste em reivindicar como representação nacional precisamente aquilo que a Colômbia não é. [...] estes elementos de

⁴¹ Sabemos que todo deslocamento efetua-se não sem esforço e transformação. Cf. Valérie November, Eduardo Camacho-Hübner, and Bruno Latour, “Entrando em território arriscado,” trans. David Palacios, *Terra Brasilis (Nova Série)*. *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 2 (June 21, 2013), doi:10.4000/terrabrasilis.903.

uma definição nacional, imposta à sociedade colombiana a finais do século XIX, chocam com a realidade, a qual, se não é totalmente contrária a eles, lhes coloca sérias objeções, como se a definição nacional proposta ao país devesse servir para contrabalançar à sua realidade pelo verbo, devesse exorcizar, pela magia da palavra, as características —os *defeitos*, as *taras*, teriam dito os regeneradores— da sociedade colombiana.⁴²

Se lemos este parágrafo em chave geográfica ou territorial, se estendemos ao território esta «definição a partir do que não somos», esta negação do real por parte da Regeneração, talvez possamos entender a lógica que operou na instauração de uma ideologia geográfica que acabou por impor ao país uma visão negativa de si mesmo e de seu ser territorial baseada na subvalorização das terras baixas e quentes que constituem a sua maior parte, como vimos mostrando nestas páginas. Que resultados históricos pode ter a exclusão da maior parte do território, junto com seus habitantes, da ideia de nação? Como podemos ser uma nação, se a nossa ideologia geográfica nacional nega, rejeita, subvaloriza, condena e detesta as «terras baixas» que constituem a maior parte da superfície do país e, por extensão, a seus habitantes? Não traz, como toda negação, traumas, e crises de identidade? Não criou esta ideologia de radical exclusão, ressentimentos e, no final das contas, *violências*?

O poder da gramática

Aquela «hipertrofia do verbo» —expressão de Martínez— característica da Regeneração, aquela «magia da palavra» em que segundo ele tanto se fundamentaram as suas lideranças, remete necessariamente ao estudo do pesquisador Malcom Deas acerca do «poder da gramática» neste contexto.⁴³ Para Deas «a gramática, o domínio das leis e dos mistérios da língua, era um componente muito importante da "Hegemonia conservadora" [que Deas também data homogeneamente de 1885 até 1930], e cujos efeitos persistiram até tempos muito mais recentes».⁴⁴

⁴² «El estudio del discurso nacionalista forjado por los dirigentes de la Regeneración, conduce a entrever el predominio de la definición negativa, la definición por el enemigo. Colombia no era industrial y debía dejar de querer serlo; no estaba sometida a la influencia subversiva europea y era lo mejor que le podía suceder. Con excepción del catolicismo, que constituye sin duda la única definición afirmativa, positiva, los otros elementos de definición son negativos y aparecen deduciendo lo que Colombia no es. La empresa, muy hábil, de los ideólogos de la Regeneración consiste en reivindicar como representación nacional aquello que Colombia no es. [...] estos elementos de una definición nacional, impuesta a la sociedad colombiana a finales del siglo XIX, se chocan con la realidad, la cual, si no les es totalmente contraria, les plantea serias objeciones, como si la definición nacional propuesta al país debiera servir para contrabalancear su realidad por el verbo, debiera exorcizar, por la magia de la palabra, las características —los defectos, las taras, habrían dicho los regeneradores— de la sociedad colombiana». Martínez, *El Nacionalismo Cosmopolita. La Referencia Europea En La Construcción Nacional En Colombia, 1845-1900*, 540–541.

⁴³ Malcolm Deas, *Del Poder Y La Gramática: Y Otros Ensayos Sobre Historia, Política Y Literatura Colombianas* (Bogotá: Taurus, 2006).

⁴⁴ «La gramática, el dominio de las leyes y de los misterios de la lengua, era componente muy importante de la hegemonía conservadora que duró de 1885 hasta 1930, y cuyos efectos persistieron hasta tiempos mucho más recientes». Ibid., 30.

Deas registra como, com notável frequência, os chefes regeneradores e os da hegemonia conservadora inclinavam-se pela redação de dicionários, poesias e obras costumbristas, assim como pela elaboração de manuais gramaticais, tratados da prosódia e do particípio, assim como pela tradução de obras clássicas. No entanto este interesse pelo domínio da língua não era exclusivo dos conservadores: opositores liberais, como Rafael Uribe Uribe, o principal deles —durante anos um dos poucos representantes desse partido no congresso—, redigiu um dicionário e estudou latim com o fim de impressionar a Caro.

(Houve altíssimos debates no Congresso sobre o uso da conjunção «y», como preferiam os conservadores, em lugar da «i», como usavam os liberais radicais, que acusavam os anteriores de adotar o estilo do «funesto monarca» Felipe II. Não posso deixar de copiar o aponte de Deas: «Em vão apontou Caro que Felipe II tinha favorecido o "i", como os radicais». Pela nossa parte podemos notar que as «*Jeografias*», com «J» e sem acento no «i», são liberais. A «*Geografía*» com «g» e acento agudo, como a de Vergara, corresponde à ortografia moderna, que se estabiliza logicamente durante a Regeneração: o presidente escrevia a gramática escolar).

Mas por que a intensidade desta preocupação por parte desses dirigentes? Para evitar a fragmentação da língua e desta forma preservar a comunicação com o mundo hispanofalante, como alguns deles justificavam? O autor pensa que não. Para Deas,

A preocupação com o idioma não se derivava do temor ao isolamento, embora a Colômbia estivesse isolada, nem do minguante nível de comunicação com os mexicanos, chilenos ou argentinos que [a Miguel Antonio Caro] lhe importavam pouco. Parece-me que o interesse radicava em que a língua permitia a conexão com o passado espanhol, o que definia a classe de república que estes humanistas queriam.⁴⁵

Este ênfase nas questões filológicas, gramaticais, jurídicas e filosóficas da Regeneração, assim como a entrega da administração dos fundos territoriais do país à Igreja católica, não constitui uma forma de *negligência territorial*? (Vamos lá: não se *perderam* durante este período —para outros, que os ganharam—, vastos fundos territoriais e pontos estratégicos [como o istmo de Panamá e as saídas navegáveis ao rio das Amazonas]? Não continuam sendo as partes baixas e quentes da Colômbia as «zonas vermelhas» e as regiões mais abandonadas e pobres do país?)

Vejamos uma citação de uma das obras mais completas e para mim uma das mais interessantes acerca da história da geografia na Colômbia no século XIX, o livro do pesquisador Efraín Sánchez intitulado *Gobierno y Geografía*:

⁴⁵ «La preocupación por el idioma no se derivaba del temor al aislamiento, aunque Colombia estuviera aislada, ni del minguante nivel de comunicación con los mexicanos, chilenos o argentinos, que le importaban poco [a Miguel Antonio Caro]. Me parece que el interés radicaba en que la lengua permitía la conexión con el pasado español, lo que definía la clase de república que estos humanistas querían.» Ibid., 48.

A sucessora da Comissão Corográfica foi a Oficina de Longitudes, criada em 1909, cinquenta anos depois do falecimento de Codazzi. Durante esse período o avanço em geografia foi principalmente obra de estrangeiros que visitavam o país de maneira esporádica. Curiosamente, no entanto, foi a época de ouro, se houve alguma na história da Colômbia, da descrição geográfica. Publicaram-se mais de cem livros de geografia geral, nacional, regional e urbana, no que constitui quicá caso único na América Latina. Muitos deles não foram mais do que livros de texto destinados às escolas fundamentais e secundárias, mas outros têm genuíno interesse desde um ponto de vista regional. Na sua grande maioria, estas obras tem como fundamento o trabalho de campo realizado por Codazzi e difundido por Felipe Pérez nas suas *Jeografías*.⁴⁶

Pode dizer-se mesmo que houve «negligência territorial» no meio de toda essa produção de livros? Penso que sim, porque é ao Estado que corresponde a *consciência territorial*, e o Estado Regenerador não a teve. Pelo contrário, produziu uma ideologia *anti-territorial* com consequências de longa duração. Além das provas analíticas, a prova *post factum* da perda de Panamá em 1903 e de extensos fundos territoriais com todos os vizinhos nos anos seguintes, é eloquente, como é também a subordinação atual daquelas mesmas áreas dentro da ordem nacional.

(O que pode fazer um geógrafo no Estado Gramatical?)

(O de Vergara y Velasco será um daqueles livros de texto baseado na *Jeografia* de Felipe Pérez?)

Formação territorial (do Brasil)

O contraste entre a Colômbia e o Brasil em termos da sua história territorial é basante nítido e eloquente. Vejamos apenas duas citações do clássico *Ideologías geográficas* do pesquisador Antonio Carlos Robert Moraes:⁴⁷

Na verdade, a história brasileira é um contínuo processo de expansão territorial, ainda em curso na atualidade. Tal situação marca profundamente essa particularidade. Já em termos genéticos, a história do Brasil remonta ao expansionismo lusitano. O país tem assim, por antecedente, o signo da conquista territorial.⁴⁸

Obra da conquista territorial, de apropriação de espaço, de exploração do homem e da terra. De construção de uma sociedade e de um território. De uma sociedade que tinha a construção do

⁴⁶ Efraín Sánchez, *Gobierno Y Geografía. Agustín Codazzi Y La Comisión Corográfica de La Nueva Granada* (Bogotá: Banco de la República - El Áncora Editores, 1999), 591–592 «La sucesora de la Comisión Corográfica fue la Oficina de Longitudes, creada en 1909, cincuenta años después del fallecimiento de Codazzi. Durante ese período el avance en geografía fue principalmente obra de extranjeros que visitaban el país de manera esporádica. Curiosamente, sin embargo, fue la época de oro, si hubo alguna en la historia de Colombia, de la descripción geográfica. Se publicaron más de cien libros de geografía general, nacional, regional, y urbana, en lo que constituye quizás caso único en América Latina. Muchos de ellos no fueron más que libros de texto destinados a las escuelas primarias y secundarias, pero otros tienen genuino interés desde un punto de vista regional. En su gran mayoría, estas obras tienen como fundamento el trabajo de campo realizado por Codazzi y difundido por Felipe Pérez en sus *Jeografías*».

⁴⁷ Antonio Carlos Robert Moraes, *Ideologías Geográficas* (São Paulo: Editora Hucitec - Annablume, 2002).

⁴⁸ Ibid., 94.

território como elemento de identidade. De berço, o nacional é em muito o territorial.⁴⁹

Pode dizer-se o mesmo da Colômbia? Pode descrever-se à Colômbia como uma sociedade que tinha a construção do território como elemento unificador? Segundo o discutido, evidentemente não.

Segundo este autor, em outro texto, o Estado-nação seria a forma por excelência na modernidade do exercício legítimo do poder e da representação política. Os estados afirmam-se como entidades territoriais:⁵⁰

O Estado adquire relevo enquanto agente de transformação geográfica da superfície terrestre, atuando como filtro e motor no relacionamento das sociedades com seus espaços, num jogo tenso que se explicita em muito nas representações coletivas hegemônicas em cada período e em seus projetos espaciais, substantivados nas políticas territoriais dos diferentes governos.⁵¹

(Que acontece quando um Estado não se afirma territorialmente? E quando as representações coletivas hegemônicas de um país com respeito a seu território são negativas?)

Para Moraes, nos países de formação colonial o imperativo territorial é mais notório:

Nos países de formação colonial, a conquista de espaços aparece como um elemento estruturador da sociabilidade política, fornecendo não apenas um projeto prático para a organização e atuação do Estado e das elites, mas também um forte argumento ideológico de legitimação de suas ações e objetivos.⁵²

(E quando a conquista de espaços não tem nada a ver com a iniciativa do Estado [pelo menos não num sentido positivo], mas com dinâmicas regionais, como na Colômbia?)

Segundo o professor Moraes, o *território* seria uma entidade jurídico-política cuja soberania sobre um espaço é internacionalmente reconhecida; o *território usado* seria uma fração desse espaço, aquele de fato integrado economicamente ao país e dotado duma estrutura produtiva; e *fundos territoriais* (conceito que provém do pesquisador Milton Santos)⁵³ constituiriam uma espécie de reservas desde o ponto de vista da geopolítica estatal. (Mas e quando estes fundos são desprezados, subvalorizados e denigrados como o oposto da nação?)

A principal tarefa do novo Estado brasileiro independente, segundo este mesmo autor, foi então a de «manter o domínio e a integralidade desses fundos», assim como à sua incorporação ao território usado do país foi a meta básica estabelecida para o Estado imperial.⁵⁴

⁴⁹ Ibid., 97.

⁵⁰ Antonio Carlos Robert Moraes, “A Afirmação Da Territorialidade Estatal No Brasil: Uma Introdução,” in *Questões Territoriais Na América Latina*, ed. Amália Inês Geraiges de Lemos, Maria Laura Silveira, and Mónica Arroyo, Coleção Edição E Distribuição Cooperativa. Por Uma Geografia Latino-Americana (São Paulo: CLACSO/ FFLCH-USP, 2006), 42.

⁵¹ Ibid., 46.

⁵² Ibid., 45.

⁵³ Antonio Carlos Robert Moraes, *Território Na Geografia de Milton Santos* (São Paulo: Annablume, 2013).

⁵⁴ Monica Duarte Dantas and Antonio Carlos Robert Moraes, eds., “Nação E Território: Ideologias Geográficas Na Formação Histórica Do Brasil,” in *Fórum Rumos Da Cidadania Campos de Jordão, São Paulo, 2009* (São Paulo: Instituto Prometheus de Estudos Ambientais, Culturais e Políticos, 2010), 62–63.

Segundo Moraes, este propósito criou imediatamente um nexos comum entre as elites provinciais, altamente regionalizadas, mas unificadas com o objetivo comum da edificação material do país. De igual forma, este mesmo propósito comum irá legitimar o Estado forte, centralizador, autoritário e ansioso de territorialidade.

(Mas e se as elites não se uniram em função do território, mas passaram todo o século em guerras civis?)

Em todo este processo, ainda segundo Moraes, o povo foi visto de uma maneira apenas instrumentalista, como a mão de obra necessária para edificação do país. (Mas na Colômbia, a instrumentalização do povo foi apenas política, eleitoral e militar, associada às vezes sim a projetos produtivos, mas não a um projeto de construção de uma territorialidade nacional).

Em mais um texto do professor Moraes aprendemos que:

Nos países de formação colonial, a dimensão espacial adquire singular relevo na explicação dos processos sociais e da vida política em particular. Neles, a geografia emerge como uma determinação básica, reveladora de motivações e como instância explicativa de estruturas e práticas históricas. São países formados na conquista de espaços, e que têm na apropriação territorial um móvel recorrente dos interesses e das alianças políticas.⁵⁵

A dimensão física e espacial da Colômbia sem dúvida tem *relevo* na explicação da sua história, e com certeza a sua geografia constitui uma determinação básica, mas não vemos nesse país alianças políticas destinadas à apropriação territorial a escala nacional.

Note-se também a extraordinária continuidade destes processos no Brasil:

A conquista do sertão, identificada com a própria construção da nacionalidade, emerge continuamente como o grande projeto nacional, sendo alçada à condição de função básica do Estado. O discurso que reitera tal projeto é no Império, «o do país a se construir», e na República, o do «país em construção». O mote imperial é o da civilização, brandido pelo Visconde de São Leopoldo na fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1837. A meta da era republicana é a modernização, perseguida por Vargas, por Juscelino, e pelos governos militares. O objeto da ação é sempre o território, confundido com o próprio país.⁵⁶

Como vemos, no Brasil, a integridade e a gestão territorial são valores nacionais supremos. (Na Colômbia?)

Em mais um texto do pesquisador brasileiro aprendemos que território e poder, além de serem entidades materiais, são «conceitos siameses»: é a espacialização do exercício do poder que qualifica o es-

⁵⁵ Antonio Carlos Robert Moraes, "Formação Territorial E Políticas Ambientais No Brasil," in *Patrimônio Ambiental Brasileiro*, ed. Wagner Costa Ribeiro (São Paulo: Edusp - Imprensa Oficial, 2003), 79.

⁵⁶ Ibid., 80.

paço como um território.⁵⁷ Este é definido como âmbito de poder, área de exercício do poder, jurisdição duma autoridade. De novo, segundo Moraes:

Nos países de formação colonial ocorre uma acentuação da centralidade da dimensão territorial do exercício do poder (e da construção do Estado), pois a colonização já é em si mesma um processo de expansão e conquista de espaços. Trata-se de uma relação sociedade-espaço expansiva, que avança colocando novas terras sob o domínio político do Estado.⁵⁸

E quando essa expansão e colonização de espaços acontece *sem* o Estado ou *contra* ele? O mesmo autor registra *anomalias* possíveis:

Quando o Estado não consegue fazer valer o seu poder numa área sob a sua soberania formal delinea-se uma situação de extraterritorialidade, que pode se manifestar em diferentes escalas: desde províncias inteiras (como as áreas controladas pelas FARC, na Colômbia) até bairros citadinos (como no caso de algumas favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro).⁵⁹

O Estado colombiano então, para Moraes, encontra-se dentro do grupo daqueles que não conseguem fazer valer à sua autoridade e está portanto sujeito a situações de extraterritorialidade. (Mas por que tantas anomalias?)

Por último, em *Território e história no Brasil*, Moraes afirma que «a produção do espaço e a germinação da nacionalidade tornam-se», neste país, «processos indiferenciados».⁶⁰

(Podemos dizer que na Colômbia, a negação do território e a negação da nacionalidade tornaram-se, também, processos indiferenciados?)

Para Moraes, as elites brasileiras entraram em «pactos oligárquicos» entre as elites regionais com o fim de controlar a terra e o trabalho e de expandir a economia nacional:

A ideia de construir o país atua em primeiro lugar como elemento de coesão entre as próprias elites, ao dotá-las de um projeto nacional comum. A construção do país posta como obra coletiva de interesse geral sobrepõe-se aos projetos locais e regionais e incorpora-os, atribuindo-lhes até mesmo um sentido maior (epopéico). Assim tal mote serve como elemento de identidade e de articulação nacionais. Em segundo lugar, a ideia de construir o país legitima plenamente a ação do Estado, pois lhe é atribuída a condução desse projeto, e pela magnitude da missão assumida justificam-se também seus traços autoritários, como o centralismo e o uso da violência.⁶¹

Estes pactos oligárquicos de base territorial no Brasil foram, aliás, «sistematicamente reafirmados na composição do comando Estatal».⁶² Na Colômbia, estes pactos às vezes se deram também, mas não

⁵⁷ Antonio Carlos Robert Moraes, “Território, Poder E Justiça: Comentários a Partir Da Experiência Brasileira,” in *Força E Legitimidade: Novas Perspectivas?*, ed. Raquel Kritsch and Bernardo Ricupero (São Paulo: Associação Editorial Humanitas : NADD-Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Democratização e Desenvolvimento-USP, 2005), 113–114.

⁵⁸ Ibid., 117.

⁵⁹ Ibid., 127.

⁶⁰ Antonio Carlos Robert Moraes, *Território e história no Brasil* (São Paulo: Annablume, 2008), 87.

⁶¹ Ibid., 94.

⁶² Moraes, “Território, Poder E Justiça: Comentários a Partir Da Experiência Brasileira,” 129.

como projetos nacionais de gestão territorial, mas apenas como estratégias conjunturais de contenção popular, desenvolvidas com a lógica de evitar uma explosão social...

O que temos, então, na «Colômbia»? Temos uma nação para *ensamblar*.

TERRITORIO-REDE: *ENSAMBLANDO A NAÇÃO*

Tenho-me proposto como projeto intelectual a interseção de duas linhas de discussão: uma provém dos estudos das ciências, e a outra provém da geografia política. Tentarei explicar como o conceito de «rede» da linha de pesquisa que vem trabalhando estimulada pelo pensamento de Bruno Latour, a pesar do que alguns poderiam pensar pelo nome, é um conceito cheio de materialidade —daquela materialidade de que tanto gostamos os geógrafos. Tentarei mostrar como a linha de pesquisa em formação territorial pode beneficiar-se e fortalecer-se com conceitos daquela teoria, sem perder a figura e sem abandonar o núcleo estatal do nosso conceito central (o *território*). E, ao mesmo tempo, tentarei refletir acerca da maneira em que o conceito de território da tradição da geografia política, que procura entender a ação espacial do Estado, pode complementar a *Actor-Network Theory*, ou «teoria do ator-rede» com a sua experiência e sensibilidade nos estudos de formação territorial e na abordagem de conflitos involucrando espacialidade e identidade.

Não pretendo neste capítulo fazer nada parecido a uma declaração de princípios, nem promulgar a minha adscrição a uma certa teoria ou maneira de pensar, nem «marcar território» em forma alguma. Também não pretendo tentar um resumo da trajetória das linhas de pesquisa associadas a Bruno Latour: há uma longa trajetória desde os «estudos sociais da ciência» —que é uma das suas matrizes, apesar dos posteriores ataques a esta linha por parte do mesmo Latour—⁶³ até a atual «cartografia de controvérsias»⁶⁴ e as chamadas «*digital humanities*», passando pelos «estudos da ciência» e posteriormente a «ANT»: há excelentes textos de balanço e introdução ao tema (como os de J. S. Dolwick⁶⁵ e Flavio Venturini⁶⁶), mas deve mencionar-se em particular o trabalho de 2005 de Bruno

⁶³ Particularmente no famoso debate Bloor-Latour: David Bloor, "Anti-Latour," *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 81–112, doi:10.1016/S0039-3681(98)00038-7; Bruno Latour, "For David Bloor... and Beyond: A Reply to David Bloor's 'Anti-Latour'," *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 113–29, doi:10.1016/S0039-3681(98)00039-9; David Bloor, "Reply to Bruno Latour," *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 131–36, doi:10.1016/S0039-3681(98)00040-5.

⁶⁴ Bruno Latour, "La Cartographie Des Controverses," *Technology Review*, 2007, 82–83, http://palimpsestes.fr/textes_divers/la_cartographie_des_controverses.htm.

⁶⁵ J. S. Dolwick, "'The Social' and Beyond: Introducing Actor-Network Theory," *Journal of Maritime Archaeology* 4, no. 1 (2009): 21–49, <http://www.springerlink.com/index/0J537M2362328336.pdf>.

⁶⁶ Tommaso Venturini, "Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-Network Theory," *Public Understanding of Science* 19, no. 3 (May 1, 2010): 258–73, doi:10.1177/0963662509102694; Tommaso Venturini, "Building on Faults: How to Represent Controversies with Digital Methods," *Public Understanding of Science* 21, no. 7 (December 5, 2010): 796–812, doi:10.1177/0963662510387558.

Latour intitulado *Reassembling the Social: An introduction to Actor-Network Theory*,⁶⁷ publicado em português em 2012 com o título de *Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede*.⁶⁸ Neste trabalho Latour procura apresentar para um público amplo tanto os conceitos centrais como as características fundamentais do tipo de abordagem desenvolvido durante anos nesta área de pesquisa. Latour parte da distinção entre dois sentidos do «social». Em primeiro lugar estaria o social entendido como um campo, um área, um nível, uma fatia, uma camada ou uma dimensão da realidade (realidade que teria então desta forma um ou mais componentes «não-sociais») e nesse sentido utilizado como adjetivo (geografia «social», por exemplo), ou como um «estado de coisas» que explica outro (a explicação «social» da ciência, por exemplo); e, em segundo lugar, no que segundo Latour seria o sentido original do termo —e que este autor propõe recuperar—, estaria o «social» entendido como *associações* ou «ensamblagens». Mas quem participa destas associações? Segundo Latour, e isto acredito que constitui um dos aspectos principais desta teoria, uma rede ou *network* de elementos heterogêneos, mas que não abrange apenas aos seres humanos e seus projetos e conflitos, mas também os elementos «não-humanos» que compõem o mundo junto conosco —sendo muitos deles as nossas próprias criações tecnológicas—, levando estes em conta não como atores secundários, que estão ali mas não determinam nada, mas como atores protagonistas, os quais são reconhecidos como tendo propriedades e imperativos (e até direitos), isto é, é reconhecida a sua *agência*. Este compor-o-mundo, ou o *coletivo*, dessa maneira inter-relacional, faz com que todos os seus elementos, incluindo nós, em certa forma, sejamos *híbridos* —e não apenas «objetos» e «sujeitos», como na epistemologia moderna, que Latour pretende abandonar.

A geografia sem dúvida tem uma longa experiência lidando com redes complexas e heterogêneas. Ao fazer história territorial, por exemplo, o pesquisador não raro encontra-se na situação de ter que encontrar sentido e fornecer em uma mesma explicação a natureza das correlações entre questões, processos, elementos, objetos e entidades tão diversos e tão complexos internamente como o clima, a forma das montanhas, a presença ou a ausência de determinado mosquito transmissor de certa doença, as flutuações do mercado mundial de produtos agrícolas, as políticas territoriais do Estado, a diplomacia, a produção de mapas e livros de geografia, os partidos políticos, os missionários, os indígenas, as bacias hidrográficas, as ideologias geográficas, a miscigenação... A agência, a *capacidade de fazer diferença*, não se encontraria em um lugar só, nem apenas em um tipo de entidade, não seria um atributo exclusivo dos «sujeitos», como afirmam as tendências possibilistas ou voluntaristas, nem tampouco exclusivo dos «objetos», como o seria para as tendências deterministas ou estruturalistas

⁶⁷ Bruno Latour, *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory* (Oxford; New York: Oxford University Press, 2005).

⁶⁸ Bruno Latour, *Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede* (Salvador, BA: EDUFBA, 2012).

—nem também se trataria aqui de uma espécie de dialética: a agência seria uma propriedade das *associações*. A pergunta seria acerca de como essa agência é distribuída entre os atores associados e acerca das espacialidades e temporalidades que surgem desta distribuição. Desde meu ponto de vista, esta perspectiva pode ajudar a superar uma espécie de ansiedade sofrida por uma parte dos geógrafos, que receiam ser chamados de deterministas. Na minha opinião, a *ANT* oferece à geografia uma forma segura de fazer o que sempre gostou de fazer (estudar inter-relações complexas entre elementos heterogêneos de diversa qualidade e procedência), sem se preocupar por essa acusação. Acredito que desde este ponto de vista a geografia poderia definir-se em um sentido amplo como a ciência da espacialidade das agências.

Não seria possível aqui tampouco tentar uma resenha histórica da geografia política. Também falta até hoje uma avaliação sistemática das diferentes propostas que, dentro da geografia, tentaram nos últimos anos explorar possíveis entrecruzamentos entre esta disciplina e a *ATN*.⁶⁹ Um dos balanços mais conhecidos e interessantes do pensamento em história política é o livro de 2002 do pesquisador John Agnew intitulado *Fazendo geografia política*.⁷⁰ Neste texto não apenas fica retratada a trajetória dos conceitos centrais desta disciplina, assim como as suas diferentes tendências metodológicas em diferentes épocas, assim como a diversidade de problemas e conflitos que é capaz de abordar com originalidade. No entanto, desejo ressaltar o comentário consignado nessa obra acerca da *ATN*. Segundo Agnew, no seu elenco de diferentes concepções do «político», basando-se no pesquisador Nigel Thrift, nesta teoria o poder «pode pensar-se como algo implícito nas práticas de atores-rede que conectam, entranham, e dão forma a todas as atividades sociais»:

Na assim chamada teoria do ator-rede, o poder é o recurso que as redes proveem aos atores (humanos, animais e tecnológicos) para que os propósitos econômicos, associativos e políticos das redes possam funcionar. As práticas relacionais e as *performances* que fazem redes políticas, assim, constituem o político nesta solução ao restrição do político do reino do tudo para algo mais específico.⁷¹

⁶⁹ Entre os quais: Sarah Whatmore, *Hybrid Geographies: Natures, Cultures, Spaces* (London; Thousand Oaks, Calif.: SAGE Publications, 2002); Jonathan Murdoch, "The Spaces of Actor-Network Theory," *Geoforum* 29, no. 4 (November 1998): 357–74, doi:10.1016/S0016-7185(98)00011-6; N. J Thrift, *Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect* (Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2008); Joe Painter, "Territory-Network" (Association of American Geographers Annual Meeting, Chicago: Durham Research Online, 2006), <http://dro.dur.ac.uk/8537/1/8537.pdf>; John Law and Annemarie Mol, "Situating Technoscience: An Inquiry into Spatialities," *Environment and Planning D: Society and Space* 19, no. 5 (2001): 609–21, doi:10.1068/d243t.

⁷⁰ John A. Agnew, *Making Political Geography*, Human Geography in the Making (London : New York: Arnold ; Distributed in the United States of America by Oxford University Press, 2002).

⁷¹ «In so-called actor-network theory, power is the resource that networks provide to actors (human, animal and technological) to make networks serving business, associational, and political purposes work. The relational practices and performances that make up political networks, therefore, constitute the political in this solution to the narrowing of the political from the realm of everywhere to something more specific.» Ibid., 23.

Logo depois desta apresentação da *ATN* Agnew levanta um questionamento que considero singularmente interessante: «Se não é isto retornar a uma compreensão substantivamente liberal do político, é uma questão em aberto». Não possuo uma resposta completa a esta pergunta. No entanto, no meu conceito, ao estender o «liberalismo», que apenas reconhecia indivíduos, aos atores-rede —que não são exatamente indivíduos— o liberalismo fica substancialmente transformado.

O presente capítulo, com base nestas questões, constitui um exercício de exploração experimental, provisional, animado por uma motivação unificadora, que procura o mutuo fortalecimento das teorias relacionais e da geografia política —que espero não seja injusta com nenhuma das duas tradições e que talvez possa chegar a ser estimulante para outros pesquisadores.

A espacialidade das redes: móveis imutáveis e centros de cálculo

Como fica a *ATN* em chave espacial, geográfica ou territorial? Examinemos um texto clássico de Bruno Latour, em que este autor fornece alguns conceitos chave para a nossa investigação. Neste texto, que intitula-se «Cognição e visualização: pensando com olhos e mãos»,⁷² Latour introduz uma imagem cartográfica para levantar a sua questão:

Um exemplo ilustrará o que quero dizer. As viagens de La Pérouse pelo Pacífico para Luís XVI com a missão explícita de trazer *de volta* um melhor mapa. Um dia, ao chegar no que ele chama Sacalina, encontra-se com chineses e procura aprender deles se é Sacalina uma ilha ou uma península. Para a sua grande surpresa os chineses entendiam geografia bastante bem. Um velho levanta-se e desenha um mapa da sua ilha na areia com a escala e os detalhes necessitados por La Pérouse. Outro, mais jovem, observa que a subida da maré vai logo apagar o mapa e pega um dos cadernos de La Pérouse para desenhar o mapa de novo com uma pena...⁷³

Qual é a diferença entre a geografia «selvagem» e a «civilizada»? Segundo Latour, que para o velho a *inscrição* não interessa, a maré pode apagar, entanto que, para La Pérouse, é o único objetivo da sua viagem. (O jovem da história seria uma especie de mediador?).

O importante aqui é que a inscrição levantada por La Pérouse, *deve retornar* para a França —se não a viagem seria perdida!—, onde, a través de uma longa série de procedimentos e técnicas, vai ser re-

⁷² Bruno Latour, «Cognição e visualização: Pensando com olhos e mãos», trans. David Palacios, *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 4 (February 13, 2015), doi:10.4000/terrabrasilis.1308; Publicado originalmente como: Bruno Latour, «Visualisation and Cognition: Thinking with Eyes and Hands», in *Knowledge and Society: Studies in the Sociology of Culture Past and Present*, ed. Henrika Kuklick and Elizabeth Long, vol. 6 (Greenwich, CT: Jai Press, 1986), 1–40, <http://www.bruno-latour.fr/node/293>.

⁷³ Latour, «Cognição e visualização: Pensando com olhos e mãos», para. 14.

gistrada, armazenada, transformada e colocada em comunicação com outras inscrições, levantadas por outros exploradores em outros lugares. A questão então seria de *mobilização e acumulação*.

Mas o que é o que se movimenta? Os cientistas, os exploradores no caso, deveram desenvolver técnicas e dispositivos para transformar o terreno em traços colocados num plano, assim como para acumular esses traços e dar-lhes sentido. A cartografia e o mapa, numa palavra. A este tipo de dispositivos Latour dá o nome de *móviles imutáveis*. Estes devem ser móveis, lógico, estáveis —não como o traço na areia—, apresentáveis e legíveis (ou seja, convincentes) e combináveis (em cartografia estas combinações conseguem-se muitas vezes através de técnicas matemáticas).

Estes móveis, para continuar com a caracterização de Latour, devem ter «consistência ótica», ou seja, uma linguagem homogênea (projeção, longitude e latitude, etc.), para poder mudá-los de escala, fazê-los apresentáveis (a um público educado para olhá-los) e recombina-los à vontade.

Estes móveis, mapas neste caso, são definidos por Latour como «novas maneiras de acumular tempo e espaço» —ele está pensando na imprensa (dispositivo capaz de fazer possível a mobilidade e a estabilidade ao mesmo tempo):

Os laços entre diferentes lugares no tempo e no espaço se modificam completamente por esta fantástica aceleração de móveis imutáveis que circulam em todas partes e em todas direções na Europa. Como mostrado por Ivins, perspectiva mais imprensa mais água-forte é a combinação que realmente importa uma vez que os livros podem carregar com eles imagens realistas daquilo que falam. Pela primeira vez, um local pode acumular outros lugares distantes no tempo e no espaço e apresentá-los sinoticamente ao olho; melhor ainda, esta apresentação sinótica, uma vez reformulada, emendada ou segmentada, pode dispersar-se sem modificação para outros lugares e ficar disponível em outros tempos.⁷⁴

Os mapas então seriam desde este ponto de vista dispositivos móveis, estáveis e dotados de consistência ótica, com os quais seria possível acumular tempo e espaço.

Agora, que tem isto a ver com a dominação a grande escala? Como os poucos podem dominar os muitos? (Que pode você fazer com o mapa, que não pode fazer com o território?) Vejamos algumas das vantagens destes móveis imutáveis:

- São móveis (a diferença das montanhas).
- São estáveis (não traços na areia, mas em papel ou em formato digital, em arquivos organizados)
- São planos: podem *dominar-se* facilmente (com a vista, encima duma mesa).
- A sua escala pode modificar-se sem mudar as suas proporções internas.
- Podem reproduzir-se a baixo custo.
- Podem ser reorganizados e recombinaados.
- Podem ser superpostos (e encontrar padrões, elaborar teorias).
- Podem combinar-se com textos escritos.
- Mas:

⁷⁴ Ibid., para. 30.

[...] a última vantagem é a maior. O caráter bidimensional das inscrições lhes permite *fundir-se com a geometria*. Como vimos para a perspectiva, ao espaço no papel se pode dar continuidade com o espaço tridimensional. O resultado é que podemos trabalhar sobre o papel com réguas e números, mas ainda manipular objetos tridimensionais «lá fora» (Ivins, 1973). Melhor ainda, por causa desta consistência ótica, tudo, sem importar de onde vier, pode se converter em diagramas e números, e se pode usar combinações de números e tabelas que são ainda mais fáceis de manejar do que palavras ou silhuetas (Dagognet, 1973). Você não pode medir o sol, mas você pode medir a fotografia do sol com uma régua. Então o número de centímetros lido pode facilmente migrar por diferentes escalas e prover as massas solares de objetos completamente diferentes. Isto é o que chamo, por falta de um termo melhor, de vantagem de *segundo grau* das inscrições, ou de mais-valia ganha através da sua capitalização.⁷⁵

(Não está falando aqui Latour para nós [historiadores do território e das suas ciências]?)

Evolutivamente, as inovações que favoreçam essas características, tenderão a ser selecionadas por cientistas e engenheiros (e geógrafos e cartógrafos). (Pense-se no computador e a digitalização).

Mas é suficiente a acumulação de inscrições para exercer poder?

Segundo Latour, não ainda, pois os acumuladores de traços rapidamente ficam inundados deles (até o pescoço). É preciso antes organizar esses traços em *cascatas* de inscrições cada vez mas simplificadas e fáceis, para que, ao final da série, uns poucos elementos possam dominar todos os outros. Esta mudança de escala é o que permite a dominação: «Na nossa cultura «embaralhar papeis» é a fonte de um poder essencial, que constantemente escapa à atenção devido a sua materialidade ser ignorada».⁷⁶

Agora, como é possível dominar aquilo que se encontra longe?

[...] como podem lugares e tempos distantes e exóticos congregar-se em um lugar numa forma que permita que todos estes lugares e tempos sejam representados simultaneamente, e que permita as ordens *retornarem* a seus lugares de origem? Falar em poder é uma tarefa mística e interminável; falar em distância, congregação, fidelidade, sumarização, transmissão, etc., é uma tarefa empírica [...]⁷⁷

Pense-se nesse parágrafo em termos de construção imperial ou de afirmação espacial do Estado. Traduzindo: definir «espaço» pode virar uma tarefa mística e interminável; descrever espacialidades ou processos de formação territorial, é uma tarefa empírica. O Estado, não *age* à distância, tecendo redes/através de redes?

Os *lugares* onde estas inscrições provenientes de distintas procedências são acumuladas, organizadas, processadas, transformadas e colocadas em contato umas com as outras são chamados por Latour de «centros de cálculo». Nestes lugares, através destas manipulações, surgem fenômenos completamente novos, que não são perceptíveis para cada uma das entidades a partir das quais se toma-

⁷⁵ Ibid., para. 54.

⁷⁶ Ibid., para. 71.

⁷⁷ Ibid., para. 75.

ram as inscrições iniciais. Para Latour, a história destes centros permite compreender como «pessoas insignificantes, trabalhando apenas com papéis e signos, tornam-se os mais poderosos de todos»:

Papéis e signos são incrivelmente fracos e frágeis. Eis porque explicar tudo com eles parece risível no começo. O mapa de La Pérouse não é o Pacífico, assim como os desenhos e patentes de Watt não são as máquinas, ou as taxas de câmbio dos banqueiros a economia, ou os teoremas de topologia o «mundo real». O paradoxo é justamente esse. Ao trabalhar apenas com papéis, em frágeis inscrições que são imensamente menos que as coisas das quais foram extraídas, é todavia possível dominar todas as coisas e todas as pessoas. O que é insignificante para todas as outras culturas torna-se o mais significativo, o único aspecto significativo da realidade. Os mais fracos, ao manipular inscrições de todos os tipos exclusiva e obsessivamente, viram os mais fortes. É esta a visão de poder a que chegamos ao seguir este tema da visualização e da cognição em todas as suas consequências.⁷⁸

O território como rede

Neste ponto acudo a ajuda do pesquisador Joe Painter.⁷⁹ Este autor explora as possibilidades de convergência de dois conceitos que parecem opostos: rede e território.

Painter começa por recapitular diferentes posturas recentes a este respeito. A primeira variante segundo ele seria a que considera que as redes substituíram os territórios. «Todo é rede». «Território» se correspondia com uma antiga realidade geográfica, mas a nova realidade consiste em redes. (Uma variante dentro de esta, segundo Painter, é representada por Bruno Latour: a realidade sempre foi uma rede, mas não tínhamos percebido, sendo este o significado da expressão «Jamais fomos modernos»). A este postulado, segundo Painter, poderia responder-se que «o território ainda importa!». Esta resposta de fato tem provindo de críticos da ideia da passagem para um mundo «sem fronteiras»: as redes existem, mas os territórios também, as vezes em relação umas com os outros.

Uma terceira variação seria a que afirma que «a economia funciona como rede, mas a política é territorial», ou seja, que se bem o capitalismo tem conseguido criar redes supranacionais, estas ainda tem que lidar para uma e outra coisa com os «velhos» territórios estatais.

O autor propõe uma quarta maneira de entender a questão: «o território como um tipo especial de rede». O princípio segundo ele seria o seguinte: o Estado também é *rizomático*. (Painter não clarifica a maneira em que usa este termo, que de fato aparece um pouco repentinamente no texto. No en-

⁷⁸ Ibid., para. 80.

⁷⁹ Painter, "Territory-Network"; Joe Painter, "Territoire et Réseau: Une Fausse Dichotomie? = Territory and Network: A False Dichotomy?," in *Territoires, Territorialité, Territorialisations: Controverses et Perspectives*, ed. Martin Vanier (Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009), 57–66, <http://dro.dur.ac.uk/5276/1/5276.pdf?DDC52+DDD14+dgg0jmp>.

tanto, na minha interpretação, Painter quer dizer que o Estado não é uma entidade monolítica, como às vezes é tratada).

O autor clarifica que considera quatro tipos de rede: as «redes de transmissão» de Catells, pelas quais viajam fluxos e comunicações; as «redes sociais» (ou, digamos, redes entre pessoas); a *actor-network* de Latour e companhia, que envolve o movimento e a conexão entre coisas materiais (coisas que de fato são consideradas como sendo elas mesmas um efeito das suas interconexões); e finalmente, as «redes topológicas», conceito que o autor insere como uma maneira de pensar acerca das complexas espacialidades das *actor-networks*. Para Painter, cada uma destas concepções de rede pode associar-se com o conceito de território, obtendo em cada caso resultados distintos: os territórios podem ser *nós* de transmissão; a territorialidade das relações sociais pode observar-se em termos da sua *densidade* ou *intensidade*; e, segundo a teoria da *actor-network*, os territórios seriam configurações de objetos-em-relação (sendo tanto os objetos quanto as suas configurações constituídas como e através de redes).

Para o autor, finalmente, o território «como tal» (como essência, entendemos), «não existe». Também não seria um *produto* das redes, pois isto conservaria as duas como entidades separadas. Para Painter, o território seria melhor um *efeito* das redes.

Como consequência os espaços que chamamos de territórios são necessariamente porosos, incompletos e instáveis. Eles são constantemente produzidos e realizados por inumeráveis atores humanos e não-humanos. O ideal do território político como um espaço contíguo perfeitamente delimitado sobre o qual a soberania (ou outro tipo de autoridade) é exercida suave, contínua e uniformemente pertence ao plano do desejo de Deleuze e Guattari. Desde este ponto de vista «território» e «rede» não são modelos rivais, visões de mundo incomensuráveis, nem mesmo os elementos contraditórios de uma relação dialética. Melhor, a configuração de práticas e objetos, energia e matéria que se conhece com o nome de «território» não é nem mais nem menos do que um outro jogo de redes. As configurações tremem e se estabilizam por um tempo e dão a impressão do território. Mas o território não é um tipo de variável independente da vida política e social. Pelo contrário, ele é em si mesmo dependente das conexões rizomáticas que constituem todas as chamadas organizações territoriais, instituições e atores.⁸⁰

Desde meu ponto de vista, e a partir de todo o aprendido até agora, é possível entender também o Estado como uma entidade-rede, que age à distância, criando laços —que não necessariamente tem

⁸⁰ «As a consequence the spaces we call territories are necessarily porous, incomplete and unstable. They are constantly produced and accomplished by countless human and non-human actors. The ideal of political territory as a perfectly bounded contiguous space across which sovereignty (or another kind of authority) is exercised smoothly, continuously and evenly belongs to Deleuze and Guattari's plane of desire. In this view, "territory" and "network" are not rival models, incommensurable worldviews or even the contradictory elements of a dialectical relationship. Rather, the configurations of practices and objects, energy and matter that go by the name "territory" are no more and no less than another set of networks. The configurations flicker and settle for a time and give the impression of territory. But territory is not a kind of independent variable in social and political life. Rather, it is itself dependent on the rhizomatic connections that constitute all putatively territorial organizations, institutions and actors». Painter, "Territoire et Réseau: Une Fausse Dichotomie? = Territory and Network: A False Dichotomy?," 73; Painter, "Territory-Network," 28–29.

que ser de dominação. Trata-se de abrir a caixa-preta do Estado, de deixar de considerá-lo monoliticamente, e seu poder como absoluto (sobre uma determinada área). O Estado está feito de partes, muitas vezes incoerentes, e exerce seu poder sobre o ausente ou o distante através de muitos mediadores, humanos e não-humanos. Ao retrair as ações estatais no espaço («*follow the thing*» é uma das frases de batalha desta perspectiva metodológica), surge um tipo de rede, que podemos chamar de território.

Como fica aqui a geografia, que lutou tanto para ser considerada moderna, muitas vezes se definindo como «social» como estratégia para isto? Apesar de em geral ser possível localizar em algum lugar da polaridade sujeito-objeto característica da modernidade a maioria das posturas intelectuais e as declarações metodológicas dos geógrafos emitidas nas introduções dos textos, a geografia desfruta de uma grande riqueza conceitual e tem uma longa tradição e treinamento em pensamento relacional, assim como em técnicas analíticas e descritivas de inter-relações complexas. Considero que estas sejam vantagens.

Acredito que é possível então definir território como um tipo de rede. E região, e lugar: são redes de distinta configuração e extensão, mas com muito em comum. Agora, «se tudo é rede, então nada é rede». Justo. Sim, tudo é rede, e tudo acaba se conectando, mesmo que por caminhos muito longos ou intrincados. Mas saber isto não nos explica nada em particular. Estamos interessados em saber/conhecer/entender coisas concretas, como o território. Coisas concretas, para nós, tem forma de redes. Como diferenciarmos a rede-território de outras redes? Como identificamos, reconhecemos ele?

Todas as definições de território sugerem o domínio, o controle, a restrição do acesso, a imposição de um comportamento... A vida estaria nesse sentido cheia de territorialidade. A territorialidade não seria sentida só no momento de passar uma fronteira, mas em cada instante da vida, desde acordar até dormir. Não é difícil pensar, por exemplo, numa territorialidade doméstica (na mesa, na casa, na cama).

Por tradição, por conveniência, por interesse, por lógica, o ator central aqui chama-se Estado. Não se trata de reificar o Estado —todo o contrário!—, nem de «justificar» a sua ação espacial. Também, não que este seja o único ator a considerar. Isto deve ser muito claro. Por princípio, não existem entidades puras, nem independentes, nem isoladas. Cada entidade-rede é definida pelo seu lugar e trajetória com respeito a outras entidades-rede. O que seria do Estado sem outros Estados, sem povo que governar? O Estado existe na medida em que existem outros Estados. O Estado, por mais que o pretenda, não é uma entidade monolítica. Tem centros e periferias. Tem lugares em que exerce com maior sucesso a sua ação, e lugares mais difíceis de dominar. Para exercer o seu poder, precisa de

uma longa série de intermediários. O Estado está feito de outras entidades-rede que fazem ele realidade. Estas entidades por sua vez também não são puras.

A teoria do ator-rede não é possibilista nem determinista, mas procura medir e compreender, num determinado arranjo de coisas (ou num arranjo a determinar) a intensidade e a qualidade das interações entre as entidades que a pesquisa descubra ou indique como pertinentes (tudo tem a ver com tudo, sim, mas o trabalho do pesquisador é dizer o quê tem a ver com quê, em quê medida e de que maneira).

Que são arranjos? Séries (redes) de relações. De relações entre entidades. Que entidades? A pesquisa está a dizer. Mas (quase) nenhuma pesquisa parte de zero. O pesquisador encontra de entrada uma rede de conceitos, preceitos, teorias (e até tabus). E mal-entendidos, também. E entidades consagradas. O Estado, por exemplo: que entidade pode ser mais importante quando se fala em território do que o Estado?

As linhas fronteiriças, o *borders*: são imaginárias? Bom, sim, no sentido em que não há uma linha que você possa ver ou tocar, para colocá-lo em termos sensoriais. Mas, estas linhas existem, existem muito, na medida em que os Estados esforçam-se por defini-las, mantê-las e fortalecê-las, e também na medida em que fazem parte, condicionam, determinam a vida das pessoas e o lugar e o status do conjunto de entidades que conformam o coletivo —a nação é um tipo de coletivo, e sem dúvida um dos mais importantes da modernidade. No entanto, mais uma vez, a nação não é pura, entrecruza-se com outros coletivos, mas é reconhecível, e fundamental. O fato das fronteiras (tanto as fronteiras do mapa quanto outras possíveis) serem (umas mais e outras menos) porosas, não quer dizer que estas atuem menos ou sejam mais «imaginárias». Como agem? As fronteiras agem? Podemos considerar a fronteira como uma entidade que *faz* alguma coisa? A fronteira, que adota uma forma de rede com o fim de definir uma linha, é uma entidade composta de outras entidades como tratados, rios, exércitos, polícias, passaportes, contrabando e contrabandistas... e exerce influência em todos eles.

Note-se que a entidade Estado, que também está conformada por outras entidades que estabelecem relações entre si que as definem mutuamente, engloba ou comanda várias das entidades que mencionamos como constituintes da fronteira. Mas outras não provém do Estado. O Estado tal vez procure controlar a maior quantidade possível de entidades na hora de definir as suas fronteiras, mas nem sempre consegue. O antagonismo direto também não é a única opção para o Estado em relação a possíveis entidades rebeldes, desordenadas ou concorrentes, e pode, e de fato faz, associar-se em formas surpreendentes com elas —com o provável objetivo de inseri-las numa ordem, na sua ordem. Mas não só existe a ação do Estado (ou *desde* ou Estado) com relação às entidades do coletivo que podemos chamar de não-estatais ou «sociedade civil» sobre ele. É claro, não consideramos o Estado

e a sociedade civil como entidades puras e radicalmente distintas: o Estado é um subconjunto do coletivo nacional, e está conformado por antigos membros da sociedade civil (alguns deles com a capacidade de se deslocar rapidamente entre uma e outra destas duas dimensões). O Estado é capaz de exercer enormes mudanças no coletivo, mas a sociedade civil também tem a capacidade de transformar o Estado, ambas coisas acontecem.

A escala da dominação, ou da ação espacial do Estado, não se dá em termos de áreas, mas em termos da extensão e da qualidade das redes que ele consegue tecer. A contiguidade deste exercício estaria definida pela densidade das mesmas. As «rugosidades» espaçotemporais que muitas vezes encontramos, e que muitas vezes nos surpreendem, podem, penso, visualizar-se mais facilmente se as entendemos como redes.

Estado, território e nação

É verdade que a «imaginação», no sentido do sentimento de identidade e de simultaneidade, forma parte do nacional, como fica claro no livro do pesquisador Benedict Anderson que não é preciso citar. Aqui agiria o poder do polo sujeito da modernidade (a imaginação neste caso) para criar o objeto nação. Sim, a imaginação é muito poderosa. É performativa, até, no sentido em que orienta a ação. Mas, é claro, a nação é real demais como para ser um assunto de pura e simples imaginação –aliás porque por definição nada é nem puro nem simples. A imaginação nacional, como mostra Anderson, difunde-se através da literatura e dos mapas nacionais, mas por que *a nação*, e não outra coisa (a classe, por exemplo, como esperava Marx) é a fonte identitária mais forte, o protagonista coletivo estelar da modernidade? Boa pergunta, e muito antiga também. Não pretendo aqui dar conta dos debates acerca da questão nacional, mas penso que é possível perguntar-se como ela ficaria desde uma perspectiva relacional.

Estado e Nação não são a mesma coisa, são redes distinguíveis mas têm infinitas interseções. São coisas-rede, sim, mas, de que tipo? Que faz delas distinguíveis e diferentes de outras coisas-rede? Os atores que compõem o Estado (que não são atores puros) são mais fáceis de distinguir: o exército, por exemplo; os burocratas; os prédios e lugares associados ao governo, etc. Mas e que faz a nação? A seleção de futebol, é um pensamento imediato. A televisão, também, que faria nos dias de hoje o papel da literatura no livro de Anderson. A imaginação, o sentimento. É mais difícil de asir, mas está aí. Os símbolos pátrios. A língua. A lista parece ser muito mais longa, interminável. Muito difícil dar

uma descrição tipo rede do sentimento nacional, por mais que em teoria seja possível. É um sentimento denso demais e abundante demais. É como o ar. É o solo que se pisa, o lugar que se habita, o território.

Aqui, no território, encontram-se o Estado e a Nação. Tanto o Estado quanto a nação precisam de um território. O que liga o Estado e a Nação, mesmo que possa ser conflitivamente, é o território. É o que tem em comum.

A Colômbia não é, decerto, um caso ideal ou harmônico: um povo unido, com instituições fortes que velam por ele (mais ou menos), e que (mais ou menos) em conjunto administram o espaço nacional e o transformam em território, constituindo-se em nação.

Como já sabemos, a Colômbia *esta aí*, apesar de muitas coisas. Mas o que manteve (mais ou menos) unida a parte que se manteve unida? Não está bem já de diagnosticar a nossa divisão, desunião e fragmentação? Não seria momento de refletir acerca do que nos une, mal ou bem? Não seria melhor *ensamblar a nação*?

Ensamblando a nação

O português do Brasil é uma língua notavelmente dinâmica e abrangente. É, por sinal, decididamente mais aberta do que o espanhol à inclusão direta do vocabulário em inglês que proliferara nos últimos anos e décadas associado à tecnologia de computação.

Desde meu ponto de vista, é notória a facilidade com que os brasileiros adquirem o espanhol em contraste com a dificuldade com que os hispanoparlantes nos adaptamos à complexa fonética do português. Parece-me até que o português em certa forma *inclui* o espanhol, não só em quanto a fonemas, mas também em termos de vocabulário e possibilidades gramaticais. No meu entendimento, boa parte do aprendizado do espanhol por parte dos brasileiros é mais um trabalho de seleção do que de adição de elementos.

No entanto, os pesquisadores hispanoparlantes no Brasil podem chegar a sentir falta de algumas palavras, poucas, mas importantes no ambiente acadêmico e que não tem um equivalente direto em português ou que, apesar de aparecerem no dicionário, possuem sentido diferente ou são em geral desconhecidas. Por exemplo, *plantear* e *ensamblar*.

Plantear poderia traduzir-se em forma não completamente satisfatória como «colocar», mas não apenas no sentido de «por», mas no sentido de elaborar, de apresentar uma elaboração intelectual.

Assim, em espanhol quando um autor *plantea* alguma coisa ou faz um *planteamiento*, está apresentando uma ideia, um argumento, uma pergunta ou uma teoria.

Ensamblar é um pouco mais difícil. Aparece no dicionário Houaiss, e com o mesmo sentido que tem em inglês em espanhol, que é o de juntar as peças de algo. Certas «fábricas» de carros, por exemplo, são conhecidas em espanhol como *ensambladoras*. No entanto, apesar de a palavra existir, os editores brasileiros do citado livro de Latour, *Reassembling the Social*, preferiram lançá-lo sob o título de *Reagregando o social*, termo que provavelmente lhes pareceu de maior expressividade. Em qualquer caso, *Reensamblar* ou *reagregar* o social significa, como dissemos, abandonar a visão do social como feito de dimensões, fatias ou camadas incomensuráveis, e passar a conceber o social como feito-de-redes, incluindo nestas redes, e isto explica o seu interesse para a geografia, entidades que antes classificávamos como objetos (não-sociais) ou fenômenos naturais. No fundo, a categoria do social é completamente redefinida, pois deixa de estar restrita aos seres humanos, seus interesses, ideias e conflitos, para passar a abranger a totalidade de um coletivo composto de entidades heterogêneas, de ontologia variável, que inter-vivem em distintos graus de interação.

Ensamblar, aliás, em inglês e em francês, compartilha raiz com *assembleia* (*to assemble/assembly — assembler/assemblée*): para Latour, este novo coletivo (que não é novo porque sempre esteve aí — pois «Jamais fomos modernos») é também uma assembleia, um concerto multi vocal que é possível encarar.

A Colômbia costuma ser descrita por alguns historiadores dedicados a tratar «a questão nacional» como um país fragmentado e dividido, física e moralmente, e, nesse sentido, fracassado, falido, condenado: Todo o contrário a um trabalho de *ensamblagem*! E é bem possível que alguns deles tenham razão, pois, verdadeiramente, comparado com outros (com o Brasil, por exemplo), somos um país desunido e conflitivo. Em termos geopolíticos, *instável*. Mas, apesar de tudo, e para bem ou para mal, *somos um país*, quase uma nação. Imperfeita, sim; artificial, sim; injusta, sim; mas, também... ali.

Mas e então? Como fazer para ser um país mais unido e cordial? Não valeria a pena essa unidade e essa cordialidade? Não é este o sentido de uma nação? Não valeria a pena *ter mais nação*, que valesse mais do que até agora o pertencer a esse particular coletivo? Acredito que sim, que vale a pena sim trabalhar para valorizar a nação colombiana em vez de apenas constatar e enfatizar sua desunião.

Em vez de seguir o caminho irreal da desesperação, do desejo de derrubar tudo e começar de zero, das atitudes maximalistas de tudo ou nada, penso que seja mais realista acreditar no paciente trabalho de contínuo reconhecimento e rearranjo das coisas nos seus detalhes, no contínuo trabalho de

tradução e negociação de interesses, na —muitas vezes difícil— resolução diária de problemas práticos urgentes, graves e às vezes contraditórios, na paciente consideração duma enorme multiplicidade de vozes: em fim, a difícilíssima ensablagem de infinitas peças de todas as formas e qualidades que chamamos realidade, nação, território ou existência.

Segundo o geógrafo e cartógrafo Vergara y Velasco, para construir nação —pois ele sentia sua falta e desejava contribuir a formá-la— eram precisas duas coisas: conhecimento histórico e geográfico, detalhado e razonado. Eu concordo plenamente com esta proposição, que me parece tão simples quanto verdadeira.

Que tal se daqui para a frente procuramos *ensamblar a nação*?

*Ensamblando la nación: cartografía y política en la historia de Colombia*⁸¹ é o nome de um livro e de um projeto de pesquisa desenvolvido na Colômbia pelo grupo de historiadores e geógrafos de Razão Cartográfica,⁸² interessados pelas relações entre a história dos conhecimentos geográficos e cartográficos e a construção duma certa ordem política e territorial. Trata-se de entender de forma prática o lento processo de reconhecimento de organização dos espaços, a definição e o encaixe das peças que vieram com o tempo a ser conhecidos como «território colombiano». Até agora este grupo de pesquisadores tem feito importantes avanços tanto conceituais como empíricos, avanços que espero poder aproveitar e aos quais de certa forma espero contribuir com a minha pesquisa.

No citado livro, subtítulo *Cartografia e política na história da Colômbia*, os autores elaboram a reconstrução de conjunto mais recente da história da geografia e da cartografia nesse país, desde os primeiros mapas europeus daquela parte do mundo, justo até o período imediatamente anterior a Vergara y Velasco.

Para começar, com base, sem dúvida, no conceito de móbil imutável de Bruno Latour, assim como nos seus conceitos de rede e de *reensablagem* do social, os autores dessa obra definem geografia e cartografia como «formas de administrar e construir uma ordem social e natural»:

Os mapas permitem mobilizar o mundo ou partes deste em dispositivos planos a escala humana ou pôr o território sobre uma mesa de trabalho; são por isto objetos políticos através dos quais é possível proclamar possessão e controle à distância de vastos territórios.⁸³

⁸¹ Sebastián Díaz Angel, Mauricio Nieto Olarte, and Santiago Muñoz Arbeláez, *Ensamblando La Nación: Cartografía Y Política En La Historia de Colombia*, 1a. ed, Bicentenario de Una Nación En El Mundo (Bogotá, D.C., Colombia: Universidad de Los Andes : Banco de la República, 2010), <http://issuu.com/razoncartografica/docs/ensamblandolanacion.catalogo>.

⁸² <http://razoncartografica.com>

⁸³ «Los mapas permiten movilizar el mundo o partes de éste en dispositivos planos a escala humana o poner el territorio sobre una mesa de trabajo; por eso son objetos políticos a través de los cuales es posible proclamar posesión y control a distancia de vastos territorios.» Díaz Angel, Nieto Olarte, and Muñoz Arbeláez, *Ensamblando La Nación*, 9.

Dividir, agrupar, hierarquizar, classificar, ordenar, nomear, são, como explicado pelos autores, formas de inclusão e de domínio. Mapas e livros de geografia não só «registram» ou «refletem» a realidade ou o território, mas certamente participam, fazem mesmo diferença, modificam radicalmente a gama de possibilidades, intervêm decisivamente nas condições de ação, do ser ou não ser, de pertencer ou não a um determinado grupo, de participar ou não, e de que maneira, em determinado arranjo histórico-geográfico. Em termos de formação territorial, geografia e cartografia, são elementos chave para a apropriação, o controle e o planejamento.

A história da geografia e da cartografia apresentam um terreno sumamente interessante para pensar ao mesmo tempo a questão nacional, a questão regional e a questão territorial. A formação do território, a formação do Estado e a formação da nação são elementos diferenciáveis mais inseparáveis. Formação territorial —que, num sentido amplo, é importante dizer, não é sinônimo de «definição de fronteiras», mas constitui o processo de contínua redefinição, reorganização e redistribuição dos atributos, as identidades, as qualidades, as possibilidades, impossibilidades e limites de todas as combinações possíveis de lugares, áreas, circuitos e seres— está intrinsecamente ligada na história moderna a agência do Estado, sua iniciativa e sua afirmação, e fortemente associada à principal fonte de identidade do período, que não é outra que a nação. Pelas razões que forem —e a história da geografia e da cartografia provavelmente tenham muito a dizer e descobrir a este respeito—, o mundo está feito de Estados-nacionais territoriais.

Mas, *como, exatamente*, acontecem estas associações entre Estado, nação e território? Para começar, não devemos tratar cada um destes elementos como entidades discretas e independentes: sim, somos capazes de diferenciá-los e identificá-los, no entanto cada um deles está presente nos outros, numa espécie de tecido, cujo sentido e formação cabe ao pesquisador compreender e descrever.

A distribuição das instituições, da sua abrangência e efetividade, a distribuição das identidades —múltiplas, complementares, concorrentes—, a ciência, gestão e organização das propriedades de uma miríade de entidades diversas e distantes, são elementos constitutivos dos processos de formação territorial nacional estatal.

Estes processos chegam alguma vez a terminar-se e completar-se? Evidentemente não. No entanto, pode dizer-se sim, com certeza, que elementos fundamentais destes arranjos —fronteiras, por exemplo— tem, em geral, se *estabilizado*: mudar uma linha no mapa não é impossível —de fato vemos acontecer—, mas é em todo caso um exercício extremamente difícil e custoso em todo sentido para as pessoas envolvidas, envolvendo muitas vezes violência —ou que não quer dizer que em determinados casos, tal vez em muitos casos, mudar uma destas linhas seja uma decisão razoável ou em geral benéfica para os diretamente envolvidos.

No período tratado, a «Colômbia» não tinha uma identidade nacional forte, não tinha umas instituições centrais verdadeiramente efetivas e aceitas, nem tinha estabilizadas as suas questões básicas de limites nacionais e provinciais.

Que aspas céticas! Quanto *não tinha*! Que clássica explicação pela carência! Mas o que tinha então? O que era *aquilo*? Do que estava feito? E —disto trata uma parte da história da geografia e da geografia histórica— como eram entendidos estes assuntos, por seus protagonistas, em diversos níveis? Propomos como método para a história da geografia e a geografia histórica a descrição detalhada e simultânea dos processos espaçotemporais de compreensão geográfica e cartográfica; de construção de instituições e ação institucional; e da construção, afirmação e conflito de identidades.

A tarefa não é nada simples, mas penso que pode ser feita mesmo que —pelo menos ao começo— aos poucos. E que em tudo caso não é tarefa para uma pessoa só, mas, como tudo, para uma comunidade de pesquisadores, que com sorte conseguiram ir encaixando às peças da nossa história territorial, nacional e continental.

Acredito que uma pesquisa e uma reflexão que considere ao mesmo tempo a história e a geografia das ciências da terra, a história e a geografia da construção de identidades e a história e a geografia da definição de formas institucionais, pode ser chamada de pesquisa em formação ou história territorial.

Assim, voltando aos autores de *Ensamblando a nação*:

Há uma estreita relação entre a história dos mapas e a história da nação. Em lugar de serem fatos estabelecidos e naturais, as nações —igual que os mapas— são artefatos culturais. A construção da nação, assim como a definição do território, são processos impossíveis de identificar com um instante específico ou com a obra de um grupo de rebeldes com ideais de liberdade [aludindo aos líderes do movimento de independência da Espanha]. Trata-se duma lenta e prolongada construção de um novo ordem político e espacial no qual a geografia e a cartografia desempenharam um papel fundamental.⁸⁴

Também veremos no caso de Vergara y Velasco um tipo de apropriação e ordem, que nosso autor entende como nacional, e que conta com alguns elementos surpreendentes que contradizem pontos chave das ideologias geográficas que se tornaram dominantes no país.

⁸⁴ «Hay una estrecha relación entre la historia de los mapas y la historia de la nación. En lugar de ser hechos establecidos y naturales, las naciones —al igual que los mapas— son artefactos culturales. La construcción de la nación, así como la definición del territorio, es un proceso imposible de identificar con un momento específico o con la obra de un grupo de rebeldes con ideales de libertad. Se trata de una lenta y prolongada construcción de un nuevo orden político y espacial en la cual la geografía y la cartografía desempeñaron un papel fundamental.» Ibid.

ANATOMIA DA NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA

A primeira edição da *Nueva Geografía de Colombia* de Francisco Javier Vergara y Velasco data de 1888. Em 1885 o governo de Rafael Núñez tinha derrotado uma insurreição armada do partido Liberal e tinha aproveitado este impulso para anunciar a conformação de uma Assembleia Nacional destinada a mudar a constituição do país. O 11 de novembro desse ano iniciam-se as sessões do conselho constituinte que, depois de oito meses de discussões, irá promulgar a famosa Constituição de 1886, a qual, como mencionado nos anteriores capítulos, procurava em princípio fortalecer a autoridade central em um país marcado pela instabilidade.

O 30 de novembro de 1885, poucos dias depois de iniciadas as sessões constituintes, Vergara consegue do governo de Núñez uma «patente de privilégio» para publicar e vender uma obra da sua propriedade intitulada *Geografía de la República de Colombia conforme á la Constitución política de 1886*.⁸⁵ Segundo este documento, assinado pelo mesmo Núñez, Vergara contaria por quinze anos com a exclusividade dos direitos literários da obra.

No entanto, como registra outro documento conservado no seu arquivo, Vergara y Velasco e o Secretário de Instrução Pública, José Domingo Ospina, mantiveram um ano depois da emissão daquela patente uma controvérsia acerca da interpretação das leis de propriedade intelectual —que aliás tinham mudado com a nova Carta nacional, passando de um sistema de privilégios temporais a um de propriedade ou domínio. Segundo o ministro, a propriedade não derivava das ideias, sistemas o fatos de domínio público consignados em uma determinada obra, mas do estilo e do método empregado por seu autor. Desta forma, segundo Ospina, Vergará poderia publicar e fazer sua a obra referida na patente de privilégio —que no caso não está questionada—, «mas não poderá se opor a que outras pessoas escrevam sobre a mesma matéria, sempre que o fizerem segundo outro método e dando forma distinta a seu escrito».⁸⁶ Ou seja, para o governo, Vergara pode publicar a sua obra intitulada *Geografía de la República de Colombia conforme á la Constitución política de 1886*, mas isto não quer

⁸⁵ Arquivo Geral da Nação (Bogotá), Seção Coleções, Fundo Francisco Javier Vergara y Velasco (3 vols.). Vol. III, f. 45. Em adiante: AGN-FJVV.

⁸⁶ AGN-FJVV, vol. III, f. 49

dizer que por causa da obra levar este título e de contar com uma patente de «privilégio», que a sua obra vai ser considerada como geografia oficial e exclusiva —como talvez Vergara pretendia.

Pouco mais de um ano depois, o 9 de fevereiro de 1888, Vergara registra perante o Ministério de Instrução Pública a «primeira entrega» de uma obra que, «sem auxílio oficial», como destaca Júlio Vergara,⁸⁷ tinha começado a imprimir-se nesse mesmo ano, sob um título diferente ao registrado na patente de 1885: *Nueva Geografía de Colombia, conforme al sistema natural de regiones geográficas*.

Nesta obra Vergara de fato anuncia de entrada o registro da sua propriedade literária e adverte ao público em uma Nota que não se encontra disposto a «permitir ninguém fazer uma outra edição sob o pretexto de corrigir o aumentar a obra, como costumam em algumas partes». O autor acrescenta que «também não [permitirá] sem me pedir permissão, transcrever troços do [seu] trabalho, nem copiar os pontos que são inteiramente novos». Anuncia, também, na mesma nota, a publicação futura da lista detalhada das suas fontes e documentação —sendo esta uma promessa que irá repetir-se até a última edição da obra.

A impressão desta primeira edição da *Nova Geografia*—que constitui uma rareza bibliográfica—, irá a ficar —como em geral as obras de Vergara— interrompida. O exemplar da Biblioteca Luis Ángel Arango, disponível na sua Biblioteca Virtual,⁸⁸ que corresponderia à «primeira entrega» ou fascículo da obra e do qual tomamos a citação do parágrafo anterior, finaliza na página 74. O exemplar conservado pela Sociedade Geográfica da Colômbia, por outro lado, e que corresponderia a diferentes fragmentos de entregas posteriores, pula da página 16 à 75, continua desde aqui até a 138, pula de novo até a 481, e continua desde aqui até interromper-se abruptamente na página 512. Este exemplar contém um ambicioso «Prospecto» da obra no qual Vergara planifica —em catorze páginas— a complexa divisão temática da sua *Geografia* em tomos, livros, seções, partes e capítulos. Segundo encahecimento deste Prospecto, Vergara planejava uma «obra extensa» sobre a Geografia da Colômbia, composta por 5 tomos de 1000 a 1200 páginas e 130 mapas. Estes tomos, apenas para registrar aqui o primeiro nível da estrutura projetada por Vergara, seriam:

1. As comarcas andinas
2. O vale do Magdalena – A Nova Andaluzia
3. A terra dos Muisca e Quesada – O golfo de Maracaibo
4. As florestas Amazônicas – As planícies do Orinoco – Mares e fronteiras
5. Complementos – Estatística – História – Itinerários – Quadros gerais

⁸⁷ Vergara y Vergara, Júlio César, *Don Antonio De Vergara Azcárate Y Sus Descendientes*, II:165.

⁸⁸ Francisco Javier Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Según El Sistema Natural de Regiones Geográficas (Compendio — Programa)* (Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1888), <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/nueva-geografia-de-colombia-segun-el-sistema-natural-de-regiones-geograficas>.

O exemplar da Luis Ángel Arango, aparte das citadas considerações de Vergara acerca da propriedade intelectual da sua obra, contem uma dedicatória e também uma «Advertência». A obra é dedicada em primeiro lugar «Ao Sr. Dr. Felipe Angulo, orador e homem de Estado, como prenda da minha amizade e carinho»; e, em segundo lugar, aos senhores «Élisée et Onésime Reclus, os criadores da Geografia moderna, como humilde homenagem de admiração e respeito». Os irmãos Reclus, como comentado na minha dissertação de mestrado, exprimiram a Vergara a sua estranheza com essa dedicatória, que ambos consideraram exagerada. Em carta de 8 de novembro de 1888, Élisée Reclus agradece a Vergara o envio da *Nova Geografia da Colômbia*, mas não deixa de indicar a seu autor que considera a dedicatória dirigida a ele e a seu irmão um pouco «passada da medida» e, meio zombando, diz a Vergara que antes de enviar a sua obra às sociedades de geografia vai ter de cobri-la com uma folha branca.⁸⁹ Onésime, pela sua parte, declara-se «muito confuso» pelo fato dele e seu irmão serem chamados Criadores da Geografia Moderna: «Acredite, señor Vergara, que nós não merecemos essa glória, eu menos».⁹⁰

Felipe Angulo, por outro lado, desempenhou-se como Ministro de Guerra durante a guerra civil de 1885, durante a qual Vergara emprestou também serviços, na chamada «seção primeira» desse mesmo ministério. Como observado por Júlio C. Vergara, filho de Vergara y Velasco, no seu livro dedicado à história da sua família,⁹¹ o geógrafo colombiano recebeu de parte de Angulo um certificado de reconhecimento e satisfação com as suas atividades durante aquela revolta. Angulo exerceu esse ministério por mais um par de anos, e posteriormente, em 1888, ano da dedicatória, vai ser enviado a Inglaterra como ministro plenipotenciário.⁹² É possível que, durante estes anos, Felipe Angulo tenha ajudado em alguma forma ao projeto de *Nova Geografia* de Vergara, e que por isto tenha merecido, no conceito do autor, a citada menção. Anos depois, em 1905, o mesmo Angulo irá liderar uma tentativa de golpe de Estado contra o governo de Rafael Reyes, pelo qual vai ser julgado e condenado ao desterro na aldeia de Mocoa, perto das cabeceiras do rio Caquetá, nas florestas cercanas às montanhas do sul do país.⁹³

Por outro lado, a «Advertência» com que Vergara abre a edição de 1888 da *NGC*, como descoberto na minha pesquisa de mestrado, copia quase textualmente trechos da «Avertissement» que encabe-

⁸⁹ «Je n'ai qu'une petite observation à vous faire. Votre dédicace si aimable à mon frère et à moi ne dépasse-t-elle pas un peu la mesure? Et quand j'offrirai votre livre à diverses sociétés de Géographie, ne serai-je pas obligé de coller une feuille de papier blanc sur cette dédicace?». AGN-FJVV, f. 4

⁹⁰ «[...] votre serviteur, très confus, pour son frère et pour lui, d'être sacré du nom de Créateur de la Géographie Moderne. Croyez bien, Señor Vergara, que nous ne méritons pas cette gloire: moi du moins». AGN-FJVV, f. 58v

⁹¹ Vergara y Vergara, Julio César, *Don Antonio De Vergara Azcárate Y Sus Descendientes*.

⁹² Luis López de Mesa, "Angulo, Felipe," *Biografías - Biblioteca Virtual - Biblioteca Luis Ángel Arango*, n.d., <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/angufeli.htm>.

⁹³ O episódio é registrado em: Eduardo Lemaitre, *Rafael Reyes: Biografía de Un Gran Colombiano*, 4th ed. (Bogotá: Banco de la República, 1981), 316 et seq.

ça o primeiro volume da *Nouvelle Géographie Universelle* de Reclus, publicada em 1876. Os trechos copiados por Vergara falam do avanço das ciências geográficas e da diferença entre a «geografia convencional», apenas enumerativa, e uma geografia mais moderna que procura descrever as diferentes comarcas de forma a fazê-las «aparecer» aos olhos do leitor, baseando-se para aquilo em uma cuidadosa confrontação e retificação de fontes.

Tanto as dedicatórias quanto a Advertência irão desaparecer das edições subsequentes da *NGC*.

No entanto, já na primeira entrega de 74 páginas de 1888 Vergara consegue apresentar algumas das ideias centrais que irão a permanecer na sua obra a partir de então.

Na citada Advertência, em primeiro lugar, Vergara declara com relação à sua abordagem:

No sigo fórmulas envejecidas y falsas, no describo á Colombia siguiendo divisiones políticas que dependen del capricho de los hombres y a menudo rompen y mezclan las grandes regiones naturales: éstas, y sólo éstas, creadas por quien no está sujeto á los vaivenes del mundo, serán la base del trabajo, que así tendrá la ventaja de no envejecer al menor cambio administrativo; corregido un cuadro el libro queda de nuevo al corriente, puesto que las grandes modificaciones del terreno requieren siglos para hacerse sensibles.⁹⁴

Esta atitude por parte de Vergara explica-se por várias causas: a própria instabilidade do país, cujas fronteiras internacionais e departamentais, como Vergara sabia, estavam longe de fixar-se. O mesmo Codazzi, explorador e cartógrafo do país entre 1850 e 1859, como Vergara também sabia, tinha experimentado pessoalmente a desfortuna de encontrar boa parte da sua obra, que tinha organizado com base no sistema de províncias, obsoleta antes inclusive da sua publicação, por causa da passagem ao sistema de Estados em 1858. Por outro lado, a abordagem regional de Vergara encontrava respaldo na *Geografía Universal* de Élisée Reclus, que ao tempo que trata o mundo por países, elabora diferentes formas de regionalização. Reclus, por exemplo, aborda Panamá por separado, em um volume diferente ao restante da Colômbia, e até chega a justificar esta decisão em carta a Vergara afirmando que «as divisões geográficas devem primar sobre as políticas».⁹⁵

Continuando com as ideias principais de Vergara nesta primeira edição da sua obra —e que irão voltar mais adiante—, deve destacar-se, em segundo lugar, na introdução à orografia do país dessa edição, Vergara lança outra das suas ideias principais: a região montanhosa do país divide-se em duas porções quase iguais (não em três), separadas pelo profundo vale do rio Magdalena (p. 12). Ao considerar apenas as cristas das montanhas, poderia acreditar-se na existência de cordilheiras distintas,

⁹⁴ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Según El Sistema Natural de Regiones Geográficas (Compendio — Programa)*, XII–XIII Até agora tenho traduzido ao português as citações provenientes de outras línguas. No entanto, neste capítulo considero mais interessante, principalmente no caso das citações longas, deixar o autor falar com a sua própria voz, apenas intervindo entre colchetes quando pareceu necessário.

⁹⁵ «La partie colombienne des Isthmes, c'est à dire la province de Panama, fait ainsi partie de mon champ d'études, car, vous le savez, les divisions géographiques me semblent devoir primer les divisions politiques, et d'ailleurs les temps ne sont ils pas proches où tous les Hispano-Américains se sentiront et se diront frères.» Carta de Reclus a Vergara, 07/05/1890. AGN-FJVV, vol. I, f. 13.

claramente bifurcadas. «Mas não é esse o modo de tratar a orografia». Segundo Vergara, se se considera o conjunto das terras altas, a sua composição, assim como o terreno que média entre as cristas, encontra-se que não há unidade no levantamento colombiano, nem tampouco as três cordilheiras conhecidas como «ocidental», «central» e «oriental»: «Com base na matéria de que se compõem nossas montanhas, assim como na sua forma, fatos cumpridos e irrecusáveis, negamos a existência de nossas famosas cordilheiras» (p. 12). A estas duas grandes massas da terra alta colombiana que Vergara postula em contraposição às tradicionais três cordilheiras, este autor propõe chamar de «mesa ocidental» e «mesa oriental».

Mas adiante Vergara apresenta o que para ele constitui o «núcleo montanhoso mais importante da orografia colombiana», um «prodigioso maciço», no sul do país, perto dos 2° de latitude norte, ao que o autor dá o nome de «maciço *Colômbia*», no qual, a pouca distância umas das outras, ficam as fontes de diversos rios que correm em três rumos diferentes: o mar Caribe, o oceano Pacífico e o oceano Atlântico através do rio das Amazonas (p. 63-65).

No ano de 1890, e segundo Vergara filho «com recursos próprios», Vergara empreende uma nova tentativa de impressão da sua obra, dessa vez sob o título de *Introducción al estudio de la geografía de Colombia*. Um exemplar da obra, que provavelmente pertenceu ao explorador e geólogo Wilhelm Reiss, conserva-se na biblioteca do Instituto Ibero-americano de Berlim.⁹⁶ Na capa Vergara declara a obra ter sido «cuidadosamente revisada e corrigida» pelo militar, diplomático, comerciante e geógrafo Antonio B. Cuervo, então Ministro de Guerra, que em um afetivo prólogo afirma ter apoiado desde este cargo a sua impressão.

No mesmo prólogo, Cuervo declara a *Geografía* de Vergara como útil para a milícia, a mineração, a agricultura e o comércio, e destaca o domínio por parte do autor de temas como o geológico e o climatológico; critica, na que é uma característica da tendencia moderada, «histórica» ou «democrática» do partido Conservador, a inclinação do país a «viver apenas da política, renunciando ao remunerativo e moralizador trabalho» (p. V). Para Cuervo, estudos como o de Vergara, através do conhecimento das riquezas do país, contribuiriam a superar a «empregomania» —isto é, a concorrência pelos postos burocráticos— e a miséria características do país.

Cuervo não compartilhava, por sinal, a radical teoria orográfica de Vergara, pois, para ele —como para a maioria das pessoas—, os Andes «trifurcam-se ao pisar no território da Colômbia» (p. V). No entanto, depois de elencar os temas abordados por seu protegido e de atribuir-lhe «erudição e inteli-

⁹⁶ Francisco Javier Vergara y Velasco, *Introducción Al Estudio de La Geografía de Colombia. (La Mesa Oriental — La Depresión Central — La Mesa Occidental — Las Tierras Bajas Occidentales — La Faja ístmica — La Región Atlántica — Las Llanuras Orientales)* (Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea Hermanos, 1890), http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733844251/1/LOG_0000/.

gência superiores», declara esta obra como «a melhor Geografia da Colômbia que se tenha escrito» e como a base das futuras descrições da nação (p. VIII).

Neste prólogo Cuervo, um especialista na questão fronteiriça do país, ressalta a importância da obra de Vergara para conhecer os «verdadeiros limites do país», para ajudar a diplomacia e também para poder defendê-los com base no conhecimento do terreno. Justamente com o objetivo de atender assuntos limítrofes, Antonio Cuervo tinha viajado à Espanha no ano de 1888,⁹⁷ e tinha recopilado neste país um importante acervo documental relativo a esses temas, parte do qual seria publicado em 4 volumes entre 1891 e 1894, com a colaboração de Vergara y Velasco.⁹⁸ Esta colaboração aconteceu em parte de maneira póstuma: o general Cuervo, como revelado pelo pesquisador David Sowell,⁹⁹ teve, como chefe provisional do governo, a sua casa invadida e vandalizada durante as revoltas de artesãos ocorridas na cidade de Bogotá em janeiro de 1893, o que resultou, como consignado em um artigo do jornal intitulado *El Correo Nacional*¹⁰⁰ —principal órgão dos conservadores históricos, e no qual Vergara y Velasco vai a publicar diversos textos—, em um empioramento da sua saúde, já enfraquecida, levando a seu decesso algumas semanas depois. Mais cinco volumes de documentos ficaram inéditos, segundo pode deduzir-se de uma nota inserida por Vergara no último que chegou a ser publicado.

⁹⁷ Lucella Gómez G., “Cuervo, Antonio B.,” *Biografías - Biblioteca Virtual - Biblioteca Luis Ángel Arango*, n.d., <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/cueranto.htm>.

⁹⁸ Digitalizados pela Universidade Javeriana de Bogotá, embora desafortunadamente sem os interessantes mapas que os acompanham: Antonio Basilio Cuervo, *Colección de documentos inéditos sobre la geografía y la historia de Colombia recopilados por Antonio B. Cuervo durante su permanencia en España como Ministro de la República y en el país como Ministro de Gobierno, y publicados por orden del Gobierno Nacional*, Vol. 1. Costa Atlántica (1891) — Vol. 2. Costa Pacífica, provincias litorales y campañas de los conquistadores (1892) — Vol. 3. La Hoya del Orinoco durante la colonia (1893) — Vol. 4. Casanare y el Caquetá durante la colonia (1894)) vols. (Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea Hermanos, 1891), <http://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/83>.

⁹⁹ Sowell, “The 1893 Bogotazo.”

¹⁰⁰ «Muerte del General Cuervo», *El Correo Nacional*, 21/02/1893. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Luis Ángel Arango.

Figura 3: Relevo da Colômbia

Mapa do autor com base em dados DEM do Shuttle Radar Topography Mission. As cordilheiras serão duas ou três?

Voltando à *Introdução ao estudo da geografia da Colômbia* de 1890, se bem que a impressão interrompe-se também abruptamente, na página 448, logo depois de começar o capítulo sobre geologia, Vergara consegue avançar na sua publicação significativamente com respeito aos fascículos de 1888: começa pelo litoral, continua com o relevo, considerando tanto a parte montanhosa como as planícies do país e finaliza com a sua hidrografia. Pode destacar-se que, nesta última seção, aparece outra das ideias centrais do autor: segundo ele, acreditar que as águas correm sempre na direção do mar seguindo os máximos declives do terreno, ou seja, «reduzir tudo» às linhas de *divortio aquarum*, é um conceito antiquado e errôneo, e conduz a classificações hidrográficas também erradas e à definição caprichosa de bacias.

Nos documentos de Vergara consta um contrato assinado entre ele e o Ministro de Guerra, Primitivo Crespo, com data de 30 de agosto de 1892.¹⁰¹ Neste documento menciona-se um contrato anterior, de janeiro de 1891, celebrado entre esse ministério e a imprenta de Zalamea irmãos com o fim de concluir por conta do governo a impressão da *Introdução ao estudo da geografia*, que, como sabemos, já tinha sido iniciada por Vergara. No contrato de 1892 o governo compromete-se de novo a concluir a impressão daquela obra e, «se as reservas do tesouro o permitirem», a publicar também uma outra obra do autor intitulada *Geografía de Colombia, descripción corográfica de la República*.

¹⁰¹ AGN-FJVV, vol. III, f. 56.

Em 1892 aparece então uma nova edição da obra, desta vez retomando o título original de 1888: *Nueva Geografía de Colombia*.¹⁰² Na capa —que também constitui uma espécie de «prospecto»—, Vergara declara a obra como publicada «por ordem do Governo nacional, sendo Presidentes da República Carlos Holguín e Miguel Antonio Caro e Ministros de Guerra Antonio B. Cuervo [cujo prólogo de 1890 recuperado-se nesta edição], Olegário Rivera e Primitivo Crespo». Esta declaração pode entender-se como mais uma tentativa por parte de Vergara de dotar de aura oficial à sua obra, como tinha tentado com o título registrado na patente de 1885. Chama a atenção também a existência, simultânea na capa desta obra, de dois presidentes e três ministros de guerra...

Em uma Nota colocada ao começo Vergara declara, como na capa de 1890, que a obra tinha sido revisada por seu «bom amigo» Antonio Cuervo, cujo nome apresenta como de «garantia para o público» (p. I). Declara também, nesta mesma Nota, o seu amor ao solo natal e a sua profunda «fé e adesão» à religião católica e seu especial carinho pela mãe pátria que a trouxe para América. Mais ainda, Vergara declara, em uma postura que pode parecer surpreendente e anacrônica, mas que pode entender-se como uma exigência do ambiente clerical que se respirava no país, rejeitar «de antemão qualquer conceito [da obra] que não possa interpretar-se de acordo às verdades que [a religião] ensina» (p. II). (Em verdade poderia algum dos conceitos da *Geografía* de Vergara desafiar algum dogma religioso ou provocar alguma controvérsia teológica?).

À continuação Vergara apresenta uma «Ideia geral da matéria contida nesta obra», na qual reedita, embora de maneira mais simplificada e com diferenças importantes, o seu «Prospecto» de 1888, também em cinco partes:

1. O território (dividido em montanhas, águas e rochas).
2. O meio e a raça (clima, flora e fauna, etnografia, demografia, exploração do território e vias de comunicação).
3. Através da paisagem (regiões, cidades, aldeias, usos, costumes e maravilhas do país).
4. Passado, presente e porvir.
5. Apêndice sobre as terras fronteiriças.

Nesta «Ideia geral», Vergara adianta alguns comentários significativos. Acerca do território, afirma demonstrar «quão errados» tem estado os conceitos emitidos acerca dos «grandes lineamentos» do país, no concernente tanto às montanhas quanto às águas e às suas rochas (p. III). Acerca das primeiras, Vergara afirma de novo, categoricamente e contra o *status quo* na matéria, que «não existem as decantadas cordilheiras» (p. 3). Divide o país em uma parte montanhosa e outra plana; e a parte

¹⁰² Digitalizada pela Universidade de Harvard e disponível no Internet Archive: Francisco Javier Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia*. (*Relieve Del Terreno — Circulación de Las Aguas — Rocas Del Terruño — Clima — Raza Y Población — Explotación Del Territorio — Comercio Y Producciones — Poblados Y Paisajes — Pasado Y Porvenir*). *Introducción - Primera Parte - El Territorio — El Medio Y La Raza* (Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1892), <http://archive.org/details/nuevageografade00velagoog>.

montanhosa em dois grupos, «andino» e «granadino» (p. 3), correspondentes às que tinha apresentado em 1888 como «mesa oriental» e «mesa ocidental». Acerca das águas, Vergara afirma que ao contrário da multiplicidade de bacias hidrográficas postuladas comumente, existem na Colômbia apenas três: a do Pacífico, a do Atlântico e a do mar das Antilhas.

Nesta oportunidade Vergara consegue completar, em 834 páginas, a impressão das duas primeiras partes contempladas na citada «Ideia geral» da obra. Há importantes diferenças entre esta, as anteriores e a subsequente e definitiva edição da *Nova Geografia*, que em um texto tão volumoso são difíceis de acompanhar. Por exemplo, a ideia de imaginar como se veria o relevo da Colômbia se o mar aumenta-se gradativamente o seu nível para demonstrar a sua teoria das «duas massas» em vez das tradicionais «três cordilheiras», aparece aqui em uma primeira formulação, mais desenvolvida na seguinte edição. No entanto, pode dizer-se que, com adições e mudanças importantes respeito à edição definitiva de 1901-1902, nesta oportunidade fica sentado o fundamental do texto.

Passará uma década antes de uma nova combinação favorável de circunstâncias permitir a Vergara mais uma tentativa de publicar a sua obra. No longo intervalo, Vergara publica a sua tradução dos capítulos «Panamá» e «Colômbia» da *Nova Geografia Universal* de Reclus, ocupa diferentes cargos burocráticos, escreve nos jornais da cidade, ascende no exército, exerce a representação do departamento de Cundinamarca no congresso, publica algumas obras e ministra aulas em diferentes institutos, entre outras várias atividades.

Em 1897, no momento em que as tensões entre conservadores «nacionalistas» e «históricos» começam a acentuar-se, Vergara coedita, junto com José Vicente Concha —que década e meia depois irá ocupar a presidência da república— o jornal *El Día*, que tem como objetivo combater a reeleição do nacionalista Caro. Como dissemos, o escalamento das tensões vai conduzir, dois anos depois, ao início de uma nova guerra civil, no meio da qual irá ocorrer um golpe de Estado pelo qual o literato José Manuel Marroquín, nesse momento conservador histórico, desloca ao nacionalista Sanclemente. Este golpe, ao que, como sabemos, Vergara «adere», tem lugar o dia 31 de julho de 1900. A impressão da nova edição da *Nueva Geografía*, com as legendas «Administração Marroquín» e «Primeira edição oficial ilustrada» na capa, começará pouco depois, em março de 1901, e irá finalizar em julho de 1902, alguns meses antes de concluir a guerra.¹⁰³

Esta edição, de fato a primeira da *Nova Geografia* complementada com gravuras, começa com uma «Advertência preliminar» (p. V-VII) em que o autor relembra o general Cuervo, agradece ao presidente Marroquín o seu apoio com respeito à ilustração da obra, comenta diferentes aspectos dos mapas e

¹⁰³ Também digitalizada pela Universidade de Harvard e disponível no Internet Archive: Francisco Javier Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, vol. I (Bogotá: República de Colombia - Administración Marroquín — Imprenta de Vapor, 1902), <https://archive.org/details/nuevageografiad00velagoog>.

das lâminas de paisagens que a acompanham e anuncia as unidades de medida que irá adotar ao longo da mesma (todas modernas: metros, quilômetros, quilômetros quadrados, meridiano de Greenwich, graus centígrados, etc.).

Por outro lado Vergara inclui nesta edição da sua obra um «Memorial» datado o dia 4 de junho de 1902 —isto é, algumas semanas antes de finalizar a impressão—, dirigido ao Ministro de Guerra Arístides Fernández —que tinha sido a mão de ferro durante a Regeneração, e a continuava sendo durante o governo de Marroquín— no qual resenha as diferentes tentativas de publicação da mesma (p. 43 e 44 do Apêndice). Segundo este documento, em 1888, «com recursos próprios», Vergara empreendeu por primeira vez a publicação da sua *Nova Geografia*. A edição de 1890, publicada como sabemos sob um título diferente, é aqui ignorada, e Vergara pula até a de 1892, que atribui ao apoio do general Cuervo. Neste ponto, Vergara cita o mencionado contrato de agosto de 1892, que apresenta como o compromisso do governo de continuar com a impressão da *Geografia*, assim como de imprimir outra «obra extensa» sobre a matéria. No entanto, segundo Vergara, «por motivos de diversa índole não [fez] então efetivo o contrato, e a impressão da obra suspendeu-se indefinidamente» (p. 43 do Apêndice).

Segundo ainda o Memorial, em 1901, motivado pelo fato de que o Ministério de Guerra tinha começado a imprimir os seus documentos na imprensa dos irmãos Zalamea —na qual tinham sido produzidas todas as edições anteriores da *Geografia*—, Vergara compareceu ante o ministro Ospina —o mesmo com que tinha mantido uma polêmica em 1885 acerca do conceito de propriedade literária— com o fim de tentar reviver o contrato de 1892 e de solicitar a continuação da impressão da obra, ao qual o ministro, segundo ele, acedeu em forma verbal. No entanto, continua Vergara, era muito o material acumulado por ele nesse intervalo de dez anos e, convencido também da «absoluta necessidade» da obra ser complementada com imagens, consegue do presidente Marroquín apoio para publicar a sua *Geografia* atualizada e ilustrada. O ministério então, segundo ele, acedeu a seus propósitos e colocou à sua disposição papel, tinta, madeira e os «trabalhadores necessários». Mas novamente, por motivos não muito claros, o novo contrato acabou não se celebrando. Segundo Vergara, o trabalho que ele desempenhava então naquele mesmo ministério gerava-lhe algum tipo de impedimento, e, por outro lado, o que não parece ser muito crível, ele «quis que o público julgasse o novo trabalho antes do governo se comprometer no assunto», motivo pelo qual tinha começado a publicar a obra «por entregas», das quais já tinham visto a luz pública um número de seis.

No entanto «pelas necessidades mesmas da guerra», o papel adquirido —provavelmente no estrangeiro— para a publicação da sua *Geografia* (em três volumes) tinha sido trasladado em janeiro desse

mesmo ano —isto é, no meio do trabalho— por ordem desse ministério, para a Litografia Nacional, sofrendo desta forma a impressão da obra um duro golpe.

Neste ponto, e dado que o primeiro volume encontrava-se quase terminado e que, segundo Vergara, as entregas publicadas tinham sido elogiadas pelo público, o geógrafo suplica ao ministro Fernández a expedição de um contrato definitivo que termine de fechar o assunto (p. 44 o Apêndice). Isto é, o primeiro volume da obra encontrava-se quase pronto antes mesmo do contrato assinar-se.

À continuação, Vergara y Velasco consigna o contrato que como resposta a seu memorial celebrou, com data de 27 de junho de 1902, menos de um mês antes da publicação do primeiro volume, com o citado Aristides Fernández (p. 44 e 45 do Apêndice). Segundo o acordo, o governo comprometia-se a terminar a impressão do citado primeiro volume e a imprimir os dois restantes, que se encontravam em preparação.

Um dos pontos do contrato estabelecia que, se por algum motivo, o governo se visse obrigado a suspender a impressão da *Nova Geografia*, comprometia-se em tudo caso a salvaguardar os materiais adquiridos com este fim no Parque Geral do exército.

Tinha algo de premonitório esse ponto do contrato, pois, dois anos depois, o 30 de maio de 1904,¹⁰⁴ o Ministério de Guerra anunciava a Vergara que por «necessidade urgente» tinha decidido que o papel adquirido para imprimir os volumes restantes da *Nova Geografia* —de novo!— fosse destinado a imprimir uma certa «Memória». Segundo o pesquisador José Agustín Blanco Barros, autor de um dos principais trabalhos acerca de Vergara y Velasco, em entrevista concedida ao autor destas linhas no ano de 2006,¹⁰⁵ a Memória em questão corresponde nada menos que ao relatório apresentado por esse ministério ao congresso nacional acerca da separação de Panamá, ocorrida em novembro de 1903. Desta forma termina para Vergara o sonho de ver a sua principal obra integralmente publicada. Como pode deduzir-se da nota de agradecimentos, ficarão faltando por imprimir-se mais um volume de geografia física e um outro sobre os municípios do país (p. 1005).

A edição de 1902 da *Nova Geografia da Colômbia*, sem contar as 163 páginas de apêndices, chega até a página 1008. Nesta ocasião, Vergara consegue atingir tematicamente as quatro primeiras partes da «ideia geral» ou prospecto de 1892.

No presente capítulo tentamos uma análise da *Nova Geografia da Colômbia* na sua edição de 1902. O livro é bastante extenso, e boa parte dele é dedicado à «simples descrição» do país (mas quem disse que descrever é coisa simples?). Tentaremos fazer notar a difícil estrutura da obra e extrair dela os

¹⁰⁴ AGN-FJVV, vol. III, f. 100.

¹⁰⁵ «Yo encontré la razón de porqué ese papel fue expropiado, para dedicarlo a qué: al informe al Congreso nada menos que sobre la bobadita de la pérdida de Panamá». David Alejandro Ramírez Palacios and Nara Fuentes Crispín, “Reconstruyendo Paisajes Pretéritos”. Entrevista Al Doctor José Agustín Blanco Barros,” *Memoria Y Sociedad. Revista Del Departamento de Historia Y Geografía - Universidad Javeriana*, no. Separata (November 2006): 11.

seus conceitos mais importantes. Não é possível, em tudo caso, abordar todos os temas, problemas, conceitos, posições e controvérsias presentes nesta monumental obra —se é que podemos chamá-la desta forma—: são simplesmente demasiados! Muitos dos temas desenvolvidos por Vergara na sua obra, ficarão aqui apenas enunciados, aguardando outra ocasião para abordá-los, ou a atenção de outros pesquisadores.

O território

Vergara começa por registrar as múltiplas mudanças de nome pelas que já passou o país (Nova Granada (1830), Confederação Granadina (1858), Estados Unidos da Colômbia (1863) e finalmente República da Colômbia desde 1886, acerca do qual comenta o seguinte:

Tiempo es ya de detenernos en ese fatal camino de variar de continuo de nombres como de Constitución, lo cual arguye contra la seriedad del Estado y retrae del estudio del país á los hombres trabajadores de las demás naciones.¹⁰⁶

Explicar a questão de limites não é um assunto simples para Vergara, pois boa parte deles, nos «desertos» amazônicos, encontra-se ainda em discussão, assunto enfadonho, de resolução urgente e «título de glória» para a administração que conseguisse fechá-lo.

Da afastada Mosquitia, por exemplo, que formalmente fazia parte do vice-reino da Nova Granada (*origem* do território colombiano, como explica o autor), Vergara, em nota de rodapé, simplesmente abre mão: «não levamos em consideração».

(Podemos dizer também já, que muitas vezes se encontram nos rodapés de Vergara algumas das questões mais interessantes para esta análise.)

A continuação o autor fornece dados sobre a localização dos pontos extremos do país e a distância deles até a capital. Passo seguido tenta calcular o perímetro e a área do país, para o qual discute autores locais e europeus, chegando a reclamar das fronteiras «arbitrárias» que estes últimos apontam para a Colômbia nos seus mapas, com grande detrimento para o país. Vergara à continuação oferece seu próprio cálculo, sendo esta atitude crítica e criativa constante na sua obra. Seja qual for o número exato, conclui, a Colômbia pelo seu tamanho é uma «potência de segundo ordem», neste respeito apenas superada pelas grandes nações e impérios do planeta.

Também nesta seção aparece já um dos temas recorrentes do livro: a capital, Bogotá, o centro equidistante a todos os pontos da república, «desgraçadamente» encontra-se afastada em extremo de

¹⁰⁶ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, 1:2.

qualquer porto de mar —sendo esta «anomalia», como veremos, a origem de muitas outras com relação à formação territorial e nacional do país.

A exploração do país e as fontes de Vergara

Em seguida o autor oferece um relato da história da exploração do país.

Para começar,

El territorio de Colombia fue descubierto y conquistado por los españoles, quienes en él, más que en otro alguno de su vasto imperio ultramarino, dejaron hondamente implantado su sello; á los ojos del viajero, Colombia es todavía una *provincia* española. (p. 9)

Esta atitude, que podemos chamar de «hispanismo», e que constitui um dos elementos mais característicos da filosofia da Regeneração, faz aqui a sua primeira aparição de muitas na obra.

Depois de mencionar os «descobridores» do país (Colombo, Bastidas, de la Cosa, Ojeda, Núñez e Balboa), Vergara passa a comentar os seus «conquistadores». Quesada, vindo desde o norte pelo rio Magdalena, Belalcázar que vinha por este mesmo vale mas desde o sul, e Federmann, que provinha dos *llanos* orientais, encontram-se, praticamente ao mesmo tempo, no altiplano de Bogotá —território até então dos índios muíscas:

La historia de los descubrimientos geográficos no ofrece hecho tan curioso como este del encuentro de tres conquistadores en el corazón de un mundo, tras partir de tan lejanos puntos y con tan distinto objeto. (p. 9)

«Coração» neste caso significa distância: «É este quase isolamento de Bogotá uma das causas que mais tem atrapalhado o progresso material do país» (*ibidem*).

Depois do descobrimento e da conquista, começa então a *colonização*, «grande obra que apesar dos excessos que a mancham, será sempre o maior timbre de glória da nação espanhola» (*ibidem*):

No llegaron á cien mil los hijos que ella envió á Colombia, y sin embargo, pocas son las poblaciones—medio centenar—fundadas después de la Independencia. Grande es la raza que con número tan exiguo ocupó real y materialmente tan vasto territorio, y de tal modo era vigorosa, que sus mestizos, siglos después, no presentan ni el más ligero signo de atavismo hacia la raza india, y en el país no se habla sino la lengua de Castilla, y con bastante pureza. Los montañeses colombianos son pura raza blanca, y qué raza!

Para Vergara, desta forma, a prova da grandeza da raça espanhola percebe-se na ocupação do território, cuja base, em termos de cidades fundadas, os conquistadores já deixaram, e cujo sangue, ao se

misturar com índio, predomina. A língua de Castela e a raça pura então, caracteriza os «montanheses» colombianos —isto em contraste com os povos das terras baixas—, e esta raça, «por fortuna imensa para a pátria, é e será raça latina», pois:

Hasta hora no la ha desvirtuado la inmigración, y si es verdad que necesitamos ésta con urgencia, quiera Dios que no la conozcamos nunca si ha de presentarse como en otros países americanos, la Argentina por ejemplo. (p. 10)

Desta forma pois, esta raça pura dos montanheses não tem sido até então «desvirtuada» pela migração, que o país necessita, é verdade —pois faltam braços—, mas que não pode ser de qualquer tipo, e que é preferível não acontecer e não colocar em risco aquela identidade.

Não pode deixar de observar-se aqui a atitude descrita pelo pesquisador Frédéric Martinez acerca da formação nacional neste período da Regeneração em que nos encontramos: junto com um cosmopolitismo inevitável (pois é frente a Europa que estas nações se constroem), existe um discurso explicitamente hostil ao cosmopolitismo, um discurso isolacionista, que inventa o mito do isolamento para afirmar a existência de uma idiossincrasia particular («feliz») originada pelo pouco contato com o exterior. Para Martínez, há entre as elites conservadoras no poder um ostensível medo às «ideias dissociadoras», anarquistas e socialistas, procedentes de ultramar, assim como um espanto ilimitado nas elites de todos os partidos com a perspectiva de acontecer na Colômbia algo parecido à Comuna de Paris. «Ameaçadoras incógnitas» via também o presidente Núñez, como Vergara, na questão da imigração.¹⁰⁷

As alusões de Vergara à «língua de Castela» também não são gratuitas ou inocentes. Como mostrado pelo pesquisador Malcom Deas, a gramática, o correto uso da língua, o domínio das suas leis e mistérios, era uma das principais fontes de poder neste contexto, assim como de continuidade com o passado espanhol, que definia o tipo de república procurada por estes governantes literatos.¹⁰⁸ José Manuel Marroquín, por exemplo, «encarregado de reger os destinos da República e literato conhecido em todos os países onde se fala a língua de castela», como apontado na advertência da obra, e a quem Vergara agradece desta forma o seu apoio na publicação da mesma, era de fato conhecido por obras costumbristas como *El Moro*, acerca da vida dum cavalo na savana de Bogotá, narrada em primeira pessoa.

(Este mesmo presidente, acerca da separação de Panamá, entre outras anedotas, pronunciou uma famosa frase que revela a consciência geográfica de boa parte dos líderes da Regeneração: «Yo no sé por qué se alteran con lo de Panamá, si yo recibí un país y les devolví dos».)

¹⁰⁷ Martínez, *El Nacionalismo Cosmopolita. La Referencia Europea En La Construcción Nacional En Colombia, 1845-1900*, 450.

¹⁰⁸ Deas, *Del Poder Y La Gramática*.

A continuação Vergara menciona o sistema de recollecção de informações geográficas coloniais centralizado na Espanha através do sistema de questionários que deviam responder tanto governantes como exploradores. Vergara não menciona o Conselho de Índias nem a Casa de Contratação, e não sabemos de onde tira o ano de 1591 como início deste «serviço de informações», mas menciona sim a Juan López de Velasco, «quem redigiu, dividido em cinquenta questões, um formulário que ficou como tipo do gênero» (p. 10). Provavelmente o formulário a que alude Vergara não seja outro que o conhecido como «Cédula, instrucción y memoria para la formación de las relaciones y descripciones de los pueblos de Índias», promulgado em 1577.¹⁰⁹

As respostas a este e outros questionários semelhantes, que foram enviados às colônias numa trintena de oportunidades, começaram a publicar-se e foram conhecidas no século XIX como *Relaciones Geográficas*. Vergara vai adaptar e aplicar este método no país.

Segundo o geógrafo colombiano, já no século XVI, graças a esses questionários e a outras iniciativas da Coroa, os espanhóis conheciam bastante bem a forma dos litorais, as cordilheiras e as grandes bacias hidrográficas do país, e a prova encontra-se nos mapas da época, cujos erros em latitude eram mínimos segundo ele, e os de longitude não passavam de um grau.

Vem à continuação uma longa lista de exploradores com os quais Vergara reconhece à sua dívida: Francisco José de Caldas, «ilustre pai da Geodesia colombiana» e iniciador da «geografia científica» ; Humboldt; Boussingault, que completa a obra deste último; Tomás Cipriano de Mosquera, general, presidente e geógrafo, que conseguiu trazer da Venezuela a Agustín Codazzi, o engenheiro italiano que acabava de levantar a carta desse país, e que na Colômbia «trabalha como um Hércules de 1849 a 1855» (datas estranhas, pois as conhecidas são 1850-1859), percorrendo 20 000 quilômetros, tomando centenas de cotas e dezenas de coordenadas. A morte interrompe o trabalho de Codazzi, que falece em campo ao iniciar o reconhecimento das últimas duas províncias que faltavam-lhe por explorar no país, «mas a sua obra é imortal», pois apesar dos escusáveis erros existentes nas suas memórias e mapas, são estas «as bases de tudo o que na Colômbia tem sido feito depois nestas matérias» (p. 12).

Outros exploradores estrangeiros, continua Vergara, embora de maneira desigual, fizeram contribuições ao «progresso da nossa geografia»: Boussingault de novo, Reiss e Stübel, Hettner, Sievers, Greife, Shenck, Stainhel, os dois White, Simonds, Crevaux, Wiener, os geógrafos brasileiros «que têm-nos feito conhecer o Amazonas e os seus afluentes», West e Gilbert, Bonaparte Wyse, os engenheiros da Ferrovia Intercontinental, Élisée e Armand Reclus e os marinheiros ingleses que delinearam os litorais.

¹⁰⁹ Uma seleção destes formulários e um conjunto de estudos sobre eles pode encontrar-se em: Francisco de Solano, ed., *Cuestionarios Para La Formación de Las Relaciones Geográficas de Indias: Siglos XVI/XIX*, 25 (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, Departamento de Historia de América, 1988) O mencionado por Vergara encontra-se nas p. 79-87.

Também haveria outros autores, «sem verdadeiro valor científico», mas interessantes para a «geografia descritiva» (Gaje, o conde Gabriac, Vigne, Safray, André, Cermoise, Striffleur, Chanfanjon, Brisson, Monnier, De Brettes, D'Espagnat, «etc.». Da mesma forma, «notáveis engenheiros colombianos», que por diversos motivos públicos e particulares têm levantado planos e feito medições (se bem que, «por desgraça, não sempre com exatidão»), merecem entrar na lista: Nieto París, González Vásques, Ferreira, Ramos, Sosa, Liévano, «etc.»;

Aqui se pronuncia Vergara acerca da sua adaptação do sistema espanhol de formulários:

El autor de la presente obra solicitó y obtuvo del Gobierno en dos ocasiones (en 1886 y 1895) orden y apoyo eficaz para verificar simultáneamente en todo el país un trabajo de *cuestionario* análogo al empleado por los españoles, el cual dio resultado completamente satisfactorio: millares de empleados, entre ellos personas doctas y conocedoras del terreno en que vivían, elaboraron detallados informes, previa consulta de los respectivos archivos, que unos con otros se comprueban y han hecho inmensa luz sobre la topografía de la República. (p. 14)

Duas vezes então, Vergara envio estes formulários a «tudo o país», segundo ele com resultados «completamente satisfatórios», chegando a obter «milhares» de respostas por parte de pessoas «conhecedoras».

Essa «enorme soma de trabalhos e informes», complementada com as suas próprias pesquisas nos arquivos do país, constituem segundo Vergara a «trama e armação» da sua *Geografia*. Como se fosse pouco, segundo o autor, estes informes foram retificados por ele mesmo e preenchidos seus vazios em «longas correrias» pelo centro do país.

Ponto seguido, Vergara declara-se o verdadeiro continuador da obra de Codazzi, estragada segundo ele pelos encarregados oficiais de completá-la:

De una vez por todas quede advertido que no haremos citas de la obra de Codazzi sino en determinados casos, porque la base de nuestro trabajo es su obra, que íntegra queda incluida en estas páginas; pero no la obra publicada por otros quitando el nombre de su autor y compilada sin criterio científico y sin conocimiento de las leyes de la Cartografía, y llena de errores de que no es responsable el malogrado geógrafo, sino la obra original sometida á la crítica racional que el mismo ingeniero habría empleado para fundirla en un solo cuerpo si la muerte no le hubiera impedido darle la última mano [...] (p. 14)

Vergara então apoia-se na obra *original* de Codazzi, que ele conseguiu consultar nos arquivos da cidade, e não na *Jeografia* de Felipe Pérez, nem nos mapas de Manuel María Paz e Manuel Ponce de León, que, segundo ele, introduziram erros de que não era responsável o malogrado geógrafo italiano, a quem estes «ignorantes» e «usurpadores» aliás negaram os créditos.

Quanto ao «método e plano» seguidos, Vergara firma inspirar-se nos trabalhos dos «grandes geógrafos franceses Onésime e Élisée Reclus, que, os primeiros, estudaram a terra de um modo verdadeiramente científico, racional e inteligente», e pelos quais a geografia não era mais «meras listas de no-

mes e números, ou nimiedades sobre climas, costumes e povoações, ou relatos inverossímeis de viagens, mas quadro completo e harmônico de cada país e da obra dos seus habitantes» (p. 14).

O «canhamaço» do geógrafo

Seguidamente, Vergara explica os lineamentos gerais que tem seguido para formar o «canhamaço» a partir do qual a sua *Nova Geografia* foi escrita. Este, que igual em espanhol que em português denomina uma espécie de tecido (rústico, por sinal), é para Vergara o resultado do complicado entrelaçamento daquela ingente quantidade de informações, diversas em extremo, e não poucas vezes também contraditórias, no qual baseia as suas afirmações. Este canhamaço é o que permite o conhecimento. É o conhecimento. (Os cientistas, de muitas maneiras, são tecedores de redes).

Em primeiro lugar encontram-se as cartas da marinha britânica, «quase perfeitas», correspondentes aos dois litorais do país. A esta base se enlaça a carta do rio Magdalena, estando já seus pontos bem fixados até Neiva na sua parte alta. Esta enorme linha se liga com centros como Cartagena, Santa Marta, Medellín, Ocaña, Bucaramanga, Ibagué e Bogotá através dos levantamentos feitos por diferentes entidades com o objetivo de construir ferrovias e caminhos em direção ao grande rio.

Esta «rede», completada e verificada a partir de «todos os documentos atrás indicados», fornece uma obra cuja «precisão não poderá ser superada senão o dia que se proceda a levantar metódicamente a carta geodésica do país» (p. 16).

A imigração

Esta seção fecha da seguinte maneira. Para Vergara o futuro da Colômbia —que pertence ao grupo dos países com «terrenos de contraste», caracterizados pela oposição entre plano e montanha—, encontra-se nas indústrias extrativas, nos «tesouros incalculáveis que guardam nossos bosques e montanhas».

Insere neste ponto duas citas do capítulo *Colômbia* da Geografia Universal de Reclus, ressaltando, na primeira, a posição geográfica excepcional e «estratégica de primeiro ordem» do país, central no continente e chamada a ser lugar de passagem entre os dois oceanos, «um dos grandes caminhos

entre o Oriente e o Ocidente e o único terrestre entre o Norte e o Sul do Novo Continente», complementa Vergara. A segunda cita de Reclus vale a pena colocar inteira:

Como país de asiento para los colonos de toda raza, el territorio de Colombia presenta ventajas excepcionales. Del mar a la cumbre de las montañas ofrece el regular escalonamiento de todas los climas: calor, temperatura moderada, frío, combinados según la exposición, con diversos grados de sequía ó humedad. Pero en tanto que en otras repúblicas el paso de clima a clima se hace bruscamente y como de un salto, de la tierra ardiente a la tierra fría, y que la zona templada, la mas favorable al hombre y a sus cultivos, esta representada por estrechas bandas, Colombia, singularmente privilegiada, prolonga sus montes y ante-montes a gran distancia del núcleo central, y las regiones cuyo clima puede compararse al de la Europa occidental por la temperatura media ocupan una extensión considerable, bastante crecida para sustentar los habitantes por decenas de millones. Con excepción del grupo montañoso de Santa Marta, las cadenas colombianas se ramifican de tal modo en abanico hacia el Norte y Nordeste, que encierran tierras de labor en todos los escalones, bajo todas las latitudes de la comarca.

Colombia estaría, pues, lista para recibir inmigrantes por millares, si tuviera caminos accesibles del mar hacia las zonas desiertas o apenas pobladas de las áreas templada y fría; pero hasta la fecha Colombia ha tenido la suerte de crecer en población y desarrollar sus recursos mucho mas por su propio fondo que por el auxilio de los extranjeros.

Reclus, apud Vergara, *NGC*, p. 16-17

Comme pays de peuplement pour des colons de toute race, le territoire colombien présente des avantages exceptionnels. De même que le Mexique, il offre, de la mer au sommet de ses montagnes, l'étagement régulier de tous les climats : chaleur, température modérée, froidures, combinées suivant les versants, avec divers degrés de sécheresse ou d'humidité. Mais, tandis qu'au Mexique le contraste de climat à climat se fait brusquement et comme d'un saut, des terres brûlantes aux terres froides, et que la zone tempérée, la plus favorable à l'homme et à ses cultures, y est représentée seulement par des bandes étroites, la Colombie, singulièrement privilégiée, prolonge ses plateaux et ses avant-monts à une grande distance du massif central, et les régions dont le climat peut être, assimilé à celui de l'Europe occidentale pour la température moyenne y occupent une étendue considérable, assez vaste pour nourrir des habitants par dizaines de millions. A l'exception du groupe de Santa Marta, les chaînes de la Colombie se sont ramifiées en éventail vers le nord et le nord-est, de manière à présenter des terrains de culture à tous les étages, sous toutes les latitudes **et toutes les longitudes** de la contrée [...].

La Colombie serait, donc prête à recevoir des immigrants en foule si des routes d'accès s'élevaient de la mer vers les régions inhabitées ou faiblement peuplées des aires tempérées et froides; mais jusqu'à nos jours elle a eu l'heur de croître en population et de développer ses ressources beaucoup plus par son propre fonds que par l'aide de l'étranger.

Reclus, *NGU*, XVIII, p. 223-225

Coloquei em negrito a expressão em francês «todas as longitudes», retirada por Vergara na sua tradução —porque de fato trata-se duma retificação: nas longitudes orientais do país não existem cordilheiras «de clima como o europeu».

Vergara comenta assim esta cita:

De autoridad indiscutible son en el campo geográfico las líneas anteriores, y como es llegado el tiempo de que sin peligro para la nacionalidad vengan á Colombia brazos y capitales extranjeros que nos ayuden á explotar los ricos venteros de nuestro suelo, en lo cual hallarían provecho, para ellos acumulamos las pruebas, *á fin de que puedan formarse idea correcta tanto de las facilidades y ventajas, como de las dificultades y tropiezos*—menores éstos— que á sus empresas presentaría el territorio, y por ende para que se den cuenta exacta de que es factible vencer las segundas y aprovechar las otras. (p. 17)

Vergara considera nesta citação que o país se encontra então já amadurecido o suficiente em termos da sua nacionalidade como para poder admitir a imigração sem perigo para ela.

Deve entender-se então a *Nova Geografia da Colômbia* como uma tentativa principalmente destinada a atrair braços e capitais estrangeiros? Trata-se então de uma obra pensada para estimular a imi-

gração, apresentando as montanhas de «clima europeu» na voz de Reclus como uma espécie de isca? Talvez —em parte—, mas não por isto se trata de uma obra falsa ou adulatora com a Colômbia —muitas vezes ao contrário, pois trata-se, em tudo caso, de mostrar, como Vergara afirma (ressaltado por mim em cursiva), as facilidades e vantagens do país, mas também as suas dificuldades e os potenciais tropeços para as empresas que se aventurarem nele. Aquelas podem ser aproveitadas, e estas podem ser vencidas. Desde este ponto de vista, não se pode qualificar o nosso autor como «determinista».

No entanto, o que até agora Vergara não tem dito claramente —e que ao contrário, parece que está reservando, usando a ambiguidade—, é que ele pensa, como veremos, que o futuro do país, que o centro da população e das atividades econômicas rentáveis —e por tanto da imigração— não se encontra precisamente nas altitudes andinas...

Altimetría

Depois destas seções introdutórias, as seguintes quase oitenta páginas da *Nova Geografia da Colômbia* são preenchidas com tabelas altimétricas (p. 17-95), seguidas de mais vinte páginas com a quilometragem do país. Algumas páginas antes, ao falar da Colômbia como um «terreno de contraste», Vergara tinha enunciado o propósito de mostrar esta longa série de dados:

«Como esta obra pretende alcançar o caráter de definitiva nas suas linhas fundamentais; [...] para impor ao leitor os conceitos sentados nestas páginas, é preciso começar pela exposição dos dados em que se baseiam, em especial respeito de altitudes e distâncias, deixando para terminar o livro a discussão das coordenadas preferidas em cada caso» (p. 16).

Estas tabelas, que recolhem quantos dados de altitudes e distâncias como era possível reunir e processar na época, são imponentes de fato, organizadas por época, por autor (indicando a nacionalidade em cada caso) e por região, registrando também a data da medição e o instrumento utilizado quando possível.

Com estas tabelas Vergara quer dizer o seguinte: «se você quer dissentir ou duvidar da minha obra, saiba que vai ter de enfrentar toda esta longa e organizada lista de aliados meus». Ao apresentar seus dados desta forma —que bem poderiam ter ficado ocultos—, ao abrir a «caixa» preta da sua *Geografia*, Vergara está construindo autoridade, efetivamente tornando a sua obra «definitiva» —ao menos até alguém mais apresentar uma outra melhor documentada.

Vergara divide seu compilado altimétrico em três «épocas»: «Colonia e emancipação», «Comissão Corográfica» e, a parte mais extensa, «Trabalhos contemporâneos». À primeira época correspondem as medições feitas por Caldas, Humboldt, José Manuel Restrepo, o venezuelano Montenegro, Joaquín Acosta (apenas um dado altimétrico toma dele), e o citado Mosquera. À segunda correspondem os dados de Codazzi, em número de 1 200, organizados por cordilheiras e por «ramais» das mesmas, incluindo alguns dados sobre o nível das neves em algumas montanhas e sobre o tema clássico no país da altimetria das plantas. No final desta seção, Vergara considera justo adicionar uma nota, que consideramos importante:

NOTA — Terminada la exposición de la altimetría colombiana según Codazzi, posible es afirmar que no habrá quien después de estudiarla, no rinda tributo de admiración á la obra del célebre geógrafo: á ella pueden hacerse las rectificaciones y adiciones que se quiera, pero es inconvencible en sus grandes líneas y colocados sus números sobre la Carta geográfica del país, el relieve verdadero de éste destacará con admirable nitidez. Y, cosa singular, jamás en los anales de la literatura científica del globo se hallará caso igual al acaecido en Colombia al paciente explorador de su suelo, es decir, de un pillaje y plagio tan censurable como el cometido por la *segunda* Comisión Corográfica, que ni una línea añadió á la obra del conocimiento geográfico del país, y por mal yuxtaponer las piedras del edificio de Codazzi, borró el nombre de éste para poner el suyo propio!

Las cifras de la serie que antecede, es decir, las 1,200 altitudes de Codazzi, han sido pacientemente tomadas de las cartas corográficas originales del autor, que se conservan en la Biblioteca Nacional, de la *Geografía* de las Provincias inserta en la *Gaceta Oficial* (1853-1859) [únicos trabajos publicados en vida por Codazzi], de multitud de informes sobre caminos, publicados en el mismo periódico desde 1850, ó existentes en los archivos oficiales, etc., y luego agrupadas como ellas mismas lo indican, con la armónica trabazón y enlace que reina entre sus cifras. Por la prensa y en vida de los autores del delito arriba mencionado, censuramos semejantes procedimientos, sin que se pudieran contestar nuestros cargos, y por lo tanto huelgan hoy esos nombres en este libro. (p. 40)

Estes nomes já os temos mencionados: Pérez, Ponce e Paz, merecedores uma e outra vez, inclusive pela imprensa, das reclamações —tal vez justas?— do nosso autor. Segundo a nota, dada a incompetência dos designados para ordenar e publicar corretamente a obra de Codazzi —cujo nome aliás deixaram de indicar—, o nosso autor precisou ir até os mapas manuscritos do italiano —entre outros documentos— para recuperar, com indefinível paciência, os dados altimétricos originais do explorador. Vergara acreditava ter descoberto os segredos para interpretar a forma em que Codazzi agrupava os seus dados, que, uma vez colocados sobre o mapa, revelam, «com admirável nitidez», a sua harmonia e coerência. Não muitas pessoas —e isto sem remuneração econômica— estariam dispostas a tantos sacrifícios.

A lista —não menos organizada— de autores da terceira época da altimetria do país segundo Vergara é mais extensa: Liévano, Reiss e Stübel, González Vásques, A. Ramos, E. Michelsen e N. Sáenz, os engenheiros da agrícola Companhia de Colômbia, Álvarez Salas (hipsométricas contrastadas com nivela-

ção com óculo), C. Balen, Hettner, Sievers, Honorato Espinosa, R. Espinosa G., J.D. Mallarino, Diódoro Sánchez, R. Ridley, E. Morales, E. Solano, Édouard Andrée (a quem acusa aqui numa nota de copiar páginas inteiras de Codazzi), E. Rentería, F. Ferreira, J. Brisson, E. Cisneros (cubano), V. Paz, E. White, C. Faulhaber, R.F. White, a empresa do caminho de Barbacoas, Manuel H. Peña, F. Schenk, C. Villa, C. Pavón, R. Ferreira, J. C. Randolph, Ed. Steinheil, F. Thielman, N. Estechi, Crevaux, M. Monier, Stieler Hand, o Ferrocarril intercontinental, L. N. Bonaparte Wyse, J. Landreau, M. F. Kelley, S. A. Simonds, J. de Brettes, M. Palacio, L. Strifleur, cartas espanholas, Comissão de limites com a Venezuela, o almirantado inglês, diversos projetos de ferrovias, Poncet, G. Carvajal, J. Uribe U., F. Pereira, F.J Casas, R. Nieto París, R. Caracristi, F. Morales, o citado Ponce de León, A. Pinart, Moritz Wagner e, o próprio autor, Vergara y Velasco, com dados levantados por ele mesmo para «preencher os vazios na altimetria de Cundinamarca». Não contente com isto, Vergara oferece uma lista de altitudes dos gigantes nevados, comparando as cifras de diferentes autores para cada um, indicando a mais apropriada ou fornecendo seu próprio cálculo elaborado com base nos demais. O método para escolher um entre diferentes dados de altitude correspondentes a um mesmo ponto, ou para efetuar seu próprio cálculo com base nos outros, Vergara anuncia que passará a explicá-lo mais adiante. Ainda, para finalizar, insere uma tabela com a altimetria dos principais «*pasos*», ou passagens das cordilheiras, já processados por ele e apresentados como «adotados» pela *Nova Geografia da Colômbia*. Em conclusão, «todos os pontos importantes do país foram já acotados por algum observador» (p. 92).

Quilometragem

Quanto a quilometragem do país —acompanhada de mapa—, Vergara explica ter tomado as suas medições das linhas telegráficas cotejadas com as cartas oficiais, do traçado das ferrovias e de planos de caminhos. Registra na sua lista os lugares em que existe estação de trem e também o rumo geral da via. Organiza os dados por séries, em geral correspondentes a estes mesmos traçados, mas também cita os autores dos mesmos quando é o caso —a maioria deles já citados na seção anterior. No final, Vergara conclui das suas cifras que falta levantar um plano das linhas telegráficas em funcionamento, «trabalho que longe de ser uma carga para o Tesouro, redundará em benefício do país» (p. 114).

O litoral

Abruptamente, encontramos-nos em um capítulo intitulado «Litoral». Em nenhum momento anterior anunciou-se o início duma nova seção do livro, dedicada a descrever tais ou quais partes do país desde tal ou qual ponto de vista. Simplesmente, aterrizamos no litoral. Esta estrutura, digamos, desalinhada, é uma constante nas obras do autor e de todas as fases da *Nova Geografia*.

Esta curta seção se divide, logicamente, em costa Atlântica e costa Pacífica. Da descrição de Vergara destes litorais destaca-se o tratamento dado ao arquipélago de San Andrés. Depois de dizer que só no oceano Pacífico, na parte panamenha, existem ilhas «verdadeiramente dignas de tal nome», parece retificar, e mais adiante acrescenta:

Doscientos kilómetros al N. de la costa de Chiriquí posee Colombia, en pleno mar Caribe, el Archipiélago de San Andrés (San Andrés, Santa Catalina, Providencia y numerosos cayos é islotes), importante por su posición estratégica y sus productos, y en el cual solo se habla inglés, por obra de nuestra incuria. Este archipiélago será prenda de gran valor el día en que la República posea marina de guerra. (p. 117)

É este o único comentário que recebe o arquipélago em toda a obra, isto apesar de (ou talvez por causa?) do autor ter publicado, alguns anos antes, uma obra sobre esta parte do país, apresentada como um extrato da sua então inédita *Geografia*.¹¹⁰

Mais ainda, é a «falta de ilhas» nestes litorais (embora ter mencionado algumas pouco antes) o que explica para nosso autor a carência no país de «uma marinha importante como a do Chile ou a do Brasil» (p. 121).

Fronteiras

De repente estamos agora no capítulo *Fronteiras*. Esta seção inicia com uma interessante nota de rodapé:

Las zonas en litigio pueden valorarse así: con el Brasil 168,000 ks. cds.; con el Perú, 24 á 161.000, pues son varias las líneas que se pretenden como límite en aquella República; y con el Ecuador 144,000, siendo de advertir que estos últimos están todos real y materialmente ocupados por Colombia por medio de pueblos y autoridades que en ellos funcionan de tiempo atrás. La inversa sucede con las otras dos porciones, bien que allí las usurpaciones fronterizas no pasan de ser nominales en su mayor parte. (p. 122)

¹¹⁰ Francisco Javier Vergara y Velasco, *El Archipiélago de San Andrés (las Islas de San Andrés Y Providencia)* (Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1888), <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/el-archipelago-de-san-andres>.

Esta nota não só revela a enorme incertidão em que se encontrava o país com respeito à sua situação fronteiriça na amazônia, mas também a atitude do autor ao respeito. Não estaria pensando aqui com o desejo o general Vergara, ao dizer que a Colômbia ocupava de fato com povos e autoridades a região fronteiriça com o Equador nesta região? E, igualmente, ao declarar que as «usurpações» peruanas e brasileiras eram coisa apenas nominal? Se assim fosse, por que chamá-las assim, de usurpações, e não de «pretensões» ou algo parecido?

De fato, na sua *Nueva carta geográfica de Colombia*, publicada em 1906,¹¹¹ Vergara coloca ao norte do rio Coca —fronteira reivindicada por ele— a fatídica inscrição «Ocupação equatoriana», isto revelando certa consciência do autor acerca da debilidade da «ocupação» colombiana nesta área. Pode interpretar-se, talvez, que Vergara considerava as usurpações brasileira e peruana como «apenas nominais» apenas de boca para fora, ou seja, não como resultado de um excesso de confiança mas, ao contrário, para dissimular a fraqueza colombiana nesta área (que o resultado final deixou patente) perante os olhos de seus leitores estrangeiros?

Acerca da fronteira venezuelana, Vergara exprime-se com otimismo: «está já fixada como é devido, e praticamente demarcada sobre o terreno». Esta atitude deve-se, sem dúvida, aos avanços que no momento faziam as Comissões de limites entre os dois países —Vergara pertenceu por breve tempo à colombiana— antes de estalar a Guerra dos Mil Dias. Venezuela —como sempre aconteceu— decidiu apoiar ao bando revolucionário, razão pela qual o presidente Marroquín rompeu relações com este país em dezembro de 1901, ficando desta forma congelados os trabalhos de demarcação, que em tudo caso encontravam-se suspensos desde o mês de julho anterior.¹¹² Se lembramos que a *Nova Geografia* entrou em imprensa em março de 1901, é possível pensar que Vergara não tenha tido tempo de reagir à virada dos acontecimentos e que por isso neste capítulo apareça esta fronteira como assunto resolvido e demarcado.

Relevo

Nos encontramos agora no capítulo *Relieve: montes y llanuras*. Este capítulo inicia com uma descrição geral do relevo e a hidrografia da América do Sul, inspirado em grande parte na introdução do

¹¹¹ Digitalizada pela Gallica: Francisco Javier Vergara y Velasco, “Nueva carta geografica de Colombia” (Bogotá: Imprenta Eléctrica, 1906), <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84441905>.

¹¹² Francisco Andrade S., *Demarcación de Las Fronteras de Colombia*, vol. XII, Historia Extensa de Colombia (Bogotá: Academia Colombiana de Historia - Ediciones Lerner, 1965), 432.

volume XVIII da *Nova Geografia Universal* de Reclus, sendo o mapa que acompanha essa seção tomado também desta obra.¹¹³

Neste ponto Vergara lança uma de suas ideias fundamentais: na Colômbia, a cordilheira dos Andes divide-se em *duas* grandes massas: uma ocidental formada de rochas «cristalofílicas e eruptivas» ou primárias, e uma oriental em que predominam rochas «sedimentárias e modernas» ou secundárias. No meio delas encontra-se a maior sinclinal da América, pela qual corre o rio Magdalena e a qual divide os Andes colombianos, desde o ponto de vista geológico, «em dois grupos perfeitamente distintos entre si». Agora bem, pelo fato de existir um grande vale no meio daquela massa oriental, pelo qual corre o rio Cauca deixando a ambos lados altas cristas ou rebordes, «nessa porção do território vêem-se, dizemos, aparentemente marcadas, três séries de cumes, e o povo, no seu afã de simplificar e generalizar, considerou de tempo atrás como armação da orografia colombiana a existência de três cordilheiras, designando-as com os nomes de *occidental*, *central* e *oriental*» (p. 128). E acrescenta:

Y en verdad que tal división es cómoda para la descripción de nuestro relieve, por lo cual habremos de conservarla hasta cierto punto, no sin hacer constar, eso sí, que tal clasificación es errónea desde o triple punto de vista de la posición de las crestas, de su relieve y de su composición geognóstica. (*Ibidem*)

Não é possível aqui tentar uma arqueologia da descrição dos Andes colombianos —que podemos afirmar existe em muitas variantes—, mas deixemos apenas consignada uma das principais fontes desta descrição «popular», nada menos que a de Alexander von Humboldt:

Chamaremos *Cordilheira oriental da Nova Granada* àquela que se prolonga em direção de Santa Fé de Bogotá e a Serra Nevada de Mérida, ao leste do Magdalena; *Cordilheira central da Nova Granada*, aquela que se dirige entre o Magdalena e o Cauca em direção de Mariquita; *Cordilheira ocidental da Nova Granada*, aquela que continua a *Cordilheira de la Costa* da bacia do Almaguer e que separa o leito do rio Cauca do terreno platinífero do Chocó.¹¹⁴

Mais na frente, Humboldt tenta —com relativo sucesso— dar a estas formações os nomes de cordilheira do *Sumapaz* à oriental (seguindo o nome das montanhas ao sul de Bogotá), de *Guanacas* ou

¹¹³ Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle : La Terre et Les Hommes*, vol. XVIII — Les Régions Andines — Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Pérou, Bolivie et Chili (Paris: Hachette, 1893), 25, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k315246>.

¹¹⁴ «Nous appellerons *Cordillère orientale de la Nouvelle-Grenade* celle qui se prolonge vers Santa-Fe de Bogota et la Sierra Nevada de Merida, à l'est du Magdalena ; *Cordillère centrale de la Nouvelle-Grenade*, celle qui se dirige entre le Magdalena et le Cauca vers Mariquita; *Cordillère occidentale de la Nouvelle-Grenade*, celle qui continue la *Cordillera de la Costa* du bassin d'Almaguer et qui sépare le lit du Rio Cauca du terrain platinifère du Choco. Pour plus de clarté on pourroit aussi nommer le premier chaînon celui de la *Suma Paz*, d'après le groupe colossal de montagnes au sud de Santa-Fe de Bogota qui verse les eaux de sa pente orientale dans le Rio Meta. Le second chaînon seroit désigné par le nom de chaînon de *Guanacas* ou *Quindiù*, à cause de deux passages célèbres des Andes dans le chemin de Santa-Fe de Bogota à Popayan; le troisième chaînon seroit celui du *Choco* ou du *littoral*». Alexander von Humboldt, *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent: fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland*, vol. 10 (Paris: J. Smith & Gide, 1825), 59–60.

Quindío à central (com base nas suas duas passagens mais conhecidas) e do *Chocó* ou *litoral* à ocidental. Digo com relativo sucesso pois, embora estas denominações foram conhecidas e usadas durante o século XIX, não são mais utilizadas atualmente.

É possível encontrar em Hettner¹¹⁵ (e em Suess¹¹⁶ e Sievers¹¹⁷ seguindo a Hettner) uma descrição um pouco diferente. Tratar-se-ia para o geógrafo alemão de quatro cordilheiras: a do Chocó, que não é a mesma batizada assim por Humboldt e nem nenhuma das que vimos considerando até aqui, mas uma outra mais ocidental ainda, que corre perto do litoral do Pacífico, e que conhecemos como Serrania de Baudó; logo «as chamadas» Ocidental e Central, que são continuação direta das cordilheiras Ocidental e Oriental do Equador; e mais uma, independente, a mais oriental, chamada por Hettner «cordilheira de Bogotá».

Isto é: é claro para estes autores a continuidade das cordilheiras equatorianas nas chamadas cordilheira Central e Ocidental na Colômbia, assim como é clara a singularidade ou independência da chamada Oriental ou de Bogotá. No entanto, em nenhum destes autores há a ideia de considerar a Central e a Ocidental *como uma só*, nem muito menos protestos contra a tradição de entender, o que para Vergara seria *uma* massa, como duas cordilheiras separadas. Até onde tenho visto, trata-se de uma interpretação original de Vergara y Velasco.

Regiões

Superado este ponto, Vergara passa a estabelecer a sua regionalização do país. Em primeiro lugar, a Colômbia observa duas divisões principais: uma *occidental*, quebrada, ou *andina*, e uma *oriental* ou *llana* (plana). Esta divisão reflete uma idêntica estabelecida por Reclus para a América do Sul no capítulo citado da sua *Nova Geografia*, mas poderia rastrear-se mais atrás, pelo menos até Malte-Brun. Agora, não todos os relevos do país são andinos: para Vergara, os montes que vão da Goajira até Costa Rica, os remates das cordilheiras do Chocó e de Sumapaz, a Serra Nevada de Santa Marta e a serrania de Panamá (incluindo a de Baudó, apesar de ficar sobre o litoral do Pacífico), não formam parte dos Andes desde o ponto de vista geológico, mas emparentam-se com o litoral da Venezuela e

¹¹⁵ Alfred Hettner, *La Cordillera de Bogotá. Resultado de Viajes Y Estudios*, trans. Ernesto Guhl (Bogotá: Banco de la República, 1966), 33–34; Alfred Hettner, *Viajes Por Los Andes Colombianos (1882-1884)*, trans. Heinrich Henk (Bogotá: Banco de la República, 1976), 16.

¹¹⁶ Eduard Suess, *La face de la terre (Das Antlitz der Erde)*. Traduit de l'allemand, avec l'autorisation de l'auteur et annotée sous la direction de Emm. de Margerie. Avec une préf. par Marcel Bertrand, trans. Emmanuel de Margerie (Paris: A. Colin, 1897), 716–717, <http://archive.org/details/lafacedelaterred01sues>.

¹¹⁷ Wilhelm Sievers, *Geografía de Ecuador, Colombia Y Venezuela*, trans. Carlos de Salas (Barcelona - Buenos Aires: Editorial Labor, 1931), 65–66.

as serranias das Antilhas, em um sistema denominado por ele «Caribe». Desta forma, a região oriental ou plana da Colômbia estaria dividida em «*llanos* do Orinoco» e «*llanos* do Amazonas», e a região ocidental dividir-se-ia em «Montes (dos Andes)» e «sistema caribe», incluindo neste último a serra-nia do Baudó. Vergara acompanha esta descrição com um mapa intitulado «Regiões naturais da Colômbia» (fig. 39). Devemos entender então, embora o autor não o exprima assim explicitamente, que por «regiões naturais» (que em grosso modo correspondem, mas são diferentes das «geográficas, das geológicas e das climáticas que irá postular mais adiante), Vergara entende «oroográficas».

Colômbia afundada

Em seguida Vergara efetua um dos seus exercícios cartográficos mais interessantes: «Colômbia afundada» (figs. 46, 47, 48, 49 e 50). Neste exercício, inspirado provavelmente pelas teorias geomorfológicas acerca das mudanças no nível do mar na história do planeta, Vergara imagina as configurações sucessivas do país se o mar subisse 5000 metros e depois começasse a descer de mil em mil. Valha já dizer que, ao comparar estes mapas com outros obtidos a partir de sistemas cartográficos contemporâneos (utilizando dados de elevação DEM)¹¹⁸ o parecido admira.

Se o mar subisse seis quilômetros, explica Vergara, o país inteiro sumiria. Se a inundação retrocedesse mil metros (fig. 46), surgiriam apenas cinco ilhotes, quatro deles ficariam numa mesma longuíssima linha e o último a um lado (o Cayambe, o Huila, o Tolima-Ruiz, a Serra Nevada de Santa Marta e a Serra Nevada de Chita). Logo, se o mar diminuísse seu nível mais mil metros (fig. 47), pouco aumentaria o solo pátrio, mas emergiria o que o autor denomina «Arquipélago colombiano». A três mil metros (fig. 48), seguindo os mesmos lineamentos surgiriam longos diques, e até apareceriam algumas povoações como «portos marítimos». A linha central de cumes apenas ficaria interrompida por um estreito no sul, a ocidental apareceria como alguns pontos descontínuos e a oriental pareceria um «complicado arquipélago de terras dispostas em forma estranha sobre vários eixos». Com o nível do mar 2000 metros acima do nível normal aumentaria notavelmente o território, haveria ilhas de clima temperado, algumas delas de considerável tamanho.

¹¹⁸ Agradeço aqui ao pesquisador Andrey Medvedev da Academia Russa das Ciências por ensinar-me como trabalhar com dados DEM e gerar imagens tridimensionais a partir destes. Para este exercício utilizei dados de elevação com resolução de 30 metros, tomados do Shuttle Radar Topography Mission SRTM-30 (disponíveis em: <<http://srtm.csi.cgiar.org/>>). Para o georeferenciamento dos mapas de Vergara e a sua modelagem tridimensional segundo esses dados, utilizei o programa GlobalMapper (v13).

Com o mar descendo mais mil metros a transformação seria notável (fig. 50). Desapareceriam os estreitos e surgiriam duas faixas distintas, mas unidas em forma de ípsilon. Neste ponto Vergara faz a seguinte pergunta, que revela o propósito último do seu ardil: «Onde estariam então as cordilheiras tais como de ordinário as imagina o comum das gentes?» (p. 135), ou, em outras palavras: «Quantas cordilheiras você vê?». Quem disse que contar cordilheiras é simples!

E o exercício poderia continuar ainda mais: 500 metros mais embaixo o país crescería alguma coisa sem se modificar a sua armação, mas, se retornarmos as águas ao seu nível normal, triplicar-se-ia a terra seca.

Fazendo agora o contrário, tirando 500 metros de mar, o país ganharia alguns milhares de quilômetros sem deformar a linha litoral. Secando o mar 1 000 metros, ainda seria reconhecível esta última (fig. 35), com algumas antigas cidades costeiras ficando agora um pouco mais longe do mar; precisar-se-ia que o mar baixa-se 4 000 metros para produzir notáveis e serias modificações na área do país!

Sem dúvida trata-se de um exercício muito interessante e que, desde meu ponto de vista, consegue demonstrar o seu ponto.

Para fechar a seção, Vergara pergunta-se mais uma vez e convida a «meditar» se as «classificações objetadas» por ele fazem sentido ou não.

Ilhas de civilização

Vergara foi acusado Germán Palacio, pesquisador da linha de história ambiental, de pretender com aquele truque cartográfico «ressaltar» as zonas temperadas acima dos 2000 metros, em correspondência, segundo ele, com as teorias racistas e deterministas características do pensamento conservador colombiano de começos do século XX, que rejeitava as terras baixas e os seus habitantes, e via nos altiplanos uma sorte de «ilhas de civilização». «Um inspirador deste pensamento», segundo Palacio, seria Vergara y Velasco.¹¹⁹

Considero que este importante autor não tem a razão neste ponto.

Não vamos dizer que Vergara não era «racista», ou que a sua definição de civilização não era «eurocêntrica». Agora, existe a este respeito todo um espectro de sutilezas que não são desprezíveis. Vergara por exemplo seguía as ideias de Reclus acerca da fusão das raças, que via com otimismo —claro, na medida em que na mistura predominasse o elemento «branco». Mas o que sim é claramente diferente com respeito a Vergara, que nisto vai ser acompanhado por outros conservadores —se bem não da ala dos gramáticos—, é que segundo ele, para o país alcançar a prosperidade, o homem bran-

¹¹⁹ Palacio, *Naturaleza En Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia. 1850-1995*, 19.

co do altiplano deve decidir-se a migrar para as partes baixas do país, onde poderiam produzir-se em abundância produtos agrícolas com maiores facilidades para a sua exportação.

Vejamos uma citação em que confluem todos estes termos, uma das piores citações que poderia encontrar quem quiser mostrar um Vergara racista. Falando do Chocó e da sua umidade e calor extremos, afirma que «apenas a raça preta pode viver em um clima tão malsão», ao qual acrescenta:

Hemos dicho mal: esa raza no vive allí, sino que vegeta, porque indolente y ociosa por naturaleza, como que sin esfuerzo satisface sus necesidades vegetativas, no emplea el vigor de su brazo en el progreso de la tierra donde habita, por lo cual el Chocó no será conquistado para la civilización el día en que la raza blanca se apodere de la sana y elevada cordillera, y de ella descienda poco a poco, talando la selva y encauzando las aguas, hasta llegar al curso navegable de los ríos que por hoy en vano abren fáciles caminos hasta el mar. (p. 413)

Sim, há uma «decisiva influência da geografia física sobre o homem, isto é, do meio, no desenvolvimento da civilização» (p. 428), no entanto, o homem branco pode conquistar e civilizar estas regiões, começando por apoderar-se das suas partes altas (o Baudó, no caso do Chocó), para a partir dali ir descendo, derrubando floresta e canalizando os rios até chegar ao mar, pois é a través da exportação de produtos tropicais que o país poderá atingir a prosperidade. Não se trata, então, contradizendo diretamente à ideologia geográfica que nesta época começou a tornar-se nacional, de construir a nação nos altiplanos, fugindo do calor. Com ajuda da higiene, como veremos, o homem branco pode sobrepor-se às condições climáticas das terras baixas e conquistá-las para a civilização.

Os Andes

Chegamos agora no capítulo «Andes». Aqui Vergara dedica longas paginas a descrever as formas destas montanhas. Descrever e descrever... Mas não era necessário esse serviço? Não era preciso que alguém o fizesse? Destaquemos apenas que utiliza para organizar seu discurso as classificações recém objetadas (Cordilheira Ocidental o do Chocó, Central ou do Quindío e Oriental ou de Sumapaz). Quanto vocabulário tem que mobilizar Vergara para fazer-se entender, para comunicar um sentido a essa terrível e monstruosa maranha de dados acumulados sem cessar! Cordilheiras, sim, mas também cristas, rebordes, muros paralelos, cimas, maciços, rugas, falhas, sinclinais, gargantas, *hoces*, saltos, *raudales*, *estratas*, colmatagem, *cuencos interiores*, altos topos aplanados, elevadas *llanuras* o *altiplanicies*, tudo num paragrafo só, numa frase só!

Los Andes en el enorme espacio que ocupan en Colombia, 320,000 kilómetros², es decir, el área de los Alpes íntegros ú ocho Suizas, aun cuando al parecer forman unas pocas series de grandes

cimas que el uso apellida cordilleras, realmente se componen de múltiples muros paralelos, por lo general apoyados á trechos em grandes macizos, separados por quiebras considerables y que en verdad no son sino rebordes y pliegues de extensas mesas surcadas por grietas, fallas y sinclinales, divididas en fragmentos por colosales gargantas, de donde que el álveo de los ríos se muestre lleno de hoces, saltos y raudales, apenas bañe rudimentarias llanuras y aun parezca en algunos lugares que las aguas corren al revés ó hubieran roído de arriba abajo altísimas crestas. En una palabra, las cresterías andinas no son sino pliegues de atormentadas estratas, de los que unos recorren todo el sistema, en tanto que otros apenas alteran una parte de él ó no tienen sino reducidas dimensiones, lo que dio campo á la surrección de altos topes aplanados ó al colmataje de cuencos interiores así transformados en elevadas llanuras ó altiplanicies. (p. 139)

Nesta seção aparecem três personagens importantes que virão a ser retomados.

O primeiro é a já mencionada serra do Baudó, no Chocó, que separa do oceano Pacífico os vales enfrentados dos rios Atrato e San Juan, que ganha maior identidade ao definir desta maneira o Alto Chocó, diferente do Baixo, na parte sul, em que a cordilheira ocidental cai diretamente ao mar.

O segundo, localizado nos Andes do sul da Colômbia, classificado por Vergara dentro da cordilheira central, é o *maciço da Colômbia*, um «enorme nó de cordilheiras» onde nascem quatro principais rios do país: o Magdalena e o Cauca, «tributários» do mar das Antilhas, o Patía que se dirige ao mar Pacífico, e o Caquetá, que «alcança o Atlântico» pelo Amazonas.

E, em terceiro lugar, uma teoria: aqui Vergara menciona pela primeira vez na obra «àqueles que confundem os eixos orográficos com as linhas de cúspides ou com as divisórias d'águas ou *magistrais*» (p. 149).

Passamos agora aos montes Caribes, a outra formação montanhosa da Colômbia, diferente da andina, com as suas divisões e subdivisões, para passar a descrever as Serranias do Caquetá, na metade plana do país.

As llanuras

À continuação Vergara passa a descrever as *llanuras* do país, que seriam de dois tipos, as extensas orientais, e as que ficam nos litorais e nos interstícios da parte montanhosa do país, como por exemplo o vale do Magdalena.

Ao chegar à descrição das *llanuras* orientais aparecem alguns elementos interessantes: estes se assemelham à parte montanhosa do país em «majestade e riquíssimos produtos» e possuem unidade além das fronteiras Estatais. A união da Colômbia, a Venezuela e o Equador existiu porque esses *llanos* formam *um todo*,

todo que un día será en verdad la *Gran Colombia*, pues las leyes que rigen al mundo , como fijadas por Dios mismo, son superiores ala voluntad humana. Pues bien: de esa gran patria, aun cuando por hoy parezca un absurdo la afirmación, el centro natural e geográfico son los *llanos*. (p. 177)

Por que absurdo? Porque desafia a ideologia andino-cêntrica dominante no país dos presidentes gramáticos que se vangloriavam de não conhecer o mar.

Agora, há determinismo nessa frase? A primeira vista sim: leis naturais e divinas superiores à vontade humana são invocadas. No entanto, estes *llanos* precisam ser *conquistados*, domesticados, reordenados, todo o qual requer, sem dúvida, ação, força de vontade.

Vergara define o Caquetá como a «imensa selva» que entre o rio Guaviare (que marca a fronteira entre aquela e os *llanos*) e o das Amazonas cobre a mais extensa zona do oriente plano do país. Para o autor, esta terra guarda incalculáveis riquezas naturais (o mito de Eldorado, como bem lembra Serje),¹²⁰ mas só poderá ser explorada em um futuro distante (séculos), «quando uma população aclimatada e relativamente civilizada tome posse real dessas imponentes "solidões"» (p. 189). De novo, as partes baixas do país são caracterizadas como ricas e de potencial civilização, mesmo que esta possa ser muito difícil e tomar muito tempo. Igualmente, como sabemos, a valorização destas partes do país como fundos territoriais não vai ser a nota predominante da ideologia geográfica nacional que encontrava-se em consolidação neste período.

Chegamos aqui a uma seção de complementos em que o autor afirma ter explicado até o momento o relevo ou hipsografia do país (resumidas as suas proporções nos diagramas 40 a 45, os dois últimos mostrando claramente quanto a Colômbia é quente e plana), antes de passar a seu estudo «geognóstico».

Cortes e perfis

Ao autor em nota de rodapé chama aqui a atenção acerca dos seus «cortes e perfis» (figs. 52, 76, 77, 78 79 e 80) e convida a contrastá-los com seus «planos das cordilheiras» (figs. 51 e 63). Que artifício genial este que permite *ver* as cordilheiras encima de nossa mesa de trabalho, distinguir com toda claridade as suas formas, as suas subidas e baixadas, picos e mesas! Quanta erudição, precisão e imaginação não terá sido necessária para levantar estes perfis, que, como o autor explica, constituem nada menos que a base que permite construir a carta do relevo do país.

¹²⁰ Serje, *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie*, 5.

O truque central destes perfis consiste logicamente na exageração das alturas, sem a qual não seriam perceptíveis toda estas formas. A Reclus parecia-lhe este recurso uma forma de falseamento —pelo qual chegou a receber observações críticas de parte de outros cartógrafos.¹²¹ O que não parecia entender às vezes o amigo francês é que o poder do mapa (e o do perfil) é a sua capacidade de mostrar, a través de múltiplas transformações, aquilo que não podemos ver apenas com os olhos. Estes perfis de Vergara, eu considero completamente realistas.

Comarca de transição

Observa-se nesta seção complementar ao estudo do relevo colombiano que este país é considerado pelo autor como uma «comarca de transição», isto é, o lugar em que se enlaçam os relevos dos países vizinhos, as suas rochas, faunas e floras.

Vale a pena consignar o resumo com que o autor fecha esta seção, pois sintetiza a discussão e serve de ponto de partida para outros temas:

En síntesis, tenemos que el relieve del terreno divide el suelo colombiano en porciones perfectamente definidas: en el centro se hallan las dos *mesas*, occidental y oriental, divididas por la *depresión central* (valle del Magdalena); al ocaso se encuentra primero una faja de tierras bajas, ó sea las *tierras bajas de occidente* (Chocó), que en parte realza la serranía de Baudó, y más lejos el Istmo de Panamá; al oriente se encuentra una inmensa extensión, también baja y plana, ó sea las *tierras bajas de Oriente*, divididas por las serranías que la cruzan en parte alta (*Llanos*) y parte baja (*Caquetá*); en fin, al Norte se halla otra considerable extensión de suelo bajo, ó sea las *tierras bajas septentrionales* que diversos relieves subdividen sin robarles su enlace ni su carácter general. Esta será, pues, la gran división que adoptamos para describir en detalle suelo patrio. (p. 207)

(Subdividir sem roubar os enlaces, grande desafio.)

Geologia

Chegamos ao capítulo *Geologia*. Voltaremos a ele no capítulo seguinte ao analisar as lâminas que acompanham a obra. Mas levantamos aqui também os elementos principais.

¹²¹ Élisée Reclus, “Sobre relevos e mapas esféricos,” trans. David Alejandro Ramírez Palacios, *Terra Brasilis (Nova Série)*. *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 1 (November 5, 2012), doi:10.4000/terrabrasilis.457.

Para começar o autor em nota de rodapé informa-nos as suas fontes principais: Reclus, Suess, Lapparent, Penck, Noé e Margerie, Reiss e Stübel, Sievers, Hettner e os trabalhos de abertura do canal de Panamá.

Para Vergara a geologia é de transcendental importância: o relevo, o regime de águas, os produtos do trabalho, as vias de comunicação, o número e riqueza dos habitantes de um país, são para ele «consequência da constituição geológica do seu solo» (p. 208), «as nações recebem e conservam o selo que lhes imprime o solo em que vivem» (p. 208), as rochas «dão a chave» das diferenças entre as nações...

Queda, pues, sentado que sin el estudio de la geología de un país, el de su simple geografía carecerá de provecho, puesto que sin aquel otro no hay ni puede haber verdaderos políticos, militares, estadistas, y mucho menos historiadores e geógrafos. (p. 209)

Em tudo caso, segundo uma constatação de Suess que Vergara costuma lembrar, «é muito o que se ignora e muito pouco o que se sabe com certeza» nestas matérias.

Basicamente, segundo Vergara os terrenos baixos da Colômbia são modernos, os médios são secundários e as partes altas paleozoicas («a geologia do país pode estudar-se com o barômetro», dizia seu professor Carrasquilla). As *duas* cordilheiras diferenciam-se de maneira bem caracterizada: a ocidental sendo feldspática («o país do ouro») e a oriental argilosa (figs. 38 e 84 bis).

De novo pela sua posição a Colômbia é também no aspecto geológico terreno de transição: «Desde o ponto de vista geológico, o mesmo que do orográfico e o histórico, a Colômbia, por pertencer a um tempo à América do Sul e à Central, é o nó de enlace entre os dois quase continentes do mundo de Colombo» (p. 211).

A continuação o autor divide a sua exposição em três regiões: Caribe (incluindo Panamá), Oriental e Andina.

Cabe destacar a apropriação por parte de Vergara das discussões geológicas do seu tempo. Para ele o vulcanismo e a fragmentação observadas nas formações antilhanas «parecem dever-se ao encontro delas com o grande *acidente* orogênico denominado os Andes» (p. 213), aquele «parece» indicando de novo as incertezas vigentes no momento e das quais o nosso autor se declara consciente. Os Andes e as serranias caribes são fruto de fenômenos orogênicos e glaciares (p. 220). A imensa planície do Amazonas «ocupa o lugar de um antigo estreito que ali formava o mar na época carbonífera» (p. 220). Os Andes no seu esqueleto central existem desde tempos remotíssimos (p. 224). Vergara está, com declarações como essas, preparando o terreno para entrar a «combater os erros que têm-se generalizado no país apenas porque se leem em livros estrangeiros» (p. 226). (Vergara também gostava, como sabemos, de livros estrangeiros... a diferença é de *quais*.)

Vergara então afirma que vai demonstrar que:

[...] en Colombia ciertos terrenos secundarios casi no existen, contra lo que han dicho tantos sabios; que la llamada cordillera de Sumapaz ú oriental se compone, entre el pilar de Labateca y los cerros del Caguán, de un gran eje de rocas cristalofilianas y de vastas porciones primarias o paleozoicas, agrupadas en especial en torno de Bogotá y rodeadas por rocas jurásicas y triásicas, sin que falten algunas formaciones de carácter local; que esta cordillera en su osatura es diversa, de la del Quindío; que la falda W. de la del Chocó es, en su totalidad, diversa de las otras en su geognosia, por lo cual la mesa occidental existe, geológica lo mismo que topográficamente hablando, y en fin, que el último modelado de nuestro suelo, es decir, lo que vemos hoy, es la obra de potentísima acción glaciaria.

Em fim, que na Colômbia não há cretácico, contrário ao que aparece nos mapas de Karsten, erro que Vergara rastreia até Humboldt e que registra com «dolorosa surpresa» encontrar reproduzido «em um atlas publicado com fundos nacionais» (p. 226), referindo-se ao *Atlas* de 1890 de Ponce e Paz,¹²² os cartógrafos da «segunda comissão corográfica» (fig. 100 [102]). (De fato, o termo «cretácico» não vai aparecer em nenhuma das descrições ou mapas de Vergara).

Eduard Suess, via Reclus, pode fornecer muitas das ideias geológicas de Vergara, no entanto, a sua verificação ou refutação só pode acontecer com base na exploração do território. De fato, as novas ideias que surgiam então na Europa nesta área, faziam-no a partir da comparação de amostras e observações provenientes de lugares diversos e distantes. Suess cita a Wolf, a Hettner, a Sievers, a Reiss e Stübel, a Steinmann, a Karsten, a Penck...¹²³ a todos os geólogos-exploradores da região do norte dos Andes (e isto apenas para redigir um capítulo de seus enormes volumes). Suess constitui um autor central porque é capaz de centralizar toneladas de informações provenientes de todas partes do mundo, submetê-las a crítica e dar-lhes sentido (ou pelo menos tentá-lo).

Vergara pela sua parte conta também com informação recolhida no país e desconhecida na Europa, e com seu círculo de afinidades local discutia sobre o tema, e embora aproveite com muito interesse os trabalhos produzidos nos centros europeus, não é a sua intenção a de uma simples importação. Como já dizemos, todo movimento exige esforço e transformação.¹²⁴

Vergara cita nesse sentido longos trechos tomados de diferentes exploradores colombianos e estrangeiros, cientistas ou engenheiros de minas ou de ferrovias: W. Ridley, R.B. White, John C. F. Randolph, Cisneros, Garcés e Gutierrez Arango, F. Shunk, o mesmo Caldas, (de Humboldt «não cabe aqui página alguma», como veremos no próximo capítulo), Boussingault, o presidente Mosquera, F. C. Aguilar, seu professor e amigo Juan de Dios Carrasquilla e Hettner (que caiu na armadilha de conside-

¹²² *Atlas Geográfico e Histórico de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada), el cual comprende las Repúblicas de Venezuela y Ecuador, con arreglo á los trabajos geográficos del general de ingenieros Agustín Codazzi ejecutados en Venezuela y Nueva Granada*, París, 1890. Mapa XVII. <http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/fze06m>

¹²³ Suess, *La face de la terre (Das Antlitz der Erde)*. Traduit de l'allemand, avec l'autorisation de l'auteur et annotée sous la direction de Emm. de Margerie. Avec une préf. par Marcel Bertrand, 711 et seq.

¹²⁴ November, Camacho-Hübner, and Latour, "Entrando em território arriscado."

rar a cordilheira de Bogotá cretácica, más que a pesar disto consegui estabelecer as classificações fundamentais do terreno)... Todos eles fornecem a Vergara evidências paleontológicas, litológicas e morfológicas que Vergara utiliza para tecer as suas afirmações.

No entanto, apesar das certezas exprime com respeito a certos pontos, Vergara reconhece que esta área de pesquisa era ainda jovem: «O estudo geológico do país ainda não está o suficientemente adiantado como para tentar a divisão dos terrenos em pisos, nem para calcular as suas espessuras, e menos para estabelecer concordâncias com os de outras comarcas» p. 261.

Rios

A continuação o autor apresenta os Rios colombianos.

O conceito chave nesta parte é o de *divortio aquarum*. Segundo o autor, nos Andes, os rios «não se cuidam da inclinação geral do terreno, com frequência atravessando as altas cristas em vez de rodeá-las» (p. 264). É inexato por isto ver cada rio com seus afluentes como formando uma região determinada rodeada de montanhas que os separam do resto do território. A ideia de que as águas correm sempre para o mar segundo os máximos declínios do terreno (a linhas de divórcio d'águas), «ainda imperante entre nós», é antiquada e errada, e aliás já tinha sido expulsa das «cátedras europeias». Aqui o nosso autor segue *El Estudio de la Tierra* de Ritter, a quem cita longamente:

O primeiro erro desta antiga teoria das bacias hidrográficas é identificar as linhas divisórias d'águas com as de divisoras de cordilheiras ou cristas. E o segundo, mais falso ainda, é o de pensar que ali onde houvesse uma linha divisória d'água, devia também existir uma cordilheira.

Destas ideias, continua Ritter, veio a mania de encher territórios de cadeias montanhosas que não existem senão na imaginação de certos cartógrafos.

Para ficar mais claro antes de continuar, vejamos um exemplo desta concepção, evidente em um dos mapas que acompanha o relato das viagens de Édouard André pela Colômbia:¹²⁵

¹²⁵ «Exploration dans l'Amérique du Sud par Ed. André – Carte des divisions politiques des Républiques de la Colombie et de l'Équateur». Édouard André, "L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)," *Le Tour Du Monde* 34, 35, 37, 38, 45 (1877-1878-1879-1879 1883): vol. 3, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34438b/f4>.

O autor deste mapa não apenas decidiu inventar duas enormes cordilheiras, uma separando o rio Caquetá do Putumayo e outra separando este último do Amazonas, mas também, como pode se ver no quadrante noroeste da imagem, o cartógrafo apaga uma parte da cordilheira ocidental perto de Pasto para dar passagem ao rio Patía no seu caminho ao mar Pacífico.

Segundo Ritter, citado por Vergara, uma cordilheira, mesmo que elevada, não faz forçosamente parte de uma divisória d'águas; a linha de cumes e a linha divisória d'águas não coincidem necessariamente; existem linhas divisoras d'águas onde não tem cordilheiras nem montanhas; existem também «combinações especiais» (p. 264-265). Vergara possui exemplos de todos estes casos.

Esta concepção afeta de fato a definição de bacia hidrográfica, que, para Vergara, não se determina pela origem dos rios, mas pelo seu fim: um rio que nasce dentro do território duma bacia, mas finaliza em outra, pertence a esta última. Neste ponto, Vergara apoia-se em Vidal de la Blache, *La Géographie*.

Colômbia possuiria então nesse sentido três «vertentes» hidrográficas: a Ocidental ou do Pacífico, que dirige as suas águas a este mar (a menor das três); a Central, das Antilhas ou do Caribe (a mais importante desde o ponto de vista histórico, político e comercial); e, finalmente, a Oriental ou Atlântica, a maior de todas, a que possui os rios mais caudalosos, e também a mais despovoadas.

Eis a importância do citado Maciço da Colômbia, onde *em um mesmo ponto* nascem rios pertencentes às três bacias hidrográficas do país, entre eles vários principais como o Patía, que se dirige ao Pa-

cífico, o Magdalena e seu irmão o Cauca que desaguam no Caribe, e o Caquetá que se dirige ao Atlântico através do Amazonas.

Clima

Passamos assim ao capítulo sobre Climatologia.

Dada a sua enorme diversidade, a expressão *climatologia colombiana* apenas pode empregar-se num sentido muito especial. A frase é de Reclus,¹²⁶ assim como boa parte da introdução deste capítulo. Os infinitos fatores que o definem podem reduzir-se a três: temperatura, ventos e umidade. Em conjunto, o clima da Colômbia seria tropical. Mas, na hora de particularizar, o assunto se complica. Na parte oriental do país, temperatura, ventos e umidade «imperam sem contradição» (p. 354), no entanto, na ocidental montanhosa, estes «se restringem e complicam». Existe no país *toda a série dos climas*, mil variações locais, cada vale, cada altiplano, possui seu próprio regime.

Retoma Vergara um velho motivo da geografia, que no seu caso provem provavelmente em forma direta de Reclus na sua *Viagem á Serra Nevada de Santa Marta*, e é o contraste entre o homem do clima quente, que não precisa nem do vestido nem de fadigas para procurar-se o alimento, e o «montanhês», obrigado à constante atividade.

Na terra fria, o amor é mais costume do que outra coisa, o asseio pessoal é pouco e o sotaque apertado. Entanto que, no caso do «*calentano*», o amor é ardente, é muito asseado e o sotaque cantado. O calentano não passa bem quando sobe ao clima frio, igual do que o montanhês quando desce ao calor. Por isto o «homem normal» é o dos climas temperados, que tem aliás a vantagem de poder deslocar-se sem maior sofrimento para o frio e para o quente. «Sua é, por isto, a terra inteira» (p. 358). No entanto, na maior parte do país o clima é mesmo tropical: «pode considerar-se a República como cálida e úmida, com um apêndice frio e úmido» (*ibidem*).

Com respeito ao clima, a divisão altimétrica seria, segundo Vergara, a mais importante para o país, e baseia-se tanto na temperatura como nas produções naturais. «O povo» descreve este fenômeno com os termos terra quente, temperada, fria e *paramosa*, categorias que o nosso autor não pode deixar de objetar: ele conserva a temperada e a fria, mas divide a quente em *equatorial* ou tórrida e *tropical* ou cálida, e a paramosa em *frígida*, páramo verdadeiro, ou puna, até onde sobem as árvores, e *polar* ou *páramo bravo*, desde este ponto até as cimas culminantes.

¹²⁶ Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle : La Terre et Les Hommes*, 1893, XVIII – Les Régions Andines – Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Pérou, Bolivie et Chili:278.

Como pode se comprovar nos diagramas que acompanham esta seção (144 [146], 145 [147], e 146 [148]), *a maior parte do país é tórrida*.

Isto é muito importante, afirma Vergara, «pois demonstra que o verdadeiro porvir do país não pode ser outro do que a exploração das riquezas tropicais, e por isso mesmo serão mero luxo as ferrovias para as regiões frias, que quase não produzem artigos de exportação» (p. 367). Mais ainda: «uma das fatalidades do país foi sem dúvida estabelecer a capital em terra fria e aliás excêntrica, e outra, que não exista uma cidade importante perto das fontes do Magdalena, indisputável centro geográfico da Colômbia» (*ibidem*). (Adiantando: Esse centro não é outro que o maciço Colombiano, desde o qual seria mais factível a administração das diferentes «frentes» do país, a Oriental, a do Pacífico e a do Caribe. De novo, estas não são ideias comuns na ideologia geográfica andina, Vergara o sabe, e, por isto mesmo —diferentemente do que acontecia nas anteriores edições da obra—, vai revelando-as aos poucos).

As doenças também teriam a sua distribuição altimétrica, e Vergara então dedica uma seção ao estudo da «nosografia» do país. Em resumo, com relação aos climas tórridos, na medida em que se derubem as florestas, se dessequem os pântanos e se cultivem os terrenos diminuindo as fontes miasmáticas, somado isto à higiene e ao avanço dos *sanatorium*, «melhorarão estas partes». Os mestiços e os «derivados da raça negra», já aclimatados, constituem nada menos que a «esperança da Pátria para vencer os inconvenientes desta zona, que esse dia [...] sustentará um povo dos mais opulentos do globo» (p. 378). Junto com as zonas cálidas e tórridas, os mestiços e os negros viram aqui protagonistas do futuro. O *povo*, termo tradicionalmente usado pejorativamente na Colômbia, como o contrário da nação (da nação andinocêntrica), ganha aqui um sentido positivo.

Com tudo e a sua extrema variabilidade, Vergara tenta «à ligeira» estabelecer uma regionalização climatológica do país em diferentes áreas e subáreas, antes de passar aos capítulos sobre flora e fauna.

Flora

Quanto à flora, Vergara cede a palavra a seu amigo o naturalista Carlos Cuervo Márquez, que em esboço especial para a *Nova Geografia* explica o regime altimétrico das plantas, corrigindo, é claro, «vários dos numerosos erros que abundam nas obras dos botânicos estrangeiros que escreveram sobre a Colômbia», extrapolando estudos feitos para o Brasil ou para o Peru.

Fauna

Quanto à fauna, se bem que, para Vergara, os animais do continente seriam em geral inferiores aos do Velho Mundo em magnitude, normalmente superam a estes em graça, variedade e formosura.

De novo vai aparecer aqui a ideia da Colômbia como centro de confluência, esta vez dos animais de todos os países e regiões vizinhas, tão diferentes entre si. Somando isto à sua própria diversidade geográfica interna, compreende-se que «nenhum país da América rivalizará com o nosso na riqueza da fauna, como nenhum outro o iguala na flora» (p. 398).

O aspecto físico do país

A seguinte seção da Geografia dedica-se ao «Aspecto físico» do país.

Sabemos já que seu território possui duas grandes divisões naturais, uma plana e outra montanhosa, mas se consideramos a região ístmica por separado estas grandes regiões naturais se convertem em três (p. 406). No entanto, o exercício regionalizador pode continuar quase que sem fim, e o nosso geógrafo vai dedicar as seguintes trezentas páginas (p. 406-700) a dividir e subdividir o país —registrando estas subdivisões numa dúzia de diagramas (cf. 152 [154], 154 [156], 158 [160], 162 [164], 166 [168], 172 [174], 181 [183], 191 [193], 205 [207], 220 [222], 260 [262], 270 [272])—, complementando aqui e ali com observações «a propósito» sobre o caráter dos habitantes e a economia de cada «secção».

(Nesta parte Vergara lança uma azeda crítica contra «o texto oficial das escolas e colégios da Colômbia». Cita um longo parágrafo ao qual responde ponto por ponto com perguntas irônicas. A adoção oficial deste livro, para ele, não pode se explicar senão por «coisas de *terruño* [domésticas]». Também tem palavras contra os mapas que acompanham aquela obra. A vítima nesta ocasião não deve ser outro que o geógrafo Ángel M. Díaz Lemos, estudado por Lina del Castillo).¹²⁷

O professor Blanco Barros, uma das poucas pessoas que tem estudado a obra de Vergara, considera ser esta a primeira regionalização do país:

El panorama descrito constituye el primer esfuerzo de división y descripción del territorio colombiano por regiones en el cual se aplicó un criterio puramente físico. Es la primera regionalización del país.

Sin duda, Francisco Javier Vergara y Velasco fue el primero que en el país se atrevió a plantear el

¹²⁷ Lina del Castillo, “Educating the Nation,” in *Mapping Latin America: A Cartographic Reader*, ed. Jordana Dym and Karl Offen (Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2011), 193–97.

tema regional, lo hizo además en una etapa difícil de la historia colombiana [...] ¹²⁸

No fechamento desta parte, Vergara valoriza da seguinte forma o seu trabalho:

Con estas líneas cerramos las páginas consagradas á describir el aspecto físico de Colombia, las cuales á la vez constituyen una geografía pintoresca y económica y forman un cuadro de conjunto que por ser el primero en su especie, de seguro adolecerá de errores y omisiones, pero que será muy fácil completar y corregir en sus líneas y detalles secundarios, quedando siempre en pie sus líneas fundamentales, que por acomodarse a la obra de la naturaleza, no están á merced de las vicisitudes humanas. Con ellas ponemos término al estudio general de la geografía física del territorio, ó sea el cimiento y habitáculo del pueblo colombiano. (p. 700)

Vergara, sem falsas modéstias, claramente assume-se também como o primeiro em descrever o conjunto do país com tanto detalhe, com tanta riqueza de conceitos e com uma erudição tão profunda. A extensão e a complexidade do terreno que encara Vergara não é pouca coisa. Tentar descrever *com precisão*, tantos lugares, tantas formas, tantos processos, não era necessário? (Necessário para construir um país, a tão almejada nação, porque até agora temos sido um país, apesar de tudo, mas dificilmente uma nação).

Regionalizar, exercício supremo de taxonomia geográfica, «subdividir sem roubar os enlaces», no qual os critérios devem ser o suficientemente precisos, mas também suficientemente amplos e flexíveis para poder adaptar-se e reagir a todas as «combinações especiais» que vai encontrando o descritor geógrafo no seu caminho.

«Cimento e habitáculo do povo Colombiano»: o território não é simplesmente «a geografia física»: é o fundamento e o lar. Note-se a distinção na frase: ele acaba de descrever «a geografia física do território», ou seja, para Vergara, o território possui uma parte física, mas o importante é que pertence ao povo.

Capacidade produtora do solo

Depois de setecentas páginas aparece o capítulo segundo, *Capacidade produtora do solo*.

En seguida del estudio de la configuración del suelo, debe hacerse el de sus capacidades productoras, para sentar sobre ambos el de la Geografía política, ó sea la obra que han cumplido los hombres en ese suelo, ya para organizar la sociedad, ya para explotar sus riquezas. (p. 700)

¹²⁸ José Agustín Blanco Barros, “La Primera División Regional de Colombia,” n.d., 28, www.sogeocol.edu.co/documentos/02prim.pdf.

Em que consiste a geografia *política* então para Vergara? Na organização da sociedade para a exploração das riquezas do solo. Esta seria um fazer, uma obra que adiantam os homens, a *história* dessa obra —como indica o tempo verbal («a obra que os homens *têm cumprido*»). Organizar a sociedade e explorar o solo são dois processos necessariamente simultâneos, não podem existir um sem o outro. Por isto a geografia é obrigatoriamente política.

Diz Vergara que vai estudar a agricultura, a cria de gado, a mineração, as indústrias, as vias de comunicação, o comércio e as instituições de crédito «segundo o método geralmente adaptado nos tratados europeus sobre a matéria» (p. 701).

Mas Vergara vai começar a partir deste ponto a efetuar, cada vez mais, afirmações que a algumas pessoas seguramente não iriam agradar —como por exemplo aos presidentes que se ufanavam de nunca ter saído de Bogotá, a «Atenas Sul-americana»:

En efecto, sin riesgo de error pueden hacerse las siguientes afirmaciones, de las cuales se deduce lo que habrá de ser Colombia en lo por venir, y por lo tanto las bases de todo plan de progreso aplicado á nuestro territorio:

1.º Nunca civilización digna de este nombre y de larga duración surgió en las regiones ásperas ó montañosas, sino en los grandes valles de los ríos navegables, ó en las planicies y tierras onduladas próximas al océano; cabe el progreso en los ardores del trópico, pero no en las grandes altitudes sobre el mar.

2.º Jamás ningún gran Estado ha visto formarse su centro y nudo vital en espacios murados por altas serranías, porque en éstas las dificultades del tráfico limitan la producción de los artículos de consumo á las necesidades locales, con perjuicio de su baratura.

3.º No registra la historia que en las altas montañas se haya establecido y desarrollado nunca uno de esos grandes establecimientos industriales que acaban por convertirse en reguladores de los mercados y centros importantes de población.

4.º Las regiones montañosas se han dominado siempre conquistándolas de la base hacia la cumbre, porque así cada paso que se avanza es una conquista definitiva, lo que no sucede en el caso contrario; en el período histórico ningún pueblo montañoses ha logrado convertirse en un grande Estado.

5.º Ninguna gran ciudad, de esas que en un país dado son sus metrópolis y los apoyos más seguros del progreso, ha crecido entre las montañas, y jamás ninguna se ha desarrollado rápidamente en tales condiciones. Todas las grandes ciudades del globo son marítimas ó poco menos, y no hay ninguna producida naturalmente por el comercio á más de 100 metros de altitud.

Vergara retoma à continuação o tema da Colômbia como enlace, agora desde o ponto de vista comercial: tem o clima e as produções econômicas de todos seus vizinhos. Um autor após o outro (Vergara cita apenas três Deville, Saffray e Reclus) tem catalogado a Colômbia como um país geográfica-

mente superdotado. Panamá era percebida com muita expectativa, como destinada a ser um dos principais centros do mundo. Reclus, um dos referentes chave do nosso autor, era decididamente entusiasta neste sentido. Etc. Agora, «indicadas as vantagens naturais, apontemos seus inconvenientes»:

Desde el punto de vista geográfico, Colombia presenta **seis clases de dificultades**; serranías gigantescas y uniformes que, faltas de acentuados puertos, son un obstáculo grave para las comunicaciones; perímetro litoral poco menos que uniforme, es decir, sin esa variedad de estructura y complicación de formas que indican una tierra bien apropiada para el desarrollo de las sociedades [Reclus/Ritter]; calores enervantes y continuos en los lugares bajos; frío sostenido en las montañas, y por lo mismo ausencia de alternabilidad en las temperaturas, elemento indispensable para el desarrollo de ciertos ramos de cultura [Reclus homem do norte/homem do trópico]; extensas llanuras ó partes bajas, aún **en vía de formación**, por así decir, y sujetas á exceso ó á falta de humedad, cálidas y por consiguiente de aplicaciones obligadas para sus habitantes; ríos de ordinario obstruidos por rápidos y angosturas, ó por bancos de arena y palizadas; y en fin, extensas selvas casi impenetrables que separan ciertas porciones de la misma manera que las cordilleras.

A estos inconvenientes debemos agregar la dificultad y carestía de los transportes, la falta de brazos y de capitales y la poca solidaridad de los habitantes, que perjudican el progreso de la agricultura y de la industria, no obstante la diversidad de climas, la fertilidad del suelo, la exuberancia de la vegetación y los variados productos naturales que ofrece al hombre; sobre una superficie que iguala á la de Francia, Suiza é Italia reunidas, apenas existen seis (?) millones de habitantes, cuando en aquéllas vive un centenar. Por lo pronto el Viejo Mundo no nos envía trabajadores como á otras regiones de la tierra, y la mayor parte de las riquezas colombianas yacen inexploradas, perdiéndose para el comercio del globo valores que no pueden estimarse en menos de un millón de pesos diarios, producción probable el día en que Colombia, en vez de un millón de trabajadores, disponga del número de los que poseen Francia ó Inglaterra en la actualidad.

Mirada en su conjunto, Colombia se divide en montes y llanuras, en tierras altas y bajas, en regiones marítimas y continentales, en zonas tropicales y subtropicales, en comarcas agrícolas, ganaderas, mineras é industriales, es decir, **presenta un resumen del globo entero, lo que ha sido quizás una de las causas de su atraso**, pues como lo ha observado un notable naturalista sueco, esas variedades cuando se mezclan y alternan en corto espacio, dificultan la explotación en grande escala, de donde la superioridad de los bosques escandinavos, por ejemplo, que no encierran sino dos especies de árboles, sobre los amazónicos, donde hay un millar; de donde la superioridad del Farwest americano, que no puede producir sino un solo fruto en una inmensa extensión, sobre la intercordillera andina, que produce todas las plantas utilizadas por la humanidad. **Consecuencia de semejantes condiciones es la lentitud del progreso; pero también ese progreso, una vez cumplido, promete resultados de tal magnitud, que la imaginación, deslumbrada, no puede calcular.** (p. 702-703)

A lista de «inconvenientes» é considerável. A maioria das riquezas permanecem inexploradas. Precisa-se de braços vindos do Velho Mundo. Toda aquela diversidade elogiada pelos sábios é a causa do atraso. No entanto, a riqueza potencial é incalculável.

Geopolítica

Qual seria então a «frente natural» do país? O Novo Mundo (o Brasil) vira em direção da Europa as suas grandes planícies orientais e seus caudalosos rios. Mas é este o caso da Colômbia? Não pode ser porque o país não possui portos próprios nestes rios, e estes ficam em extremo distantes e separados do interior por enormes selvas e desertos, e, em geral, os que seriam navegáveis, encontram-se normalmente obstruídos por rápidos em algum ponto. Será então a frente da Colômbia o mar das Antilhas (como no caso da Venezuela), que foi o caminho tomado pelas antigas invasões caribes e também por onde «veio a civilização»? Tampouco parece ser o caso, pois as vias que encerra são muito longas, concluem em um mar pouco aberto e seus rios encontram-se cortados por difíceis obstáculos para a navegação. O Pacífico então (como o Peru), graças ao futuro canal de Panamá? Também não, pois a distância até certas partes do país é enorme e quase que insuperáveis as dificuldades intermédias.

É preciso escutar diretamente ao autor:

La verdad es que Colombia, por su posición y topografía, no tiene *un* solo frente natural, como ya lo evidenció la Conquista, cuando á pesar de ser su Costa Atlántica una de las primeras descubiertas por Colón, su litoral Pacífico él primero pisado por los peninsulares, y las bocas del Orinoco y del Amazonas vistas desde buena hora, al interior no llegaron los Conquistadores sino convergiendo simultáneamente del Caribe, del Pacífico y de los Llanos. Cumplido este acontecimiento decisivo para nuestra Geografía económica, la primera ruta comercial de España al Perú pasó por los valles del Magdalena y el Patía; la navegación del Orinoco produjo el desarrollo de las Misiones en esas comarcas; recientemente se ha lanzado la idea de un ferrocarril intercontinental Norte Sudamericano, atravesando el Chocó y el Patía con ramales á Caracas y Bogotá, y, en fin, en el mismo país ha sido acentuada la tendencia á construir los tres grandes ferrocarriles del Norte, del Meta y del Pacífico. (704-705)

Apesar de seus litorais terem sido tocados desde o começo das descobertas europeias nestas partes do mundo, o avanço para o interior do país foi certamente posterior à conquista do México e a do Peru. Para Vergara, desde o momento mesmo da fundação mítica do país, o encontro no altiplano de Bogotá de três conquistadores vindo de três direções diferentes, ocorrido em fevereiro de 1539,¹²⁹ marcaria a história do país, na minha expressão, como uma espécie de «pecado original territorial». A partir deste «acontecimento decisivo» a formação territorial do país vai adotar esta configuração: um centro administrativo no altiplano de Bogotá e três vetores que atender, todos eles descontínuos e longínquos.

Eis os motivos da instabilidade do país e da debilidade das suas instituições centrais:

¹²⁹ John Hemming, *The Search for El Dorado* (London: Joseph, 1978), 94–95 «Quesada officers exclaimed: “We considered it a great marvel for men from three governorships —from Peru and Venezuela and Santa Marta— to join up in a place só remote from the sea!”».

Natural sería que esta verdad fundamental [o fato do país não ter *uma* frente só] para nuestro desarrollo económico, á la fecha estuviera cristalizada en todos los cerebros y presidiera los trabajos que se ejecutan con tal fin; y sin embargo eso no ha sucedido aún, conforme lo demuestran las fluctuaciones que á diario se observan en el particular, á pesar de las decisivas lecciones de la experiencia. Desde tiempo inmemorial los mencionados tres frentes solicitan la atención especial del centro, tratando cada cual de inclinarlo hacia él, y lo consiguen á veces por breve tiempo, mientras los otros reaccionan volviéndose entonces a una especie de *statu quo* enervante, con el aditamento de la pérdida de las sumas invertidas en la abandonada empresa. Y así marcharemos como ebrios hasta el momento en que prevalezca la verdad, y el centro á un tiempo y de una manera proporcional, atienda al simultáneo desarrollo de esas tres grandes arterias, que luego vendrá el momento de cruzar el remate del abanico montañoso con una gran transversal que sirva de punto de partida á la vía longitudinal de los Andes occidentales, y de concluir la similar de los Andes orientales que con la otra habrá de reunirse allá en el Sur. (p. 705-706)

Para Vergara, a Colômbia teria então historicamente andado igual a um bêbado, oscilando de um lado para outro, devendo o centro encarar a desconformidade das seções que em cada momento sentiam-se mal atendidas ou indevidamente intervindas, inumeráveis vezes estas discórdias, escalando até a forma de guerras civis. Só até o centro distribuir as suas energias equitativamente no desenvolvimento dessas três artérias o país irá ganhar estabilidade e prosperidade.

Para Vergara, isto permitiria acumular forças para passar a construir um grande projeto de unidade nacional: um sistema de estradas que atenda a esta divisão tripartita dos impulsos nacionais. Esse sistema formaria uma espécie de gigante triângulo invertido, cuja base ligaria os portos e as planícies atlânticas com os centros povoados do norte da cordilheira oriental, ligaria -se esta base a duas grandes longitudinais que percorreriam as *duas* cordilheiras para ir encontrar-se «lá no sul» do país. Onde? O autor não é explícito neste momento, mas já o sabemos: no maciço colombiano, «indisputável centro geográfico da Colômbia» (p. 367).

É verdade que a teoria indica que os centros comerciais e industriais não ficam nas montanhas, mas não se trata, neste caso, de uma «combinação especial»? Que outro lugar melhor situado com relação a estas três frentes em termos de equidistância e acessibilidade do que este ponto em que nascem rios que vão para todas partes? A frente caribe ficaria mais longe, é verdade, mas nem tanto, se se leva em conta o tempo que toma descer de Bogotá até o Magdalena.

Vergara está aqui propondo nada menos que a mudança do centro administrativo do país com o fim de que o Estado central possa entrar em relações mais próximas e equilibradas com as suas diferentes frentes de atenção.

Se ainda não ficou claro que o país não está bem, Vergara oferece dois tétricos quadros estatísticos (p. 706-707): a produção econômica da Colômbia é inferior à de toda a América Latina com respeito à sua população: com quatro vezes e meia a população do Equador, apenas ultrapassa o comércio to-

tal deste país; o Brasil, que não chega a ter três vezes a população da Colômbia, tem um comércio dez vezes maior.

Este cuadro dice con lógica irrefutable cuál es nuestro verdadero puesto en el globo, cuáles las causas para que no lo hayamos alcanzado, y cuál el error que amenaza llevamos á un abismo de que apenas hemos visto negrear la sima. Esta verdad fundamental se hace más patente, si cabe, cuando se considera que son los países de la América tropical que tienen más porción de sus habitantes en las *tierras frías*, los que menor porcentaje comercial dan al año, y que de esas altitudes sólo minerales se envían á los grandes mercados del globo. (p. 708)

Clima e migração

Desta forma passamos à seção Clima deste capítulo sobre a capacidade produtora do solo. Ele começa com a seguinte declaração: «O clima convém aos estrangeiros em toda a amplitude do país, conforme demostram os comerciantes, agricultores e operários estabelecidos com sucesso em todos os pontos da Colômbia, mesmo naqueles reputados malsãos» (p. 708-709). Nunca houve tal imigração na Colômbia, pelo menos não na magnitude em que quer dar a entender Vergara, que evidentemente acude aqui ao recurso retórico da «história de sucesso» dirigido aos interlocutores que já tinha definido no começo da frase: os estrangeiros.

Logo parece que Vergara vai retomando o tradicional —já neste ponto podemos chamá-lo de tradicional— motivo das montanhas andinas como tendo um clima parecido ao europeu, onde este conserva a sua energia, atividade e potencial de trabalho, com climas perfeitamente sãos, algumas destas montanhas estando perto do mar, como a Serra Nevada de *Reclus*... «No entanto, isto não é senão uma aparência, uma ilusão»: (p. 709)

En efecto, siendo Colombia ante todo una tierra tropical, llamada á producir artículos de esos que no se encuentran en la zona templada del globo, y por muchos años aún tributaria obligada de otros países desde los puntos de vista mercantil é industrial, lo que interesa es el cultivo y explotación de las tierras cálidas y ardientes, de las tierras próximas al mar ó á los ríos navegables, en las cuales la higiene será poderoso auxiliar de los colonos, que de ordinario no sucumben sino por no guardar los preceptos de esa ciencia por falta de autodisciplina que los abstenga de cierta clase de actos y excesos á que incita esa zona con su clima, producciones y vida fácil. Necesaria es para Colombia la emigración; pero por razones obvias no sólo se requiere la europea, que trae capitales y cerebros, sino la oriental, que del Japón y la India procura brazos adecuados para secundar á los naturales en el completo dominio de nuestra zona tropical, donde es casi impotente el hombre aislado, y que no entregará sus tesoros sino á la asociación de los capitales. La iniciativa individual no triunfa sino en las tierras altas, es decir, en los tibios valles de las cordilleras. (p. 709)

Se eu tivesse de escolher, dentre todas as possíveis, *uma* citação que desse conta do sentido da *Nova Geografia da Colômbia*, esta seria a elegida. O giro com o que começa é transcendental: a construção da nação com base na migração europeia para as montanhas andinas é uma *aparência*, uma *ilusão*: o futuro do país encontra-se na exploração das terras quentes, que mediante a higiene (ou seja, a cultura), a imigração —não apenas europeia, mas também asiática— e a miscigenação, podem conquistar-se para a nacionalidade, vista como um coletivo, e não apenas como um conjunto de indivíduos.

O regime de propriedade

Vem aqui mais um tema complicado: propriedade e colonização. «Na Colômbia domina o regime da grande propriedade», inclusive nas proximidades da capital, onde existem fundos de miles de hectares (p. 709). «Os grandes proprietários são os *brancos* ou descendentes dos conquistadores» (*ibidem*). Eles não cuidam das suas *fazendas*, mas deixa em mãos de *mordomos*, pessoas ignorantes e rotinárias em questões agrícolas. Estes «ricos», pouco se preocupam com as melhoras agrícolas e os seus mil detalhes, mas encontram-se «absortos pela política» (*ibidem*). A maquinaria agrícola moderna apenas se conhece e apenas em alguns centros do país. Alguns estrangeiros tem tentado inovações, mas sem sucesso, pois a população indígena é tradicionalista em termos de agricultura e porque, infelizmente, a grande massa dos cultivadores compõe-se de *peões*, «ou seja gentes sem domicílio fixo nem laços regulares de família» (p. 709) —carne de canhão para as guerras.

«Os europeus» —é com eles que Vergara está falando— vêem aos mestiços e aos índios como rebeldes, e aos brancos como ociosos e machistas. Em parte, para o autor, isto pode ser verdade. No entanto a principal causa do atraso agrícola do país seria, para o autor, a falta de capitais para o desenvolvimento das indústrias, assim como a de hábeis diretores que saibam mantê-las. Quando Vergara afirma em citação anterior, como fundamento do seu programa agrícola nas terras baixas acessíveis ao mar, que a Colômbia «por muitos anos irá ainda ser tributária obrigada de outros países desde os pontos de vista mercantil e industrial», está simplesmente estabelecendo o fato básico de ser necessária uma primeira (primitiva?) acumulação de capital para poder pensar em indústria e comércio de artigos industriais —de fato, para poder pensar em qualquer coisa. Uma forma de construir o capitalismo nacional (e a nação), nada menos, é o que está propondo Vergara y Velasco, no meio da Guerra dos Mil Dias, no país, como demonstrado pelas estatísticas, mais pobre da região.

De novo Vergara toca o tema da imigração. Os negros, os mais aptos para trabalhar nestas regiões, por não tê-los sabido educar depois da sua emancipação, não desejam trabalhar nas plantações dos

brancos. Com tudo e riscos, é preciso «substituí-los» com migrantes «adequados», sob pena de não preencher estes «vazios em séculos». México, Venezuela, Brasil, Argentina, todos tem tomado disposições para estimular a imigração:

El Brasil, comprendiendo que sin un grande aflujo de emigración libre no puede haber desarrollo posible, dicta unas tras otras disposiciones para atraer á los emigrantes europeos, les distribuye semillas, les anticipa seis pesos en oro, herramientas y algún ganado. (p. 711)

Como encarar semelhante concorrência? Por que escolher à Colômbia havendo estes outros países tão bem situados e dispostos —e que não se encontram em guerra? E são os mesmos colombianos que vão ao estrangeiro os que com «falsas ideias» falam mal acerca da colonização das terras quentes!

Mas adiante, reforçando a suas opiniões acerca do regime de propriedade na Colômbia, Vergara afirma o seguinte:

Y es que también falta á Colombia en número suficiente una población enérgica de trabajadores, de pequeños propietarios, únicos que saben cerrar el paso á la revuelta en los territorios que ocupan, conforme lo enseñó la tremenda guerra intestina de 1899, cuyos cuadrilleros se reclutaron casi exclusivamente entre los peones, vaqueros y concertados de las grandes haciendas.

Para o autor, regime de propriedade mantém estes peões pobres, «pessoas sem domicílio fixo», muito mais fáceis de recrutar do que o pequeno proprietário evidentemente porque, a diferencia deste, aquele não tem nada a perder.

Remediar isto não sucede, pois a política não tem obedecido ao «bem geral», mas sim aos interesses e disputas de «*gamonales* [coronéis] de província» (p. 713).

As terras altas para Vergara serviriam apenas como *sanatorium*, para produzir sangue (branco) que vigorize à população das terras baixas. Foi uma grande desgraça para a República o «erro inicial» de ter fundado a sua capital em um destes *sanatoriums* e não em uma zona de produção agrícola tropical, onde teriam sido mais úteis «as forças, os capitais e as energias que acumulam-se sempre em torno dos governos» (p. 713), mas, ao contrário, ao construir-se em uma região fria e bem povoada, a capital tornou-se uma espécie de «rim» do país, subordinando a seus interesses os do resto, favorecendo desta forma o regionalismo, que, se bom desde certos pontos de vista, «falta de canalização normal, tem produzido não poucos danos e tropeços, conforme o comprova a nossa história» (p. 714). (Mas adiante, na análise econômica, chamará Bogotá de «a grande parasita da família colombiana.» p. 838). Para Vergara, a Colômbia não é um país normal: é precisão que tudo mundo contribua com a sua parte de boa vontade, ou o país poderá correr o destino (a fragmentação) da América Central.

Desenvolvimento econômico

A seguinte seção da obra intitula-se Desenvolvimento econômico. O argumento deste capítulo é bastante simples: a Colômbia encontrava-se melhor como colônia da Espanha. «Diga-se o que quiser, tinha maior riqueza pública na época colonial» (p. 718). Isto constitui uma anormalidade: o país «não progrediu no século XIX como deviera, reinou mais folgura na Colonia» (p. 719). Mas ainda, Espanha entrava no seu século de ouro: «feito ruinoso foi a grande guerra da Independência» (*ibidem*).

Desta forma Vergara começa uma defesa do labor dos Vice-reis (não de todos), que após procurar o desenvolvimento da «nossa» agricultura, acabaram por reconhecer, «dada a índole da população», que só a mineração podia «dar vida à Colômbia» (p. 718). Para Vergara, que nisto segue documentação original, principalmente os informes esporádicos dos vice-reis, que segundo ele pareciam «escritos hoje»: desídia, lentidão, pouca labor, usura, ausentismo dos ricos, mestiços rebeldes...

A maior falta dos espanhóis, para Vergara, foi a expulsão dos jesuítas, com a qual se perderam extensas terras cultivadas na orinoquia. Os missionários regulares não tiveram a mesma efetividade.

Os vice reis procuraram fortalecer o estado através do controle fiscal da produção de metais e de certos produtos agrícolas, sistema que foi desmontado pelos liberais radicais do XIX enfraquecendo o Estado. Os departamentos do país que conservam estes monopólios ou «estancos» (Antioquia e Cauca) devem a eles seu tesouro público.

Vergara ressalta que a Colômbia importava alimentos de consumo diário (até em Bogotá consumia-se farinha estrangeira e açúcar centro-americano trazido da Inglaterra!), e propõe um sistema de subsídios («primas») para os produtores com o fim de contrabalançar este sistema, que conduzia para o estrangeiro a pouca riqueza metálica do país.

Vergara, em mais uma crítica ao sistema de propriedade rural da Colômbia, ressalta que a partir da abolição da proibição espanhola acerca da comercialização das terras de resguardos indígenas, estes «foram assediados pelos ricos, que conseguiram comprar a maior parte desses solos para formar grandes fazendas, destinadas a criação de gado, o qual fez subir muito o preço dos víveres, ainda em aumento depois das crises econômicas de 1886 e 1900» (p. 726).

Em fim, a agricultura colombiana encontrava-se para Vergara em um estado de decaimento lamentável: a falta de população em alguns pontos, a excessiva fertilidade do solo em outros, a pobreza dos habitantes, a falta de caminhos, as enormes montanhas, os perigosos rios, as rivalidades históricas e as constantes guerras, têm levado a agricultura do país a este estado. «Passarão anos antes de voltar a ser o que foi faz um século» (p. 739).

A indústria, por sua vez, «na sua maior parte é a simples continuação da que existia antes da conquista, completada e melhorada pelos peninsulares [...] nos mesmos lugares e povoações executam-se os mesmos trabalhos» (p. 760) —aqueles que não sucumbiram às importações. «Um bem entendido proteccionismo se impõe» (p. 761). «Tudo, ou quase tudo, está para ser feito» (p. 762).

Caminhos

Segue aqui uma seção dedicada aos Caminhos. Para Vergara, segundo o exposto, «ninguém estranhará que a Colômbia careça de caminhos» (p. 762). Neste aspecto o país tampouco tem avançado desde a época dos espanhóis, que segundo o autor «conheciam com notável exatidão a topografia» do país (p. 764). Pelo contrário:

Entonces, á zonas tan importantes como el Chocó, se iba desde Cartago en bestia, cuando hoy no pasan sino peatones [pedestres], pues dejamos destruir ese camino; el trazo que ellos hicieron en el Quindío es un prodigio en su género; de Bogotá a Honda era mejor el camino hace un siglo, que después de ingentes gastos; ríos al presente desiertos, se navegaban en esa época; y por último, hemos malgastado quince millones en oro haciendo ferrocarriles para no tener ninguno, pues tal nombre no merecen trozos sueltos [...]. Quiera Dios que los colombianos abran los ojos y se convenzan de que van por vía errada en pretender imitar a los Estados Unidos, ó sea en hacer grandes ferrocarriles antes de construir caminos. (p. 764-765)

O problema, na realidade, é que os nossos caminhos «carecem de um centro ou sequer de um eixo natural» (p. 765). Cada uma das regiões possui «núcleos» de caminhos, mas estes não se enlaçam entre si.

Para unir os núcleos povoados Vergara imagina uma cruz com dois braços, sendo o eixo principal ou «árvore» o rio Magdalena; a primeira travessa indo de Pasto a Cúcuta e Venezuela, passando por Bogotá; e a segunda partindo de Antioquia até Riohacha, na península Goajira.

A estas enlaçar-se-iam duas vias percorrendo as duas grandes mesas do país, quase paralelamente ao Magdalena, uma outra pelo Chocó, litorânea na sua parte sul, e mais outra percorrendo o litoral Caribe. Isto não é tudo, o grande vale do Magdalena, para Vergara, deve atravessar-se com caminhos transversais, sendo a sua parte média, extensa e pantanosa, a parte mais difícil, «polo negativo da nossa rede caminheira» (p. 766).

Agora o autor é explícito:

De lo dicho se desprende que así como en nuestra orografía é hidrografía tiene grande importancia el Macizo de Colombia, desde el punto de vista de los caminos puede considerársele como el gran centro natural de éstos en la República. (p. 766)

Continuando no tema dos caminhos, na seguinte seção o nosso autor vai tratar «por regiões geográficas» da maneira em que se agrupa e comunica a população, descrição da qual podem-se resgatar alguns pontos.

Na Colômbia a indústria cresce em forma inversa da sua proximidade de Bogotá! (admiração do autor, p. 790) —mais uma anomalia.

A península da Goajira pode perder-se toda ou em parte em caso de «guerra estrangeira» (ou seja, com a Venezuela), mas o Estado em lugar de fortalecer, enfraquece a zona (p. 749).

Quanto a vias de trem, «doe o patriotismo» de Vergara. Há apenas cinco linhas completas, e mais oito iniciadas. O sistema de ferrovias estabelecido no país não empresta utilidade, pois não tem sido racionalmente planejado procurando a utilidade geral, e sim a local, que é a que tem predominado. É preciso *centralizar*, contra a opinião da maioria, e com mão vigorosa, a construção dos caminhos, mas em favor do interesse comum, e não dos magnates.

Sobre o canal interoceânico, a opinião de Vergara também é interessante pela sua clareza geopolítica:

Restanos hablar del Canal interoceánico. Esta obra, que se ha querido equiparar malamente en importancia al de Suez, no tiene sino un interés americano, y el Nuevo Mundo dista mucho de ser lo que es el Viejo Continente. Con el andar del tiempo las cosas habrán mejorado, pero por lo pronto (1898), nos explicamos perfectamente que Europa no quiera gastar más sumas en abrir ese *foso* que en verdad no interesa sino á los Estados Unidos. Por esta razón desearíamos que la República del Norte optara por la *vía* de Nicaragua, pues si á ésta toca abrir el de Panamá, nuestra autonomía sufrirá rudísimo golpe sin ventaja ninguna: el oro que nos lleguen á dar, si es que lo vemos, volverá á escapársenos á cambio de algunas tajadas de melón que tan fácil les será procurarse en el Istmo. Y si luégo, por desgracia, á algún yanqui toca descubrir el rincón de los placeres auríferos del Chocó, puede juzgarse lo que sucederá á Colombia. (p. 801)

Mas quando mais negativo se mostra Vergara com respeito, não só à guerra, mas à «Independência» é na seguinte seção. De novo, o autor contrasta as medidas protecionistas tomadas por Espanha, que procuravam limitar a importação de mercadorias e fazer conquê as que viessem fossem de boa qualidade, com a «repugnância» sentida pelas mesmas por parte dos «ultra-libre-cambistas».

Nunca se hace el debido hincapié [ênfase] en la profunda perturbación que en nuestra producción ocasionó la guerra de Independencia, lanzando á campaña la masa de habitantes explotadores del suelo, ni qué rumbo le imprimió luégo por olvido de los documentos de la época, los que asombran y contristan, puesto que engendró una escuela —por inmensa fortuna no regentada por los colombianos sino por los venezolanos— que educó el pueblo para la revuelta y el crimen. El odio á España ha hecho errar a todos los escritores de cierta época, y es preciso restablecer la verdad. (p. 820).

Demografia

À continuação vem a parte da obra dedicada à Demografia. Os «elementos etnográficos» do país «tendem a fundir-se mais e mais, com positiva vantagem para o conjunto, que um dia terá perfeita unidade, tendo-se suprimido para sempre o grandíssimo perigo de uma luta de raças (como podia ter acabado a *Rebelião dos Comuneros*, no final do período colonial [p. 968]), posto que estas tem acabado por se olhar como irmãs, no sentido cristão da palavra» (p. 840). Quem fala, alguns já poderão ter percebido, não é outro que o amigo Reclus, da cuja *Viagem Vergara* conserva este e outros motivos.

A continuação Vergara passa a citar o «Padrão» ou censo de 1788. É o primeiro autor, acredito, depois da *Descripción del Reino de Santafé de Bogotá* escrita em 1789 por Francisco Silvestre, secretário do Vice-rei Mesía de la Cerda (1761-1773) —obra que aliás constitui um dos três anexos da *Nova Geografia* de Vergara, (p. 1179-1207). O comentário de nosso autor —que aliás demonstra mais uma vez a familiaridade de Vergara com os arquivos do país— precede em muitos anos o mais conhecido de Jaime Jaramillo Uribe *Mestizaje y diferenciación social en el Nuevo Reino de Granada en la Segunda Mitad del Siglo XVIII*.¹³⁰

Mais adiante Vergara admite não poder aprofundar na análise estatística do país principalmente por causa da falta de documentação.

No entanto, revelando-se mais uma vez o nosso autor como geógrafo crítico (embora tal vez paternalista), propõe uma interessante divisão do povo colombiano em «duas partes nítidas de importância muito diversa»:

[...] una enorme masa que trabaja, sufre y calla, y es arrastrada por corrientes que no le interesan, que no comprende, que quebrantan sus fuerzas, y sólo aspira á ganarla vida em paz; y una pequeña porción, que quizá no llega á 200,000 individuos, que con la mente vive en el Extranjero, ante todo se preocupa por cuestiones teóricas y especulativas, políticas en primer término, que desconoce y olvida lo que es el rebaño humano que maneja y, tal vez sin quererlo, perturba su marcha [...] (p. 847-848).

Não se pode ser mais explícito numa obra de Geografia. Aqueles que se arrogaram a direção do país preocupam-se mais pela gramática e pela especulação política, do que por conhecê-lo e administrá-lo, chegando incluso a atrapalhar a sua marcha...

Gostaria de fechar este capítulo com uma das alusões de Vergara y Velasco ao Brasil na sua obra. Acerca do Vice-rei Antonio Amar y Borbón, destinado a ser o último da Nova Granada —pois foi

¹³⁰ Jaime Jaramillo Uribe, "Mestizaje Y Diferenciación Social En El Nuevo Reino de Granada En La Segunda Mitad Del Siglo XVIII," in *Ensayos Sobre Historia Social Colombiaba*, by Jaime Jaramillo Uribe (Bogotá: Universidad Nacional da Colombia, 1968), 163–203.

quem teve de enfrentar a irrupção dos movimentos independentistas—, nosso autor afirma, que se tivesse tido as dotes,

[...] se habría puesto á la cabeza de la revolución en Nueva Granada, encauzándola, y así con muchas probabilidades dirigido el país por la ruta que siguió el Brasil y que lo salvó de un siglo de revueltas intestinas. p. 972

AS LÂMINAS DA *NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA*

Esta figura y la siguiente, que le hace par, unidas a la singular afirmación de Maltebrun de que en invierno, en nuestras altas montañas los habitantes disputaban a los osos, cuchillo en mano, las raíces de que se alimentaban, hicieron más daño al país desde el punto de vista económico que muchos libros que se hubieran publicado exprofeso para difamarlo.

Vergara y Velasco acerca das lâminas 16 e 17 da *Nova Geografia da Colômbia*

Introdução

A edição de 1902 da *Nova Geografia da Colômbia* de F.J. Vergara y Velasco inclui mais de 160 mapas e 187 lâminas ou figuras.

Trata-se de xilogravuras elaboradas com base em ilustrações publicadas em livros estrangeiros (principalmente franceses e alemães, mas não unicamente), em alguns trabalhos nacionais e em alguns casos em fotografias originais de Vergara ou de seu círculo. *Cópias*, em certo sentido, mas como veremos, objeto de intervenção.

Ressalta, nesta coleção, a presença de 43 lâminas da Comissão Corográfica, a maioria delas até esse momento inéditas. A presença destas lâminas demonstra não só o interesse de Vergara pelo conjunto da obra da Comissão, mas também seu acesso a materiais originais da mesma, declarado por ele em diferentes momentos. As lâminas da *Nova Geografia* em geral também exprimem uma inclinação pedagógica por parte do autor, que sacrifica a qualidade das reproduções em favor da sua divulgação.

Neste capítulo procuramos descrever esta coleção iconográfica. Não pretendo ser exaustivo, no entanto consegui encontrar boa parte das fontes originais das lâminas a partir do pobre aparato de citação de Vergara, isto com um interesse comparativo.

Estas imagens, na versão de Vergara e a sua equipe, não tem sido até agora conhecidas pelos geógrafos e historiadores contemporâneos porque foram excluídas —assim como alguns mapas— da redição de 1974 da *Nova Geografia da Colômbia*, que é a mais comumente consultada.

Esta coleção mostra uma vez mais o pioneirismo do autor e seu contato próximo com as publicações europeias. As lâminas apresentam, obviamente, uma *imagem* do país, que tentaremos qualificar no final da nossa descrição.

As fontes das lâminas constam no correspondente apêndice.

Xilogravura e patriotismo

Pode notar-se para começar que as lâminas são raramente aludidas no texto de maneira explícita, mostrando no meu conceito a permanente incerteza do autor acerca da possibilidade da inserção das mesmas na publicação. Até agora, Vergara tinha conseguido publicar uma parte da sua geografia da Colômbia sacrificando mapas e lâminas —uso este termo porque é o mesmo usado pelo autor— assim que era melhor não redigir o texto da mesma maneira em que faria se tivesse a garantia de poder colocar como desejava —no modelo da *Nova Geografia Universal* do francês Reclus, a quem tinha dedicado o primigênio volume da *Nova Geografia* publicado em 1888—, mapas e imagens perante os olhos do leitor.

Na edição final da sua *Nova Geografia*, impressa entre março de 1901 e julho de 1902 —isto é, em plena Guerra dos Mil Dias—, e na qual Vergara finalmente vai conseguir a inclusão de imagens, estas aparece já anunciadas desde a capa: «Primeira Edição Oficial Ilustrada».¹³¹

Na *Advertência preliminar* da obra o autor agradece diretamente ao presidente Marroquín —que se encontrava no poder graças a um golpe de Estado— pelo seu apoio com respeito às ilustrações:

Hoy entra de nuevo en prensa el libro, corregidos los principales defectos y errores del fondo por el trabajo de varios años, y llenado el vacío que la falta de ilustraciones adecuadas, merced al apoyo que se ha dignado prestarle el Excmo. Sr. D. JOSÉ MANUEL MARROQUÍN, encargado de regir los destinos de la República, y literato conocido en todos los países donde se habla la lengua de Castilla.¹³²

À referência à literatura não é casual, como já sabemos, mas não é nosso tema no momento. Baste observar que Vergara, neste contexto, exalta em certa forma o apoio de um literato a um projeto científico (e artístico) e de colocar, também de certa forma, em pé de igualdade, ou, pelo menos, no mesmo parágrafo, a literatura e a ilustração geográfica.

Mas adiante o autor continua —valha a longa citação:

¹³¹ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*.

¹³² Ibid., I:V.

Y no por vanidad personal, sino por bien entendido orgullo patrio, podemos afirmar que esta edición ilustrada de la *Geografía de Colombia* no tiene par en la América Latina, y deja muy atrás cuanto en la materia se conoce de México á Chile y la Argentina; y si las ilustraciones no son perfectas desde el punto de vista artístico, en cambio constituyen una obra esencialmente nacional, ejecutada por jóvenes formados en la Escuela de Grabado, en maderas recogidas en las magníficas selvas colombianas.

Por lo que hace á los grabados que ilustran la obra, forman un conjunto tan rico, variado y completo como el asunto lo demanda, de suerte que ya por su número —medio millar,— ya por no comprender vistas de poblaciones, ni escenas de costumbres, ni tipos de habitantes, y por referirse solamente á la obra de la naturaleza en nuestra patria, los que pueden llamarse *láminas*, constituyen una colección única en su especie, de modo que en este particular la *Nueva Geografía de Colombia* no tiene igual en nuestro idioma.

Y como los grabados, ó sea la imagen de los objetos á que se refieren, permiten de ordinario condensar las descripciones y á la vez hacerlas más claras, posible ha sido reducir el texto sin perjudicar su precisión.¹³³

Comecemos pelo final. Os grabados permitem condensar as descrições e fazê-las mais claras, até o ponto de poder reduzir o texto. As imagens de fato tem o poder de condensar tempo e espaço.

Provavelmente, por outra parte, seja verdade que não tivesse em todo o continente latino-americano neste período, uma obra «individual» —estritamente nenhuma obra é individual, como aprendemos com a sociologia da ciência, mas uso aqui o termo no sentido de «particular» e em oposição a «instituição apoiada pelo Estado»— de fôlego iconográfico e cartográfico comparável à de Vergara. O importante, verdade ou não, é a evidente intenção de mobilizar sentimentos de «orgulho pátrio», no contexto de um discurso geográfico, em um país desfeito pelas guerras civis.

Por outra parte, o número de gravuras publicadas (perto de 350 entre mapas e lâminas) é consideravelmente menor ao «meio milhar» anunciado na *Advertência*, sendo este tipo de discordâncias uma constante na obra do autor.

Por outro lado, a pesar das declarações de Vergara ao respeito, não são poucas as lâminas, como veremos, que longe de se referir apenas ao que ele considerava «obra da natureza», compreendem vistas de cidades, cenas costumbristas, em alguns casos tipos de habitantes —e também outros artefatos como pontes, as temíveis «*tarabitas*», caminhos e embarcações. Veremos também como os autores das lâminas optaram de fato muitas vezes por suprimir elementos presentes nas imagens usadas como referência —principalmente as pessoas—, tanto com o objetivo de cumprir com esse critério —o de apresentar apenas fatos da «natureza»— como por causa das condições técnicas da equipe.

Desde o ponto de vista artístico, reconhece Vergara, os resultados estão longe de ter a qualidade dos originais. Trate-se das aquarelas da Comissão Corográfica ou das gravuras europeias em pedra ou

¹³³ Ibid., I:V–VI.

metal presentes nas obras de geografia e nos relatos de viagem publicados nesse continente, ou mesmo das fotografias dos arredores da capital de que o autor dispus, as limitações da xilogravura, abandonada pela cartografia europeia fazia séculos e pouco usada na ilustração geográfica na Europa —com importantes exceções como veremos—, eram simplesmente gritantes, se comparadas, por exemplo, com as belíssimas e assombrosamente nítidas gravuras da *Nova Geografia Universal* de Reclus (que é a pessoa em que Vergara está pensando ao afirmar que a sua obra «não tem igual no nosso idioma»). No entanto, e não é pouca coisa, trata-se duma obra essencialmente nacional, executada —durante mais um momento crítico da nacionalidade—, pela mão de jovens formados na Escola de Gravura, e utilizando madeiras provenientes das «magníficas» florestas colombianas. Vergara coloca aqui em jogo uma relação entre arte, afirmação nacional e valorização do território, no contexto de uma obra de geografia nacional: a través da divulgação destas imagens, mesmo que rústicas ao olho de alguns, seria possível estimular o sentimento nacional a consciência territorial do país. Fazer um país, começar a fazê-lo —de novo, mais do que nunca—, dentre as ruínas da guerra civil.

Mas quem são estes jovens gravuristas e o que há acerca desta Escola de Gravura? Não abundam realmente estudos que possam nos orientar a respeito da história da imprensa neste período do país, da imprensa gráfica, da gravura ou em geral das artes gráficas. Documentação original ao respeito tem sido também esquiva. No entanto, existem alguns indícios que permitem fazer algumas deduções e especulações.

Estas personagens, chave desde todo ponto de vista, são até agora quase que completamente anônimas: trata-se de Belisario Cortés, Antonio María Madero, Januario Nariño e D. Rivera.

O mesmo Vergara y Velasco não oferece mais dados acerca deles do que o fato de serem jovens e de pertencerem à citada escola. Nos agradecimentos da obra (p. 1005-1006), por exemplo, não chega nem a mencioná-los. Também não aparecem, em nenhum caso, no seu *Almanaque* de Bogotá para o ano de 1881, publicado por nosso autor junto com seu primo Francisco Jose de Vergara em janeiro desse ano.¹³⁴ Nesta obra mencionam-se um número importante de imprensas —para uma cidade tida por pobre.¹³⁵ Mencionam também quatro fotógrafos (Demétrio Parédes, Julio Racines, Emilio V. Mendoza e Aquilino Cásas), dois litógrafos (D. Paredes e Daniel Ayala), sete gravuristas, entre os quais, seu familiar Ladislao Vergara (os outros são Bernardino Castro, José María Gonzáles, Ernesto Leon, Gregorio Castillo, Eduardo Castro e Telésforo D'Aleman), e, apresentado por separado como

¹³⁴ Francisco Javier Vergara y Velasco and Francisco José de Vergara Balcázar, *Almanaque Y Guía Ilustrada de Bogotá Para El Año de 1881* (Bogotá: Imprenta de Ignacio Borda, 1881).

¹³⁵ São estas a de Medardo Rivas, a de J. Benito Gaitán, a de Zalamea Hermanos, a de Echeverria Hermanos, a de Silvestre y C., a de Ignacio Borda, a de F. Tórres Amaya, a de H. Andrade, a de Nicolás Ponton, a de Agustín Núñez, a de Ricardo Ordóñez, a de Caballero y Paniagua, a de Quintana y Compañía e a de “La Reforma”. Ibid., 131.

«gravurista em madeira», o español Antonio Rodríguez, figura central da época neste respeito e mestre de vários dos mais importantes artistas do ramo no período.¹³⁶

Rodríguez, de fato, é o responsável pelas gravuras contidas neste almanaque «ilustrado», que os autores consideram ser o primeiro *livro* com esta característica publicado no país:

Nos corresponde pues, y lo hacemos constar aquí para que la historia lo recoja en sus páginas, el alto honor de haber sido los autores del primer libro ilustrado que se publica en nuestro país. Pedimos respetuosamente á la prensa colombiana lo repita así en honor de la justicia. Es cierto, sinembargo, que el trabajo artístico pertenece exclusivamente al simpático artista español señor Antonio Rodríguez, quien bondadosamente ha puesto sus sólidos conocimientos al servicio de nuestra obra.¹³⁷

Na obra de fato consta meia dúzia de gravuras pequenas (os almanaques costumavam ser livros de bolso) elaboradas pelo artista espanhol: A Catedral principal da cidade (p. 190), a Praça (p. 197) e a estátua de Bolívar (p. 199), a Portada do cemitério (p. 201), o obelisco aos Mártires (p. 206) e uma praça chamada de Camilo Torres (p. 214), que oferecemos como amostra:

Figura 4: Plaza de Camilo Tórres

Sala de Libros Raros e Manuscritos — BLAA

Este antecedente não deixa de ter importância para o presente capítulo, não apenas por revelar um antigo interesse de Vergara em acrescentar imagens às suas publicações (tinha 20 anos então), mas pela experiência em si, que, sem dúvida, mostrou para ele todas as dificuldades práticas deste tipo

¹³⁶ Ibid., 144–145. Ramon Tórres M., que será também citado neste capítulo, é mencionado mais adiante entre os pintores da cidade, p. 146.

¹³⁷ Ibid., 224–225.

de projetos, não apenas com relação à gravura, mas também com relação ao fato da publicação e da impressão em si mesma —dificuldades que ficam patentes na *Advertência* mesma do almanaque, que por erro em vez do começo apareceu no final (pelo qual os autores se desculpam, mencionando a laboriosidade necessária e, em uma declaração de modéstia, a sua possível inaptidão para a mesma).¹³⁸

Os autores enfatizam o formato de livro na sua citada reclamação, pois como eles bem sabiam o país já contava com imprensa ilustrada desde o primeiro governo de Mosquera (1845-1849), quem, como lembra a pesquisadora Marta Fajardo em seu artigo sobre a ilustração editorial da época, atraiu algumas famílias de litógrafos da vizinha Venezuela que irão ser responsáveis de importantes periódicos como *El Neogranadino*.¹³⁹ Não parece, no entanto, que a imprensa do país tenha seguido a solicitação dos primos Vergara, provavelmente porque nesse mesmo ano aparece um forte concorrente ao título de primeiro livro ilustrado do país: *Centenario de los Comuneros* —o mais conhecido na Colômbia dos levantamentos populares (e em alguns países, indígenas) anti impositivos que deveu enfrentar a coroa da Espanha no final do século XVIII—, dirigido por Alberto Urdaneta (que é a outra figura central a este respeito de ilustração gráfica no período, sendo diretor do importante *Papel Periódico Ilustrado* que citaremos mais adiante), com textos de Manuel Briceño e gravuras do mesmo Antonio Rodríguez, quem aparentemente era uma pessoa indispensável neste período da gravura bogotana. Contestando tal vez involuntariamente a Vergara, ou tal vez reproduzindo os ecos duma antiga disputa de prioridade, a citada pesquisadora afirma textualmente que Urdaneta, restabelecido na cidade depois de ter aprendido litografia na França, e em companhia de Rodríguez, «sacou à luz pública o primeiro livro totalmente ilustrado com um tema colombiano titulado *Centenario de los Comuneros*». ¹⁴⁰

O artigo de Marta Fajardo mostra um certo auge da ilustração editorial e da fotografia neste período do país, reflexo, um pouco tardio, de um movimento similar que acontecia na Europa da mão das descobertas e melhoras técnicas, da urbanização e, podemos acrescentar, das explorações geográficas que caracterizam o período. Se bem as genealogias de artistas e publicações que concentram a atenção da autora, a exceção do espanhol Rodríguez, constituem um grupo totalmente diferente de pessoas, na secção final do seu artigo, dedicada à geografia, menciona a Vergara, a *Nova Geografia* e os nossos gravadores. Depois de lembrar que a *Jeografia* de 1862 de Felipe Pérez apresentava algumas lâminas sobre a cultura arqueológica de San Agustín —

¹³⁸ A *Advertência* do Almanaque começa desta forma: «Al principiar nuestro trabajo, solo teniamos conocimiento de nuestra buena voluntad, siendo solo al terminarlo cuando hemos venido á conocer la suma laboriosidad que es preciso emplear en esta clase de publicaciones y nuestra ineptitud para corresponder a ella». Ibid., 224.

¹³⁹ Marta Fajardo de Rueda, “Un Centenario Olvidado: La Ilustración Editorial En El Siglo XIX En Colombia,” *Ensayos. Historia Y Teoría Del Arte*, no. 5 (1998): 118, <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=203590>.

¹⁴⁰ Ibid., 117–118.

recentemente redescoberta nesse momento pelas expedições da Comissão Corográfica—, Fajardo afirma o seguinte sobre nosso tema:

Para finalizar el siglo, el General de Ingenieros F. J. Vergara y Velasco, preparó la primera edición de la *Nueva Geografía de Colombia*, considerada como una de las obras más importantes en su campo, hasta nuestros días. Las fuentes de la ilustración de esta obra son muy ricas y variadas. En primer lugar, acudió a las acuarelas de la Comisión Corográfica, de las cuales tan sólo unas pocas habían sido difundidas por el *Papel Periódico Ilustrado*. Las que eligió Vergara en su mayor parte eran inéditas y fueron trabajadas por los grabadores Belisario Cortés, Juan Nariño y D. Rivera. Estos tres xilógrafos bastante competentes no han merecido la atención de los historiadores del arte. Gabriel Giraldo Jaramillo [autor do estudio clásico *El Grabado en Colombia* (1960)] tan sólo menciona a Belisario Cortés como ganador del tercer premio en grabado en el año de 1892 en el Concurso Anual de la Escuela Nacional de Bellas Artes. Ellos también trabajaron sobre otra fuente conformada por los numerosos dibujos, pinturas, croquis y grabados de ilustres viajeros y geógrafos que habían visitado a América en el transcurso del siglo —entre ellos el barón de Humboldt, el doctor Safray, Regel, Crevaux, Bonaparte Wyse—, y sobre algunas fotografías de autores anónimos. En la elaboración de los mapas figura el nombre de otro grabador no conocido, de apellido Madero.

La presencia de estos xilógrafos en la obra de Vergara y Velasco, que data del año de 1901, revela cómo las publicaciones hicieron uso de las múltiples aplicaciones del grabado y de sus diversas combinaciones técnicas. Es decir, que a pesar de los adelantos logrados con la fotografía, ésta aun a fines del siglo XIX y comienzos del presente en algunos casos estaba todavía al servicio del grabado en madera. Resulta interesante señalar que, con todo, existe un vacío en el campo de la investigación en la Historia del Arte que dé explicación a la convivencia e interrelación de las técnicas del grabado.¹⁴¹

Como sabemos, não é esta a primeira edição da *Geografia*, mas apenas a primeira *ilustrada*. Mas daí para frente a autora não deixa de ter razão. As fontes das ilustrações da geografia de Vergara são de fato muito ricas e variadas, e como vamos ver muito atualizadas, ressaltando de certo as da Comissão Corográfica, joia principal da história da arte no país (mais um *first* de Vergara). Este trabalho avança um pouco no estabelecimento destas referências e permite fazer algumas observações sobre sua circulação. Estes artistas eram aliás competentes —um deles até havendo ganhado um concurso—, opinião que não deixa de ter importância para mim, principalmente ao provir duma pessoa com olhar treinado —eu não possuo, mas já parei para pensar quanto trabalho, quanta convicção, quanta paciência, quantas provas, correções, erros, imprevistos, quanto patriotismo (por que não?), sentimento tão manuseado em nossa conturbada história, foram necessárias para produzi-las, e não sinto vergonha de confessar quão comoventes acho estas humildes lâminas, feitas em condições muito longe das ideais, quão belas me parecem na sua possível rusticidade e quão valioso seu propósito, por imperfeito que possa ser.

Quanto ao fato da fotografia encontrar-se «ao serviço» da gravura e sobre as possíveis relações entre técnicas que interessam a Fajardo, penso são fatos compreensíveis desde o ponto de vista dos

¹⁴¹ Ibid., 122–123.

objetivos de ampla circulação, ligados às imagens: nas condições materiais dadas, a reprodução fotográfica era obviamente custosa: com a transformação de fotografias em gravuras era possível atingir o objetivo de apresentar um número considerável de imagens do país num só volume que podia chegar, em teoria, a qualquer parte.

Como constata a autora, estes artistas não tem merecido até agora a atenção dos historiadores especializados. Madero, o principal aliado de Vergara em questões cartográficas, é um «desconhecido», e de D. Rivera não sabemos nem o nome. O vazio apontado pela autora em grande medida permanece, sendo uma das principais dificuldades para preenchê-lo o caráter esquivo das fontes. Eu contribuo aqui com alguns poucos dados e observações, sendo a primeira, tal vez uma das mais importantes a seguinte: a técnica de gravura usada pelos artistas dirigidos por Vergara, tanto para os mapas quanto para as lâminas que veremos, e que chamaremos daqui simplesmente «xilogravura», corresponde à técnica conhecida em inglês como «*wood engraving*», definida por trabalhar encima de cortes transversais da madeira, isto é, a contra fibra, técnica que não deve se confundir com a mais conhecida de «*woodcut*», executada sobre tábuas cortadas longitudinalmente, isto é, seguindo a fibra da madeira.¹⁴² A diferencia radica na dureza da superfície, sendo maior no caso da xilogravura: é mais difícil de trabalhar mas pode se obter uma maior definição. Um outro resultado de trabalhar sobre cortes transversais é o tamanho das imagens, menor do que possível com o *woodcut*, condição que levou a Vergara a ter que juntar blocos de madeira em alguns de seus mapas, mas que em todo caso dava o tamanho justo para a obra projetada.

Algumas observações de conjunto

Para começar, digamos que são muitas imagens, de fato «um conjunto rico variado e complexo». Em verdade, penso que não há muitas obras do gênero geográfico que possam se comparar neste respeito à ambição da pressente. (Guardadas as proporções), o único que vem à mente é Reclus — que além das suas muitas virtudes contava para a ilustração da sua obra com o transcendental apoio da poderosa casa editora Hachette.

¹⁴² Devo esta importante observação ao pesquisador holandês Martijn Storms, da Universidade de Leiden, que teve a generosidade de compartilhá-la comigo durante a 25th International Conference on the History of Cartography (Helsinki, 2013). Meu poster neste evento intitulava-se incorretamente: «Vergara y Velasco's woodcut Map and Atlas of Colombia (1906-1910)». Isto, que se tratava de xilogravuras e não de *woodcuts*, certamente não era fácil de perceber a partir das peças ali mostradas por mim, mas fica evidente no padrão de anéis circulares que se percebe no fundo de algumas das lâminas —claro, evidente só depois que a pessoa aprende a ver.

Partimos então dum universo de 187 lâminas, quase todas paisagens, com excepção de dez consagradas a objetos arqueológicos, um trilobite e uma petrografia. Restando estas doze figuras, e descontando duas que aparecem repetidas, ficamos com um universo de 173 paisagens.

Alguma mudança de opinião deve ter ocorrido em algum momento (a *Advertência preliminar* está firmada em março de 1901 e a nota de fechamento da impressão o 20 de julho de 1902), pois a pesar da restrição declarada pelo autor ao respeito das lâminas «referir-se apenas à obra da natureza na nossa pátria», encontram-se na *Nova Geografia* não poucas vistas de cidades, algumas cenas costumbristas, assim como um considerável conjunto de objetos não exatamente «naturais» —na concepção de Vergara (vale a aclaração porque objetos que ele podia considerar naturais, hoje não seriam vistos assim, por exemplo a floresta).

É verdade sim que a obra não contém lâminas de «tipos de habitantes» em estrito senso —primeiros planos com facções detalhadas. De fato —e é este provavelmente um dos traços que mais sobressai ao comparar as lâminas da geografia com os originais usados por Vergara como referência—, em, pelo menos, sessenta ocasiões (lâminas) o nosso autor fez questão de retirar, apagar as pessoas que apareciam no quadro. (Por que isto? Para obedecer aquele seu critério «naturalista»? Para economizar trabalho? Para *ocultar* o povo aos olhos de alguém? Devido a falta de confiança na capacidade dos artistas para produzirem imagens dignas? Uma combinação das anteriores?)

No entanto, como veremos, em, pelo menos, vinte casos conservaram-se as figuras humanas existentes nos originais, e os gravuristas fizeram esforços para fazer identificáveis diferencias ou «tipos», às vezes em formas muito sutis.

Mas antes disto continuemos apresentando quantitativamente esta coleção.

Cento e dezoito destas lâminas levam o nome do gravador. Cinquenta e sete, um terço do total, estão firmadas por Belisário Cortés, o mencionado ganhador em 1892 do concurso da Escola Nacional de Belas Artes, número que faz dele o principal colaborador de Vergara em matérias paisagísticas —deixando a Antonio Madero como o principal encarregado da parte cartográfica. Este último colabora com vinte e seis figuras, seis mais do que as do seu colega Januario Nariño. Por sua parte, D. Rivera —único do grupo aparte de Madero a trabalhar com mapas nesta obra— apresenta-se com treze gravuras. Uma única lâmina (a f. 173) apresenta o nome de um artista diferente, o de um tal de Félix Acevedo. (Se alguém estiver levando as contas e tiver notado que está faltando uma lâmina, é porque não foi para mim possível determinar o nome escrito na figura 189.)

São mais, em tudo caso, as figuras anônimas —sessenta e nove— mas, desde meu ponto de vista, não há motivo para pensar que as proporções descritas com respeito à distribuição geral do trabalho

de gravura possam variar muito com relação a este último grupo. É possível, de qualquer forma, que uma pessoa treinada consiga identificar os autores e avançar na atribuição destas obras.

Não temos, por outro lado, indícios de existir uma distribuição temática diretamente relacionada com os autores: ao cruzar a lista de gravuristas com a dos títulos das lâminas, confirma-se que todos eles conseguiam trabalhar diversos temas.

A distribuição temática desta coleção é mais difícil de descrever. Vegetação, montanhas e rios: estes três, em todas as suas combinações, são, sem dúvida, os elementos dominantes das lâminas. Vegetação, montanhas e rios *andinos*, poderíamos acrescentar, pois a grande maioria das figuras correspondem a esta região do país.

Se distribuimos as lâminas da *NGC* dentro das regiões do país —em grande parte ajudadas a definir pelo mesmo Vergara, como vimos— encontramos que, depois da Andina, a que recebe mais atenção é a Orinoquia, com dezesseis (figs. 25, 72, 73, 111, 133, 138, 141, 259, 263, 266, 267, 268, 269, 280, 289 e 311); seguida da região Caribe com doze (figs. 24 (191 bis), 95, 202, 203, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217 e 219); depois vindo Panamá em número de aparições com dez (figs. 26, 87, 102, 114, 126, 153, 174, 281, 319 e 320); logo a região amazônica com sete (figs. 75, 106, 139, 271, 272, 273, 274); e por último a região do Pacífico, com apenas quatro figuras (112, 173, 206 e 300). Num só caso, o da figura 156, «Floresta inundada», não foi possível acertar a região. As restantes 124 lâminas de paisagens correspondem à região andina do país.

Região da Orinoquia

As lâminas correspondentes à Orinoquia ou região oriental do país provem de apenas três fontes: nove foram tomadas do relato de viagem elaborado pelo médico e explorador da marinha francesa Jules Crevaux (1847-1882), que depois de anos de serviço na Guiana francesa efetuou três grandes explorações no norte da América do Sul¹⁴³ (a primeira pelos rios que ligam correm daquela colônia até o Amazonas em 1877; a segunda por estes mesmos rios, subindo o Amazonas até o Putumayo até a sua parte mais alta, e retornando pelo Caquetá ao rio principal em 1878 e 1879;¹⁴⁴ e a terceira, acompanhado pelo farmacêutico da marinha Eugène Lelanne,¹⁴⁵ remontando primeiro o rio

¹⁴³ Existe um mapa das suas viagens: «Carte pour suivre les trois voyages du Dr. Crevaux», <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23007000/f2.item>>.

¹⁴⁴ Jules Crevaux, «De Cayenne Aux Andes», *Le Tour Du Monde* 41 (1881): Registrada em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34414b/f116>.

¹⁴⁵ Jules Crevaux and Eugène Lejanne, «Voyage D'exploration à Travers La Nouvelle-Grenade et Le Venezuela (rios Magdalena, de Lesseps Ou Guaviere, Orinoco)», *Le Tour Du Monde* 43 (1882): 225–320,

Magdalena até a sua parte alta, passando depois a cordilheira que separa este rio das planícies orientais do país para entrar nos rios da bacia do Orinoco e navegar este até sua desembocadura, entre setembro de 1880 e janeiro de 1881), e que perdeu a vida o ano seguinte na Bolívia à mão dos índios tobas quando explorava o rio Pilcomayo; s quatro mais provém do também francês Édouard André (1840-1911), paisagista, botânico, horticultor, explorador da Colômbia, Equador e Peru entre 1875 e 1876, «*Chargé d'une mission du Gouvernement Français*», como reza na capa de cada capítulo da sua relação;¹⁴⁶ estes dois relatos foram publicados na famosa revista francesa de viagens *Le Tour du Monde* (por entregas no caso de André), e profusamente ilustradas com xilogravuras amplamente aproveitadas por Vergara; e, finalmente, as três imagens restantes para completar o conjunto da Orinoquia são tomadas por Vergara das aquarelas da Comissão Corográfica de Agustín Codazzi — como veremos, a principal fonte de toda a coleção.

Jules Crevaux

Do grupo de imagens da região oriental da Colômbia tomadas por Vergara do relato de viagem de Jules Crevaux publicado em 1882, a primeira em aparecer na *NGC* (f. 25) intitula-se no original «Arredores de Atures», ao que colombiano acrescenta na sua versão, entre parêntesis, a aclaração «Orinoco», sendo este um ato de intervenção típico do nosso autor e que será uma das constantes de toda a coleção.

Na cena original encontram-se sete pessoas em três grupos: no primeiro plano dois homens andando juntos por uma espécie de caminho não muito bem definido no meio duma abundante vegetação carregada de mirtáceas e de sisais ou bromélias. Ambos parecem descalços e levam e machados no cinto. Um deles apoia-se numa bengala, e o outro leva sobre o ombro o que parece ser uma precária bagagem. Este último tal vez seja François, outro francês da expedição (encarregado da cozinha) e o outro é Apatou, seu guia colombiano negro. Mais na frente, mais dois homens que parecem soldados vão caminhando juntos como vanguarda dos anteriores: usam chapéus iguais, levam uma correia atravessada diagonalmente nas costas, o da esquerda parece também fazer uso duma bengala e o da direita carrega sobre o ombro o que tal vez seja um rifle. Trata-se dos autores, Crevaux e Lejanne. No fundo, três mulheres, duas delas captadas no instante preciso em que percebem a presença dos caminhantes enquanto a uma delas continua distraída. Mais no fundo, mais vegetação e uma espécie de serra, tal vez «granítica».¹⁴⁷

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k344161/f228.image>.

¹⁴⁶ André, “L’Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou).”

¹⁴⁷ A cena é narrada desta forma pelos autores: «Je fais une observation de soleil avant de me rendre au village. Mes compagnons, qui m’attendent à l’ombre des arbres voisins, voient venir un canot monté par trois femmes. Elles

Na versão de Vergara desaparece o casal do segundo plano e o grupo de mulheres, mas são conservados os personagens do primeiro plano.

Nesta primeira imagem que escolhemos para analisar já aparecem vários dos elementos distintivos da coleção: mato e montanha dominando o panorama, por uma parte, e, por outra, exclusão das figuras humanas —mesmo que não de todas elas, sendo esta uma das variantes possíveis.

Mesmo apesar da deficiente digitalização deste documento por parte da Gallica (veja-se as «Fontes das lâminas» no apêndice correspondente), é possível perceber uma inegável diferencia entre a habilidade de Madero, no caso, e a da do mestre Riou, que pode se notar principalmente na figura humana, nos detalhes da folhagem e nas áreas com «sobrexposição» que ficaram nos lugares em que se encontravam as pessoas extraídas da imagem e nos contornos das plantas.

Crevaux e Lejanne, na imagem anterior, encontravam-se já nos «arredores de Atures» (hoje um município venezuelano, de fundação jesuíta) depois de ter passado pelos famosos rápidos (ou «*raudales*») do rio Guaviare e do rio Orinoco. Estes dos rios se encontram mais ao sul, ponto em que um terceiro, o Atabapo, soma-se a eles vindo do sul, imprimindo força à virada em direção norte que efetua neste mesmo ponto o rio principal, «em procura do Llano, que não alcança senão depois de romper uma e outra muralha de granito, formando grupos de célebres *raudales* entre os que destacam Maipures y Atures»¹⁴⁸ —e, também, marcando a fronteira entre os dois países (veja-se f. 74 no apêndice correspondente à cartografia da *NGC*). Na confluência destes três rios, no lado sul-oriental, fica a aldeia de San Fernando de Atabapo —«a melhor porta entre as duas regiões» [a do Orinoco e a da Amazônia], segundo Vergara (*ibidem*)—, capital provincial amazônica venezuelana até seu traslado a Puerto Ayacucho em 1929.

As outras figuras deste grupo mostram aquele percurso, mas em sentido inverso —correspondente à ordem temática da *Nova Geografia*, que primeiro apresenta o rio Orinoco, depois rio Guaviare, muito depois a região dos *llanos*, etc.—, ressaltando principalmente os «célebres» *raudales* —célebres principalmente causa de Humboldt.

A figura 72 «San Fernando de Atabapo y la Boca del Guaviare», chama-se apenas «Bocas do Atabapo» no original. Vergara conserva a casinha presente no original evidentemente com o fim de

portent des robes qui, à elles trois, forment par hasard les couleurs nationales du Venezuela, jaune, rouge et bleu. Elles accostent près de nous. Nous leur serrons la main en leur souhaitant le bonjour suivant l'habitude indienne. Elles sont jeunes et possèdent des visages agréables sous leurs noires chevelures flottantes. Elles se dirigent immédiatement vers le village. Peu après, nous prenons à notre tour le sentier qui conduit à Atures. Il court dans une savane semée de blocs de granit». Crevaux and Lejanne, «Voyage D'exploration à Travers La Nouvelle-Grenade et Le Venezuela (ríos Magdalena, de Lesseps Ou Guaviere, Orinoco),» 306.

¹⁴⁸ «A dicha confluencia llega, pues, el Orinoco con 650 ms. de anchura y 11 de profundidad, duplica el volumen de sus aguas y quiebra hacia el N. en busca del Llano, al que no alcanza sino después de romper una y otra muralla de granito, formando grupos de célebres *raudales*-entre los que descuellan *Maipures y Atures* (figuras 72 y 73)». Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:336.

mostrar a existência de habitações neste afastado e estratégico ponto. No entanto, o que deve se notar aqui é a inclusão mesma deste ponto na «*ordem colombiana*»: ao colocá-lo na sua geografia Vergara se apropria deste ponto estratégico —que vai continuar aparecendo do lado colombiano da fronteira até os últimos trabalhos cartográficos de nosso autor, particularmente no mapa intitulado «*San Martín*» do *Atlas completo de geografia colombiana*:

Figura 5: San Martín - El Vichada

Vergara y Velasco - *Atlas completo de geografia Colombiana* -
Biblioteca Nacional da Colômbia

Na figura 73, que mostra os *raudales* de Atures no rio Orinoco, Vergara suprime a cena do canto inferior esquerdo —difícil de ver nesta digitalização— em que os exploradores têm que carregar a canoa para passar por um lado. O título da imagem original, «*Une des chutes d'Atures et portage du canot*», enfatiza este ato e indica também que se trata apenas de um de vários rápidos com esse nome, o que para Vergara não parece ter importância nesse momento.

A figura 138 (Primera angostura del Guaviare) e a 268 (Segunda angostura del Guaviare), correspondem ao descenso em balsa de Crevaux e seus companheiros por este rio em procura do Orinoco. Em ambos casos Vergara decidiu eliminar das suas lâminas a frágil balsa e seus ocupantes, que nas versões originais passavam momentos de incerteza. Em ambas —de fato em várias das lâminas do relato de Crevaux— Apatou é o protagonista: na primeira com sangue frio e descomunal força afasta a balsa do perigo empurrando-a com o remo apoiado nas paredes de rocha do rio enquanto os outros apenas olham, e na segunda executando uma ação similar, não explicada, enquanto os outros idem.

Poderia dizer-se que se trata de anedotas que o autor achou melhor tirar de um livro sério de geografia —no entanto este critério não sempre se cumpre: as figuras 269 e 280, que também pertencem a este conjunto, representam os citados rápidos de Maipures e Atures respectivamente, são um exemplo disto: nas duas figuras Vergara conserva os personagens humanos do original —e até embarcação, no primeiro caso. Já no segundo, os protagonistas aparecem disparando com fuzil aos crocodilos.

Vergara escolheu o termo raudal por cima do de «*saut*» usado pelos franceses no título das suas lâminas provavelmente por parecer-lhe mais técnico —e em tudo caso nas imagens estes não lembram muito a ideia de «salto». No caso de Atures, Vergara adiciona entre parêntesis este topônimo no título da imagem, pois no original aparece apenas o de «Sardinell», sendo esta uma de muitas batalhas toponímicas dadas por Vergara na sua carreira e, particularmente, na coleção de lâminas de sua *Nova Geografia*, como pode se ver nas restantes duas imagens deste conjunto.

A figura 141 da *Geografia* de Vergara, «Desembocadura do Meta» (no rio Orinoco) apresenta a temática dominante de mato, rio e montanha. Do original, titulado «Campement au confluent de l'Orénoque et du rio Cabullero», foram suprimidas as personagens humanas, as suas redes e a sua churrasqueira. O título foi também intervindo pois, para Vergara —como se deduz a partir do citado mapa de Casanare y San Martín da mesma *Nova Geografia* (f. 74)—, o Cabuyero não seria outra coisa do que um afluente superior do Meta.

Por último, para fechar as lâminas de Crevaux e Lejanne acerca da região oriental da Colômbia, temos a figura 289 «Alto Guayabero». Conserva-se aqui a temática mato-rio-montanha, e eliminam-se as pessoas do original, com todo e a sua balsa. Mas, principalmente, é importante para o autor enfatizar o nome do rio (ausente do título da lâmina original), pois estes exploradores tiveram a intenção de mudá-lo, dando-lhe o de «Lesseps», em honor do famoso engenheiro, que tinha munido os nossos expedicionários com cartas de recomendação para facilitar a sua viagem, mas que no tempo da *Nova Geografia da Colômbia* enfrentava o estrondoso fracasso do projeto a seu cargo de construção do Canal de Panamá.¹⁴⁹

Finalmente, os pés de imagem das lâminas de Crevaux acabam de fornecer-nos informações interessantes para o objetivo de fundo deste capítulo que é o de observar o fenômeno laturiano de «circulação de referências» com respeito a estas imagens: «*Dessin de Riou, d'après une photographie*

¹⁴⁹ Antes da viagem, ao saber que «ninguém» tinha antes descido este rio, os exploradores exprimiam-se desta forma: «Nous descendrons le Goyabero, et, si notre voyage réussit, nous lui donnerons le nom de rio de Lesseps, en souvenir de notre illustre compatriote dont la recommandation nous a ouvert toutes les portes dans ce pays de Colombia, où il est aussi connu que le libérateur Bolivar.» 238. Depois de conseguir descer o rio e desembocar no Guaviare, declaravam: «Le Goyabero est là. Nous saluons la rivière dont nous voulons faire la conquête pour la Géographie.» p. 243. Crevaux and Lejanne, “Voyage D’exploration à Travers La Nouvelle-Grenade et Le Venezuela (rios Magdalena, de Lesseps Ou Guaviere, Orinoco).”

et le texte», «*Dessin de Riou, d'après uncroquis de M. E. Lejanne*», «*Dessin de Riou, d'après une photographie*», são todas indicações da multiplicidade de recursos empregados, da interdependência das técnicas de representação e das inúmeras transformações que tiveram lugar para fazer possível a elaboração e a divulgação destas imagens: os exploradores levantam croquis e bosquejos, e também tomam fotografias. Os artistas na Europa, com apoio do texto do relato, retrabalham as imagens fornecidas pelos exploradores e produzem gravuras que são levadas à imprensa —gravuras que provavelmente são selecionadas, revisadas, organizadas e batizadas pelos mesmos exploradores e/ou pelos editores. Estas imagens chegam assim ao público, «retornam» até a Colômbia, onde são mais uma vez transformadas, intervindas e republicadas.

Mas há ainda mais sete imagens da Orinoquia colombiana na *Nova Geografia da Colômbia* de Vergara y Velasco, como dizemos, quatro tomadas de Édouard André e mais três da Comissão Corográfica.

Édouard André

André Como, dizemos, viajou pela Colômbia por encargo do governo francês. O autor, com um *background* de experiência em planejamento de espaços públicos (parques, principalmente, tendo desenhado dezenas deles por toda Europa), foi durante anos *Jardinier Principal* de Paris —fato que explica que uma das ênfases mais fortes da sua exploração andina tenha sido a botânica— explica brevemente ao começo do seu relato a origem e o caráter inicial da sua expedição. Afirma que se encontrando possuído dum vivo desejo de contemplar a natureza tropical equatorial, pela qual sentia inclinação a raiz de seus antigos estudos como botanista e na sua qualidade de redator da reconhecida revista *L'Illustration Horticole*, recebeu do ministro de Instrução Pública da França a missão de explorar as partes menos conhecidas da Nova Granada, o Equador e o Peru, sem mais encargo particular que o de «contribuir ao avanço das ciências». «Vê-se que o campo era vasto e a liberdade dação inteira»,¹⁵⁰ afirma André (e não é possível deixar de perceber nesta expressão a ausência, inteira também, do Estado colombiano).

(No entanto, ao se dirigir a seus colegas na Sociedade de Geografia de Paris em abril de 1877 ao respeito da sua viagem, o discurso fica um pouco diferente, e revela que a missão tinha objetivos

¹⁵⁰ André, “L’Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)” «Poussé par un très-vif désir de contempler la nature tropicale et équatoriale, vers laquelle m’appelaient des études déjà anciennes comme botaniste et rédacteur d’un journal scientifique, j’avais reçu de M. le ministre de l’instruction publique de France la mission d’explorer quelques parties imparfaitement connues de la Nouvelle-Grenade, de l’Équateur et du Pérou. Ma commission, signée du ministre, portait pour toute mention particulière : « Contribuer à l’avancement de la science en ce qui concerne ces régions. » On voit que le champ était vaste et la liberté d’action entière.» (1877, p. 2).

mais particularizados: «Recolher exemplares de plantas, animais e minerais da Colômbia, Equador e Peru».)¹⁵¹

No final do relato, publicado em cinco partes (a primeira em 1877, a segunda em 1878, duas mais em 1879 e a final em 1883), André a possibilidade de completá-lo com a parte peruana da sua expedição, e promete em tal caso a inclusão de mais detalhes científicos, acerca por exemplo dos objetos e espécimes coletados ou das medições de altitude efetuadas. Neste ponto, o autor oferece desta forma o balanço do seu percurso:

Da desembocadura do rio Magdalena até o vale equatorial do Guayas, percorri a pé e a lomo de mula, franqueando nove vezes as cimas dos Andes, mais de duzentas léguas nas cordilheiras e os llanos, passando da bacia do Orinoco à do Amazonas.¹⁵²

Depois de entrar no país pelo rio Magdalena, André fez a navegação deste até Honda, e deste ponto o tradicional caminho a Bogotá. Desde esta cidade incursionou nos *llanos* de San Martín para voltar à cidade contagiado de febres que com intermitência irão acompanhá-lo durante o resto da viagem. Explorou em seguida os arredores de Bogotá para partir logo em direção ao sul pelos Estados de Tolima e Cauca, a terra dos Pastos —a mais interessante para ele desde o ponto de vista da migração— e o Equador, país que percorre em todas direções. Acossado pelas febres, parte de Guayaquil para Lima e daí para Europa pela via de Panamá e América do Norte.

Das dezessete imagens tomadas por Vergara do relato de André para ilustrar a *Nova Geografia da Colômbia*, quatro correspondem então à região da Orinoquia. A figura 111 «Villavicencio y los Llanos», mais uma vez contradizendo os estândares expressados na *Advertência*, é uma das doze vistas de cidades que aparecem na obra. Não adianta insistir nas diferenças de qualidade entre as gravuras da equipe de Vergara e a suas referentes europeias e sobre as diferenças entre as condições técnicas de uns e de outros, mas cabe notar que um dos mais importantes critérios do gênero, a existência de detalhes botânicos, não é para os colombianos fácil de imitar. Por outra parte, como não mostrar esta imagem, a duma cidade promissória, vanguarda da conquista de tão importantes territórios?

A figura 266, titulada «Los Llanos - Una sabana», tem por base uma lâmina de André com um título mais preocupante: «Perdus dans la savane». Na imagem original, um grupo de ginetes cavalga perdido na savana sem fim, cuja monotonia é quebrada apenas por eventuais ilhas de vegetação. Na

¹⁵¹ «Recueillir des échantillons de plantes, d'animaux et de minéraux de la Colombie, de l'Équateur et du Pérou, et contribuer à combler les lacunes que présente encore la science, en ce qui concerne ces régions». Édouard André, «Voyage Dans l'Amérique Du Sud», *Bulletin de La Société de Géographie*, no. XVIII (1879): 209.

¹⁵² André, «L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)» «De l'embouchure du rio Magdalena à la vallée équatoriale du Guayas, j'ai parcouru à pied ou à dos de mulet, en franchissant neuf fois les sommets des Andes, plus de douze cents lieues dans les Cordillères et les llanos, en passant du bassin de l'Orénoque à celui de l'Amazone.» (1883, p. 416).

versão de Vergara, os exploradores e as suas cavalgaduras ficam excluídos, assim como os arbustos, ficando apenas uma árvore sozinha.

Note-se, também, que Vergara neste caso não diz a verdade com respeito à origem da imagem. André não é citado, e, em câmbio, é colocada a legenda «de fotografia», informação que contrasta com a consignada pelo francês no seu pé de imagem: «Desenho de Riou, segundo um croquis de André».

No apêndice, finalmente, anexo a estas duas imagens uma fotografia contemporânea, que revela a permanência do motivo e o renovado interesse «nacional» nestes territórios.

A «Salina de Upín», figura 267, mostra não só a fábrica de sal —provavelmente a única indústria apresentada na coleção— mas também uma ponte sobre o rio do mesmo nome. Contradizendo de novo a sua *Advertência*, Vergara vai apresentar os seus leitores pelo menos vinte e uma pontes e meia dúzia de *tarabitas*. Nesta figura, Vergara conserva os protagonistas montados do canto inferior esquerdo, mas suprime a pessoa que passa pela ponte e as duas pessoas que descem o rio em direção dos rápidos.

Finalmente, a figura 311 «El Guaitiquía, cerca de Villavicencio», retoma, ao igual que a anterior, o tema mato-rio-montanha. Vergara suprime da cena original o grupo de exploradores que procura atravessar o rio em mula e a cavalo, estimulando afanosamente as bestas com o chicote procurando, não ir a cair nos rápidos que começam justo embaixo deste ponto —chamado *El Paso*. Como em outros casos, Vergara modifica título original da lâmina, que alude à passagem, para corresponder à modificação da cena.

De novo as notas de pé de imagem (*Dessin de Riou, d'après l'album de l'auteur, Dessin de Riou, d'après un croquis de M. André*) indicam o complexo jogo de transformações das quais estas lâminas são o resultado vivo.

Aquarelas da Comissão Corográfica

Três aquarelas da Comissão Corográfica completam, dizemos, a coleção de imagens da região oriental da *Nova Geografia da Colômbia*, sendo elas em todos os casos de autoria de Manuel María Paz, no final das contas o mais próximo colaborador de Codazzi nesta empresa, e aliás a pessoa posteriormente encarregada de organizar os materiais de nove anos de explorações assim como da finalização dos trabalhos cartográficos do chefe da Comissão, que, como sabemos, faleceu em 1859 durante a exploração das províncias do norte do país —as últimas que faltavam.

Alguns detalhes sobre o papel dos pintores da Comissão e acerca das lâminas da mesma são oferecidos pelo pesquisador Efraín Sánchez na obra que continua sendo a mais importante para estudar a história da geografia na Colômbia no século XIX, *Gobierno y geografía*.¹⁵³

Dentre toda a maranha de situações relatadas por Sánchez, podemos ressaltar por enquanto que Paz (nascido em 1820), devido a seus antecedentes políticos, tinha caído em desgraça com a chegada do liberal José Hilario López ao poder em 1849, sendo obrigado a pedir licença indefinida esse mesmo ano, e posteriormente, por causa da sua participação no falido «pronunciamento» conservador de 1851 —os pronunciamentos partidistas ou regionais eram coisa comum, e não poucas vezes acabaram em guerra civil—, definitivamente retirado das filas. Dedica-se então às artes, que vinha cultivando desde 1847 como estudante da Sociedad de Dibujo i Pintura —onde foi aluno do pintor Ramón Torres Méndez, de quem Vergara vai tomar também uma imagem. No começo de 1853 Manuel Paz junta-se como voluntário ao italiano Codazzi na sua expedição (a quarta da Comissão) ao ocidente e sul ocidente do país —províncias de Chocó, Barbacoas, Túquerres e Pasto— de maneira quase clandestina, sem nomeação oficial nem salário. Foi o único que se dispôs ir, pois Santiago Pérez, o encarregado de escrever o relato da viagem, e depois os pintores, o inglês Price e o venezuelano Fernández (que tinham acompanhado Codazzi nas primeiras expedições, pelo centro do país), segundo o exemplo de Pérez, desistiram por temor aos climas febris.

Paz então vai a acompanhar Codazzi nesta expedição, mas seus desenhos e croquis da mesma, devido a aquela sua condição de pária, deveram ser passados a limpo e iluminados por outra pessoa, «um francês que se encontrava na cidade», e que segundo Sánchez não pode ser outro que o jovem Léon Gauthier.

Ao retorno, como se vê num documento descoberto por Efraín Sánchez e que revela a «história oculta» dos pintores da Comissão,¹⁵⁴ Codazzi intervem em favor de Paz, que, entre as virtudes ressaltadas pelo Chefe da Comissão, conseguia segui-lo pelos lugares mais enfermiços sem ficar doente, ajudá-lo com os trabalhos materiais do caminho e colaborar na elaboração das cartas, virtudes que nenhum dos outros possui, como também não o candidato que o governo —do general Obando neste ponto— quer-lhe impôr, o citado Ramón Torrez Méndez. Codazzi argumenta que seu contrato não o obrigava a carregar pintores (que estavam sendo mesmo uma carga, inclusive para o bolso do italiano), e sim a fazer mapas, assim que, exceto com Paz, ele preferia ir sozinho. A pesar do seu esforço, Paz ainda não contava com a confiança do governo, e, de fato, Codazzi efetuará sozinho

¹⁵³ Sánchez, *Gobierno Y Geografía. Agustín Codazzi Y La Comisión Corográfica de La Nueva Granada*.

¹⁵⁴ Agustín Codazzi, Borrador de un informe sobre los pintores de la Comisión Corográfica. 1853. Arquivo da Sociedade Geográfica da Colômbia, apud ibid., 343–346.

a exploração da região ístmica do país, pelo qual não há entre as lâminas da comissão corográfica aquarelas sobre Panamá.

Nesta parte do país recebe Codazzi em abril de 1854 a notícia de golpe de Estado em Bogotá, dado pelo General José María Melo. Poucos meses depois, como resultado, Manuel María Paz era reincorporado a lista de militares da república e incluso ascendido a sargento. Pareciam melhorar as coisas para ele, no entanto, devido à reestruturação estatal em curso a Comissão passou neste momento por uma etapa incerta. Só perante o perigo de Codazzi aceitar uma generosa oferta do governo peruano que o invitava a cartografar esse país em condições muito favoráveis, decidiu o governo de transição renovar os contratos da Comissão em abril de 1855 e de incluir neles o nosso pintor —que, como sabemos, permanecerá vinculado a esta empresa daqui em diante.

Codazzi, seu filho Domingo, o pintor Paz e o botânico José Jerónimo Triana —que pertencia à Comissão desde seu início, quando tinha 22 anos e que, de origem humilde, chegaria a ser um dos cientistas colombianos mais destacados e reconhecidos internacionalmente do século de todo o século — percorreram então a província do Casanare desde dezembro de 1855, quando saíram de Bogotá, até seu retorno a esta cidade em fevereiro do ano seguinte.

Segundo Sánchez, visitaram as cidades da cara oriental da cordilheira de Bogotá até a citada Villavicencio, principal urbanização do chamado «pé de monte». A partir dali desceram por diferentes rios procurando as águas do Meta que correm para o oriente em procura do Orinoco. Navegaram o Meta até o rio Pauto, passando pelas aldeias de Cabuyaro, Maquivo e Orocué. Tomaram o rio Pauto, vem descendo do noroeste, até a aldeia de Pore, a antiga capital provincial, e dali por terra até Moreno, a nova. Daqui iniciaram uma loga correria até Arauca, na fronteira com a Venezuela, retornando pela via de «Tame, Upiá, Medina e Gachalá».

A viagem de ida pode acompanhar-se no mapa de Vergara intitulado «Casanare» do *Atlas completo de geografia colombiana*, mapa que também mostra a Serra Nevada da Chita que veremos na sequência.

algún ganado, y de las cuales se gozan hermosas perspectivas.¹⁵⁵

Entendemos então por que Pore deixou de ser a capital da província: devido a seu clima malsão, deixando este lugar a Moreno, sem dúvida uma daquelas altas savanas, bordejadas de sãs colinas, com algum gado, desde onde é possível gozar desta formosa perspectiva. Os camponeses da imagem, aliás, vestem abrigadamente, se protegendo dos ventos frios que descem da serra.

Vemos aqui de novo o fenômeno de referência circulante em ação: depois de inumeráveis vicissitudes, Codazzi e Paz conseguem retornar da sua viagem com bosquejos feitos em campo. Trazem de volta o país transformado em bosquejos. Estes são terminados em Bogotá, perdem-se por décadas, e ressurgem completamente transformadas mas ainda reconhecíveis, na *Geografia* de Vergara, acompanhadas de descrições que, em alguns casos, restituem com palavras o que não foi possível ou desejável colocar nas imagens.

Para fechar o conjunto das lâminas da região oriental da Colômbia encontra-se «Los llanos de Casanare» (f. 263). Trata-se duma vista da planície sem fim, tomada provavelmente desde um barranco do piemonte. Registram-se os grupos de palmeiras e as manchas de bosque características da região. No barranco, um homem a cavalo aproxima-se a um conjunto de vacas. Na versão de Vergara conservam-se as palmeiras e as manchas de bosque, mas eliminam-se o vaqueiro e seus gados.

Lâminas da região Caribe

Passemos agora a comentar as onze lâminas correspondentes à região caribe. Uma delas provém de Alexander von Humboldt, quatro a seu compatriota Fritz Regel, uma a Élisée Reclus, uma ao citado Édouard André e mais cinco são de origem incerto.

Os volcancitos de Humboldt, granito e trilobite

Os «volcancitos de Turbaco» de Humboldt (fig. 95) é uma das duas lâminas deste autor, presentes na *Nova Geografia Universal* (a segunda é a da «Ponte de Inoconzo», fig. 182). Ambas são bastante

¹⁵⁵ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:679.

conhecidas, dado o lugar sobressalente que sempre tem sido outorgado ao prussiano na história da geografia dos nossos países.

Com respeito aos vulcõezinhos de Turbaco, Vergara mostra-se uma vez mais uma vez como geógrafo crítico, independente e atualizado, que embora a veneração que sente por antecessores e precursores seus como Humboldt ou o mesmo Codazzi, procura honestamente compreender os muitas vezes árduos assuntos em questão. É verdade que em não poucas ocasiões os seus juízos foram veementes, mas isto constituía parte da luta de Vergara contra a superficialidade e pela procura de conhecimentos geográficos verdadeiros.

A lâmina de Humboldt a sua descrição foram publicadas na obra intitulada *Vues des cordillères, et monumens des peuples de l'Amérique*, publicada em 1813 como parte da extensa relação da sua famosa viagem.¹⁵⁶

Recém chegado em Cartagena, Humboldt foi convidado por dom José Ignacio de Pombo, um dos homens mais ricos do país —um dos pouquíssimos ricos do país—, e também um dos mais ilustres e principais mecenas da ciência no Novo Reino de Granada, a evadir o calor do porto na sua casa de campo nas próximas colinas de Turbaco.¹⁵⁷ Os índios que acompanhavam-no insistiam em comentar acerca de um terreno pantanoso no meio dum bosque de palmeiras chamado pelos *criollos* de «los volcancitos».¹⁵⁸ Sem chegar a acreditar nas histórias dos nativos acerca dum padre transformar usando água bendita esses «vulcões de fogo» em «vulcões d'água», Humboldt persuade-se de conhecer o lugar.

A imagem parece confirmar este relato: na gravura de Humboldt —executada segundo ele sobre um croquis elaborado por seu amigo Louis de Rieux, jovem desenhista com quem posteriormente remontaria o Magdalena— aparacem duas figuras humanas: um homem com chapéu de copa e finamente vestido à moda europeia aponta com a mão para o vulcão em atividade, enquanto o índio seminu que o acompanha parece emprestar atenção à explicação que este recém chegado lhe oferece.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Alexander von Humboldt, *Vues Des Cordillères, et Monumens Des Peuples de l'Amérique*, 2 vols. (Paris: F. Schoell, 1813), <http://digital.slub-dresden.de/id366802542>.

¹⁵⁷ «Pour éviter les chaleurs excessives et les maladies qui régnent pendant l'été à Carthagène des Indes, et sur les côtes arides de Barù et de Tierra Bomba, les Européens non acclimatés se réfugient dans l'intérieur des terres, au village de Turbaco. Ce petit village indien est placé sur une colline, à l'entrée d'une forêt majestueuse [...]». Ibid., 239.

¹⁵⁸ «Les Indiens de Turbaco, qui nous accompagnoient dans nos herborisations, nous parloient souvent d'un terrain marécageux, situé au milieu d'une forêt de palmiers, et appelé, par les créoles, les Petits Volcans, *los Volcancitos*». Ibid., 240.

¹⁵⁹ Humboldt oferece também na descrição da lâmina os nomes de algumas plantas, nomes bastante incertos —diferentes do original em algumas traduções—, e, em tudo caso, difíceis de identificar: «Les *Volcancitos* sont situés à six mille mètres à l'est «lu village de Turbaco, dans une forêt émise qui abonde en *beaumieras de tolù*, en *gustavia* à fleurs de nymphaea, et en *Cavanillesia mocundo*, dont les fruits membraneux et transparents ressemblent à des lanternes suspendues à l'extrémité des branches.» Ibid.

Note-se aqui de novo a referência circulante: os vulcões «descobertos» pelos índios recebem um nome *criollo* —atuando aqui este último como uma espécie de intermediário—, são desenhados no campo por um pintor improvisado, levados à Europa, retocados, gravados, publicados em luxosos livros e postos em circulação, acompanhados duma descrição elaborada em linguagem físico-química, para, noventa anos mais tarde serem mais uma vez transformados, apropriados e inseridos numa geografia colombiana —numa outra ordem que, no meio do caos, procura ser nacional.

Humboldt descreve desta maneira o fenômeno:

No centro uma vasta planície rodeada de Bromélia karatas, elevam-se de dezoito a vinte pequenos cones cuja altura não pasa dos sete a oito metros. Estes cones estão formados duma argila gris-negruzca: na sua cima, encontra-se uma abertura cheia d'água. Ao se aproximar a estas pequenas crateras, escuta-se a intervalos um ruído surdo e bastante forte, que precede entre 15 e 18 segundos a descarga duma grande quantidade de ar. A força com que este ar eleva-se sobre a superfície d'água faz supor que, no interior da terra, ele experimenta uma grande pressão. Contei em geral cinco explosões em dois minutos. Com frequência este fenômeno vai acompanhado duma ejeção lamarosa. Os índios afirmam que os cones não mudam sensivelmente de forma no espaço dum grande número de anos; mas a força de ascensão do gás e a frequência das explosões parecem variar segundo as estações. Encontrei, através de análises feitos com gás nitroso e com fósforo que o ar despedido não contém meio centésimo de oxigênio. Trata-se dum gás azoico mais puro do que geralmente preparamos nos laboratórios.¹⁶⁰

Visão, audição, cronômetros, poesia, dados provenientes dos índios e dos *criollos* —mesmo que adotados com ceticismo ou desconfiança—, análises químicas (como terão sido feitas?), pintores, laboratórios: todo um arsenal de recursos é mobilizado por Humboldt para transformar os vulcões em texto e imagem e oferecê-los ao «mundo» —um certo tipo de mundo que ao mesmo tempo vai se fazendo na medida em que se acumulam, em certos lugares, este tipo de textos e este tipo de imagens. Bromélia karatas, cone, segundos, minutos, pressão, gás nitroso, fósforo, oxigênio, gás azoico: esta terminologia, estes conceitos, remetem a tradições específicas —algumas em plena erupção—, mas sobre tudo remete a um tipo de público, aquele que consegue entender do quê é que se está falando, ou que tem a disposição e a possibilidade de tentá-lo. Como vemos, a circulação de referências geográficas no século XIX não é um fenômeno nada simples.

¹⁶⁰ «Au centre d'une vaste plaine bordée de Bromelia karatas, s'élèvent dix-huit à vingt petits cônes dont la hauteur n'est que de sept à huit mètres. Ces cônes sont formés d'une argile gris-noirâtre : à leur sommet se trouve une ouverture remplie d'eau. Lorsqu'on s'approche de ces petits cratères, on entend par intervalles un bruit sourd et assez fort qui précède de 15 à 18 secondes le dégagement d'une grande quantité d'air. La force avec laquelle cet air s'élève au-dessus de la surface de l'eau peut faire supposer que, dans l'intérieur de la terre, il éprouve une grande pression. J'ai compté généralement cinq explosions en deux minutes. Souvent ce phénomène est accompagné d'une éjection boueuse. Les Indiens nous ont assuré que les cônes ne changent pas sensiblement de forme dans l'espace d'un grand nombre d'années ; mais la force d'ascension du gaz et la fréquence des explosions paroissent varier selon les saisons. J'ai trouvé, par des analyses faites au moyen du gaz nitreux et du phosphore, que l'air dégagé ne contient pas un demi-centième d'oxygène. C'est un gaz azote plus pur que nous ne le préparons généralement dans nos laboratoires». Ibid., 241.

Vergara intitula a sua versão desta lâmina com o coloquial «volcancitos», em diminutivo, numa espécie de reapropriação paródica deste vocábulo —utilizado por Humboldt não sem um pouco de zombaria. Pedagogicamente, adiciona ao título o nome do departamento em que se localizam os vulcões (Bolívar). A primeira das duas aclarações inseridas por Vergara ao pé desta imagem, «surtidores de gás e lama», parece de fato mais precisa do que o título colocado por Humboldt à sua («Vulcões de ar de Turbaco»), e também mais de acordo, como pode se perceber, com a própria descrição do prussiano. A segunda, «terreno cainozoico», é um pouco mais complicada.

Em matérias geognósticas, o Vergara não só pensa que Humboldt é ultrapassado, mas considera ala ser o direto responsável pela propagação de profundos mal-entendidos com relação à configuração do país. Particularmente, Vergara acusa a Humboldt na *Nova Geografia* de ter «tornado à Colômbia cretácica» (p. 226), dedicando uma nota de rodapé de três boas páginas a demonstrar isto.¹⁶¹ Mais ainda, na mesma seção da obra, dedicada a fazer a «síntese da geognosia andina», Vergara considera o seguinte acerca do sábio prussiano neste respeito:

De Humboldt, o émulo de Caldas, não cabe aqui página alguma, porque, como foi atrás dito, o estudo do solo colombiano fê-lo desde um ponto de vista abandonado pelos geólogos modernos.¹⁶²

A geologia e a geomorfologia eram no momento áreas muito instáveis e disputadas. A última década do século experimentou uma acelerada modernização destes campos, nas palavras de Beckingsale e Chorley, autores do tratado contemporâneo ao respeito, uma espécie de «impaciência por abandonar as atitudes das décadas precedentes e avançar em direção das ideias do novo século»:

[...] os anos de 1888 a 1890 devem com certeza ranquear entre os principais momentos de virada nas ciências da terra. Neste curto período foram formalmente estabelecidos pela primeira vez quatro dos conceitos que deram à geomorfologia do século XX boa parte do seu caráter distintivo. Em 1888 o segundo volume de Eduard Suess *Das Antlitz der Erde* colocou a tectônica eustática; em 1889 Clarence Dutton postulou o conceito de isostasia e William Morris Davis forneceu a primeira explicação completa do ciclo da erosão e da cronologia da desnudação policíclica; e em 1890 G.K Gilbert formulou o conceito de epigênese.¹⁶³

¹⁶¹ Desde meu ponto de vista, a geomorfologia encontra-se neste período empurrando as fronteiras do conhecimento geográfico. Este é apenas um dos muitos debates que Vergara dará nesta área, dentro da qual ele tinha as suas próprias ideias, que eu até agora não tenho tido a capacidade de compreender. Considero que a história da geomorfologia neste período, em ambos os níveis geológico e topográfico, é um dos temas mais interessantes da nossa área de estudo, e no qual espero poder fazer aprofundamentos futuros. Aparentemente, trata-se duma questão acerca da idade dos Andes, Vergara e outros defendendo a sua antiguidade, em oposição a outros cientistas que afirmam a sua novidade. Isto pode conter ecos de discussões clássicas acerca da idade do continente.

¹⁶² «De Humboldt, el émulo de Caldas, no cabe aquí página alguna, porque, como se dijo atrás, el estudio del suelo colombiano lo hizo desde un punto de vista abandonado por los geólogos modernos.» Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:242.

¹⁶³ «The last few years of each century seem impatient to cast off the attitudes of preceding decades and to reach forward towards the new ideas of the new century. Just as the publication of James Hutton's *Theory of the Earth* (1788, 1795) set the stage for much of nineteenth-century geomorphology, so the years 1888–90 must surely rank as one of the major turning points in the earth sciences. Within this short span were formally stated for the first time four of the concepts which have given twentieth-century geomorphology much of its distinctive character. In 1888 the second

Vergara, a pesar das distâncias, procura estar em contato com esta onda —que passa bem perto dele, pois as montanhas andinas vão atrair nela especialistas, principalmente germanos, nos quais ele vai se apoiar, sem abandonar seu conhecido espírito crítico. De fato (p. 126 da *NGC*), Vergara gosta de lembrar que aquele Suess, uma «autoridade na matéria», considerava que o estado da ciência não permitia no momento explicar a formação das cordilheiras, sendo este por tanto território aberto —tal vez para ele.

Os outros autores daquela lista não são citados na obra, mas o austríaco Suess, o primeiro dela, é o autor a que de maneira mais constante Vergara se refere ao aludir aos «geólogos modernos». Nesse mesmo 1888 em que aparece o segundo volume de sua *Face da terra* (o primeiro é de 1885) Vergara publica a primeira edição da *Nova Geografia da Colômbia* (Suess vai publicar o terceiro em 1901, mesmo ano da obra que analisamos neste capítulo). Também em 1888 Alfred Hettner publica seu *Reisen in den columbianischen Anden*, e em 1892 este influente autor publica sua obra *Die Kordillere von Bogotá* e Vergara y Velasco a segunda edição da sua geografia. Wilhelm Sievers publica em 1887 *Reise in der Sierra Nevada de Santa Marta*, em 1888 *Die Cordillere von Mérida*, e em 1896 seu *Zweite Reise in Venezuela in den Jahren 1892-93*. Reiss e Stübel, por fim, publicam seus *Geologische Studien in der Republik Columbia* entre o citado 1892 e 1899. Ou seja, viviam-se tempos extremamente agitados em matéria geológica no país.

Também em 1892 aparece uma nova edição do *Berghaus' physikalischer Atlas*, que passamos a mencionar, pois, no caso particular da lâmina dos volcancitos de Turbaco, é daqui que provém a nota de pé de imagem acerca da formação geológica do terreno.

Segundo Vergara (p. 217 da *NGC*) «No atlas de Berghaus o geólogo [Gustav] Steinmann afirma que o território próximo de Cartagena e cainozoico». Este geólogo tinha sido encarregado da parte relativa à América do Sul para a segunda edição do *Atlas Físico de Berghaus*, dessa vez a cargo de Hermann Berghaus, sobrinho de Heinrich Berghaus, autor da primeira edição, publicada entre 1837 e 1848 (sabemos que Vergara possuía as duas edições, como pode verse no capítulo correspondente aos mapas de *NGC*).

Não encontramos a afirmação no texto de Steinmann —cujo autor afirma apoiar-se em Hettner, Reiss e Stübel para a parte relativa à Colômbia. No entanto, a afirmação encontra-se no mapa correspondente (lâmina XIV do *Atlas*, que pode se ver acompanhando a f. 86 [88] do apêndice correspondente aos mapas da *Nova Geografia*). Ali, Steinmann de fato classifica uma pequena região

volume of Eduard Suess' *Das Antlitz der Erde* set out the eustatic theory; in 1889 Clarence Dutton named the concept of isostasy and William Morris Davis gave the first complete statement of the cycle of erosion and of polycyclic denudation chronology; and in 1890 G.K.Gilbert formulated the concept of epeirogeny». Robert P. Beckinsale and Richard J. Chorley, *The History of the Study of Landforms or the Development of Geomorphology*, vol. 3: Historical and Regional Geomorphology 1890–1950 (London and New York: Routledge, 1991), xvii.

próxima de Cartagena dentro do período terciário, que não é outro que o mesmo «cainozoico» de Vergara (posteriormente estabilizado como cenozoico), que prefere este termo por ser o utilizado pelos «autores modernos considerados autoridade na matéria» e, também, para não confundir com o outro («terciário») como usado pelos «agrimensores» do país para descrever séries de bifurcações — uso que ele afirma vai adotar para não renhir com o costume:

Los agrimensores colombianos suelen apellidar cordilleras primarias, secundarias, terciarias, &c., no las que se produjeron en esas épocas geológicas, sino las que se engendran sucesivamente por bifurcaciones, y por lo tanto presentan menos y menos elevación con respecto á la principal. Conservaremos este uso, que es conocido, reservando para las clasificaciones geológicas los vocablos *arcaico*, *paleozoico*, *mesozoico*, *cainozoico* y *postterciario*, únicos que se hallan en los autores modernos considerados como autoridad en la materia, según los cuales hoy por hoy la ciencia no puede explicar cómo se han formado las cordilleras. (V. E. Suez [sic]: *La faz de la tierra*).¹⁶⁴

Quanto é possível achar atrás duma simples nota de pé de imagem! Ironicamente, o *Atlas* de Berghaus foi projetado inicialmente para acompanhar o *Cosmos* de Humboldt. Com a referência circulante, ninguém sabe para quem trabalha.

A lâmina do trilobite e a petrografia inserida dentro das lâminas da *Nueva Geografía* (f. 97 e 98) formam parte destes debates acerca da história geológica do país, e podem ser comentadas agora.

Na extensa nota de rodapé a que aludimos acima em que Vergara acusa Humboldt de ter tornado cretácica a Colômbia (p. 226-228) trata-se mais particularmente de um exercício arqueológico acerca da origem do «vulgarizado erro» de considerar a alta cordilheira do Sumapaz ao sul de Bogotá neste período geológico. Este erro se deve principalmente a Humboldt, mas também ao colombiano Joaquin Acosta —mais um importante homem de ciência, militar, promotor da obra de Caldas, cartógrafo, historiador, tradutor de Boussingault.

Humboldt, no seu *Ensaio sobre o jacimento das rochas em ambos hemisférios*, cobre as planícies setentrionais da Colômbia, os vales dos rios Magdalena e Cauca e as cordilheiras do Chocó e de Sumapaz, com um certo grés ou arenito («*asperón*»). O viajante afirma também os restos de corpos orgânicos, ou seja, fósseis, são, nesse grés, muito raros ou faltam quase absolutamente, e classifica «rotundamente» todo o conjunto como «grés vermelho moderno» (não antigo), e como igual ao do antigo continente. Para Vergara, estas palavras não encerram «nem uma linha de verdade» e sim «extraviaram o critério de muitos homens».

Aparentemente Acosta «quem não via mais do que pelos olhos de Humboldt», leva a Europa uma série de fósseis extraídos das regiões baixas próximas de Bogotá, onde estes abundam, contradizendo ao sábio alemão. Acosta, segundo «a paleontologia de então», classifica estes fósseis

¹⁶⁴ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:126.

como cretácicos, e a partir deles, e dando aqui certa continuidade ao descrito por Humboldt, Acosta agrupa geologicamente «uma imensa extensão [da] Nova Granada, desde Anapoima, por Vituima, Villeta, la Palma, Velez, el Socorro, hasta el Sube»,¹⁶⁵ trecho que Vergara parafraseia em tom irônico no seu rodapé. Depois vem Karsten, autor duma *Geologia da antiga Colômbia bolivariana* (1848 e 1886), quem torna cretácica «toda a Colômbia», «jogando a culpa» a Orbigny, Daubré e a outros, esquecendo no seu «furor cretácico» que estes autores não conheceram (como o apresentado na f. 97), nenhum dos fósseis que guardam os altiplanos, e que esses mesmos autores tinham já classificado os fósseis das terras baixas como infracretácicos, e até reclassificado alguns como jurássicos. Até Hettner, que deu um passo adiante ao «dissolver sabiamente» aquele «manto único» de Humboldt em sete grupos, colocou todos menos um no cretáceo. E todo isto —Vergara continua alinhando aliados—, aliás, apesar de vozes autorizadas como o «conhecido» Neumayr e o americano Gabb para o caso de Peru, terem se levantado contra tais absurdos. «Para concluir» —como se fosse pouco— cita o presbítero Federico Aguilar, em cujo texto Vergara encontra flagrantes contradições que reforçam seu ponto: Aguilar conclui, ilegitimamente para nosso autor, que pelo fato de não assomarem formações graníticas —em geral, associadas a terrenos mais antigos—, e encontrar-se nela apenas grés ou arenito, podia considerar-se toda a formação superior da cordilheira oriental como cretácica, isto, como observa Vergara, a pesar dele mesmo mencionar a existência nela de fósseis característicos do jurássico e o triásico —como o *ammonites gigantesco* do grupo portlandiano (pertencente ao jurássico, segundo o quadro divulgado por Acosta na sua citada introdução ao compêndio de obras de Boussingault, que Aguilar com certeza conhecia)¹⁶⁶ ou o *ammonites nodosus*, do grupo Muschelkalk (pertencente ao triásico, *ibidem*).

«E que teria dito» este presbítero, pergunta-se retoricamente Vergara, rematando a sua nota de rodapé, «se tivesse visto, como nós, os *trilobites* recolhidos em Guadalupe ou o granito descomposto em algumas canhadas que estão detrás de Monserrate?».¹⁶⁷

Desta maneira o trilobite de Guadalupe (f. 97), com tudo e ser «provavelmente uma espécie nova», como reza no pé da imagem —ou seja, que Vergara e seus colegas não conseguiram achar nos seus livros—, desvirtua a suposta ausência de fósseis nas partes altas da cordilheira de Bogotá, da mesma forma em que o «Granito del Verjón» (f. 98) contradiz a suposta ausência de terrenos primários nestes lugares. Estas imagens ganham desta forma seu lugar na *Nova Geografia de Colômbia* como peças «nacionais» chave num intrincado debate internacional.

¹⁶⁵ Joaquín Acosta, «Introducción», in *Viajes Científicos a Los Andes Ecuatoriales*, by Jean Baptiste Boussingault, trans. Joaquín Acosta (Paris: Librería Castellana, 1849), XII.

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ «Y qué habría dicho si hubiera visto, como nosotros, los *trilobitos* recogidos en Guadalupe ó del granito descompuesto en algunas cañadas que están detrás de Monserrate?». Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:228.

Neste longo capítulo sobre a geologia do país (p. 208-261), depois de reconhecer os autores alemães, entre outros, como autoridade na matéria, Vergara transcreve amplamente e resenha os escritos de autores menos conhecidos, vários deles locais, e em alguns casos ou inéditos, entre eles, um texto do doutor Juan de Dios Carrasquilla (p. 247-251), importante cientista e político, «naturalista e médico» colombiano, mentor de Vergara e seu aluno nestas matérias —entre outras coisas, o nosso autor deve ainda a ele um conceito chave para a sua cartografia, o de «maré atmosférica», a partir do qual ele conseguiu corrigir as diferenças entre as medições existentes, mas isso se verá no capítulo correspondente.

Segundo este texto, Vergara não era o único que questionava a geologia humboldtiana no país —e provavelmente a sua atitude neste ponto provinha diretamente de Carrasquilla. No texto inserido por Vergara, este autor se esforça por demonstrar que as partes altas da cordilheira do Sumapaz (Oriental ou de Bogotá) pertencem ao período primário —o que demonstraria, contra a opinião de alguns, a sua antiguidade—, e as intermédias ao secundário —jurássico e triásico, mas não cretácico.

Vergara acrescenta ao final deste texto, aludindo diretamente às nossas lâminas 97 e 98:

Cuando el sabio naturalista escribió las anteriores líneas, aún no había realizado dos descubrimientos decisivos en la materia; á saber: el hallazgo de trilobitos en las faldas de Guadalupe, cerca de la capilla de La Peña, dos de los cuales reproducimos aquí en grabado, copiados del natural, y que, como es sabido, son crustáceos que no vivieron sino única y exclusivamente en los mares paleozoicos. La otra prueba es la existencia del granito á flor de tierra en la cuenca de Verjón, al respaldo del cerro de Monserrate, pero tan descompuesto que á primera vista trabajo cuesta reconocerlo; también reproducimos aquí el corte de un fragmento de esa roca analizado en el microscopio.¹⁶⁸

Não conheço detalhes dos procedimentos utilizados por Carrasquilla para a obtenção da sua petrografia. No entanto, cabe dizer que no citado ano de 1892 foi também publicado um volume completo com dezenas de lâminas dedicado a este tipo de análise com base em amostras obtidas em diferentes lugares da Colômbia pelos exploradores alemães Wilhelm Reiss e Alphos Stübel —autores de um original conjunto de obras sobre as montanhas andinas, obra que os autores seguramente conheciam. Limitações linguísticas me impedem por enquanto de dizer alguma coisa mais sobre esta obra, mas, em tudo caso, não aparece no livro nenhuma imagem correspondente à cordilheira de Bogotá que possamos usar para fazer alguma comparação.¹⁶⁹

Note-se, finalmente, antes de continuar na análise regional das lâminas da *Nova Geografia da Colômbia* e com o fim de mostrar mais um uso das lâminas para encarar questões geológicas por parte do autor, que quase todas as que aparecem no capítulo dedicado a este tema (f. 88, 90, 91, 92,

¹⁶⁸ Ibid., I:251–252.

¹⁶⁹ Wilhelm Reiss and Alphons Stübel, *Geologische Studien in Der Republik Colombia*, ed. Richard Küch, vol. I – Petrographie (Berlin: Asher, 1892), <https://opacplus.bsb-muenchen.de/search?oclcno=162635496&db=100>.

93, 94 e 95) —e exclusivamente estas dentre toda a coleção—, levam anotações geológicas a pé de imagem: as expressões «terreno primário ou paleozoico», «masa porfiroide», «canto errático», «rochas porfiditas e vulcânicas», «serranias traquíticas» ou «cratera» acompanham as imagens, duas das quais, as correspondentes à cordilheira de Bogotá dentro deste conjunto (f. 88 e 94), fazendo questão de afirmar, por se ficavam dúvidas, que se trata nestas partes de «terrenos primários o paleozoicos»

Dizíamos então que Vergara dedicou doze das suas 173 lâminas de paisagens à região do Caribe, sendo a já comentada dos vulcões de Turbaco a primeira delas.

A Serra Nevada de Reclus

Podemos continuar com a f. 213 « La Sierra Nevada de Santamarta (vista de Tapias)», tomada da *Nova Geografia Universal* de Élisée Reclus. Não vamos voltar sobre a enorme influência deste autor sobre Vergara, nem é preciso lembrar que o modelo da *Nova Geografia da Colômbia*, particularmente no tocante aos esforços para ilustrá-la da maneira em que estamos vendo, provém do francês. De fato, Vergara consultou ao francês, com resposta negativa, acerca da possibilidade de dispor das pranchas originais dos mapas e as paisagens correspondentes ao capítulo Colômbia do famoso monumento geográfico para incluí-las na tradução que naquele então se encontrava preparando e que seria publicada sem imagens no mesmo ano de 1893 em que foi publicado o volume na França.

A lâmina pertence ao volume XVIII da *Geografia Universal*, mas a cena remete ao passado do autor, à sua tentativa juvenil colonizadora nesta mesma serra, narrada na *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta*, publicada por entregas em 1860 e em forma de livro no ano seguinte.¹⁷⁰ A imagem é também entranhável para Vergara, pois foi a partir da leitura desta obra, na qual encontrou uma rara voz positiva e esperançadora acerca do seu país, que iniciou à sua aproximação a este autor, que tanto tinha chegado a significar na sua vida.

Vergara dedica um pequeno comentário alusivo a esta lâmina (*NGC*, p. 567):

La vista más pintoresca de la Nevada es la que presenta desde el lado del mar. En especial es bella con el sol poniente cuando éste tiñe con delicado color de rosa la fantástica línea de agujas nevadas, abajo de las cuales se delinean otras grandes prominencias como por entre cortinas de brillante púrpura, destacándose el conjunto sobre un fondo de azul oscuro.

¹⁷⁰ Élisée Reclus, *Voyage à La Sierra-Nevada de Sainte-Marthe; Paysages de La Nature Tropicale*, (Paris,: Hachette, 1861), <http://hollis.harvard.edu/?itemid=|library/m/aleph|006404205>.

Apesar de certo laconismo (se comparada com a original, que ocupa três páginas), percebe-se que o colombiano tinha em mente naquele momento a descrição elaborada por Reclus trinta e três anos antes, principalmente este aparte:

A tarde sobre tudo, quando a borda inferior do sol começa mergulhar no mar e a água tranquila vem suspirar ao pé da ribeira, a verde explanada, os escuros vales da Serra, as nuvens rosa e as afastadas cimas como salpicadas dum pó de fogo, apresentam um espetáculo tão belo, que deixa-se de viver pelo pensamento e não se sente mais do que a voluptuosidade de ver.¹⁷¹

Esta lâmina também poderia contar-se entre as dedicadas à alta montanha, que é um dos temas favoritos da coleção. É também uma das sete lâminas dentre todas as da coleção dedicada a este país bi-oceânico em que de fato se pode ver o mar.

Uma de André

Podemos incluir neste conjunto uma lâmina tomada do citado Édouard André, «Cases et habitants du bas Magdalena», que é uma das duas mencionadas que Vergara coloca repetida na sua *Geografía* (f. 24 e 191 bis). Aqui o autor conserva as pessoas e a choça existentes no original. Os materiais com que esta última está construída e os detalhes da vegetação ficam um pouco mais claros em uma das cópias, mostrando como nas condições da equipe colombiana a mesma prancha fornecia resultados sensivelmente diferentes em cada impressão. A imagem tinha sido apresentada primeiro como «Choça nas ribeiras do *baixo* Magdalena», estando esta pontualização acerca da altura do rio também presente no título da lâmina original, e sendo esta a razão de classificá-la dentro da região «Caribe» desta análise. No entanto, mais de quatrocentas páginas depois ela aparece de novo, mas desta vez para ilustrar as habitações do Magdalena «central» —e de passagem reproduzir uma antiga teoria geográfica:

En todo este trayecto del Magdalena central, á la vista del viajero desfilan la chozas de los escasos habitantes, formadas invariablemente de postes, guadua y paja, sin puertas ni ventanas, sin más ajuar [mobília] que tres piedras, que sirven para poner la olla [a panela] al fuego, algunas hamacas [redes] y anzuelos, una cerbatana, una escopeta y la indispensable canoa para surcar el río. Guarecidas en esas viviendas, viven las familias en perpetua indolencia. Algunos árboles les proporcionan fruta bastante, y el plátano [banana], la yuca [mandioca], la batata, la pesca y la caza les suministran diariamente barata alimentación.¹⁷²

¹⁷¹ «Le soir surtout, quand le bord inférieur du soleil commence à plonger dans la mer et que l'eau tranquille vient soupier au pied des falaises, la plaine verte, les vallées obscures de la Sierra, les nuages roses et les sommets lointains, saupoudrés d'une poussière de feu, présentent un spectacle si beau qu'on cesse de vivre par la pensée et qu'on ne sent plus que la volupté de voir.» Ibid., 94–95.

¹⁷² Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:508–509.

E, depois de lamentar este desperdício da imponderável riqueza agrícola potencial da região por causa desta inércia dos seus moradores, e de notar como este imenso vale que poderia manter «muitos milhões» de habitantes, apenas conta com poucos miles, Vergara acrescenta remata a sua explicação:

Es que en estas comarcas la raza blanca sucumbe dominada por la malaria, y la de color carece de esas necesidades que obligan al civilizado al trabajo regular y constante. (Ibidem)

A «falta de necessidades» como obstáculo da civilização é uma ideia presente em diversos autores pelo menos desde os filósofos iluministas. Para não ir mais longe, no texto que acabamos de citar, a *Viagem à Serra Nevada*, o francês Reclus elabora o tema com todo detalhe:

As casas são em geral baixas e mal construídas; e no interior elas não são mesmo mais do que simples cabanas de chão de terra, cobertas de tetos de folhas de palmeira e povoadas de escorpiões e de aranhas inomináveis.¹⁷³

Como culpar a estas populações por se abandonar ao gozo físico de viver, se todo as convida? A fome e o frio não os torturam jamais. A perspectiva da miséria não se apresenta de nenhuma forma diante seus espíritos. A impiedosa indústria não os coloca diante seu ferrão de aranha. Aqueles a quem todas suas necessidades são imediatamente satisfeitas pela benevolente natureza, pouco procuram reagir contra ela pelo trabalho, e desfrutam preguiçosamente de seus benefícios.¹⁷⁴

Fritz Regel

Quatro das lâminas da região Caribe correspondem à obra *Kolumbien* do geógrafo alemão Fritz Regel (1853-1915),¹⁷⁵ professor da Universidade de Würzburg e explorador dos Andes colombianos entre os anos de 1896 e 1897,¹⁷⁶ experiência que, como revela a bibliografia, foi reforçada pelo autor com um considerável exercício de pesquisa. O livro, aliás, encontra-se ricamente ilustrado com gravuras de paisagens baseadas em fotografias, inclui alguns mapas e perfis das cordilheiras dentro do texto, e acompanha um mapa colorido do país à 1:7'500.000.

De fato, vinte e oito das lâminas da *Nova Geografia da Colômbia* provem desta obra —embora apenas em oito casos tenham recebido o devido crédito por parte do autor—, fazendo de Regel (junto com Manuel María Paz), a principal fonte individual de imagens de toda a coleção (uma delas, a f. 187, atribuída a Regel, não aparece no livro do alemão). Destaca-se, neste caso, a velocidade com

¹⁷³ Reclus, *Voyage à La Sierra-Nevada de Sainte-Marthe; Paysages de La Nature Tropicale*, 95–96.

¹⁷⁴ Ibid., 99.

¹⁷⁵ Regel -, “Kolumbien,” -, *Regel, Fritz: Kolumbien*, -: Schall -, 1899, http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733733964/81/LOG_0017/.

¹⁷⁶ Os poucos dados averiguados sobre este autor, em: “Obituary: Dr. Fritz Regel,” *Geographical Review* 1, no. 6 (June 1, 1916): 465, <http://www.jstor.org/stable/207491>.

que a equipe de Vergara, no médio das terríveis agitações políticas do país, conseguiu apropriar-se do material iconográfico desta obra, então acabada de publicar.

A figura 203, «Paisaje de Tubará al W. De Barranquilla» baseia-se na titulada por Regel «Häuser aus der Vorstadt Barranquillas», Vergara pontualizando no seu título a localização. *Vorstadt* seria o termo equivalente a «*caserío*», empregado por Vergara na correspondente descrição (e ainda encontra vigência na no vocabulário do país): «um caserío disperso sem ordem no flanco dum morro, apresentando seu território por toda parte pequenos riachos que o fecundam» (p. 547-548). Alguns destes últimos são de fato visíveis na lâmina original, mas ficam verdadeiramente muito difíceis de perceber na versão de Vergara. Nesta última, desaparece o grupo de personagens do primeiro plano: todo Tubará reunido e vestido para a foto —com uma menina tímida ou cética que participa de longe.

A figura 210 «Magangué (el puerto)», pelo contrário, conserva umas figuras humanas da original de Regel, «Magangué am Rio Magdalena», que se encontra num dos canais que comunicam o difícil delta pantanoso deste rio com o mar do Caribe, e que Vergara considera ser nada menos do que «a chave entre a costa e o interior» (p. 172). Da arquitetura deduz-se a existência de enchentes periódicas, durante as quais o *caserío*, segundo Vergara, fica quase submerso (p. 562). Nesse sentido, a imagem contrasta notoriamente com a descrição, tal vez muito otimista, do autor, que para começar, adiciona a palavra «porto» ao título:

[...] Magangué, centro de afamadas y valiosas ferias que entre [outros centros povoados da região] despliega su floreciente caserío á la entrada del principal camino para las Sabanas y con una multitud de aldeas al respaldo, de suerte que el día en que se la asegure contra las inundaciones y se la enlace á Corozal por un camino carretero será no sólo uno de los grandes centros mercantiles de Bolívar, sino una de las llaves de la Costa, desde el punto de vista militar.¹⁷⁷

Neste «porto» então existem afamadas e valiosas feiras que fazem dele um «florescente caserío», ao que apenas falta resolver (não pequenos) problemas como as inundações e a falta de um caminho, para tornar-se um grande centro comercial e uma importante praça militar. Penso que este contraste revela nitidamente um dos argumentos de fundo desta tese, que é a da existência na história da Colômbia duma constante produção de conhecimentos geográficos (ou «preocupações geográficas»), que contrasta com uma constante negligência territorial.

E que dizer da seguinte «Una estación del ferrocarril de Bolívar» (211), onde o colombiano coloca uma estação de trem onde Regel referia-se apenas a uma «parada» (*Haltestelle*) no rio?

¹⁷⁷ Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:564.

A última imagem tomada de Regel correspondente a este conjunto da região caribe, «Cartagena, la “reina de las Índias”, vista de La Popa» (f. 214) difere radicalmente da original, sendo praticamente impossível na versão de Vergara reconhecer detalhe nenhum. Da descrição de Vergara (p. 546-547) pode resgatar-se que para Vergara este quadro é ao mesmo tempo «admirável e doloroso» ao compará-lo com as «passadas grandezas» da cidade, ao que acrescente com sentido geopolítico parecer-lhe seu futuro «sombrio» dado que as «correntes comerciais de que foi centro tinham se aberto novos causes e mudado de direção quiza para sempre».

Outras imagens da região Caribe

Finalizando secção do Caribe aparecem cinco imagens sem referência de autor, duas delas indicando procederem de fotografias. Em primeiro lugar a figura 202 «El Cabrero», um bairro de Cartagena entre o mar e a lagoa daquele nome. Em seguida três vistas de Santa Marta (que Vergara escreve como uma palavra só, «Santamarta» num não muito frequente contraexemplo de utilização por parte deste autor dum topônimo diferente ao moderno, cabendo por isto pensar que Vergara contribuiu também à estabilização destes, que era um dos problemas territoriais do país).

Destas vistas de Santa Marta uma (f. 217) —também de difícil visualização— representa os «Ancones» ou enseadas da Serra Nevada. As outras duas (f. 215 e 217) mostram um porto ativo com movimento de embarcações, e a primeira delas também uma estação de trem. E, finalmente, a «Teta Goagira» (f. 219), particular formação de relevo na entrada desta península, que na realidade a duras penas é possível distinguir na imagem.

Lâminas de Panamá

A seguinte região do país por número de aparições nas lâminas de Vergara é Panamá com dez (f. 26, 87, 102, 114, 126, 153, 174, 281, 319 e 320), um número considerável comparado com as demais regiões.—já o número indicando uma certa importância dada por Vergara ao istmo neste sentido.

Delas correspondem cinco ao explorador da marinha francesa Lucien Napoléon Bonaparte Wyse (1845-1909), duas ao doutor Charles Saffray e mais três a fotografias sem indicação de autor.

Bonaparte Wyse

As lâminas de Wyse provém da sua obra *O canal de Panamá*, publicada em 1886 pela casa editora Hachette, ricamente ilustrada com mapas do istmo e noventa gravuras em madeira e complementada com apêndices documentais. Toda uma peça —de fato laureada pela Academia Francesa— acerca da história do istmo americano, a sua exploração, as intrincadas negociações relativas à construção do canal interoceânico e também relatório do estado dos trabalhos de abertura do mesmo (iniciados em 1881 e finalmente interrompidos em 1889). Nesta obra Wyse apresenta-se como ex-oficial da marinha e Membro e Delegado do Comité de direção da Sociedade concessionária do Canal Interoceânico (a famosa «Companhia do Canal»), assim como de diversas sociedades científicas.

Na capa o autor exibe um impressionante currículo em assuntos relativos ao canal de Panamá, que aponta ele como um personagem chave da história do istmo —que contrasta com escassa bibliografia existente sobre ele: Comandante das expedições enviadas ao Darién, a São Blás, a Nicarágua e a Panamá em 1876, 1877 e 1878; encarregado das missões a América em 1879, 1880, 1881, 1884 e 1885; autor do tratado definitivo de concessão acordado em Bogotá pelo governo colombiano; empregado da companhia nova-iorquina da ferrovia de Panamá; autor do projeto de canal finalmente adotado pelo Congresso internacional de Paris de 1879, naquele momento em execução, «etc., etc.».

Em 1881, inclusive, o Senado colombiano outorgou-lhe a nacionalidade em reconhecimento por seus esforços par juntar os dois oceanos (p. 103).

O primeiro-tenente Armand Reclus, irmão do famoso geógrafo, é mencionado por Wyse (p. 340) como seu principal colaborador nestas obras e hábil substituto no campo nos momentos em que devia ir atender «as outras partes» da complexa missão. De fato, mais adiante na mesma página Wyse reconhece a Reclus como coautor de todo o projeto. Élisée Reclus, no capítulo correspondente a Panamá da *Nova Geografia Universal* (1891), cita amplamente estes autores, inclusive manuscritos facilitados por seu irmão.

De *Le Canal de Panama* Vergara toma duas cachoeiras (f. 26, «Cascada del río Cope, e f. 87 «Cascada del Caimito en Chorrera») das onze ou doze que aparecem na coleção; as duas seguintes mostram dois dos golfos mais conhecidos dos istmo: o de San Miguel no mar do Sul (f. 114) e o de San Blás no Atlântico (f. 153). Em ambas trata-se de mostrar as ilhas, característica das entradas destes golfos. A única ocorrência notável neste conjunto com respeito à dinâmica de colocar e tirar elementos do quadro é a supressão duma pequena embarcação na lâmina do istmo de San Miguel.

Nesta última percebe-se claramente o padrão de anéis concêntricos derivado do corte transversal da madeira que mencionamos antes. Nota-se, ao tratar-se de trabalhos feitos também em madeira, que a pesar das diferenças existentes com relação à preparação ou à habilidade técnica entre os artistas da editora Hachette e a equipe de Vergara, esta se esforçava por conseguir os dramáticos efeitos de iluminação dos originais, principalmente com relação aos céus cujo resultado, como alguns leitores já devem vir percebendo, relembra não poucas vezes o impressionismo.

A última lâmina de Wyse « El Capeti» (f.174) mostra claramente esta tentativa: o gravurista colombiano (não está firmado) consegue o efeito, mas a nitidez e suavidade do original estão além da comparação. Com relação à mudança de título com respeito à original («Confluent du Cana et du Seteganti»), não encontrei nos textos dos autores nada que o pudesse justificar.

Saffray

De médico Saffray não existem muitos dados. Efetuou uma viagem à Colômbia em 1869 também publicada no *Tour du Monde*, ao igual do que os citados textos de André e Crevaux.¹⁷⁸ Deste autor procedem duas lâminas da *Nova Geografia* representando as densas, pantanosas e serpentiíferas florestas do Darién (f. 102 «Los pantanos del Atrato, a la luz de la luna» e f. 126 «Selva virgen en la Costa»). A aclaração de uma pertencer ao rio Atrato e da segunda ficar «na costa» devem-se a Vergara. As duas têm a intenção de ressaltar as extremas dificuldades existentes para a «penetração» desta estratégica floresta, até hoje conhecida como «Tampão» do Darién.

A digitalização da Gallica neste caso também não ajuda muito mas, afortunadamente, a segunda destas gravuras foi emprestada por Saffray —que segundo as notas de pé de imagem levantava ele mesmo os bosquejos iniciais que eram terminados na Europa— ao citado Bonaparte Wyse. Se se trata da mesma prancha, o que de fato parece ser o caso, continuam notando-se grandes diferenças de qualidade entre as lâminas publicadas por Hachette e as publicadas em *Le Tour du Monde*, provavelmente devidas à qualidade do suporte (como se veriam as lâminas da *Nova Geografia* impressas num melhor papel?).

Três fotografias de Panamá

Três lâminas sem indicação de procedência fecham esta análise das figuras correspondentes à região de Panamá na obra de Vergara. Em todos os casos levam a indicação ao pé de terem por base uma

¹⁷⁸ Charles Saffray, «Voyage à La Nouvelle-Grenade», *Le Tour Du Monde* 24–25–26 (1872-1873 1873): 81–144, 97–144, 97–114.

fotografia. A primeira, «Entrada Sur del Canal de Panamá» (f. 281), apresenta um corpo d'água retilíneo sobre o qual navegam um par de canoas. No meio do canal já o que parece ser uma construção sobre um ilhote, provavelmente parte dos trabalhos de escavação que como dizemos se encontravam então interrompidos. Existem primorosos álbumes de fotografias da construção do canal disponíveis na Gallica,¹⁷⁹ no entanto, não foi possível tirar a dúvida acerca desta. As outras duas são um rio «El bajo Tuira» (f. 319) e uma vista de perfil da região ístmica, «Las islas del Golfo de San Miguel» (f. 320), das quais existem similares nos álbuns citados.

Lâminas da região amazônica

Das sete lâminas dedicadas por Vergara y Velasco à região amazônica duas são atribuídas às viagens amazônicas de Crevaux, uma provem Comissão Corográfica, uma ao francês Ferdinand Denis (1798-1890), uma ao franco-austriaco Charles Wiener (1851-1913), uma a Élisée Reclus e por último uma se baseia num fotografia anônima («Paisaje del Alto Caquetá» f. 272).

O Caquetá da Comissão Corográfica

A lâmina da Comissão Corográfica correspondente a este conjunto «Río Caqueta – curso superior» (f. 75) corresponde a oitava expedição de Codazzi, que partindo de Bogotá em dezembro de 1856 remontou o rio Magdalena até a sua parte mais alta, atravessou a cordilheira em procura do rio Orteguzza para descer por ele até Caquetá, também chamada Yapurá, isto até o rio Sencella, pelo qual passaram ao Putumayo, tomado este em direção da cordilheira, para cruzá-la de novo no sentido parando para efetuar nela explorações acerca do nascimento do Magdalena antes de retornar por este mesmo rio. Retomamos nesta figura mais uma vez ao motivo rio-mato-montanha. As duas pessoas do primeiro plano e a embarcação mais ao fundo, são também mais uma vez retiradas da cena na versão da *Nova Geografia da Colômbia*.

¹⁷⁹ Entre os quais os seguintes: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8432350f>>, <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84428847>>, <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8451505j>>, <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8447757j>>.

Mais uma de Reclus

O «Amazonas em Tabatinga» (f. 274) é tomado por Vergara do capítulo acerca do Brasil da *Nova Geografia Universal* de Élisée Reclus (v. XIX, 1894). Simplesmente, não há muitas imagens da Amazônia colombiana que Vergara possa usar, assim que, neste exercício de «marcar fronteira» a través das lâminas da sua *Geografia*, seja permitido emprestar esta de seu amigo anarquista. Colocamos na comparação a imagem tomada da versão brasileira da obra. Aparentemente, seus editores tiveram mais sorte —provavelmente *mais recursos*— em conseguir as pranchas originais, tanto dos mapas quando das gravuras.

Ferdinand Denis

A figura 106, «Paisaje em un río del Caquetá», é tomada do então já texto clássico de Ferdinand Denis sobre o Brasil, com base na experiência deste autor no país entre 1816 e 1821, publicado por primeira vez em 1822 em 6 volumes com desenhos de Hippolyte Taunay.¹⁸⁰ Na imagem original, indica-se, contradizendo a Vergara, que se trata do rio das Amazonas. O que permite ao autor semelhante translação? Tal vez se trate duma espécie de retaliação: para Denis, com admirável clareza, a Colômbia teria direito ao rio Napo, à maior parte do Putumayo e a parte alta do Caquetá: os outros grandes afluentes do Amazonas «são do Brasil» (p. 291).

Charles Wiener

De Charles Wiener, explorador de ampla experiência na América do Sul, Vergara toma uma imagem de um relato também publicado na revista *Tour du Monde* a propósito da viagem deste autor desde o Equador até o Amazonas.¹⁸¹ É esta a figura 271, intitulada «El Napo», em oposição ao título original, que não identifica o rio, mas sim o fato de se tratar duma expedição francesa. Na imagem original aparecem três embarcações, duas uma pirágua e uma balsa, esta última portando bandeiras, provavelmente daquele país. De novo, Vergara está procurando incluir um elemento na ordem nacional, neste caso um dos principais afluentes do grande rio do continental, disputado com os vizinhos e explorado pelos europeus.

¹⁸⁰ Usamos aqui uma versão posterior resumida: Ferdinand Jean Denis, *Brésil* (Paris: Didot, 1837), <http://www.manioc.org/patrimoine/GAD11044>.

¹⁸¹ Charles Wiener, «Amazonie et Cordillères», *Le Tour Du Monde* 48 (1884): 337–416, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049740/f341>.

Mas duas de Crevaux

Duas lâminas desta região são atribuídas à grande viagem deste autor pelos rios amazônicos da Guiana Francesa, o Brasil e a Colômbia em 1878 e 1879. São estas, em primeiro lugar, o «Alto Putumayo» (f. 139), na qual aparece uma embarcação a vapor, provavelmente o *Canuam*, protagonista desta excursão. A navegação a vapor neste rio tinha sido recentemente aberta pelo explorador colombiano Rafaél Reyes, quem posteriormente chegaria a ser presidente da República. Crevaux pretende ter melhorado o mapa deste último, elaborada com bússola durante seu primeiro ascenso com ajuda do cartógrafo português Bissau, publicado em 1877. E, em segundo lugar, o impressionante «Salto de Cuemany en el Yapurá», correspondente ao descenso por este rio que seguiu a subida pelo Putumayo quase até os Andes representada na figura anterior.

Em resumo, as lâminas da região amazônica da *Nova Geografia* cobrem os rios Caquetá e Putumayo —que então surgiam com força como as principais vias de comunicação entre os andes colombianos do sul e o principal rio do continente—, o rio Amazonas em Tabatinga, e o rio Napo, que Vergara defendeu até o fim como fronteira sul da Colômbia. De fato, essa é a mensagem deste conjunto de imagens: primeiro, a Colômbia vai até o Napo e, segundo, a fronteira com o Brasil vai pelo rio Amazonas desde Tabatinga até a desembocadura do Caquetá, que, ao igual que o Iça o Putumayo, nasce nos Andes e é navegável a vapor.

Vergara, no seu livro, desde os Andes, e com as suas lâminas, ou melhor, fazendo *suas* estas lâminas, apropriando-se delas (com as modificações necessárias), procura (diremos desesperadamente?) involucrar na ordem nacional estes extensos fundos territoriais reclamados pelos outros países, percorridos, descritos, desenhados e cartografados por cientistas franceses e publicados no *Tour du Monde*. Mais uma vez, Vergara ao se apropriar destes conhecimentos procura involucrá-los numa ordem nova que ele entende como nacional —e que é nova porque até então não há podido ser. Desta forma Vergara procura ser a consciência territorial do país, mas, quem o escuta? Por mais pessoas, e pessoas importantes, presidentes até, que tivessem profundas preocupações geográficas, estruturalmente, cronicamente, em seu conjunto, o país estará marcado pela negligência territorial.

Lâminas da região do Pacífico

Quatro imagens da coleção da Nova Geografia da Colômbia pertencem à região do Pacífico, sendo três da Comissão Corográfica e a restante um rio anônimo do Chocó proveniente duma fotografia também anônima (f. 300).

As lâminas da expedição de Codazzi a estas regiões têm sido geralmente atribuídas ao pintor Paz, mas, como sabemos pelo professor Efraín Sánchez, provavelmente foram terminadas pelo francês Léon Gauthier. A figura 112, «El rio San Juan em Noána», acrescenta este último topônimo à original, que apenas faz referência ao rio e ao «modo de navegar nele», como pode se ver, em *champanes* impulsados por *bogas*, os remeiros clássicos da imagineria geográfica nacional, descritos mil vezes, entre as quais por Humboldt. A casa de palafita, seus habitantes, o champán e seus bogas são excluídos na versão de Vergara, que no caso se decide por mostrar apenas o rio, grande e calmo. A figura 173, «Playa de boquerones e isla de Gorgona», é a única da coleção gravada por Félix de Acevedo —que não fez um mal trabalho—. Ela conserva as habitações e até as pequenas embarcações, mas desiste das figuras humanas. A ilha de Gorgona, ao fundo, foi durante muito tempo prisão.

A última lâmina deste conjunto é bastante interessante. «Um caminho no Chocó» (f. 206) apresenta a tenebrosa cena de um «cargueiro» em seu singular ofício, passando seminu sobre um rio torrencial por um escorregadiço tronco, levando nas costas, numa espécie de sela, um viajante que alheio ao perigo vai absorto lendo seu livro.

Acerca deste serviço —que ele mesmo se recusou a utilizar durante a sua passagem sobre a cordilheira do central de Ibagué a Cartago.— Humboldt deixou a sua célebre descrição e também uma lâmina, a famosa «Passage du Quindiu», na qual, como observa Efraín Sánchez (p. 330), já aparece o motivo do homem lendo.

Humboldt relembra na sua descrição (p. 13 a 19 da citada *Vues des Cordillères*) que os caminhos do país são tão difíceis que muitos deles são impossíveis para os quadrúpeos. De este ofício, segundo o sábio, encarrega-se um grande número de jovens, não necessariamente índios, mas mestiços, e até brancos, pois não se considera humilhante. De fato, segundo Humboldt, aparecem entre eles reclamos quando algum, «que pretende ter a pele mais branca», exige dos outros o devido tratamento de Don o de Su Merced.¹⁸² Na província

Figura 7: Passage du Quindiu [fragmento]

Humboldt - *Vues des cordillères* - 1813 - lam.

¹⁸² Estes jogos de espelhos de valores são analisados pela pesquisadora Martha Herrera em: “Las Ocho Láminas de Humboldt Sobre Colombia En Vistas de Las Cordilleras Y Monumentos de Los Pueblos Indígenas de América (1810),”

de Antioquia, onde os cargueiros segundo ele conseguiram se opor aos planos de melhoramento de vias, as pessoas estão condenadas a não sair nunca do seu país, a menos que possam fazê-lo por seus próprios pés ou aceitando ir «a lombo de pessoa». Assombra-se finalmente o alemão de como um ofício tão duro e extremamente mal pago atrai tantos jovens do pé dessas serras: o gosto pela vida errante, contrária a monotonia dos ofícios sedentários da cidade, é a sua interpretação.

Acerca do homem lendo, encontra-se aqui a explicação (p. 17 de *Vues*):

Lue personnes qui se font porter dans la chaise d'un *carguero*, doivent rester, pendant plusieurs heures, immobiles et le corps penché en arrière. Le moindre mouvement suffiroit pour faire tomber celui qui les porte, et les chutes sont d'autant plus dangereuses, que souvent le *carguero* trop confiant dans son adresse, choisit les pentes les plus escarpées, ou traverse un torrent sur un tronc d'arbre étroit et glissant. Cependant les accidents sont très-rares, et ceux qui ont eu lieu doivent être attribut à l'imprudence des voyageurs qui, effrayés, ont sauté à terre du haut de leur chaise.

Trata-se, mais do que de aproveitar o tempo, numa forma de ficar quieto e evitar o pânico, que causa a maioria dos acidentes. Literalmente, de se distrair. Vergara não menciona estes cargueiros no seu texto.

Lâminas da região andina

Se bem Vergara dedica a grande maioria das suas lâminas a esta região (124 de 137 paisagens), já vemos que não é possível acusá-lo de andino-centrista, ignorante ou despreocupado pelas regiões afastadas da capital.

Das lâminas restantes apenas diremos algumas coisas sobre a sua distribuição temática, chegando a comentar algumas delas pelo seu interesse especial.

Podemos dizer que as lâminas da região andina agrupam-se em três conjuntos principais (com as suas interseções): rio, paisagem montanhosa intermeio e alta montanha, incluindo neste último páramos, nevados e vulcões.

Lâminas de rios, pontes e «tarabitas»

Contam-se trinta e dois rios dentro deste conjunto, sendo o mais recorrente o Magdalena com sete lâminas. Entre estas, destacam-se catorze figuras dedicadas a mostrar pontes. Com respeito a estas

se nota um marcado contraste entre as pontes mais antigas, feitas de bejucos ou de madeira e tomadas das lâminas da Comissão Corográfica ou das viagens de André ou de Humboldt (várias delas interessantes pontes «naturais»), e as tomadas do citado livro de Fritz Regel, feitas de ferro e concreto. Com isto Vergara parece dizer: «Não tudo tem sido guerra, tem tido algo de progresso para mostrar».

Mas tal vez nenhuma destas pontes seja tão assustadora quanto as «*tarabitas*», cordas usadas no seu lugar, pelas quais passam pessoas, carga e até grandes animais, e que Vergara mostra em número de cinco.

Uma delas provoca o desabafo de Vergara que encabeça este capítulo à maneira de epígrafe:

Esta figura y la siguiente, que le hace par, unidas a la singular afirmación de Maltebrun de que en invierno, en nuestras altas montañas los habitantes disputaban a los osos, cuchillo en mano, las raíces de que se alimentaban, hicieron más daño al país desde el punto de vista económico que muchos libros que se hubieran publicado expofeso para difamarlo. (NGC, p. 37)

Refere-se às lâminas «El camino de Honda» (f. 16), pelo qual tinha que passar obrigatoriamente quem quisesse dirigir-se desde o rio Magdalena à capital Bogotá (como também lembra o título da original «Rota de Honda a Bogotá»), que mostra quatro cavaleiros, de cavalo, de mula e a pé, subindo por uma delgada escada de pedra rodada a ambos lados por precipícios; e «El paso de los ríos en Colombia» (f. 17), que apresenta dois jovens em posição horizontal atravessando um outro precipício, segurados duma corda com pés e mãos —afortunadamente ajudados por uma espécie de cinto como de escalador— enquanto um terceiro dirige-se à plataforma para aguardar à sua vez. Vergara prefere não mencionar o autor das duas lâminas, no entanto, é possível descobrir que se trata de César Famin, e cujo livro, *Colombie et Guyanes*, foi publicado com a edição do Brasil de Ferdinand Denis que citamos acima.¹⁸³

A frase de Malte-Brun a que se refere Vergara é a seguinte, que se encontra no quinto volume da *Geografia Universal* deste autor:

Todo o distrito de Pasto é um planalto gelado apenas por encima do ponto em que a vegetação pode aguentar, e rodeado de vulcões e enxofreiras que desprendem continuamente turbilhões de fumaça. Os infelizes habitantes destes desertos não têm mais alimentos do que a batata, e se esta falta-lhes, eles vão às montanhas manjar o tronco duma pequena árvore chamada *achupalla*; mas sendo esta mesma árvore o alimento do urso dos Andes, este lhes disputa não raro este único alimento que fornecem estas regiões elevadas.¹⁸⁴

¹⁸³ César Famin, *Colombie et Guyanes* (Paris: Didot, 1837), <http://www.manioc.org/patrimoine/GAD11044>.

¹⁸⁴ «Tout le district de Pasto est un plateau gelé presque au-dessus du point où la végétation peut durer, et entouré de volcans et de soufrières qui dégagent continuellement des tourbillons de fumée. Les malheureux habitants de ces déserts n'ont d'autres aliments que les patates; et si elles leur manquent, ils vont dans les montagnes manger le tronc d'un petit arbre nommé *achupalla*; mais ce même arbre étant l'aliment de l'ours des Andes, celui-ci leur dispute souvent la seule nourriture que leur fournissent ces régions élevées.» Conrad Malte-Brun, *Géographie universelle de Malte-Brun*, vol. 5 (Paris: Gustave Barba, 1858), 11, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6523080x>.

Paisagens da zona intermédia dos Andes

Aqui podemos dizer que se encontra o núcleo da coleção, em termos de quantidade de lâminas. Dentro de este grupo é possível também definir alguns subconjuntos.

Acidentes geográficos

Em primeiro lugar nota-se uma certa ênfase em apresentar acidentes ou formações singulares do terreno, já por seu valor como desde o ponto de vista da pesquisa geológica, por se tratar de lugares conhecidos, que não podiam ficar por fora, ou simplesmente pela sua espetacularidade paisagística. Cotamos dez e nove neste conjunto.

Em sete ocasiões trata-se de formações rochosas espetaculares: Três provêm do álbum da Comissão Corográfica (f. 90, 168 e 190, o impressionante «estreito da Furatena»), duas das viagens de André (f. 56, 185 e 277), e uma correspondente a uma fotografia anônima (f. 231).

Dez acidentes destacados por Vergara na região andina constituem cachoeiras, quatro delas tomadas das lâminas da Comissão Corográfica (f. 163, 170, 176 e 221), duas de Regel (f. 233 e 253), duas baseadas em fotografias anônimas (f. 88 e 254) e mais duas levando a interessante indicação «Fotografia da *Nova Geografia da Colômbia*» (f. 256 e 258). Três lâminas deste conjunto correspondem ao «Salto del Tequendama», singular queda d'água na borda («glacial», p. 660) sul ocidental do altiplano da capital formada pelo descenso do rio Funza, para o vale do Magdalena, é uma das imagens mais conhecidas do país, comentada e medida por todos os famosos, desde Caldas, Humboldt e Codazzi (Vergara da 144 metros para ela).

Uma das duas fotografias desta cachoeira que aparecem sem crédito (f. 88) pode rastrear-se até o citado capítulo dedicado a Colômbia no volume XVIII da *Nova Geografia Universal* de Reclus. Por sua vez, esta indica provir duma fotografia de Madame Soledad Acosta de Samper, escritora e cientista, filha do famoso historiador, geógrafo e cartógrafo coronel Acosta (quem como lembramos «só via pelos olhos de Humboldt»), cujo arquivo (conservado no colégio Ginásio Moderno de Bogotá), em procura de saber mais acerca da possível relação desta escritora com o geógrafo francês, mas sem sucesso.

As duas cachoeiras correspondentes a fotografias indicadas pelo autor como sendo da «*Nova Geografia da Colômbia*» correspondem ao Boqueirão, que é o nome aqui dado aos escabrosos terrenos cheios de «enormes pedregões erráticos derrubados da cordilheira em prodigiosa

quantidade pelos antigos gelos»¹⁸⁵ (as recém citadas f. 185 e 277 de André também correspondem a esta área) que, depois do Salto do Tequendama, continuam o descenso em direção do vale do Magdalena pelo rio Bogotá (que é o nome do citado Funza depois da grande cachoeira).

Não custa imaginar a Vergara em expedições fotográficas por estes boqueirões acompanhado de amigos, tal vez até do fotografo, Racines citado nos créditos de outra imagem (f. 28, tomada mais o menos na mesma região), e de quem sabemos que já desde 1881 anunciava seus serviços de fotografia no citado *Almanaque* do nosso autor (p. 231).

Pode perceber-se que toda esta acidentalidade, assim como os rápidos dos rios orientais e amazônicos do país e presença de fósseis nas partes altas das cordilheiras, confirmam para Vergara, que às translada à Colômbia —sabemos que toda translação implica esforço e transformação—, as ideias do citado Suess acerca da natureza orogênica e eustática (ou glacial, como ele a chama) do relevo dos Andes.

Arredores de Bogotá

Em mais duas lâminas Vergara reclama a propriedade da foto original para a sua *Geografia* (f. 257 e 264), ambas pertencendo também a este conjunto dos Boqueirões, mas que, ao não apresentar cachoeiras, não se encontravam classificadas dentro do conjunto anterior. Pode notar-se que uma destas, guarda um certo parecido com uma das imagens publicadas no livro de Regel (f. 257). Terá acompanhado Vergara a este autor, ou, pelo menos, terá sabido das suas correrias fotográficas pelas regiões que ele também percorria com o mesmo fim?

Um conjunto de seis imagens, atribuídas todas a fotografias anônimas, continua com esta temática dos arredores ou «arrabais» da capital (f. 246, 247, 248, 249, 255, 262). Estas lâminas apresentam as savanas e os cerros ao redor de Bogotá, as primeiras mostradas com campinas habitadas e cultivadas mostrando savanas. Uma das mais interessantes, que apresenta o «lado norte» da cidade (hoje o bairro de Chapinero), mostra o tranvia inaugurado em 1884 e que trazia então até esta parte aos donos de sítios de descanso, e, também, o que parece ser uma instalação elétrica (que a cidade conhecia desde 1889).

Destaca-se neste conjunto a fotografia panorâmica da cidade (f. 255), seguramente uma das primeiras da história.

Aos arredores de Bogotá, finalmente, pertencem também uma de André (f. 252) —que se destaca por ter conservado as cenas de lavrança e criação de gado presentes na original— e uma muito famosa, «Entrada de Bogotá por San Victorino» do álbum da Comissão Corográfica, chamada «Los

¹⁸⁵ «[...] por todas partes se ven enormes pedregones erráticos derrubados de la cordillera en prodigiosa cantidad por los antiguos gelos;» Vergara y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*, I:499.

nevados del grupo del Tolima vistos de Bogotá» (f. 245), comentada amplamente por Efraín Sánchez como veremos mas adiante ao chegar ao conjunto das lâminas de alta montanha.

Caminhos da região andina

Reforçando a ideia geral da Colômbia como um país carente de caminhos, na *Geografia* de Vergara apenas aparecem sete lâminas com essa temática central para toda a região andina (f. 16, 28, 59, 61, 179, 197 e 244). Já cometamos a primeira delas, «O camino de Honda a Bogotá» de César Famin, que motivou o desgosto de Vergara (f. 16). Mas que tão diferente é a versão deste mesmo caminho pelo «caçador de orquídeas» inglês Millican (f. 59)? O caminho mostrado na citada foto de Racines (f. 28), de Bogotá a Fusagasugá, apesar de estreito, não parece tão terrível como os outros; e o correspondente à região do vale do Cauca (f. 197, também de foto), tem a vantagem de não ter precipícios a ambos lados. Mas o que dizer do «Filo de la Providência» (f. 179, tomada de Crevaux, «filo» querendo dizer borda ou beirada) ou dos «Callejones [ruelas] de Ocaña» (f. 61, tomada da Comissão Corográfica)? Como pode haver país (nação) desta maneira, se as pessoas ainda usam *tarabitas* para passar os rios, e percorrem estes «caminhos»?

O resto das lâminas da região andina podem agrupar-se em vários conjuntos: uma série destacando elementos arquitetônicos, desde a espetacular Igreja das Lajas (f. 21) e uma casa próxima do campo de batalha de Boyacá famosa (f. 62), ambas da Comissão Corográfica, e exemplos mais humildes como casas camponesas de André, Regel, ou de fotografias inéditas (f. 226, 229, 243, 250).

Um outro subconjunto é constitui do por vistas de cidades em desenvolvimento (f. 164, 167, 171, 178, 222, 230, 265, 297). Mais um é conformado por um por vales (f. 188, 204, 240, 305, 315, 317, 328). Mais alguns arredores de cidades (f. 198, 290, 316). Um tipo de palmeira (f. 209). Um acampamento da Comissão corográfica (f. 284). Três imagens bélicas, duas correspondentes aos campos de batalha da guerra que ainda não terminava no momento da impressão da *Geografia* (f. 227, 228) e uma apresentando o terreno da citada batalha de Boyacá (f. 94). E finalmente há três imagens relacionadas com antiguidades, que por não se tratar apenas de objetos soltos, podem considerar-se também paisagens (f. 27, 201, 237).

Vistas de alta montanha

É este um dos temas mais numerosos e fascinantes da coleção.

Entre estes destaquemos as figuras 84, 93, 199 e 245, relativas a uma famosa polêmica.

Limítrofe e geográfica ocorrida em 1857 entre os recentemente criados Estados de Antioquia e Cauca pela jurisdição da vila de Maria. O professor Sánchez resume assim esta controvérsia:

Segundo os termos da lei 11 de maio de 1855 dito limite estava definido por um rio que, descendo do páramo do Ruíz, corria ao norte da aldeia de Maria, perto de Manizales. Os antioquenhos afirmavam que a lei era inexata, e que o rio que nasce no páramo do Ruíz, conhecido hoje como Molinos, não corre pelo norte de Maria, mas pelo sul, depois de ter vertido suas águas no rio Claro. Como consequência da inexatidão da lei, Maria permaneceu durante algum tempo em uma zona interestadual em disputa. Codazzi foi chamado pelo governo para servir de árbitro e viu seus conceitos geográficos postos em causa pelo líder do partido antioquenho de Maria, o regente Ramon María Arana. De aceitar-se a letra da lei, incluindo a estipulação referente ao páramo de Ruíz, Maria ficaria baixo a jurisdição do Cauca. Isto satisfazia é claro a Arana, para quem, refutando o geógrafo, dito páramo não era outra coisa do que a grande mole que nos mapas antigos e no do próprio Codazzi conhecia-se como Mesa de Herveo. A batalha geográfica por Maria não teve então conclusão satisfatória para nenhuma das partes devido principalmente a interesses políticos e às confusões geográficas que ainda prevaleciam. Porém, [...] a investigação geográfica posterior deu a razão à população de Maria em seu argumento de que a Mesa de Herveo não se achava mas do que nos mapas dos sábios.¹⁸⁶

Com efeito, para Vergara, a «chamada Mesa de Herveo» não é mais do que é o extremo meridional do páramo do Ruiz (NGC, p. 493):

Esta mole del Ruiz, más compacta por su respaldo, se ha llamado también Mesa de Herveo, y por confusión con el páramo de ese nombre, situado más al N., equivocadamente separada del Ruiz y señalada como nevado distinto, quizás porque las planicies de su base septentrional se visten de blanco en bastante extensión los días de tormenta. (p. 492)

Nas lâminas citadas, Vergara fez questão de clarificar o assunto para seus leitores. Na lâmina utilizada por Vergara como base da figura 93, uma aquarela da Comissão Corográfica, Codazzi, segundo as inscrições embaixo da imagem, contava duas montanhas «Mesa de Herveo» e «Ruiz». No entanto, Vergara, como se desprende dos textos que acompanham a imagem, conta apenas uma, o Ruiz, a «chamada mesa de Herveo», e ainda acrescenta: «no fundo destacam-se os demais nevados do grupo do Quindío» (não outra coisa).

Vergara parece seguir nesto aos geógrafos alemães Reiss e Stübel, como revela a comparação com as originais (f. 84 e 199), encontradas no livro de Regel. Em ambas figuras, um parêntese faz a diferença: a primeira intitula-se «Die Vulkanberge Tolima, “Mesa nevada de Herveo” (Paramo de Ruiz)», e a segunda «Die Vulkanberge Ruiz (Mesa nevada de Herveo) und Tolima». Fica claro que para os geógrafos alemães trata-se duma montanha só. Vergara na sua versão imita exatamente esta técnica do parêntese para denotar unidade, e não duplicidade entre este(s) corpo(s). Quem disse que contar montanhas é fácil!

A figura 245 é especial. A original da Comissão corográfica intitula-se «Entrada a Bogotá por San Victorino», que mostra pessoas elegantes no entorno semirrústico e ao fundo «os nevados do grupo do Tolima», segundo o título dado por Vergara à sua versão. Na lâmina original está escrito na parte de

¹⁸⁶ Sánchez, *Gobierno Y Geografía. Agustín Codazzi Y La Comisión Corográfica de La Nueva Granada*, 171.

baixo «Vista longínqua dos Nevados do Tolima, Quindío, Santa Isabel, Ruiz i Mesa de Herveo». Aque-la «i» —«i» liberal, em contraposição à conservadora «y»— indica que se trata de *duas* entidades. Segundo Sánchez, o homenzinho que se encontra na sacada da casa da direita representa o homem do povo que, desde este ponto de vista privilegiado, consegue ver mais do que os sábios.¹⁸⁷ Não é mais comum ver este grupo de nevados desde Bogotá, principalmente devido à poluição. Mas uma diminuição relativa da poluição acontecida nos últimos anos, fez com que uma tarde recente, em época de temporada baixa na cidade, surgi-se o milagre. De novo depois de quem sabe quantos anos foi de novo possível repetir esta extraordinária visão.¹⁸⁸

Para finalizar, pode notar-se o contraste entre a coleção de lâminas da *Nova Geografia da Colômbia* e as imagens produzidas pela Comissão Geográfica e Geológica que percorreu São Paulo na mesma época em que foi produzida a obra de Vergara, estudadas pela pesquisadora Silvia Fernanda Figueirôa.¹⁸⁹ Segundo esta pesquisadora o que exprimem as fotografias apresentadas no seu artigo e uma ideologia progressista-triunfalista, em que o Homem vence à Natureza através das ciências e das técnicas.

Pode se dizer igual acerca da coleção de imagens da *Nova Geografia* de Vergara y Velasco? Ao contrário, em comparação com as fotografias da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, as lâminas de Vergara apresentam em geral um país mais silvestre, menos «dominado», no qual, apesar de todas as suas riquezas e maravilhas, ainda há que atravessar os rios de *tarabita*.

¹⁸⁷ Ibid., 580.

¹⁸⁸ Gustavo Petro, “Vía @arttesano Bogotá Y La Tierra de Los Nevados. Así Es Una Bogotá Sin Contaminación de Su Aire pic.twitter.com/h93T7odoUm,” microblog, @petrogustavo, (January 2, 2015), <https://twitter.com/petrogustavo/status/551050777821982721>.

¹⁸⁹ Silvia Fernanda Mendoça Figueirôa, “Um Exemplo de Aplicação Da Semiótica à História Da Ciência a Través de Análise de Fotografias de Expedições Científicas,” *Quipu* 4, no. 3 (1987): 433–45.

MAPAS, DIAGRAMAS E PERFÍS DA NUEVA GEOGRAFÍA DE COLOMBIA

A cartografia segundo J. B. Harley

Não é possível falar em história da cartografia sem falar em J. B. Harley (1932-1991), o mais importante impulsor e renovador da área, de influência permanente até hoje, chegando sua famosa coletânea de ensaios¹⁹⁰ a ser utilizada nas universidades como livro de texto ou manual. As ideias deste autor tem sido verdadeiramente frutíferas e inspiradoras para todo este campo de estudos. A teoria tripartita de Harley tem adiantado de fato muito nesta área, e passamos apresentá-la por meio do seu texto mais conhecido —incluído na citada coletânea—, intitulado «Mapas, conhecimento e poder».¹⁹¹

Os mapas, para J. B. Harley, devem deixar de ser vistos como registros inertes da morfologia de uma paisagem particular ou como reflexos passivos de determinados objetos, para ser em vez considerados como imagens socialmente construídas, codificadas e portadoras de sentido, isto é, como uma forma de linguagem. A história da cartografia, em consequência, em lugar de dirigir as suas pesquisas à determinação da fronteira entre o cartograficamente «falso» e o «verdadeiro», ou entre o «científico» e o «ideológico» —estas seriam para ele as dicotomias tradicionais a serem abandonadas—, deve procurar estabelecer vínculos entre os mapas e as relações de poder em situações históricas específicas. Os mapas, desde a seletividade do seu conteúdo, nos seus signos e estilos de representação, constituem, para Harley, uma forma de conceber, articular e estruturar o mundo humano, que é orientada a, promovida por, e influente em formas particulares de relações sociais. O autor propõe, então, uma exploração iconológica do discurso cartográfico no contexto do poder, que também dê conta da influência dos mapas na sociedade.

¹⁹⁰ J. B. Harley, *The New Nature of Maps : Essays in the History of Cartography*, ed. Paul Laxton (Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 2001); Publicado em espanhol como: J. B. Harley, *La Nueva naturaleza de los mapas : ensayos sobre la historia de la cartografía*, ed. Paul Laxton and J. H. Andrews (México: Fondo de Cultura Económica, 2005).

¹⁹¹ J. B. Harley, "Maps, Knowledge and Power," in *The Iconography of Landscape : Essays on the Symbolic Representation, Design, and Use of Past Environments*, ed. Denis E. Cosgrove and Stephen Daniels (Cambridge [England]; New York: Cambridge University Press, 1988), 277–312.

Para isto, abraça três vertentes teóricas: em primeiro lugar, ao considerar os mapas como uma forma de linguagem, Harley propõe uma aproximação de tipo *semiótico*, uma «crítica literária do discurso cartográfico» que dê conta dos mecanismos retóricos que convertem os mapas numa força política.

Uma perspectiva *iconológica*, em segundo lugar, desenvolvida por Erwin Panofsky para a história da arte, permite, segundo Harley, distinguir diferentes níveis de interpretação, um superficial ou literal, e outro «mais profundo», associado à dimensão simbólica do fato de enviar ou receber uma mensagem. É neste nível, afirma Harley, no qual é melhor reproduzido, comunicado e experimentado o poder político dos mapas.

O terceiro elemento do corpo teórico de Harley o constitui a sociologia do conhecimento, perspectiva desde a qual o conhecimento cartográfico, como qualquer outra forma de conhecimento, é contemplado como «um produto social», ancorado em relações específicas de poder. Harley considera neste ponto dois autores. A partir de Michelle Foucault, que vincula a «procura da verdade» com a vontade de poder por parte de quem a procura, Harley acha que os mapas respondem aos imperativos territoriais dos sistemas políticos, como mecanismos de vigilância mediante os quais o poder consegue se espalhar [a teoria de redes, na minha compreensão/elaboração, diria: por mais concentrado que esteja, o poder é *necessariamente* exercido à distância; deve se espalhar para poder ser; a *concentração* de poder tem forma de rede; se tivesse forma de ponto, não existiria, não tocaria ninguém, não mobilizaria nada; os mapas são dispositivos muito úteis no exercício particular da formação territorial). Segundo a Anthony Giddens, por outro lado, Harley define os mapas como recursos autoritativos em mãos do Estado para o controle territorial em termos de supervisão, administração, expansão e guerra.

Completado este prolegômeno teórico, Harley divide seu artigo em três partes. Em primeiro lugar, tenta demonstrar a ubiquidade dos contextos políticos na história dos mapas. Depois passa a analisar a forma em que o exercício do poder estrutura o conteúdo dos mapas. Y, finalmente, estuda a forma em que o conhecimento e a comunicação cartográfica, no nível simbólico, pode reforçar tal exercício do poder. (Na teoria de redes, em contraste, não tem uma entidade «contexto» que explique o comportamento de outra entidade chamada «ciência», porque, quem explica o contexto? Cada coisa é o contexto das outras. Também não tem «níveis», como o «nível simbólico» ou «nível político», ou dimensões, como camadas de cebola, ou como fatias da realidade, pois não encaramos a realidade como feita de fatias (econômica, política, cultural) mas como feita de inter-redes).

Contextos políticos dos mapas

Para Harley, as circunstâncias de criação e de uso dos mapas, o contexto, define seu sentido e a sua influência. Este contexto, por sua vez, é produzido pelas relações de poder. Este, diz Harley, consegue-se, administra-se, legitima-se e codifica-se mediante mapas.

Esta relação entre poder e cartografia opera segundo Harley, em diferentes escalas, trate-se de construir um império global, de preservar o Estado-nação ou de defender a propriedade individual em contextos locais.

De fato, os mapas foram verdadeiras armas para o imperialismo –precederam e acompanharam a conquista, e ajudaram a legitimar a sua realidade e permanência–, estão inextricavelmente ligados à história do Estado-nação –o qual fica evidenciado na ênfase colocada no desenho das fronteiras nos mapas europeus– e tem jogado um papel fundamental na história das relações agrárias de classe, tornando permanente uma ordem social em que a propriedade da terra é a base do *status* social.

O conteúdo dos mapas e o exercício do poder

Nesta seção, Harley tenta encontrar as implicações políticas e as consequências sociais das distorções, deliberadas ou inconscientes, frequentemente achadas no conteúdo dos mapas.

As manipulações deliberadas, diz Harley, orientam-se a propósitos políticos específicos. Assim, por meio de omissões deliberadas, da distorção do tamanho e a posição dos signos e da tipografia, ou mediante a seleção das cores, os mapas exprimem um ponto de vista específico das relações geopolíticas, trate-se já de enganar um potencial opositor do *status quo* territorial, de afirmar reclamações históricas sobre o território nacional ou legitimar ambições territoriais futuras.

Com respeito às distorções inconscientes do conteúdo dos mapas, Harley as atribui à influência dos valores da sociedade que os produz. Como as regras de representação neste caso são ocultas, as suas consequências sociais seriam meramente «acidentais».

A geometria, por exemplo, a eleição do centro do mapa e a projeção escolhida podem, segundo Harley, magnificar o impacto político de uma imagem ou afetar a consciência espacial duma sociedade. O exemplo usado é o famoso mapa de Mercator, que segundo Harley reforça o sentimento de superioridade europeu e a sua hegemonia mundial ao localizar a Europa no centro do mundo e fazer o hemisfério norte ocupar dois terços do globo.

De igual forma, os silêncios dos mapas, as omissões ou exclusões não deliberadas, podem exprimir e reforçar tensões de classe, religiosas ou étnicas, por exemplo apoiando as ideias europeias de superioridade cultural, do seu direito divino à apropriação territorial e as suas previsões da geografia do poder.

As hierarquias representacionais constituem o último tipo de distorção não deliberada examinada pelo autor. Os sistemas de classificação e os modos de representação, as convenções ou signos cartográficos, podem produzir, para o autor, efeitos sociais. A hierarquia visual dos signos, afirma, está relacionada com o valor dos lugares ou objetos cartografados, e contribuem de novo a criar, consolidar ou desejar as estratificações próprias duma ordem determinada.

A simbologia cartográfica do poder

O nível simbólico dos mapas, associado com o seu carácter comunicativo, pode encontrar-se no papel que eles jogam dentro do discurso da pintura, nas figuras decorativas que contém, e em todos os âmbitos da produção cartográfica: globos e mapas aparecem nos retratos de homens poderosos – frequentemente nas suas mãos– como emblemas de soberania, empreitadas ou ambições territoriais; emblemas iconograficamente identificados com imagens próprias duma cultura ou com o vocabulário da expressão artística, por outro lado, são embebidos no discurso dos mapas para fortalecer e enfocar significados políticos.

Mas, sobre tudo, e além dos elementos mencionados, Harley constata a ubiquidade do simbolismo nos mapas, especificamente naquilo que é apresentado como «fatos cartográficos». Para o autor, este «realismo simbólico», esta dualidade, é precisamente a que faz com que os mapas se tornem atos políticos. A retórica da exatidão, das medições precisas, dos instrumentos, das triangulações e projeções matemáticas, constitui-se em fonte de autoridade, cria o mito e a tradição simbolizando a estrutura social, valores e direitos locais ou ideias nacionalistas.

Antecedentes

Os primeiros mapas publicados por Vergara, até onde mostra a pesquisa, são os três com que este autor acompanha o *Apêndice* com que fecha a sua tradução dos capítulos «Colômbia» e «Panamá» da *Nouvelle Géographie Universelle* (v. XVII, 1891 e XVIII, 1893).¹⁹²

Os dois primeiros aparecem juntos, unificados sob o título «Oro-hidrografia de Colombia» e se apresentam como «extractados de *Nova Geografia da Colômbia*», obra cujas primeiras versões acabavam de sair publicadas —embora sem mapas.

¹⁹² Élisée Reclus, *Colômbia. Traducida Y Anotada Con Autorización Del Autor Por F. J. Vergara Y Velasco*, trans. Francisco Javier Vergara y Velasco (Bogotá: Papelería de Samper Matiz, 1893).

Figura 8: Oro-hidrografia da Colômbia

Reclus, Colombia (1893) — Biblioteca Tomás Rueda Vargas (Bogotá)

O mapa da orografia mostra que Vergara tinha já claras as suas ideias fundamentais ao respeito: ele divide os andes colombianos em *duas* grandes massas (não em três, segundo a convenção). À massa ocidental outorga o nome de «Mesa Andina u Occidental», entanto que à oriental atribui o de «Mesa oriental o granadina». No entanto, para cumprir, sem dúvida, com as convenções estabelecidas, superpõe aos anteriores os apelativos tradicionais de «Cordilheira ocidental, central e oriental». Vergara registra neste mapa três níveis de altitudes de 0 a 500 metros, de 500 a 4000 e as grandes altitudes nevadas de 4000 em diante. O segundo mapa, horografia, também apresenta uma ideia bem estabelecida no discurso de Vergara: a existente de três vertentes hidrográficas, uma correspondente ao mar das Antilhas, a outra ao Pacífico e a outra ao Atlântico através do Orinoco e o Amazonas. Neste mapa são também marcadas os eixos principais das cordilheiras, que esta vez ganham o nome de «Cordilheira do Chocó», «Cordilheira do Tolima» e «Cordilheira Oriental». Este mapa possui um enquadramento mais amplo do que o anterior, com a ideia de mostrar a desembocadura dos rios colombianos nos sistemas amazônico e orinoquense.

O terceiro mapa não se encontra em todos os exemplares da obra. Intitula-se «Regiões geográficas» (acompanha a f. 39 da *Nova Geografia da Colômbia* no apêndice correspondente).¹⁹³ Neste mapa

¹⁹³ Agradeço ao pesquisador Federico Ferretti por me facilitar este mapa, encontrado por ele entre as coleções de Reclus na Biblioteca Pública de Genebra.

Vergara divide o país em duas grandes regiões: «Metade Ocidental ou Montanhosa» e «Metade Oriental ou *llana*». Esta última a divide em duas partes: o Caquetá (florestas) e os *Llanos*.

A metade ocidental do país ganha sete regiões: Istmo, Chocó, Mesa Andina, Mesa Oriental, Valle del Magdalena, Llanura Atlântica e Cuenca [bacia] de Maracaibo, cada uma delas com a sua própria regionalização interna, marcada com linhas mais tênues. O istmo de Panamá é recortado e colocado num inserto, sendo esta uma técnica habitual do autor para lidar com a «irregularidade» do polígono colombiano.

Esta é apenas uma de muitas regionalizações propostas por Vergara. Compare-se com a citada f. 39 intitulada «Regiões naturais da Colômbia». Para Vergara, regiões «naturais» neste caso significa «orográficas», ou seja, estão definidas basicamente pelos sistemas montanhosos. Note-se a faixa marcada no Pacífico como «região ocidental»: ela cobre a serra do Baudó, que para o autor forma parte do sistema orográfico Caribe, não do andino. Neste sentido, esta regionalização pode ter uma base geológica, mas isto não quer dizer que as regiões naturais sejam as mesmas geológicas, que podem se ver na f. 85 do apêndice.

O mapa das «regiões geográficas» inserido no apêndice da *Colômbia* de Reclus pode comparar-se com os diagramas de «seções geográficas» da *NGC* (f. 152 [154], 154 [156], 158 [160], 162 [164], 166 [168], 172 [174], 181 [183], 191 [193], 205 [207], 220 [222], 260 [262], 270 [272]). Embora seja possível achar certa coerência entre as regiões de 1893 e as seções da *NGC*, ressalta a intensificação da pulsão regionalizadora do autor, que aparentemente não se cansa de idear subdivisões «naturais».

Os mapas da Nova Geografia da Colômbia

Uma «cartografia pueril»

Depois dos mapas inseridos por Vergara no apêndice da sua tradução de Reclus, há que esperar até a publicação da edição ilustrada da *Nova Geografia* para encontrar outros mapas desse autor. De fato, esta obra conta com noventa e dois mapas (sem contar dois que aparecem repetidos), cinquenta e oito diagramas e onze perfis. Vinte e quatro destes mapas levam a firma do gravurista Antonio María Madero —principal aliado do nosso autor nestas matérias, mas do qual desafortunadamente sabemos muito pouco—, assim como quatro dos perfis. Mais cinco mapas são firmados por outro gravurista D. Rivera e Januario Nariño aparece com um só. O grande ausente da lista é Belisário

Cortés, o principal gravurista das lâminas de paisagens, quem pelo visto não participava na elaboração dos mapas.

O professor catalã Pau Vilá (ou Pablo Vila), de importante trajetória na geografia da metade do século XX, e quem sempre teve a mão palavras negativas contra Vergara, chegou a opinar o seguinte acerca dos trabalhos cartográficos de nosso autor:

O general Vergara y Velasco quis ilustrar o seu livro e para isto, perante as dificuldades que lhe opunha a guerra, acudiu ao gravado em madeira, um dos procedimentos gráficos mais impróprios para uma ilustração documental, quando a técnica não é dominada à perfeição, o que não era possível em Bogotá, onde não existia nem tradição nem habilidade no manejo do buril, ainda depois do esforço de Alberto Urdaneta com seu «Papel periódico ilustrado». Apesar de tais inconvenientes, nosso autor empregou-a na cartografia do livro: mas como esta é uma ciência de precisão e de clareza, a gravura em madeira resulta ainda mais inadequada, e a ilustração de escassa qualidade para o livro. E como se este ensaio não lhe bastasse, *Franjáver* empenhou-se logo na publicação de um *Atlas Geográfico de Colômbia* [sic], gravado pelo mesmo procedimento, que também não se terminou, e que constitui uma curiosa amostra de uma cartografia pueril.¹⁹⁴

Esta «cartografia pueril» de Vergara inspira-se nos mapas que acompanham a *Geografia Universal* de seu amigo Reclus, que o nosso autor deseja imitar —é claro, sem os recursos financeiros da casa Hachette, sem a centenária tradição gravurista da Europa, e sem a ajuda de cartógrafos suíços —o país por excelência da representação cartográfica do relevo—¹⁹⁵ como Charles Perron.¹⁹⁶

Dar relevo aos fenômenos

Reclus já tinha dito na introdução da sua enciclopédica obra que «as pranchas e as figuras da *Nova Geografia Universal* estão destinadas unicamente a colocar em relevo os fenômenos a que o texto se refere»,¹⁹⁷ e este critério não será, é claro, alheio a Vergara.

¹⁹⁴ «El general Vergara y Velasco quiso ilustrar su libro y para ello, ante las dificultades que le oponía la guerra, acudió al grabado en madera, uno de los procedimientos gráficos más improprios para una ilustración documental, cuando la técnica no es dominada a la perfección, lo que no era posible en Bogotá, donde no existían ni tradición ni habilidad en el manejo del buril, aún después del esfuerzo de Alberto Urdaneta con su «Papel Periódico Ilustrado». A pesar de tales inconvenientes, nuestro autor(la) empleó en la cartografía del libro: pero como esta es una ciencia de precisión y de claridad, el grabado en madera resulta todavía más inadecuado, y la ilustración de escasa calidad para el libro. Y como si este ensayo no le bastara, Franjáver se empeñó luego en la publicación de un Atlas Geográfico de Colombia grabado por el mismo procedimiento, que tampoco se terminó, y que constituye una curiosa muestra de una cartografía pueril». Pablo Vila, «Mosquera Y Franjáver», *El Tiempo*, May 12, 1943, 2.

¹⁹⁵ Até hoje, o considerado o melhor manual deste tema, e que tem sido de muita utilidade para mim, é o clássico de 1965 do também suíço Eduard Imhof *Cartographic Relief Presentation* (Redlands, California: ESRI Press, 2007).

¹⁹⁶ Cf. Federico Ferretti, *Il Mondo Senza La Mappa. Élisée Reclus E I Geografi Anarchici* (Milano, 2007); Federico Ferretti, «Cartografia e educação popular», trans. David Alejandro Ramírez Palacios, *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 1 (November 5, 2012), doi:10.4000/terrabrasilis.164.

¹⁹⁷ Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle : La Terre et Les Hommes*, vol. I - L'Europe Méridionale (Grèce, Turquie, Roumanie, Serbie, Italie, Espagne et Portugal) (Paris: Hachette, 1876), III, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104966d>.

«Carta hidrográfica del Macizo de Colombia» (Vergara y Velasco, NGC, 1901). Gravura de Antonio María Madero.

«Massif de Colombia» (Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, 1893). Gravura de Charles Perron.

Quarenta e oito destes mapas estão acompanhados de legendas com algum tipo de indicação da fonte.

Seis destas cartas podem considerar-se exercícios de história da cartografia.

Mapas «históricos»

Os mapas intitulados «Colombia según las cartas españolas de fines del siglo XVI» (f. 8) e «Colombia según las cartas españolas de fines del siglo XVII» (f. 9), mostram para Vergara os grandes avanços em termos do reconhecimento destes territórios por parte dos colonizadores peninsulares em um século. Não conhecemos os originais utilizados por Vergara, mas o primeiro deles parece-se bastante ao de Pedro Fernandes Queirós, conservado na Biblioteca do Palácio Real de Madri:

Figura 9: Mapa de Pedro Fernandes Queirós

Historia da Cartografia, Piccadilly Press, 1967, p. 178-179

A figura 180 [182], intitulada «La Sabana de Bogotá», afirma basear-se na «Carta del Virreinato», «inérita». Deve tratar-se do mapa chamado «Plan Geográfico del Virreinato de Santafé de Bogotá, Nuevo Reino de Granada», de 1772.¹⁹⁸ O exemplar conservado no Arquivo Nacional é uma cópia facsimilar elaborada em 1936 pelo Instituto Geográfico Agustín Codazzi. O original, que se encontrava no prédio do Ministério das Relações Exteriores, ardeu com o prédio durante o *Bogotazo*.¹⁹⁹ Vergara seguramente teve acesso ao original, e copiou para a sua *Nova Geografia* a parte do mapa relativa ao altiplano de Bogotá.

Vergara homenageia a Francisco José de Caldas incluindo na *Nova Geografia* o mapa deste autor publicado por Humboldt em 1816 como um inserto ao seu mapa do rio Magdalena. O mapa de Caldas cobre o rio desde seu nascimento até os 4° de latitude norte, completando o de Humboldt,

¹⁹⁸ «Plan Geográfico del Virreinato de Santafé de Bogotá, Nuevo Reino de Granada. Levantado por Francisco Antonio Moreno y Escandón, dibujado por José Aparicio Morata», 1772. Mapoteca 2, 1248, Archivo Nacional, Bogotá. <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/enero1992/enero1.htm>

¹⁹⁹ Eduardo Acevedo Latorre, «Las Ciencias En Colombia: Geografía – Cartografía», in *Historia Extensa de Colombia*, vol. XXIV (Bogotá: Academia Colombiana de Historia — Ediciones Lerner, 1974), 145.

que cobre dali até a sua desembocadura. Na nota explicativa, Humboldt afirma ter-se baseado para o inserto num mapa manuscrito de Caldas.

Mais um mapa relacionado com Humboldt é o da figura 13 «Fragmento de la carta de Colombia por Humboldt». Este na realidade se baseia no mapa «Esquisse Hypsometrique des Noeuds de Montagnes et des Ramifications de la Cordillere des Andes depuis le Cap de Hora jusqu'a l'Isthme de Panama», com datado entre 1827 e 1831. A intenção de Vergara com este mapa, que leva a lenda «Andes colombianos segundo Humboldt», é a de mostrar o contraste entre a sua concepção orográfica do país (duas grandes mesas) e as «clássicas» três cordilheiras de Humboldt.

Vergara copia também um fragmento da «Carta del Departamento de Boyacá» (f. 10) do *Atlas* que acompanha a famosa *Historia de la Revolución de la República de Colombia* de José Manuel Restrepo, aluno de Caldas, «primeiro historiador do país» e também encarregado de realizar a carta da recém-criada República.

Na figura 14, «Carta de la región de Honda», apresentada como «a primeira carta trigonométrica construída no país», Vergara mostra um mapa do cientista francês François Roulin, companheiro de viagem de Boussingault na Colômbia. O mapa original, preservado na Biblioteca do Congresso de Estados Unidos, intitula-se «Mapa de las tierras compradas al Gobierno y Particulares por el Cor. Desmenard», o que revela a sua função inicial como mapa de cadastro —se bem que este, pela sua sofisticação e bela iluminação, ressalta com a simplicidade da maioria dos mapas do gênero.

Geologia

Os mapas intitulados «Carta geológica de la región oriental o de las llanuras» (f. 86 [88]) e «Carta geológica del Mediterráneo americano» (f. 86) correspondem à edição de 1892 do *Berghaus' Physikalischer Atlas*, o primeiro deles sendo atribuído a Gustav Steinmann, encarregado da seção dedicada a América do Sul nesta obra. Estes correspondem aos mapas intitulados no original «Süd_Amerika» e «Nord_Amerika» o segundo. Vemos nestes mapas o esforço de Vergara por traduzir o rico código de cores do original à convenções em preto e branco, para o qual deve manipular los períodos geológicos para acomodá-los em um número menor de categorias com respeito ao original. No primeiro caso ele transforma oito cores em cinco tipos de hachura, e no segundo ele traduz onze cores em sete tipos de hachura ou ponteados. Os termos «Golfo de México» e «Mar das Antilhas» colocados no primeiro destes mapas, assim como o de «Mediterrâneo americano» colocado no título, correspondem a edições anteriores do mesmo *Atlas*.

Amazonas «colombiano»

Por sua vez, o mapa chamado «El Amazonas colombiano» (f. 132 [134]) é tomado por Vergara do livro de Marcel Monnier *Des Andes au Para* (1890). Dessa vez, Vergara modifica radicalmente o título original: «Haut Amazone (Solimoës) et ses affluents de l'Ucayali au Rio Negro». Na sua apropriação deste mapa, o topônimo correspondente ao Equador, que ocupa uma área ao norte do rio Iça (ou Putumayo), é simplesmente retirado por Vergara. E o relativo ao Peru, que no original avança com as suas últimas letras até a região entre o citado Iça e o Solimões, é empurrado por Vergara para o sul de dito rio. O nome Solimões aparece duas vezes no mapa original, designando o rio tanto na sua parte inicial como na sua parte brasileira. Na versão de Vergara, apenas este último é conservado. Este caso é um exemplo muito claro de apropriação, por parte de Vergara, de transformação e de reordenamento de elementos dentro da pretendida ordem nacional. Através do deslocamento da toponímia original, Vergara reivindica territórios que percebe ameaçam se perder para toda possibilidade de inclusão efetiva na ordem nacional colombiana que ele deseja construir, afirmar e promover.

O oriente

Um outro mapa com indicação da origem é o intitulado «Confluencia del Casanare y el Cravo de Norte» (f. 134 [136]), «segundo o engenheiro F. J. Casas». No Arquivo Geral da Nação encontra-se um mapa muito semelhante, de autor anônimo, intitulado «Municipios de Arauca y Cravo Norte con sus límites» e datado em 1922.²⁰⁰ Pelo título —e também pelo estilo simples, ao contrário do citado mapa de Roulin— deduzimos que se trata também de um mapa cadastral. No entanto, o mapa de Vergara traz mais informação. Ele mostra alguns «*caños*» (riachos) a mais, marca zonas de pântanos e declara ser essas llanuras «meio desertas» (não *totalmente*, pode notar-se).

Na correspondência de Vergara, conservada no Arquivo Geral da Nação, há uma carta enviada desde estas regiões e firmada em 1899 por Francisco J. Casas, quem deve ser o mesmo citado autor deste mapa. Este não é mencionado, mas o conteúdo é interessante:

Tenho visto nos jornais que já trata o Governo do assunto de nossos limites com a Venezuela, mas estou completamente a escuras do que tenham feito. Você compreende que aqui vive-se como no limbo. Como tudo isto me chama muito a atenção, suplico-lhe me informe sobre o particular.²⁰¹

²⁰⁰ AGN, Mapoteca N° 4, Ref.: 593A-2.

²⁰¹ «He visto últimamente en los periódicos que ya trata el Gobierno del asunto de nuestros límites con Venezuela, pero estoy completamente a oscuras de lo que hayan hecho. Ud. comprende, aquí se vive como en el limbo. Como todo

Jorge Brisson

O mapa intitulado «Las cabeceras del Atrato» (f 121 [123]) tem como referência, segundo Vergara, um mapa do engenheiro francês Jorge Brisson, explorador do Casanare e do Chocó «como empregado do governo» desde 1890, e cujas obras acerca destas partes Vergara ajudou a publicar (*Exploracion en el alto chocó* [1895]²⁰² e *Casanare* [1896]²⁰³), isto sem que até então eles se conhecessem pessoalmente, como demostram as cartas daquele existentes na correspondência de nosso autor (folha 110-110).

Brisson, junto com os senhores de Medellín Carlos C. Amador, Manuel Uribe Angel, Alexander Dieu, Juan Enrique White, Rafael Restrepo Uribe, Nicanor González, Antonio Jesús Uribe, Emilio Reynel, conformam uma «Sociedad Exploradora del Chocó». Tal vez os mapas das expedições deste grupo se encontrem em algum arquivo daquela cidade.

Limites

Dois mapas da coleção da *NGC* de Vergara provém da Comissão de Limites com a Venezuela, à qual nosso autor pertenceu brevemente (foi nomeado «Ajudante secretário» da mesma em julho de 1899,²⁰⁴ mas renunciou pouco depois, provavelmente por causa do início da Guerra dos Mil Dias em outubro desse ano). Estes mapas são «La Península Goajira» (f. 285) «La extremidad N. de la frontera Venezo-Colombiana» (f. 286). Estes territórios são ainda contestados, sendo esta uma das poucas disputas limítrofes (mais ou menos) vigentes no mundo.

Com relação ao primeiro destes dois mapas, deve lembrar-se que a península da Goajira aparece formando parte da Venezuela em vários dos mapas do *Atlas* elaborado por Codazzi para este país antes de se dirigir a explorar a Colômbia.²⁰⁵

Num episódio conhecido, depois do anúncio do então embaixador dos Estados Unidos na Colômbia, William Brownfield, da possibilidade de instalar uma base militar desse país nesta península, o Presidente Chávez ameaçou com reabrir a discussão de limites nesta área:

esto me llama mucho la atención, como Ud. bien sabe, le suplico me informe sobre el particular». AGN, Seção coleções, fundo Francisco Javier Vergara y Velasco. t. 3, f. 124.

²⁰² Jorge Brissón, *Exploracion en el alto Chocó. Edición Oficial (Admnistración M. A. Caro). Revisada y corregida por el Coronel F. J. Vergara y Velasco* (Bogotá: Imprenta Nacional, 1895), <http://archive.org/details/exploracionenela00bris>.

²⁰³ Jorge. Brisson, *Casanare. Edición Oficial (Admnistración M. A. Caro). Revisada Y Corregida Por El Coronel F. J. Vergara Y Velasco* (Bogotá: Imprenta Nacional, 1896), <http://resolver.iai.spk-berlin.de/IAI00004B0300000000>.

²⁰⁴ Decreto de 1 de julho de 1899. AGN-FJVV, t. 2, f. 83

²⁰⁵ Agustín Codazzi, *Atlas físico y político de la Republica de Venezuela*, Paris-Caracas, 1840, <<http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/7i6v39>>.

Esto es una cosa que nosotros no podemos aceptar. Eso, por ejemplo, es una cosa explosiva, porque entonces nosotros pudiéramos decir: ¿La Guajira venezolana hasta dónde llega? Venezuela era toda la Guajira. Ese terreno nos lo quitaron. Ahora, ¿qué quiere Colombia, qué volvamos a discutir eso?

Si van a montar ahí una base militar gringa, nosotros comenzamos a discutir La Guajira completa. ¿Cómo se pondría esto, por dónde va Colombia?²⁰⁶

O segundo mapa da Comissão de Limites inserido por Vergara mostra o ponto de Castilletes, ponto inicial da demarcação fronteira. Este foi escolhido pelas comissões não conseguirem achar o procurado ponto designado no laudo espanhol de 1891 como «Mogotes de los Frailes» (Vergara afirma que sim existe um lugar chamado desta forma pelos habitantes da região, *NGC*, p. 125). Devido a isto, na Venezuela existem ainda iniciativas esporádicas de impugnar este como ponto inicial da demarcação.

«Compare-se com o mapa oficial»

Vergara atribui dois mapas da sua coleção ao citado Agustín Codazzi. O primeiro deles

«El bajo Chocó y el Patía» (f. 313 [315]) mostra este rio ultrapassando a crista ocidental da cordilheira idem no seu caminho ao mar Pacífico, contradizendo desta forma as ideias geomorfológicas «tradicionais» segundo as quais estas cristas delimitariam necessariamente as bacias hidrográficas.

O outro mapa atribuído a Codazzi é «El Macizo de Sumapaz» (f. 135 [137]). A continuação (f. 136 [138]), Vergara convida a comparar este com o seu próprio: «El macizo de Sumapaz - Según la *Nueva Geografía*», sendo as diferenças do modelado do terreno em um e outro caso notoriamente diferentes.

Esta estratégia vai ser amplamente utilizada por Vergara, principalmente com relação às «cartas oficiais», que não eram outras que as correspondentes ao já antigo *Atlas de los Estados Unidos de Colombia* (1865) de Manuel María Paz e Manuel Ponce de León com base nos trabalhos de Codazzi,²⁰⁷ atlas que, na opinião de Vergara, tinha estragado a obra do italiano, que Vergara se propunha recuperar.

²⁰⁶ “Chávez Advierte a Uribe Que ‘juega Con Fuego’ Y Amenaza Con Reclamar La Guajira En Noticias24.com,” May 14, 2008, <http://www.noticias24.com/actualidad/noticia/14189/chavez-advierte-a-uribe-que-juega-con-fuego-y-amenaza-con-reclamar-la-guajira/>.

²⁰⁷ *Atlas de los Estados Unidos de Colombia, antigua Nueva Granada, que comprende las cartas jeográficas de los Estados en que está dividida la República, construídas de orden del Gobierno Jeneral con arreglo a los trabajos corográficos del Jeneral Agustín Codazzi i a otros documentos oficiales*. Por Manuel Ponce de León i Manuel María Paz. París, Tipografía i litografía de Renou i Maulde, 1865. Disponível na cartoteca digital da Sociedade Geográfica Italiana: <<http://www.societageografica.it/opac/scheda1.php?id=3380&s=0>>.

De fato, além do caso citado, Vergara acude nove vezes ao expediente para colocar lado a lado *seu* mapa junto com o oficial com fins de comparação. Basicamente, o que deseja mostrar Vergara é que ele possui melhores dados de localização do que os usados por Ponce e Paz, que não eram sempre os mesmos levantados por Codazzi, como Vergara sabia e como explicado por Efraín Sánchez:

Mas o grande paradoxo, ou melhor, o maior dos paradoxos da Comissão Corográfica, é que ao menos uma parte, quiçá uma grande parte desse acervo reunido com tanto esforço ao longo de nove anos ficou vedado às gerações posteriores de cartógrafos e aos construtores de caminhos e vias férreas para os quais era tão essencial. Debido às mudanças na configuração política da nação, mas principalmente à oposição do próprio Codazzi, quem sem dúvida tinha os seus motivos válidos, os mapas das províncias nunca se publicaram, e a carta e o atlas que finalmente viram a luz foram os produzidos por Manuel Ponce de León e Manuel María Paz. A carta foi o mapa oficial da Colômbia até 1890, quando Paz publicou em Paris o «Mapa da República da Colômbia», baseado no de 1865 e vigente até a aparição da carta da Oficina de Longitudes de 1931. O traçado do mapa de 1865 foi supervisionado celoso e estreitamente pelo próprio presidente da República, o General Tomás Cipriano de Mosquera. Mosquera, além das suas próprias modificações, segundo a testemunha de Ponce de León, «ordenou que não somente se tomassem por base os trabalhos de Codazzi, mas que também se consultaram os de Caldas, Humboldt, Talledo, Bauzá, etc.» [aqui Sánchez cita da introdução ao *Atlas*]. Em outras palavras, o presidente deu a ordem de dar um passo atrás na obra de confrontação e revisão que Codazzi tinha efetuado sobre as posições astronômicas, altitudes e outros detalhes calculados por aqueles predecessores seus.²⁰⁸

Este exercício de comparação entre seus mapas e os oficiais —não era mais uma forma de dizer «meus mapas são melhores»?— pode acompanhar-se nas figuras 291 [293] e 292 [294], 293 [295] e [296], 298 [300] e 299 [301], 303 [305] e 304 [306], 306 [308], 307 [309], 315 [320] e 327 [331] (o autor convida também a comparar com o mapa oficial as f. 323 [327], 329 [333] e 325 [337], mas sem fornecer ele mesmo, como nas anteriores, uma cópia feita por ele mesmo para efetuar-la). Qualquer leitor, mesmo que desprevenido, vai poder perceber que existem grandes diferenças entre umas e outras. Note-se que Vergara, para poder mostrar estas comparações, necessita colocar ambos mapas na mesma projeção e na mesma escala, isto é, para dá-lhes «consistência ótica».

²⁰⁸ «Pero la gran paradoja, o mejor, la mayor de las paradojas de la Comisión Corográfica, es que al menos una parte, quizás una gran parte, de ese acervo reunido con tanto esfuerzo a lo largo de nueve años quedó vedado a las generaciones posteriores de cartógrafos y a los constructores de caminos y de vías férreas para los cuales era tan esencial. Debido a los cambios en la configuración de la política de la nación, pero principalmente a la oposición del propio Codazzi, quien sin duda tenía sus razones válidas, los mapas de las provincias nunca se publicaron, y la carta y el atlas que finalmente vieron la luz fueron los producidos por Manuel Ponce de León y Manuel María Paz. La carta fue el mapa oficial de Colombia hasta 1890, cuando Paz publicó en París el “Mapa de la República de Colombia” basado en el de 1865 y vigente hasta la aparición de la carta de la Oficina de Longitudes de 1931. El trazado del mapa de 1865 fue supervisado celoso y estrechamente por el propio presidente de la República, el general Tomás Cipriano de Mosquera. Mosquera, además de sus propias modificaciones, según el testimonio de Ponce de León, “ordenó que no solamente se tomasen por base los trabajos de Codazzi, sino que también se consultaran los trabajos de Caldas, Humboldt, Talledo, Bauzá, etc.”. En otras palabras, el presidente dió la orden de dar un paso atrás en la obra de confrontación y revisión que Codazzi había efectuado sobre las posiciones astronómicas, altitudes y otros detalles calculados por aquellos predecesores suyos». Sánchez, *Gobierno Y Geografía. Agustín Codazzi Y La Comisión Corográfica de La Nueva Granada*, 510–511.

Simons

Dois destes exercícios são reservados também por Vergara para o engenheiro inglês F. A. A. Simons, autor de dois conhecidos mapas «Map of Sierra Nevada de Santa Marta» (1881)²⁰⁹ e «Goajira Peninsula» (1885),²¹⁰ ambos publicados pela Sociedade Geográfica de Londres.

São estes os mapas «La comarca de Ayapel» (f. 317 [321]) e «Las diramaciones del Sinú central» (f. 321 [325]). O primeiro declara seguir a «Carta oficial», mas desta vez não as de Ponce e Paz, mas cita como fonte a Simons, assim como o segundo declara ter sido feito «segundo Simonds [sic] e outros documentos, compare-se com a carta de Ponce de León (oficial)». O quebra-cabeça fica resolvido com uma citação dum escrito de imprensa de Vergara y Velasco:

«No ano de 1881 publicou o senhor J. A. A. Simons, da real Sociedade geográfica de Londres, um notável plano da Serra Nevada de Santa Marta e sua vizinha La Pintada, trabalho justamente elogiado pelos inteligentes. Com este motivo celebrou o Governo nacional contrato, com o senhor Simons, com o fim que este engenheiro levantasse os mapas de Bolívar e Magdalena que a morte impediu de fazer ao eminentíssimo geógrafo Codazzi. Estes mapas foram concluídos em 1887 e recebidos e bem achados pelo Governo nacional em 1888: deles tomei copia com permissão do Governo para enviar a Reclus, Vivien Saint Martin e outros geógrafos estrangeiros.»²¹¹

Assim, existem *outros* mapas de Simons, que chegaram a ser oficiais, e que são os que Vergara utiliza na sua *Geografia*. Chama a atenção a enorme diferença entre o mapa de Vergara «Comarca de Ayapel» e o correspondente de Simons, que acabava de explorar a região. Vergara considera que, desde Bogotá, utilizando os seus documentos e as suas técnicas, ele ainda consegue fazer um mapa melhor do que o do explorador oficial. Veja-se a sua opinião sobre os mapas deste autor, que explicariam as discrepâncias entre os dois mapas:

Por lo que hace á las coordenadas de Bolívar y el Magdalena, resultantes de los trabajos de Simons, si bien es cierto que pueden deducirse de las cartas con 20" de aproximación, hemos preferido tomarlas de los cuadros trabajados por el autor, aun que no comprenden sino grados y minutos, ó sea dejan para cada punto un círculo de incertidumbre de unos 1,850 ms. de radio. Como no conocemos los elementos de los cálculos de Simons, ni sabemos qué instrumentos empleó en sus trabajos, nada podemos decir sobre su valía, aun cuando sí nos parece que cualesquiera que fueran los resultados de sus observaciones, se amoldaron á posteriori á las cartas inglesas del litoral. Además, la porción fronteriza de los dos Departamentos no se corresponde, ni mucho menos, pues en el dibujo se encuentran diferencias, ó sea errores de hasta tres leguas, lo que hace imposible compaginar tanto dichas cartas como las coordenadas de los cuadros citados, que naturalmente adolecen del mismo defecto; y errores de 10' en cálculos de longitudes ó latitudes, son inaceptables en la actualidad. (NGC, p. 7 do Apêndice)

²⁰⁹ Disponível no site do Instituto Iberoamericano de Berlim <http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733855156/1/LOG_0000/>

²¹⁰ Idem <http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN73384023X/1/LOG_0000/>

²¹¹ «Límites con Venezuela», s.d. [1892], AGN-FJVV, t. 2, f. 19.

Então, Vergara prefere não tomar os dados do mapa, mas sim das tabelas trabalhadas pelo mesmo autor, às que ele teve acesso como revela o artigo de jornal citado. Simons, aliás, na análise de Vergara, acomodou seus resultados *a posteriori* segundo as cartas inglesas. Segundo Vergara, finalmente, os pontos do mapa de Simons não se correspondem com as tabelas deste mesmo cartógrafo...

Em mais um mapa Vergara convida a comparar os seus com os anteriores «La Ciénaga de Santa Marta» (295 [297]), «segundo as cartas marinhas». É verdade que para o litoral colombiano as melhores cartas de que dispunha Vergara eram as da marinha espanhola e a inglesa, que tinham cartografado os litorais do país desde o século XVIII. No entanto, na cartografia da época ainda predominava uma imagem antiga desta *ciénaga*, diferente à de Vergara, mais parecida com a atual.

Figura 10: A *ciénaga* segundo os mapas ingleses

<http://www.banrepcultural.org/node/97293/zoomify>

Figura 11: Segundo Simons (Sierra Nevada)

http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733855156/1/LOG_0000/

Figura 12: Segundo o IGAC-2012

http://geoportal.igac.gov.co/mapas_de_colombia/igac/mps_fisicos_deptales/2012/Magdalenena.pdf

Hettner

O alemão Hettner é mencionado em quatro mapas desta coleção: «Corte geológico del Salto de Tequendama» (f. 89 [91]), «La comarca del Chicamocha» (f. 239 [241]), «El Norte de Santander» (f. 310 [312]) e «La comarca del Cocuy» (f. 322 [326]). Vergara sente por estes trabalhos uma maior confiança, pois não convida a compará-los com mapas seus próprios, e inclusive, o segundo deles leva a legenda «Segundo Hettner e a Nova Geografia da Colômbia», indicando o autor considerar este uma espécie de «trabalho de equipe». O perfil geológico, pela sua parte, aparece algo modificado com respeito a seu original: Hettner utiliza seis convenções, enquanto que Vergara apenas usa quatro, e também não as aplica da mesma forma. Ambos mapas, em tudo caso, desde meu ponto de vista, são difíceis de serem lidos.

O Croquis geológico de la Sabana (96 [98]), embora não cite a fonte, é evidente que se trata também de Hettner (tal vez tão evidente que Vergara achou desnecessária a citação?). De fato, apesar de não contar com a escala de doze cores(!), apenas com traços, pontos e «vv», Vergara tenta acompanhar

de perto o mapa do alemão. A diferencia conceitual entre os dois autores, como sabemos, não radica na diferenciação dos diferentes tipos de solo da Cordilheira, que Vergara elogia, mas no agrupamento de boa parte deles dentro do cretácico. Tal vez por este motivo Vergara decidiu que o seu mapa era suficientemente distinto como para ir sem a indicação do autor.

Outros

A continuação faremos alguns comentários pontuais acerca de alguns mapas escolhidos desta coleção.

A figura 1 «A posição da Colômbia na América do Sul» corresponde à explicação de Vergara, no começo da obra, acerca da «posição e limites» do país. O enquadramento do mapa chama a atenção por ir até o território das Guianas ao leste e ao sul até os cinco graus ao sul da linha do equador. A principal característica deste mapa é o fato de *não* apresentar explicitamente as fronteiras do país. É possível fazer deduções, usando informação contextual, com base na ênfase com que certos rios são marcados ou a partir da localização de certos pontos (como San Antonio e outros sem indicação de nome), mas trata-se sem dúvida duma omissão singular, principalmente se se tem em conta que no mesmo mapa aparecem linhas ponteadas indicando os limites entre o Equador e o Peru assim como parte da fronteira entre a Venezuela e o Brasil. Aparece, em câmbio, ocupando quase todo o quadrante inferior direito do mapa, um *inset* dedicado ao istmo de Panamá, mostrando a famosa ferrovia interoceânica.

Nesta seção da obra, Vergara, aliás, declara «não levar em consideração o território da Mosquitia», formalmente parte do vice-reino da Nova Granada desde 1803, no entanto afastado demais e reivindicado não só pela Nicarágua, mas também pelos ingleses, mas em tudo caso origem da (fraca) soberania da Colômbia sobre o arquipélago de San Andrés no mar Caribe.

Podemos já dizer que um dos grandes ausentes de toda obra é este conjunto de ilhas, que não aparece nos mapas de Vergara —o que também poderia ser feito utilizando o recurso do *inset*— e que recebe apenas uma lacônica menção em todo o texto —nem sequer no capítulo dedicado à «Geografia militar» do país, e isto se tratando aliás de um autor com uma conhecida obra publicada sobre esta parte do país.²¹² Na *Nova Geografia*, a única alusão ao respeito diz assim:

Doscientos kilómetros al N. de la costa de Chiriquí posee Colombia, en pleno mar Caribe, el Archipiélago de San Andrés (San Andrés, Santa Catalina, Providencia y numerosos cayos é islotes), importante por su posición estratégica y sus productos, y en el cual solo se habla inglés, por obra de nuestra incuria. Este archipiélago será prenda de gran valor el día en que la República posea marina de guerra.

²¹² Vergara y Velasco, *El Archipiélago de San Andrés (las Islas de San Andrés Y Providencia)*.

É para mim verdadeiramente estranho e difícil de entender esse abandono de Vergara com respeito a este arquipélago, e por enquanto não tenho uma explicação.

A figura 6 «Bogotá, como centro del país», como já sabemos, não é exatamente um elogio (é quase que um mapa irônico). O que quer dizer o mapa é que Bogotá fica *igualmente longe* tanto de Panamá quanto da Amazônia, do Caribe e de Pasto.

Na figura 11 «Zonas completamente conocidas y tierras apenas exploradas ()» Vergara revela parte do seu método: nele aparece marcado um conjunto de linhas pretas indicando «grandes traços topográficos», a partir dos quais forma-se uma «rede de triangulação» que serve de base para o mapa do país.

Neste mesmo mapa aparece, abrangendo uma boa parte da região oriental do país, a legenda «Zona inexplorada», que necessariamente, remete-nos às incertezas do clássico «terra incógnita» que começou a aparecer nos mapas europeus de começo do século XV (particularmente no do cardeal Fillastre).²¹³

A figura 19 «Diagrama de la distribución del territorio patrio entre los departamentos» mostra que só um deles, o Cauca, constituía quase a metade do país. Não seria esta desproporção fonte de instabilidades?

As figuras 44, «Diagrama comparativo de las áreas de los climas colombianos», e 45 «Diagrama comparativo de las áreas del relieve colombiano», assim como a 81 «Curva hipsográfica de Colombia», mostram um fato gritante: a grande parte do país é «*llanura*» e «*tierra caliente*». (Igualmente as figuras 144 [146], 145 [147], 146 [148]).

Apesar de que os páramos, estes importantes ecossistemas das altitudes colombianas (fortemente associados à produção das águas), não recebem tratamento por separado no texto da *Nova Geografia da Colômbia*, eles são sim enfaticamente tratados na cartografia da mesma (f. 53, 54, 57, 60, 64 e 66). No livro de mapas dos páramos elaborado pelo Instituto Humboldt, que é o encarregado do tema no país, colocam como antecedente da cartografia destas áreas o trabalho de T. Espinel y E. Montenegro de 1963 *Formaciones Vegetales de Colombia*.²¹⁴

A figura 82 «Los gigantes nevados del suelo colombiano» corresponde a outro estilo de representação, conhecido como «perspectiva ideal». Aqui um exemplo do citado *Atlas Berghauss*:

²¹³ Toby Lester, *The Fourth Part of the World: The Race to the Ends of the Earth, and the Epic Story of the Map That Gave America Its Name*, 1st Free Press hardcover ed (New York: Free Press, 2009), 171.

²¹⁴ Carlos Enrique Sarmiento Pinzón et al., *Aportes a La Conservación Estratégica de Los Páramos de Colombia: Actualización de La Cartografía de Los Complejos de Páramo a Escala 1:100.000* (Bogotá: Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible - Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, 2012), 37.

Figura 13: O Chimborazo no Atlas de Berghauss - 1892

A «Carta hidrográfica del Alto Chocó» (f. 119 [121]) e «El Istmo de San Pablo» (120 [122]), correspondem, embora seja difícil acreditar, a projetos de comunicação transoceânica. Segundo uma velha lenda animada por Humboldt, Vergara é um entusiasta da possibilidade de conectar o rio Atrato, que desemboca no Caribe, com o San Juan, que faz o próprio no Pacífico, através de um canal (o canal de Raspadura) supostamente aberto por um padre no século XVIII sobre uma lombada no ponto em que estes rios quase se tocam, e que seria adaptável para a navegação comercial.²¹⁵

A figura 149 [151] «Diagrama del escalonamiento altimétrico de la flora colombiana» remete a uma das imagens centrais da história da cartografia no país: as níveis de plantas de Humboldt e Caldas. Jorge Cañizares-Esguerra²¹⁶ e Maurício Nieto²¹⁷ tem debatido acerca do problema da prioridade do conceito entre esses dois geógrafos. Cañizares afirma que Caldas influenciou no

²¹⁵ Elaborei um pequeno mapa das controvérsias acerca deste canal, disponível em: <http://sites.google.com/site/cronocontroversiaraspadura>

²¹⁶ Jorge Cañizares-Esguerra, *Nature, Empire, And Nation: Explorations of the History of Science in the Iberian World*, 1st ed. (Stanford University Press, 2006), 113 et seq.

pensamento de Humboldt, sem chegar a atribuir completamente a prioridade da «geografia das plantas» ao novo-granadino. Nieto afirma que a discussão de Cañizares conduz a um debate sobre a propriedade individual das descobertas, que ele enfatiza no seu livro como um assunto coletivo e de comunicação. Nesse sentido, para ele, as diferenças entre Humboldt e Caldas não são conceituais, mas práticas, relativas à capacidade de comunicar.

²¹⁷ Mauricio Nieto Olarte, *Orden Natural Y Orden Social: Ciencia Y Política En El Semanario Del Nuevo Reyno de Granada* (Bogotá D.C: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales-CESO, Departamento de Historia, 2009), 217 et seq.

CONCLUSÃO

Iniciamos o nosso percurso pelo «país fragmentado» e a «sociedade dividida» com a geografia como obstáculo; repassamos os mitos históricos impostos ao país pela nação andina; identificamos o discurso excludente por parte da historiografia e a consagração por parte desta de uma «topologia moral» oposta à realidade do país; conhecemos o «anverso da nação», aquelas «terras de ninguém» que até hoje formam parte da ordem nacional de maneira eminentemente subalterna e violenta; descobrimos a «definição negativa» da nação instaurada pelo regime da Regeneração, e notamos como esta definição foi estendida à maior parte do território e a seus habitantes; revisamos o «poder da gramática» e lançamos o conceito de «negligência territorial» (relativa ao Estado), que caracterizaria à Colômbia apesar da existência de uma abundante produção de obras de geografia no período.

Posteriormente, em um jogo de contrastes, examinamos, da mão do professor Robert Moraes, o processo de formação territorial do Brasil, constatando desconhecidas diferenças entre um país e o outro: por um lado, o que acabamos de ver; e, pelo outro, um Estado territorial, umas elites que pactam em função da gestão do espaço e que mobilizam o povo com esse fim e, em conjunto, uma cultura de valorização dos fundos territoriais e de conquista e avanço para o interior.

Precisamos então iniciar uma exploração em procura de conceitos que nos permitissem, sem abrir mão dos conceitos clássicos da geopolítica, redefinir-los suficientemente para conseguir uma maior margem de ação ao encarar o estudo de um país que não se adapta à narração do Estado-nação territorial que dá (mais ou menos) certo. Procuramos nesse sentido des-essencializar o Estado definir o território como um tipo de rede ou como uma ordem híbrida que se descobre ao estudar a espacialidade daquele (do Estado), em relação com outras formas de espacialidade, iniciando desta forma uma procura pela *ensamblagem* da nação.

À continuação passamos a escutar a nosso autor, Vergara y Velasco. Percebemos à sua preocupação com a instabilidade institucional do país, refletida nas suas constantes mudanças de nome e de constituição. Vimos a sua fome de documentação e de erudição, assim como seu espírito crítico, no sentido positivista da consagração da comparação documental como metodologia científica. Vimos a Vergara muito próximo dos autores europeus, mas também independente, e, de novo, crítico. Ao come-

ço ele parecia estar indo pelo caminho tradicional, consagrado pela Regeneração, da raça branca que encontra nas montanhas andinas um efeito corretor do ardor equatorial e procurar ali criar uma civilização latina, católica e hispânica —mas aos poucos fomos percebendo que não se tratava exatamente disso. Vimos a Vergara no seu centro de cálculo tecendo canhamações e abrindo-se caminho no meio de um oceano de inscrições heterogêneas e dissimiles. No começo, pede a Deus proteger o país da imigração, mas aos poucos fomos percebendo que o livro em boa parte está dirigido à Europa com o objetivo de atrair «braços e capitais» apresentando ao «mundo», inclusive através de lâminas, as «vantagens e desvantagens» do país —mas, de maneira surpreendente, não com o fim de colonizar as zonas altas como queria Reclus, mas as baixas e quentes.

Assistimos a Vergara propor e defender as suas teorias orográficas desafiando o status quo das famosas «três cordilheiras» de Humboldt e do povo, e assistimos a seus múltiplos sistemas de regionalização do país. Vimos a Vergara afundar o país cada mil metros, não para definir «ilhas de civilização», como alguns querem acreditar, mas para demonstrar —de maneira convincente desde meu ponto de vista— a sua concepção da orografia da parte montanhosa do país como composto de duas grandes mesas e não de três cordilheiras.

Passamos aos *llanos*, onde, segundo Vergara, contra todas as ideologias correntes no país e em parte no estrangeiro, ele propõe construir a civilização nacional, neutralizando de passagem qualquer acusação que se possa fazer a ele de determinismo geográfico. Assistimos a Vergara definir a Colômbia como uma «comarca de transição» e de enlace entre as duas Américas, desde o ponto de vista histórico, orográfico, geológico, da fauna e da flora.

Exploramos a importância outorgada por ele à geologia como base da agricultura, o desenvolvimento demográfico e a geração de riqueza. Vimos ele discutir com criatividade e sem renunciar a seu critério com os grandes geólogos da época —o que não era nada fácil dadas as distâncias de todo tipo—, e sustentar geologicamente também a sua concepção das cordilheiras como sendo duas e não três.

Vimos a Vergara aplicando as teorias de Ritter acerca do comportamento dos rios com relação à orografia, que são fundamentais para Vergara na hora de planificar as comunicações fluviais do país em um sentido nacional, a partir dos rios que nascem em um mesmo privilegiado ponto no sul montanhoso do país e que conduzem para as suas três vertentes hidrográficas. Assistimos a Vergara demonstrar que a maior parte da Colômbia é zona tórrida, considerar como uma fatalidade o fato de ter-se fundado a capital em «terra fria» e lamentar o fato de não existir «uma cidade» (ou seja, uma *capital*) nas proximidades das fontes do rio Magdalena, naquele mesmo ponto em que nascem os rios, o maciço colombiano, «centro geográfico indisputável» do país. Os mestiços e negros, para Vergara, seriam a esperança da pátria, não o seu obstáculo nem a sua negação. Quando eles vencerem os in-

convenientes das zonas baixas, o país sustentará um *povo* «dos mais opulentos». Assistimos a Vergara y Velasco regionalizar e sub-regionalizar o país, segundo como princípio fundamental o de «subdividir sem roubar os enlaces».

Vimos a nosso autor definir território como o «cimento e o habitáculo do povo Colombiano», isto é, como uma categoria essencialmente política. Assistimos a Vergara procurando o porvir, tentando convencer ao país e a quem quisesse escutá-lo (mas quem escutava a Vergara?) de que uma «civilização digna desse nome e de longa duração» nunca surgiu nas montanhas, assim como nenhum povo montanhês tem conseguido transformar-se em um grande Estado.

Para Vergara, a diversidade do país —para usar um termo moderno—, a sua complexidade, elogiada pelos europeus, tem sido uma das causas do seu atraso, mas, com aquele seu otimismo, considera que a lentitude do processo causada por aquela circunstância é apenas inicial, e, que depois de alçar o voo, o progresso do país atingirá «resultados de tal magnitude, que a imaginação, deslumbrada, não pode calcular».

Entre a longa lista de inconvenientes do país não se contra o povo, mas sim a «falta de solidariedade entre seus habitantes». Vergara não vê o povo como uma essência —negativa—, mas apenas dotado de uma característica que poderia transformar-se.

Logo assistimos à sua análise geopolítica do país: a chegada ao mesmo tempo, por três frentes distintas, de três conquistadores diferentes ao altiplano de Bogotá, e a fundação neste lugar do centro administrativo do país, configurou uma espécie «pecado original territorial» —na minha expressão— ou «erro inicial», que impediu efetivamente que este centro atendesse as necessidades administrativas que lhe impunha cada uma das suas três frentes históricas. Para Vergara, este erro explica boa parte da instabilidade do país e da debilidade do Estado central. Como vimos, Vergara considera que o centro administrativo da Colômbia deveria ficar no maciço colombiano, nas montanhas do sul, montanhas, sim, mas desde as quais, aproveitando os rios que aqui nascem em todas direções, seria possível comunicar-se mais efetivamente e equilibrar as relações entre a administração central e as exigências da formação territorial.

Acerca do clima, vimos a Vergara declarar a este conveniente para os estrangeiros em toda a amplitude do país, mas também declarar que a colonização das montanhas pela migração «é uma ilusão». O futuro para ele encontra-se nos climas tropicais, cujas dificuldades poderiam superar-se através da higiene.

Acerca do regime de propriedade, assistimos a Vergara declarar o latifúndio como um dos principais males do país, incriminar os proprietários pelo seu ausentismo, pelo seu desinteresse pelo desenvolvimento de tecnologias agrícolas, e pela sua constante tendência aos enfrentamentos políticos, aos

que acabam arrastando ao povo, mobilizando-o para a guerra como carne de canhão. Vimos a Vergara exaltar nesse sentido a pequena propriedade como fonte de paz e de resistência contra os impulsos bélicos dos «*gamonales* de província».

Assistimos a Vergara descrever o lamentável estado material do país e constatar que este não tinha avançado, mas sim retrocedido neste aspecto com respeito à época da colônia, chegando até o ponto de renegar da «Independência» e as suas consequências. Assistimos a Vergara dividir o povo colombiano em uma massa que «sofre e cala», por um lado, e uma minoria com a mente no estrangeiro, obcecada com questões teóricas e especulativas, principalmente políticas, que em lugar de conhecer e administrar o país que pretendem dirigir, perturbam a sua marcha.

Finalmente, vimos a Vergara desejar ter tido a sorte do Brasil, cujo caminho monárquico poupou-lhe de «um século de guerras intestinas».

Todos estes elementos, uma e outra vez, mostram a Vergara como um pensador original, um pesquisador crítico e criativo, que elaborou uma proposta para o país radicalmente oposta às ideologias que então se toravam hegemônicas—e que o seguiriam sendo durante muito tempo, ecoando até hoje.

Todos estes elementos explicam que Vergara continue sendo um grande desconhecido, e quando não, um incompreendido, pois as poucas menções ou comentários superficiais que sobre a sua obra se fazem atribuem-lhe as ideias de «ilhas andinas de civilização» que ele não tinha, e que ele de fato combatia na sua *Geografia*. Este trabalho demonstra uma e outra vez que o pensamento de Vergara não se encaixava nas ideologias geográficas dominantes no país, e considera esta a causa da sua relegação a um segundo plano, tanto em vida como postumamente: a valorização da mestiçagem, a valorização das terras «outras» ou excluídas como a base e o futuro da nacionalidade, e não como o seu contrário ou a sua negação, assim como a sua crítica ao sistema produtivo —sobretudo ao sistema de propriedade da terra, que fortalece ao *gamonalismo*, que vai contra a nacionalidade, em termos principalmente de coordenação nacional da gestão territorial.

Na Colômbia pode ter existido uma enorme produção discursiva popular e especializada com conteúdo geográfico, que contrasta com a nossa história de negligência territorial, um desinteresse que fica muito mais claro ao compará-lo com o Brasil. Vergara é a um mesmo tempo um *insider* e um *outsider*: ele faz parte da burocracia estatal —é inclusive amigo dos presidentes gramáticos—, o que lhe permite uma certa movimentação, no entanto, *a sua geografia não vai ser verdadeiramente apoiada porque não podia sê-lo*, porque seu conteúdo era contrário ao conteúdo nacional da Regeneração. Vergara, a pesar de compartilhar e dar continuidade a muitos dos elementos característicos desta tendência política, possui particularidades suficientemente fortes como para que seu discurso possa ser

considerado fora de lugar —e até perigoso: é inconveniente porque questiona abertamente os pontos centrais da ideologia geográfica nacional dominante. A geografia de Vergara não nega as terras frias nem os seus habitantes, mas focaliza ali o porvir da nação.

Vergara está marcado pela dualidade produção geográfica/negligencia territorial, que também define o país. Ele consegue até certo ponto desenvolver a sua atividade, mas acaba chocando com estruturas muito fortes. Todas as edições da sua geografia foram publicadas mais como triunfos de Vergara em conjunturas favoráveis (particularmente graças ao apoio de Antonio Cuervo, as primeiras, e depois do golpe de Estado de 1900 a edição definitiva), pois o seu discurso e a sua proposta não se correspondiam com a ideologia que venho chamando de andinocêntrica, baseada na exclusão, e que de maneira muito esperável, lógica e patente, tem nos mantido em constante tensão.

Como se pode construir nação, com uma ideologia geográfica como essa? Apenas com violência, a que nos há caracterizado historicamente. Vergara faz uma defesa das terras baixas como salubres, domesticáveis a partir da higiene, rasgo que não é comum nas ideologias de estabelecimento de fronteiras internas e de exclusão da ideia de nação das partes quentes do país. Pelo contrario, o que chama a atenção de Vergara é que ele considera esses vales, litorais e *llanuras* o lugar da nacionalidade. Os anos posteriores à publicação da *Nova Geografia da Colômbia* irão ser de intensa atividade e produtividade para Vergara, destacando-se seu *Atlas completo de geografia colombiana*,²¹⁸ começado a publicar em 1906.

Rafaél Reyes, que assume o governo em 1904, parece a materialização do pensamento de Vergara: um homem católico branco das montanhas andinas, que encara a selva a pé e com machado na mão, na procura de capital e de progresso para o país, que «redescobre» o rio Putumayo, afluente do Amazonas, e abre a navegação a vapor por este rio quase até as montanhas andinas do sul do país — perto do maciço colombiano—, que defende as fronteiras amazônicas do avanço dos países vizinhos, que se identifica com o Brasil no interesse pelo conhecimento e gestão destas terras, que abre o comércio da Colômbia através deste país —incluindo no processo mais de um encontro com Don Pedro II—, que luta em mais de uma ocasião pela manutenção do istmo de Panamá, e que como presidente, percorre o país e tenta adiantar uma profunda reforma das suas divisões territoriais administrativas, sendo obrigado (por isto?) a afastar-se do cargo e a ver toda a sua obra apagada de uma caneta-da. O *Atlas* citado possui na frente uma calorosa dedicatória dirigida a este presidente:

Ao excelentíssimo general Rafael Reyes

Um nome se impunha ao frente deste incorreto trabalho, que não tem outro mérito senão o de

²¹⁸ Francisco Javier Vergara y Velasco, *Atlas Completo de Geografía Colombiana* (Bogotá: Imprenta Eléctrica, 1906), http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user/dewey/912.86_v37v35a.pdf.

ser uma obra essencialmente nacional. E esse nome é o vosso, por quanto desejava corresponder de algum modo às sinceras mostras de estimação que tenho recebido de vós e que constituem para mim uma dívida inextinguível de gratidão.

No entanto, no mesmo *Atlas* Vergara declara, em lugar visível, que a sua obra não tinha recebido subvenção nem auxílio nenhum por parte do Erário público.

Ao mesmo tempo, com a sua *Nova carta geográfica da Colômbia*, publicada em 1906 e 1908, Vergara pretendia registrar as modificações territoriais promovidas por Reyes. No entanto, apesar da sua afinidade ideológicas com o Presidente, e principalmente apesar de todos os seus esforços neste sentido, Vergara não vai conseguir tornar os seus mapas a imagem da nação. Por quê?

A futuro, desejamos continuar aprofundando na exploração destas questões.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO CITADAS

- Acevedo Latorre, Eduardo. "Las Ciencias En Colombia: Geografía – Cartografía." In *Historia Extensa de Colombia*, XXIV:16–284. Bogotá: Academia Colombiana de Historia — Ediciones Lerner, 1974.
- Acosta, Joaquin. "Introduccion." In *Viajes Científicos a Los Andes Ecuatoriales*, by Jean Baptiste Boussingault, III – XXI. translated by Joaquin Acosta. Paris: Libreria Castellana, 1849.
- Agnew, John A. *Making Political Geography*. Human Geography in the Making. London : New York: Arnold ; Distributed in the United States of America by Oxford University Press, 2002.
- Andrade S., Francisco. *Demarcación de Las Fronteras de Colombia*. Vol. XII. XXIV vols. Historia Extensa de Colombia. Bogotá: Academia Colombiana de Historia - Ediciones Lerner, 1965.
- André, Édouard. "L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)." *Le Tour Du Monde* 34, 35, 37, 38, 45 (1877-1878-1879-1879 1883): 1–64, 129–224, 97–144, 273–368, 337–416. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34438b/f4>.
- . "Voyage Dans l'Amérique Du Sud." *Bulletin de La Société de Géographie*, no. XVIII (1879): 209–31.
- Beckinsale, Robert P., and Richard J. Chorley. *The History of the Study of Landforms or the Development of Geomorphology*. Vol. 3: Historical and Regional Geomorphology 1890–1950. Londond and New York: Routledge, 1991.
- Bergquist, Charles W. *Coffee and Conflict in Colombia, 1886-1910*. Durham, N.C: Duke University Press, 1978.
- Betancourt Mendieta, Alexander. *Historia Y Nación. Tentativas de La Escritura de La Historia En Colombia*. Medellín: La Carreta Editores E.U. - Universidad Autónoma San Luis Potosí, 2007.
- Blanco Barros, José Agustín. *El General Francisco Javier Vergara Y Velasco Y Sus Obras*. Bogotá: Academia Colombiana de Historia, 2006.
- . "La Primera División Regional de Colombia," n.d. www.sogeocol.edu.co/documentos/02prim.pdf.
- Bloor, David. "Anti-Latour." *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 81–112. doi:10.1016/S0039-3681(98)00038-7.
- . "Reply to Bruno Latour." *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 131–36. doi:10.1016/S0039-3681(98)00040-5.
- Brisson, Jorge. *Casanare. Edición Oficial (Admnistración M. A. Caro). Revisada Y Corregida Por El Coronel F. J. Vergara Y Velasco*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1896. <http://resolver.iai.spk-berlin.de/IAI00004B0300000000>.
- Brissón, Jorge. *Exploracion en el alto Chocó. Edición Oficial (Admnistración M. A. Caro). Revisada y corregida por el Coronel F. J. Vergara y Velasco*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1895. <http://archive.org/details/exploracionenela00bris>.

- Bushnell, David. *Una Nación a Pesar de Sí Misma Bogotá*. Bogotá: Ed. Planeta, 1996.
- Cañizares-Esguerra, Jorge. *Nature, Empire, And Nation: Explorations of the History of Science in the Iberian World*. 1st ed. Stanford University Press, 2006.
- "Chávez Advierte a Uribe Que 'juega Con Fuego' Y Amenaza Con Reclamar La Guajira En Noticias24.com," May 14, 2008.
<http://www.noticias24.com/actualidad/noticia/14189/chavez-advier-te-a-uri-be-que-juega-con-fuego-y-amenaza-con-reclamar-la-guajira/>.
- Crevaux, Jules. "De Cayenne Aux Andes." *Le Tour Du Monde* 41 (1881): 113–76.
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34414b/f116>.
- Crevaux, Jules, and Eugène Lejanne. "Voyage D'exploration à Travers La Nouvelle-Grenade et Le Venezuela (rios Magdalena, de Lesseps Ou Guaviere, Orinoco)." *Le Tour Du Monde* 43 (1882): 225–320. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k344161/f228.image>.
- Cubides, Fernando. "Representaciones Del Territorio, de La Nación Y de La Sociedad En El Pensamiento Colombiano Del Siglo XIX: Cartografía E Geografía." In *Miguel Antonio Caro Y La Cultura de Su época*, edited by Rubén Sierra Mejía, 319–43. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Sede Bogotá, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Filosofía, 2002.
- Cuervo, Antonio Basilio. *Colección de documentos inéditos sobre la geografía y la historia de Colombia recopilados por Antonio B. Cuervo durante su permanencia en España como Ministro de la República y en el país como Ministro de Gobierno, y publicados por orden del Gobierno Nacional*. Vol. 1. Costa Atlántica (1891) — Vol. 2. Costa Pacífica, provincias litorales y campañas de los conquistadores (1892) — Vol. 3. La Hoya del Orinoco durante la colonia (1893) — Vol. 4. Casanare y el Caquetá durante la colonia (1894)) vols. Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea Hermanos, 1891.
<http://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/83>.
- Dantas, Monica Duarte, and Antonio Carlos Robert Moraes, eds. "Nação E Território: Ideologias Geográficas Na Formação Histórica Do Brasil." In *Fórum Rumos Da Cidadania Campos de Jordão, São Paulo, 2009*, 59–70. São Paulo: Instituto Prometheus de Estudos Ambientais, Culturais e Políticos, 2010.
- Deas, Malcolm. *Del Poder Y La Gramática: Y Otros Ensayos Sobre Historia, Política Y Literatura Colombianas*. Bogotá: Taurus, 2006.
- del Castillo, Lina. "Educating the Nation." In *Mapping Latin America: A Cartographic Reader*, edited by Jordana Dym and Karl Offen, 193–97. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2011.
- Denis, Ferdinand Jean. *Brésil*. Paris: Didot, 1837.
<http://www.manioc.org/patrimon/GAD11044>.
- Díaz Angel, Sebastián, Mauricio Nieto Olarte, and Santiago Muñoz Arbeláez. *Ensamblando La Nación: Cartografía Y Política En La Historia de Colombia*. 1a. ed. Bicentenario de Una Nación En El Mundo. Bogotá, D.C., Colombia: Universidad de Los Andes : Banco de la República, 2010.
<http://issuu.com/razoncartografica/docs/ensamblandolanacion.catalogo>.
- Dolwick, J. S. "'The Social' and Beyond: Introducing Actor-Network Theory." *Journal of Maritime Archaeology* 4, no. 1 (2009): 21–49.
<http://www.springerlink.com/index/0J537M2362328336.pdf>.
- Famin, César. *Colombie et Guyanes*. Paris: Didot, 1837.

- <http://www.manioc.org/patrimon/GAD11044>.
- Ferretti, Federico. "Cartografia e educação popular." Translated by David Alejandro Ramírez Palacios. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 1 (November 5, 2012). doi:10.4000/terrabrasilis.164.
- . *Il Mondo Senza La Mappa. Élisée Reclus E I Geografi Anarchici*. Milano, 2007.
- Figueirôa, Silvia Fernanda Mendoça. "Um Exemplo de Aplicação Da Semiótica à História Da Ciência a Través de Análise de Fotografias de Expedições Científicas." *Quipu* 4, no. 3 (1987): 433–45.
- Gómez G., Lucella. "Cuervo, Antonio B." *Biografías - Biblioteca Virtual - Biblioteca Luis Ángel Arango*, n.d. <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/cueranto.htm>.
- Gould, Stephen Jay. *Time's Arrow, Time's Cycle: Myth and Metaphor in the Discovery of Geological Time*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1987.
- Harley, J. B. *La Nueva naturaleza de los mapas : ensayos sobre la historia de la cartografía*. Edited by Paul Laxton and J. H Andrews. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- . "Maps, Knowledge and Power." In *The Iconography of Landscape : Essays on the Symbolic Representation, Design, and Use of Past Environments*, edited by Denis E Cosgrove and Stephen Daniels, 277–312. Cambridge [England]; New York: Cambridge University Press, 1988.
- . *The New Nature of Maps : Essays in the History of Cartography*. Edited by Paul Laxton. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 2001.
- Hemming, John. *The Search for El Dorado*. London: Joseph, 1978.
- Herrera Ángel, Marta. "Las Ocho Láminas de Humboldt Sobre Colombia En Vistas de Las Cordilleras Y Monumentos de Los Pueblos Indígenas de América (1810)." *HiN - Revista Internacional de Estudios Humboldtianos* XI, no. 20 (2010). http://www.uni-potsdam.de/u/romanistik/humboldt/hin/hin20/inh_herrera.htm.
- . *Ordenar para controlar: ordenamiento espacial y control político en las llanuras del Caribe y en los Andes Centrales Neogranadinos, siglo XVIII*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia : Academia Colombiana de la Historia, 2002.
- Hettner, Alfred. *La Cordillera de Bogotá. Resultado de Viajes Y Estudios*. Translated by Ernesto Guhl. Bogotá: Banco de la República, 1966.
- . *Viajes Por Los Andes Colombianos (1882-1884)*. Translated by Heinrich Henk. Bogotá: Banco de la República, 1976.
- Humboldt, Alexander von. *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent: fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804 par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. Vol. 10. 13 vols. Paris: J. Smith & Gide, 1825.
- . *Vues Des Cordillères, et Monumens Des Peuples de l'Amérique*. 2 vols. Paris: F. Schoell, 1813. <http://digital.slub-dresden.de/id366802542>.
- Imhof, Eduard. *Cartographic Relief Presentation*. Redlands, California: ESRI Press, 2007.
- Jaramillo Uribe, Jaime. "Mestizaje Y Diferenciación Social En El Nuevo Reino de Granada En La Segunda Mitad Del Siglo XVIII." In *Ensayos Sobre Historia Social Colombiana*, by Jaime Jaramillo Uribe, 163–203. Bogotá: Universidad Nacional da Colombia, 1968.
- Latour, Bruno. "Cognição e visualização: Pensando com olhos e mãos." Translated by David Palacios. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 4 (February 13, 2015).

- doi:10.4000/terrabrasil.1308.
- . “For David Bloor... and Beyond: A Reply to David Bloor’s ‘Anti-Latour’.” *Studies in History and Philosophy of Science Part A* 30, no. 1 (March 1999): 113–29. doi:10.1016/S0039-3681(98)00039-9.
- . “La Cartographie Des Controverses.” *Technology Review*, 2007, 82–83. http://palimpsestes.fr/textes_divers/la_cartographie_des_controverses.htm.
- . *Reagregando o Social: Uma introducao à teoria do Ator-Rede*. Salvador, BA: EDUFBA, 2012.
- . *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.
- . “Visualisation and Cognition: Thinking with Eyes and Hands.” In *Knowledge and Society: Studies in the Sociology of Culture Past and Present*, edited by Henrika Kuklick and Elizabeth Long, 6:1–40. Greenwich, CT: Jai Press, 1986. <http://www.bruno-latour.fr/node/293>.
- Law, John, and Annemarie Mol. “Situating Technoscience: An Inquiry into Spatialities.” *Environment and Planning D: Society and Space* 19, no. 5 (2001): 609–21. doi:10.1068/d243t.
- Lemaitre, Eduardo. *Rafael Reyes: Biografía de Un Gran Colombiano*. 4th ed. Bogotá: Banco de la República, 1981.
- Lester, Toby. *The Fourth Part of the World: The Race to the Ends of the Earth, and the Epic Story of the Map That Gave America Its Name*. 1st Free Press hardcover ed. New York: Free Press, 2009.
- López de Mesa, Luis. “Angulo, Felipe.” *Biografías - Biblioteca Virtual - Biblioteca Luis Ángel Arango*, n.d. <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/biografias/angufeli.htm>.
- Malte-Brun, Conrad. *Géographie universelle de Malte-Brun*. Vol. 5. 6 vols. Paris: Gustave Barba, 1858. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6523080x>.
- Martínez, Frédéric. *El Nacionalismo Cosmopolita. La Referencia Europea En La Construcción Nacional En Colombia, 1845-1900*. Bogotá: Banco de la República - Instituto Francés de Estudios Andinos, 2001.
- . “En Busca Del Estado Importado: De Los Radicales a La Regeneración.” *Anuario Colombiano de Historia Social Y de La Cultura*, no. 23 (1996): 115–42.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. “A Afirmação Da Territorialidade Estatal No Brasil: Uma Introdução.” In *Questões Territoriais Na América Latina*, edited by Amália Inês Geraiges de Lemos, Maria Laura Silveira, and Mónica Arroyo. Coleção Edição E Distribuição Cooperativa. Por Uma Geografia Latino-Americana. São Paulo: CLACSO/FFLCH-USP, 2006.
- . “Formação Territorial E Políticas Ambientais No Brasil.” In *Patrimônio Ambiental Brasileiro*, edited by Wagner Costa Ribeiro, 79–87. São Paulo: Edusp - Imprensa Oficial, 2003.
- . *Ideologías Geográficas*. São Paulo: Editora Hucitec - Annablume, 2002.
- . *Território e história no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2008.
- . *Território Na Geografia de Milton Santos*. São Paulo: Annablume, 2013.
- . “Território, Poder E Justiça: Comentários a Partir Da Experiência Brasileira.” In *Força E Legitimidade: Novas Perspectivas?*, edited by Raquel Kritsch and Bernardo Ricupero, 113–29. São Paulo: Associação Editorial Humanitas : NADD-Núcleo de Apoio à

- Pesquisa sobre Democratização e Desenvolvimento-USP, 2005.
- Múnera, Alfonso. *El Fracaso de La Nación. Región Y Clase Y Raza En El Caribe Colombiano (1717-1810)*. Bogotá: Banco de la República - El Áncora Editores, 1998.
- Murdoch, Jonathan. "The Spaces of Actor-Network Theory." *Geoforum* 29, no. 4 (November 1998): 357–74. doi:10.1016/S0016-7185(98)00011-6.
- Nieto Olarte, Mauricio. *Orden Natural Y Orden Social: Ciencia Y Política En El Semanario Del Nuevo Reyno de Granada*. Bogotá D.C: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales-CESO, Departamento de Historia, 2009.
- November, Valérie, Eduardo Camacho-Hübner, and Bruno Latour. "Entrando em território arriscado." Translated by David Palacios. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 2 (June 21, 2013). doi:10.4000/terrabrasilis.903.
- "Obituary: Dr. Fritz Regel." *Geographical Review* 1, no. 6 (June 1, 1916): 465. <http://www.jstor.org/stable/207491>.
- Painter, Joe. "Territoire et Réseau: Une Fausse Dichotomie? = Territory and Network: A False Dichotomy?" In *Territoires, Territorialité, Territorisation: Controverses et Perspectives*, edited by Martin Vanier, 57–66. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009. <http://dro.dur.ac.uk/5276/1/5276.pdf?DDC52+DDD14+dgg0jmp>.
- . "Territory-Network." Chicago: Durham Research Online, 2006. <http://dro.dur.ac.uk/8537/1/8537.pdf>.
- Palacio, Germán, ed. *Naturaleza En Disputa. Ensayos de Historia Ambiental de Colombia. 1850-1995*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia - Icanh, 2001.
- Palacios, David Alejandro Ramírez. "Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção." Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2010. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06102010-093308/pt-br.php>.
- . "Historia de La Historiografía Sobre Francisco Vergara Y Velasco." *Memoria Y Sociedad. Revista Del Departamento de Historia Y Geografía - Universidad Javeriana*, no. Separata (November 2006): 16–19.
- . "Las Geografías de Reclus Y Vergara: Itinerario de Una Red." Monografía para optar al título de Historiador, Universidad Nacional de Colombia, 2006.
- Palacios, David Alejandro Ramírez, and Nara Fuentes Crispín. "'Reconstruyendo Paisajes Pretéritos'. Entrevista Al Doctor José Agustín Blanco Barros." *Memoria Y Sociedad. Revista Del Departamento de Historia Y Geografía - Universidad Javeriana*, no. Separata (November 2006): 5–15.
- Petro, Gustavo. "Vía @artesano Bogotá Y La Tierra de Los Nevados. Así Es Una Bogotá Sin Contaminación de Su Aire pic.twitter.com/h93T7odoUm." Microblog. @petrogustavo, January 2, 2015. <https://twitter.com/petrogustavo/status/551050777821982721>.
- Reclus, Élisée. *Colombia. Traducida Y Anotada Con Autorización Del Autor Por F. J. Vergara Y Velasco*. Translated by Francisco Javier Vergara y Velasco. Bogotá: Papelería de Samper Matiz, 1893.
- . *Nouvelle Géographie Universelle : La Terre et Les Hommes*. Vol. I - L'Europe Méridionale (Grèce, Turquie, Roumanie, Serbie, Italie, Espagne et Portugal). 19 vols. Paris: Hachette, 1876. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104966d>.
- . *Nouvelle Géographie Universelle : La Terre et Les Hommes*. Vol. XVIII – Les Régions

- Andines – Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Pérou, Bolivie et Chili. 19 vols. Paris: Hachette, 1893. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k315246>.
- . “Sobre relevos e mapas esféricos.” Translated by David Alejandro Ramírez Palacios. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, no. 1 (November 5, 2012). doi:10.4000/terrabrasilis.457.
- . *Voyage à La Sierra-Nevada de Sainte-Marthe; Paysages de La Nature Tropicale*, . Paris,: Hachette, 1861. <http://hollis.harvard.edu/?itemid=|library/m/aleph|006404205>.
- , Regel. “Kolumbien.” -, *Regel, Fritz: Kolumbien*, -: *Schall* -, 1899. http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733733964/81/LOG_0017/.
- Reiss, Wilhelm, and Alphons Stübel. *Geologische Studien in Der Republik Colombia*. Edited by Richard Küch. Vol. I - Petrographie. Berlin: Asher, 1892. <https://opacplus.bsb-muenchen.de/search?oclcno=162635496&db=100>.
- Restrepo, José Manuel. *Historia de La Revolución de La República de Colombia*. 11 vols. Paris: Librería Americana, 1827. <http://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=398170>.
- Rueda, Marta Fajardo de. “Un Centenario Olvidado: La Ilustración Editorial En El Siglo XIX En Colombia.” *Ensayos. Historia Y Teoría Del Arte*, no. 5 (1998): 109–24. <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=203590>.
- Safford, Frank. “Foreign and National Enterprise in Nineteenth-Century Colombia.” *The Business History Review* 39, no. 4 (December 1, 1965): 503–26. doi:10.2307/3112601.
- Safford, Frank, and Marco Palacios. *Colombia: Fragmented Land, Divided Society*. Latin American Histories. New York: Oxford University Press, 2002.
- Saffray, Charles. “Voyage à La Nouvelle-Grenade.” *Le Tour Du Monde* 24–25–26 (1872-1873 1873): 81–144, 97–144, 97–114.
- Sánchez, Efraín. *Gobierno Y Geografía. Agustín Codazzi Y La Comisión Corográfica de La Nueva Granada*. Bogotá: Banco de la República - El Áncora Editores, 1999.
- Sarmiento Pinzón, Carlos Enrique, Camilo Esteban Cadena Vargas, María Victoria Sarmiento Giraldo, and Jessica Andrea Zapata Jiménez. *Aportes a La Conservación Estratégica de Los Páramos de Colombia: Actualización de La Cartografía de Los Complejos de Páramo a Escala 1:100.000*. Bogotá: Ministerio de Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible - Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, 2012.
- Serje, Margarita. *El Revés de La Nación: Territorios Salvajes, Fronteras Y Tierras de Nadie*. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2005.
- Sievers, Wilhelm. *Geografía de Ecuador, Colombia Y Venezuela*. Translated by Carlos de Salas. Barcelona - Buenos Aires: Editorial Labor, 1931.
- Solano, Francisco de, ed. *Cuestionarios Para La Formación de Las Relaciones Geográficas de Indias: Siglos XVI/XIX*. 25. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, Departamento de Historia de América, 1988.
- Sowell, David. “The 1893 Bogotazo: Artisans and Public Violence in Late Nineteenth-Century Bogota.” *Journal of Latin American Studies* 21, no. 2 (May 1, 1989): 267–82. <http://www.jstor.org/stable/156994>.
- Suess, Eduard. *La face de la terre (Das Antlitz der Erde). Traduit de l’allemand, avec l’autorisation de l’auteur et annotée sous la direction de Emm. de Margerie. Avec une préf. par Marcel Bertrand*. Translated by Emmanuel de Margerie. Paris: A. Colin, 1897.

- <http://archive.org/details/lafacedelaterred01sues>.
- Thrift, N. J. *Non-Representational Theory : Space, Politics, Affect*. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2008.
- Venturini, Tommaso. "Building on Faults: How to Represent Controversies with Digital Methods." *Public Understanding of Science* 21, no. 7 (December 5, 2010): 796–812. doi:10.1177/0963662510387558.
- . "Diving in Magma: How to Explore Controversies with Actor-Network Theory." *Public Understanding of Science* 19, no. 3 (May 1, 2010): 258–73. doi:10.1177/0963662509102694.
- Vergara y Velasco, Francisco Javier. *Atlas Completo de Geografía Colombiana*. Bogotá: Imprenta Eléctrica, 1906.
http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user/dewey/912.86_v37v35a.pdf.
- . *El Archipiélago de San Andrés (las Islas de San Andrés Y Providencia)*. Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1888.
<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/el-archipelago-de-san-andres>.
- . *Introducción Al Estudio de La Geografía de Colombia. (La Mesa Oriental — La Depresión Central — La Mesa Occidental — Las Tierras Bajas Occidentales — La Faja ístmica — La Región Atlántica — Las Llanuras Orientales)*. Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea Hermanos, 1890. http://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/PPN733844251/1/LOG_0000/.
- . "Nueva carta geografica de Colombia." Bogotá: Imprenta Eléctrica, 1906.
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84441905>.
- . *Nueva Geografía de Colombia. Escrita Por Regiones Naturales. Primera Edición Oficial Ilustrada*. Vol. I. Bogotá: República de Colombia - Administración Marroquín — Imprenta de Vapor, 1902. <https://archive.org/details/nuevageografiad00velagoog>.
- . *Nueva Geografía de Colombia. (Relieve Del Terreno — Circulación de Las Aguas — Rocas Del Terruño — Clima — Raza Y Población — Explotación Del Territorio — Comercio Y Producciones — Poblados Y Paisajes — Pasado Y Porvenir). Introducción - Primera Parte - El Territorio — El Medio Y La Raza*. Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1892. <http://archive.org/details/nuevageografade00velagoog>.
- . *Nueva Geografía de Colombia. Según El Sistema Natural de Regiones Geográficas (Compendio — Programa)*. Bogotá: Imprenta de vapor de Zalamea hermanos, 1888. <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/geografia/nueva-geografia-de-colombia-segun-el-sistema-natural-de-regiones-geograficas>.
- Vergara y Velasco, Francisco Javier, and Francisco José de Vergara Balcázar. *Almanaque Y Guía Ilustrada de Bogotá Para El Año de 1881*. Bogotá: Imprenta de Ignacio Borda, 1881.
- Vergara y Vergara, Júlio César. *Don Antonio De Vergara Azcárate Y Sus Descendientes*. Vol. II. 2 vols. Madrid: Imprenta J. Pueyo, 1952.
- Vila, Pablo. "Mosquera Y Franjaver." *El Tiempo*, May 12, 1943, 2.
- Whatmore, Sarah. *Hybrid Geographies: Natures, Cultures, Spaces*. London; Thousand Oaks, Calif.: SAGE Publications, 2002.
- Wiener, Charles. "Amazone et Cordillères." *Le Tour Du Monde* 48 (1884): 337–416. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049740/f341>.